



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
BACHARELADO EM TEOLOGIA

VINÍCIUS GUSTAVO NASCIMENTO OLIVEIRA

**O CANTO DOS QUE FORAM SALVOS:
CANTAR A LITURGIA BATISMAL**

Goiânia
2023

VINÍCIUS GUSTAVO NASCIMENTO OLIVEIRA

**O CANTO DOS QUE FORAM SALVOS:
CANTAR A LITURGIA BATISMAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do professor Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho.

Goiânia
2023



**PUC
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

Av. Universitária, 1069 ● Setor Universitário
Caixa Postal 86 ● CEP 74605-010
Goiânia ● Goiás ● Brasil
Fone: (62) 3946.1021 ● Fax: (62) 3946.1397
www.pucgoias.edu.br ● prograd@pucgoias.edu.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 18 do mês de Dezembro do presente ano de 2023,
a partir das 19 horas, iniciou-se na sala Mult. 2, na Escola de Formação de
Professores e Humanidades (Área VI) da PUC Goiás, a sessão de arguição do Trabalho
de Conclusão do Curso de Teologia, do(a) aluno(a)
Vinicius Gustavo Nascimento Oliveira,
autor(a) do trabalho intitulado “O Canto dos que foram
salvos: Cantar a Liturgia batismal”.

A Banca Examinadora foi composta pelos professores:

Jose Teodoro Felipe Martins Filho - Orientador(a)
Joaquim de Jesus Rocha Cavalcante - Examinador(a)
Maures Francisco dos Santos - Examinador(a)

Às 21 horas, a Banca Examinadora passou ao julgamento, em sessão secreta.
Reaberta a sessão, os examinadores anunciaram que o(a) candidato(a) foi considerado(a):

1. Aprovado(a); 2. () Aprovado(a) com ressalvas; 3. () Reprovado(a).
com distinção!

[Assinatura]
Orientador(a) e Presidente da Banca

[Assinatura]
Examinador(a) da Banca

[Assinatura]
Examinador(a) da Banca

*A todos os que, em Cristo, renasceram
pela água e pelo Espírito.*

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Eterno, por ter me chamado ao grande dom da vida e do Batismo; e à Senhora Aparecida, por sua maternal proteção;

Aos meus pais, Cleyton Soares de Oliveira e Queli Cristina Nascimento Oliveira, que me conduziram às águas do Batismo, à minha irmã Kamilla Cristina, a meus padrinhos de Batismo, Claudionor Momenté e Auta Aparecida, por todo amor e carinho;

Ao professor Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho, pela disponibilidade em me orientar neste trabalho; e aos professores Pe. Dr. Mauro Francisco dos Santos e Pe. Dr. Joaquim de Jesus Rocha Cavalcante, por terem aceitado o convite para a leitura deste trabalho e participação em nossa banca examinadora.

Ao meu Bispo Diocesano, Dom José Aparecido Gonçalves de Almeida; a Dom Antônio Fernando Brochini, CSS, nosso Bispo Emérito, que me acolheu na Diocese de Itumbiara; e a Dom Antônio Lino Silva Dinis (*in memoriam*), que me acompanhou durante os encontros vocacionais; e a todo o povo de nossa amada Diocese de Itumbiara – GO, constituído de pessoas que me ajudam a responder com generosidade ao chamado de Deus;

Aos Padres que me acompanharam até o momento, de modo especial os de minha Diocese e padres formadores;

Ao meu padrinho, Pe. Joaquim Cavalcante, pelas mãos de quem recebi o Batismo, por seu testemunho vocacional e por sempre acreditar em minha vocação e pelo incentivo ao estudo da música litúrgica; e à Daniela Oliveira, pela dedicação em sempre me ajudar com a música quando necessito e pelo incentivo à realização deste estudo;

Aos meus irmãos(ãs) e amigos(as) da Paróquia São Pedro e São Paulo – Itumbiara GO, comunidade na qual fui Batizado – por fazerem parte da minha educação na fé e por sempre serem presença em meu discernimento vocacional;

Às minhas bisavós, Olinda Borges (*in memoriam*) e Maria Marquete (*in memoriam*), e às minhas avós, Maria Jerônima (*in memoriam*) e Maria Aparecida, que sempre contribuíram com o meu crescimento na fé e discernimento vocacional.

Aos meus professores do Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, por terem me ajudado com seus exemplos e ensinamentos a adentrar o mundo da Teologia, cuja contribuição mostrou-se fundamental para a realização deste trabalho; e aos meus irmãos de Diocese e de turma por sempre se fazerem presença em todos os momentos; e aos Missionários Estigmatinos pela acolhida, convivência e fraternidade.

*É bom cantar um bendito, um canto novo, um louvor!
Ao Deus de todas as águas, que o batismo revelou!
Pois Deus, das águas primeiras, toda a Criação tirou.
Pois Deus, mandando o dilúvio, toda corrupção limpou.
Pois Deus seu povo, do Egito, pelas águas libertou.
Pois Deus, por Santos Profetas, águas puras anunciou.
Pois no Jordão João Batista Nosso Senhor batizou.
E o Espírito Santo sobre ele pousou.
Do peito aberto de Cristo a viva fonte borbulhou.
Em nome das três Pessoas batizar Jesus mandou.
Pois quando Deus manda chuva, o sertão se abre em flor.
Por maravilhas tão grandes, suba a Deus nosso louvor.*

Ritual do Batismo de Crianças

RESUMO

Este trabalho tem como aspiração apresentar, a partir do debate litúrgico-teológico-musical, como se constrói a música litúrgica na liturgia batismal, tendo em vista qual o papel da música, sobretudo através do canto, na celebração do Sacramento do Batismo. Para isso, é de suma importância compreender alguns aspectos da Teologia do Batismo e sua aproximação com a música litúrgica, de modo que contribua para uma melhor compreensão do que vem a ser cantar a liturgia batismal, partindo da estrutura ritual da celebração do Batismo, para que a música e rito estejam em plena sintonia. Desse modo, a presença do canto e da música na celebração do Batismo deve proporcionar uma frutuosa participação por parte da assembleia no Mistério Pascal de Cristo, permitindo que a ação sagrada do Batismo tenha seus aspectos comunitário e festivo melhor evidenciados.

Palavras-chave: Batismo; Música Litúrgica; Mistério Pascal; Iluminação; Igreja.

RIASSUNTO

Questo lavoro si propone di presentare, sulla base del dibattito liturgico-teologico-musicale, come si costruisce la musica liturgica nella liturgia battesimale, tenendo conto del ruolo della musica, soprattutto attraverso il canto, nella celebrazione del Sacramento del Battesimo. Per questo è estremamente importante comprendere alcuni aspetti della teologia del Battesimo e il suo approccio alla musica liturgica, affinché contribuisca a una migliore comprensione di cosa significhi cantare la liturgia battesimale, a partire dalla struttura rituale della celebrazione del Battesimo perché musica e rito siano in piena armonia. In tal modo, la presenza del canto e della musica nella celebrazione del Battesimo dovrebbe garantire una fruttuosa partecipazione dell'assemblea al Mistero pasquale di Cristo, consentendo all'azione sacra del Battesimo di meglio evidenziare i suoi aspetti comunitari e festosi.

Parole chiave: Battesimo; Musica liturgica; Mistero Pasquale; Illuminazione; Chiesa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	<i>Ad Gentes</i>
BM	Benoît, A., e Munier, Ch., <i>Le Baptême dans l'Église ancienne</i>
CCL	<i>Corpus Christianorum (Séries Latina)</i>
CIgC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COMEP	Comunicação Musical Editora Paulinas
D.R.	Direitos Reservados
Doc. CNBB	Documentos da CNBB
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
Est. CNBB	Estudos da CNBB
ICM	Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria
IT	Itália
LG	<i>Lumen Gentium</i>
MS	<i>Musicam Sacram</i>
MSD	<i>Musicae Sacrae Disciplina</i>
NT	Novo Testamento
O. Carmo	Ordem Terceira do Carmo
O. de M.	Ordem de Nossa Senhora das Mercês
ODC	Ofício Divino das Comunidades
OFM	Ordem dos Frades Menores
OFM Cap.	Ordem dos Frades Menores Capuchinhos
PG	Patrologia Grega
PL	Patrologia Latina
PT	Portugal
RBC	Ritual do Batismo de Crianças
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
SJ	Companhia de Jesus
SVD	Congregação do Verbo Divino
Gn	Gênesis
Ex	Êxodo
Lv	Levítico
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
2Sm	Segundo livro de Samuel
1Cr	Primeiro livro das Crônicas
2Cr	Segundo livro das Crônicas
Sl/Slm.	Salmos
Pr	Provérbios
Eclo	Eclesiástico
Is	Isaías
Jr	Jeremias

Ez	Ezequiel
Os	Oséias
Am	Amós
Mq	Miquéias
Zc	Zacarias
Mt	Evangelho de São Mateus
Mc	Evangelho de São Marcos
Lc	Evangelho de São Lucas
Jo	Evangelho de São João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Carta aos Romanos
1Cor	Primeira carta aos Coríntios
2 Cor	Segunda carta aos Coríntios
Gl	Carta aos Gálatas
Ef	Carta aos Efésios
Fl	Carta aos Filipenses
Cl	Carta aos Colossenses
1Tm	Primeira carta a Timóteo
2Tm	Segunda carta a Timóteo
Tt	Carta a Tito
Hb	Carta aos Hebreus
1Pd	Primeira carta de São Pedro
1Jo	Primeira carta de São João
Ap	Apocalipse de São João
Cat.	Catequeses
Cf.	Conferir
D.	Dom (Bispo)
ed.	Edição
<i>In.</i>	Dentro de; em
Ir.	Irmã(ão)
n.	Número
p.	Página
par.	Parecer
Pe.	Padre
rev.	revisada
Séc.	Século
v.	Versículo
vol.	Volume
<i>Adversus hereses</i>	Contra os hereges
<i>Commentarium in psalmum</i>	Comentários sobre os Salmos
<i>De Beatitudinibus oratio</i>	Oração sobre as Bem-aventuranças
<i>De Pasione</i>	Sobre a Paixão
<i>Enarr. in Ps.</i>	Comentário aos Salmos
<i>Hom. cat.</i>	Homilias Catequéticas
<i>Homilia in psalmum</i>	Homilias sobre os Salmos
<i>Mystagogica</i>	Mistagógica
<i>Sermo</i>	Sermão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A TEOLOGIA DO BATISMO: “BANHADOS EM CRISTO SOMOS U’A NOVA CRIATURA”	16
1.1 “LAVADOS NA FONTE VIVA DO LADO ABERTO DE CRISTO”.....	17
1.1.1 O Batismo na história da Salvação	17
1.1.2 O Batismo e o Mistério Pascal de Cristo	20
1.1.3 O Banho da Regeneração e Renovação do Espírito Santo.....	22
1.2 “FORMAMOS UM SÓ CORPO EM CRISTO SENHOR”.....	26
1.2.1 A Igreja nascida do Batismo.....	27
1.2.2 Gerados nas águas vivificantes da Santa Igreja	29
1.2.3 A Igreja é Corpo de Cristo	31
1.3 “É CRISTO QUE VIVE EM MIM”	36
1.3.1 O seguimento de Cristo é uma exigência do Batismo.....	36
1.3.2 Levar uma vida segundo a vida de Cristo	40
1.3.3 O Batismo nos torna cooperadores de Deus	44
2 CANTAR A LITURGIA BATISMAL: CELEBRAR O GRANDE MISTÉRIO DA NOSSA SALVAÇÃO	49
2.1 CANTAR A LITURGIA: CANTAR O MISTÉRIO DA FÉ DO POVO DE DEUS	49
2.1.1 Cantar as maravilhas realizadas pelo Senhor	50
2.1.2 Cantos que expressam o símbolo da fé cristã	55
2.1.3 Expressão do louvor e o desejo de unir o homem a Deus.....	58
2.2 CANTAR O BATISMO: CANTAR A FESTA DA NOSSA ELEIÇÃO E SALVAÇÃO ...	64
2.2.1 Cantar a filiação divina adotiva através da fé em Cristo Jesus	64
2.2.2 Celebrar com júbilo nossa participação no mistério de Cristo.....	68
2.2.3 Festejar o encontro de salvação entre o homem e Deus	71
2.3 CANTAR O BATISMO É CANTAR A PÁScoa DE CRISTO.....	76
2.3.1 O cântico pascal da Igreja, nova criação e esposa de Cristo.....	76
2.3.2 Celebrar o Batismo é celebrar a Páscoa de Cristo	79
2.3.3 Cantar o Batismo é cantar a primeira Páscoa dos fiéis.....	83

3 A CELEBRAÇÃO DO BATISMO: PELOS RITOS E PRECES ENTRAMOS NO MISTÉRIO DA FÉ	88
3.1 ESTRUTURA DO RITO DO BATISMO	88
3.1.1 “Ide, [...] batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”	89
3.1.2 O itinerário para se tornar parte da comunidade cristã.....	91
3.1.3 Uma autêntica renovação litúrgico-pastoral em nossas comunidades	95
3.2 A TEOLOGIA DO RITO DO BATISMO	98
3.2.1 O Batismo revela a opção fundamental do cristão	98
3.2.2 O Batismo é obra de Cristo	101
3.2.3 O Batismo é o evento da nossa salvação	104
3.3 A SIMBIOSE ENTRE O RITO E A MÚSICA	107
3.3.1 Celebração orante e participativa.....	107
3.3.2 Canto e música presentes no ritual do Batismo.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS.....	121
APÊNDICE I.....	129
MOMENTOS EM QUE SE PODE HAVER CANTO NO RITUAL DO BATISMO DE CRIANÇAS E RICA.....	129
APÊNDICE II	134
MISTAGOGIA DE ALGUNS CANTOS BATISMAIS.....	134
NAS ÁGUAS DO JORDÃO MERGULHADO	134
Ó PAI, SOMOS NÓS O POVO ELEITO	137
BANHADOS EM CRISTO.....	140
ENTRANDO, SENHOR, EM TUA CASA.....	143
APÊNDICE III.....	146
PROPOSTA DE REPERTÓRIO PARA A CELEBRAÇÃO DO BATISMO.....	146
COMPOSIÇÕES DE CANTOS PARA A LITURGIA BATISMAL	156
ANEXO I.....	165
TEXTOS DIVERSOS NA CELEBRAÇÃO DA INICIAÇÃO DE ADULTOS NA CELEBRAÇÃO DO BATISMO	165

INTRODUÇÃO

O Batismo, primeiro Sacramento da iniciação à vida cristã – Batismo, Confirmação e Eucaristia –, é o Sacramento que nos possibilita a participação na Vida Divina. Além disso, é através dele que somos lavados do pecado original, passando da Morte para a Vida e conquistando o acesso ao Reino dos Céus. Nesse sentido, ao celebrarmos o Sacramento do Batismo, fazemos memória do mistério da nossa salvação, o Mistério Pascal de Cristo – a Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. Celebramos, pois, a Páscoa de Cristo e a nossa própria Páscoa. O Batismo nos torna filhos adotivos de Deus, no Filho Jesus. Ele nos congrega na unidade dos membros do Corpo de Cristo, a Igreja, sendo o próprio Cristo a cabeça. Sem o Batismo e a adesão por ele possibilitada seria impossível pensar e dizer sobre a natureza da Igreja, a família dos filhos, pela graça, já que o Batismo faz a Igreja, ainda que, igualmente, a Igreja faça o Batismo. Além do mais, o Batismo nos faz irmãos uns dos outros e nos introduz no apostolado dos discípulos e missionários do Senhor, que dia e noite buscam dar testemunho de sua fé no Cristo Jesus.

Para celebrar essa memória da ação salvífica de Deus, contamos com a ajuda da música e do canto. A música no culto da Igreja constitui parte integrante e necessária da própria ação litúrgica. É difícil desassociar a presença da música do culto litúrgico. Ambos estão intimamente unidos. Ela tem a função de conduzir a assembleia celebrante a adentrar o mistério, além de levá-la a expressar seus sentimentos, expressar uma mensagem, fazer-se comunidade e fazer-se comunidade em festa. Eis porque na liturgia não se pode faltar a música. Ela “eleva”, no melhor sentido do que se ergue ao alto e desperta o vibrar da vida, pulsante, renovada em seu sentido na experiência do culto com os outros, com o grande Outro. Daí que na liturgia da Igreja constitua um tesouro de valor inestimável. O seu papel é o de fazer com que cada batizado celebre o mistério de sua redenção, permitindo-lhe transformar a sua vida e o constituir-se testemunha de Cristo, Senhor. Isso ocorre devido ao fato de ser próprio da música litúrgica dizer daquilo que se celebra e auxiliar na prática daquilo que se crê e celebra.

Assim sendo, ao unirmos ambas as temáticas, música litúrgica e Sacramento do Batismo, percebemos que entre elas há uma semelhança e uma unidade bastante significativa. Encontramos no Batismo e na música uma mesma realidade em vários aspectos, a começar por sua natureza sacramental, isto é, acessível pelas vias da sensibilidade, dos sentidos, de modo que os que deles participam experimentam o Mistério Pascal de Cristo em suas vidas. Além do mais, essa semelhança entre música e Batismo nos coloca diante de uma realidade na qual as

diversas notas, sonoridades, acordes, arranjos, formam uma única harmonia, dão estabilidade e continuidade à dinâmica do som que nos embala, como imagem da comunidade viva, da Igreja em que o Batismo nos insere. Pelo banho da regeneração, tornamo-nos um, o Corpo místico de Cristo e membros uns dos outros, nas diversidades de dons e carismas, personalidades, raças e línguas.

Mas isso não é tudo. Outra semelhança entre Batismo e música está no nível da vivência. A celebração da Páscoa de Cristo. Ao cantar a liturgia do Batismo, estamos cantando o Mistério Pascal, no qual todos os que forem lavados, por meio das águas batismais, estarão inseridos. De tal modo que, sendo toda ela uma expressão da pascalidade cristã, a celebração da liturgia batismal deve conter cantos e músicas que remetam a essa alegria pascal: a convicção de que todos os que são batizados em Cristo, são uma nova criatura.

Também a respeito disso nota-se em nossos dias que diversos estudos já foram desenvolvidos sobre o contato entre música e liturgia, ainda que, em sua grande maioria, tendo como centro a celebração do Sacramento da Eucaristia (a Santa Missa). Devemos nos recordar que a música litúrgica exerce a sua *função* em toda e qualquer ação litúrgica, seja nos Sacramentos, na Liturgia das Horas, seja nas Bênçãos sacramentais. Tudo isso é ação litúrgica da Igreja, e não apenas o Sacramento da Eucaristia. Desse modo, ao celebrar o Sacramento do Batismo, a música litúrgica, aí também, deve-se fazer presente, como invólucro da Palavra, elemento de festa, fonte de atração e de comunhão.

Não obstante, tendo em vista que na realidade de nossas paróquias a celebração do Batismo é, quase sempre, realizada de maneira privada, somente com os pais, os padrinhos e alguns familiares, e, geralmente, sem a presença de canto e música e da comunidade de fé, percebe-se uma crescente legitimação de que tais componentes diriam respeito apenas a adereços não tão essenciais. Na contramão dessa compreensão, a presente investigação insiste que o canto na celebração do Batismo é de suma importância, pois ajuda a enaltecer o grande mistério celebrado – a passagem do homem do pecado à graça, da morte à vida, das trevas à luz, tornando-se, em Cristo, uma nova criatura. A presença do canto e da música na liturgia batismal expressa, além de seu aspecto sacramental, seu caráter eclesial, sua participação no Corpo de Cristo, a alegria Pascal, a profissão de fé..., tudo isso como aspecto inerente ao próprio Sacramento do Batismo.

Ao nos sentirmos atraídos pela música litúrgica e percebermos que tal temática era pouco explorada no campo dos Sacramentos, o presente estudo buscou contribuir tanto com a reflexão no âmbito acadêmico da Teologia Litúrgica, como incremento à discussão teológica em nível de Brasil, quanto com a vida prática das comunidades, na busca de uma melhor

vivência da celebração do Sacramento do Batismo, através do canto litúrgico, resgatando o sentido de festa da celebração e sua dimensão comunitária. Nos últimos anos a Igreja no Brasil tem se esforçado por fazer com que a catequese com estilo catecumenal, inspirada nos primeiros séculos do cristianismo, seja uma realidade em nossas comunidades, e isso acaba tendo uma ligação bastante estreita com a celebração do Batismo de adultos, mas também com o Batismo de crianças. Muito se tem aprofundado acerca dos métodos catequéticos, da celebração dos escrutínios e das etapas do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, que culminam na celebração do Sacramento do Batismo. O mesmo se pode dizer sobre a preparação dos pais e padrinhos no Batismo de crianças. Muito pouco, porém, se tem refletido sobre a natureza e a função do canto na celebração do Batismo, permanecendo-se, em geral, apenas na questão ritual. Justamente diante dessa realidade, nosso trabalho vem contribuir, de modo específico acerca da celebração do Sacramento do Batismo, no que toca ao papel e à função do canto e da música na liturgia batismal. Por isso, após percorrer todo esse itinerário de adesão à fé em Cristo Jesus, celebramos com festa e júbilo o mistério pelo qual somos salvos, e recebemos a vida nova em Cristo no Batismo. Movimento junto ao qual a música será de grande valia, para demonstrar esse caráter festivo e elevar a espiritualidade da ação ritual posta em curso, conduzindo-nos ao coração do mistério.

O presente trabalho, assim, dedicado como se constrói à música litúrgica na liturgia batismal, almeja, no interior do debate litúrgico-teológico-musical, apresentar o papel da música, sobretudo através do canto, na celebração do Sacramento do Batismo. O canto comunitário, vale dizer, constitui a principal modalidade de expressão sonoro-litúrgica do culto cristão. De sorte que falar de música na tradição cristã, desde o período primitivo aos dias de hoje, significa falar de canto – senão totalmente, prioritariamente. Para esse enfrentamento, traçamos um percurso organizado em três capítulos, ordenados sistematicamente, de forma que em cada seção se poderá notar uma constância, um modelo ordenador, que obedece ao tríplice primado bíblico, patrístico e magisterial, sempre com vistas a atingir o nosso objetivo geral. Isso especialmente quanto à fundamentação teológica de nossa discussão, percorrendo o que consideramos como as principais ênfases do debate teológico-litúrgico e sacramental sobre o Batismo e a funcionalidade do canto e da música em contexto litúrgico-celebrativo. Tal incursão, no entanto, não encerra nossos propósitos, pelo que ao final deste trabalho dispõem-se alguns anexos e apêndices que servirão de material de apoio, didático e pastoral, para a prática diária de nossas comunidades. Disso resulta a interpretação de que a produção teológica, reconhecida em seu potencial científico para o desenvolvimento da área de maneira específica,

permanece estéril se não se desdobra em mecanismos de comunhão e participação – e o que não dizer quando se trata de uma temática litúrgica, isto é, da celebração do culto comunitário.

Em síntese, no primeiro capítulo, intitulado “A teologia do Batismo: ‘Banhados em Cristo somos u’a nova criatura’”, buscamos apresentar alguns aspectos da Teologia do Batismo, relacionando-os com a música litúrgica. Descobre-se ali uma aproximação muito grande entre ambos os eixos, pois, tanto na Teologia do Batismo, quanto na música, pode-se notar as seguintes características: unidade (harmonia) na diversidade (pausas, acidentes, ritmos); manifestação sensível de algo inteligível, o Mistério; ambos têm função sacramental; têm seu caráter comunitário e o Mistério Pascal de Cristo como centro.

Quanto ao segundo capítulo, com o título “Cantar a liturgia batismal: Celebrar o grande mistério da nossa salvação”, estará sob sua responsabilidade compreender o que propriamente significa cantar a Liturgia Batismal. Há, por isso, a necessidade de evoluirmos do “cantar a liturgia”, para a especificidade do “cantar a liturgia do Batismo”, pelo que se dará ênfase à pascalidade desse sacramento. Noutras palavras, cantar a liturgia batismal é cantar a ação salvífica de Cristo, por meio de sua Páscoa, na vida de cada batizado, que participa desse mistério através do próprio Batismo, morrendo para o pecado e ressurgindo para a vida eterna.

Por fim, no terceiro capítulo, “A celebração do Batismo: Pelos ritos e preces entramos no mistério da fé”, nossa intenção é analisar o Rito do Batismo e a presença da música litúrgica em seu desenvolvimento – inclusive de maneira explicitamente recomendada pelos formulários rituais. O rito e a música litúrgica se unem perfeitamente, de modo que o rito é enriquecido pelos sons, ajudando a adentrar no mistério Pascal de Cristo, que se atualiza, por meio do Batismo, ocorrendo de forma orante e participativa, com adesão de toda a comunidade reunida.

Em resumo, são esses os propósitos que nos motivaram a iniciativa desta investigação e seus principais momentos temáticos. De fato, parece-nos impossível dissociar a celebração do Sacramento do Batismo de seu caráter comunitário e da contribuição da música litúrgica para essa participação ativa, frutuosa, consciente e pia na celebração do Mistério da nossa salvação. Trata-se do que buscaremos demonstrar a seguir, no diálogo fecundo com os tantos que antes de nós se propuseram adentrar essa mesma seara.

1 A TEOLOGIA DO BATISMO: “BANHADOS EM CRISTO SOMOS U’A NOVA CRIATURA”¹

*Esta é a fonte da vida
que brotou da chaga de Cristo
e lavou o mundo inteiro.
Esperai o reino celeste,
vós que nela renascestes.*
– Tropo tirado da Liturgia Antiga

O Sacramento do Batismo, por desejo divino, é absolutamente necessário a todos os homens para a salvação. “Os seres humanos, libertos do poder das trevas, graças aos sacramentos da iniciação cristã, mortos com Cristo, com ele sepultados e ressuscitados, recebem o Espírito de filhos adotivos e celebram com todo o povo de Deus o memorial da morte e da ressurreição do Senhor”². Desse modo, os que se aproximam das fontes batismais, recebem um símbolo espiritual indelével, que os tornam para sempre marcados por Deus. Esses são incorporados a Cristo, tornando-os membros do povo de Deus; e que “perdoa-lhes todos os pecados e os faz passar, livres do poder das trevas, à condição de filhos adotivos, transformando-os em nova criatura pela água e pelo Espírito Santo”³. Nesse sentido, o presente capítulo buscará apresentar a partir de três aspectos – Cristológico, Eclesiológico e vivencial – a Teologia do Batismo, contando, ainda, com uma breve aproximação com a função da música no culto litúrgico – Sacramento, Sinal visível da Unidade do Corpo de Cristo, a Igreja e sua capacidade de expressar a fé. Pois ser batizado é ser mergulhado e lavados na fonte viva que brota do lado direito de Cristo, no Sangue e Água que jorraram, e tornar-se novas criaturas. Celebrar o Batismo é celebrar a Páscoa de Cristo e nossa Páscoa em Cristo Jesus.

¹ Canto para o rito da aspersão, no Tempo Pascal inspirado na Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios 5,17, letra e música adaptadas do original em italiano – *Se uno è in Cristo* de Pierangelo Comi - para o português do Brasil por Ir. Ione Buyst (cf. italiano: COMI, Pierangelo. *Se uno è in Cristo*. In. COMI, Pierangelo. *Per ogni uomo*. Roma, IT: Edizioni Paoline Musicali e Discografiche, 1981, p. 20-21; português: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Tríduo Pascal II – Vigília Pascal*. São Paulo, SP: Paulus, 2006. 1CD, faixa 11. (Coleção Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB).

² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual do Batismo de Crianças*. São Paulo, SP: Paulus, 1999. n. 1 – observações preliminares gerais.

³ RBC, n. 2 – observações preliminares gerais.

1.1 “LAVADOS NA FONTE VIVA DO LADO ABERTO DE CRISTO”⁴

O Mistério Pascal de Cristo, inaugurado pela Encarnação do Verbo⁵, é o evento no qual ocorre a passagem sucessiva do ato da Morte para a Ressurreição de Cristo Jesus, através de sua Paixão. Neste mistério, Cristo redimiou toda a humanidade pecadora⁶ à uma nova humanidade, passada da condição do pecado à graça, da escravidão à liberdade e da morte à vida⁷. O desejo de Deus para o seu povo é que “todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade”⁸. Para isso, desde o Antigo Testamento, preparou o seu povo para que, chegada a plenitude dos tempos, pudesse resgatar a todos por meio de seu Filho, Jesus Cristo. Ele é o único mediador entre Deus e os homens, capaz de restabelecer a harmonia perdida pelo pecado. Tal é o ensinamento legado pelo Sacrossanto Concílio Vaticano II: “Com efeito, sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação. Pelo que em Cristo ‘deu-se o perfeito cumprimento da nossa reconciliação com Deus e nos foi comunicada a plenitude do culto divino’”⁹. Esse evento salvífico se tornaria o centro de todo o pensar e viver da fé cristã, dos Sacramentos e da Teologia de maneira geral.

1.1.1 O Batismo na história da Salvação

Disso resulta que o Sacramento do Batismo está intimamente ligado à realidade do Mistério Pascal de Cristo, passagem da morte para a vida, fazendo com que o homem, morrendo para o pecado, ressurgja para uma vida nova. Pois o Cristo “morreu por todos a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles”¹⁰. Essa é a convicção de São Paulo, que ainda proclama: “Se alguém está em Cristo, é

⁴ Canto para o rito de aspersão no tempo pascal, de autoria de Frei José Moacyr Cadenassi, OFM Cap., e Júlio Amstalden (cf. CADENASSI, Frei José Moacyr. *Lavados na fonte viva*. In. CADENASSI, Frei José Moacyr. *Luz da Luz*. São Paulo, SP: Paulus Música, 2011. 1CD, faixa 14.).

⁵ Cf. COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: Participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. 2.ed., São Paulo, SP: Paulinas, 2010. (Coleção celebrar e viver a fé). p. 91.

⁶ Cf. Gn 3. No presente trabalho todas as citações bíblicas serão retiradas da tradução da Bíblia de Jerusalém: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 1.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2002.

⁷ Vale, pois, ressaltarmos que “o Mistério Pascal não é simplesmente a Morte e a Ressurreição como dois atos sucessivos, mas a *passagem de um ato ao outro*, o movimento, a dinâmica do primeiro ao segundo momento dessa realidade indivisível” (ESCOBAR, Francisco. *A celebração do Mistério de Cristo*. In. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A Celebração do Mistério Pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Manual de Liturgia II). p. 48).

⁸ 1Tm 2,4.

⁹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. In. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Tradução de Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo, SP: Paulus, 1997. p. 33-86. (Documentos da Igreja 1). n. 5.

¹⁰ 2Cor 5,15.

nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez realidade nova”¹¹. Também o magistério oficial da Igreja, reunida em concílio, recorda que “[...], pelo batismo, os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo: com ele mortos, sepultados e ressuscitados; recebem o espírito de adoção de filhos, ‘no qual clamam: ‘Abba, Pai’” (Rm 8,15), e se tornam assim verdadeiros adoradores que o Pai procura”¹².

Uma vez que Deus, desde a criação e eleição, preparou o seu povo, através da Lei e dos Profetas, para o evento salvífico de Cristo, notar devemos destacar todos “aqueles acontecimentos relatados na Bíblia em que Deus intervém usando a água como instrumento de sua ação”¹³, isto é, como prefiguração do Batismo. Assim, essa intervenção de Deus na vida e ação dos homens, que uniu a realidade humana à realidade divina¹⁴, pode ser apreendida desde algumas narrativas registradas pelo Antigo Testamento, como, à guisa de exemplificação: a) Gn 1,2, o Espírito (sopro/*Ruah*) de Deus agitava a superfície das águas (cf. Mt 3,16-17); b) Gn 7,7, Noé e sua família, na arca, foram salvos das águas do dilúvio (cf. 1Pd 3,20-21); c) Ex 14,5-31, os israelitas atravessam o Mar a pé enxuto (cf. 1Cor 10,2-4); d) Js 3,7-17, o Povo de Deus também atravessa o Rio Jordão sem molhar os pés; e) Ex 17,1-7, Moisés tirou água da rocha (cf. Jo 7,37-38). Vale ressaltar aqui que, o banho de purificação – não do pecado, mas de impurezas do corpo – também já era conhecido e praticado¹⁵ pelo povo de Israel.

Conseqüentemente, ao se ler o Evangelho¹⁶, vemos que, antes mesmo de Jesus iniciar seu ministério público, João, o Batista, nas margens do Jordão batizava as pessoas em vista de uma conversão, pelo que sua prática passou a ser apreendida como um Batismo de conversão. Do ponto de vista da tradição sedimentada pela teologia cristã, aquele batismo era simbólico, pois tinha a intenção de expressar o arrependimento de coração dos pecados cometidos, não produzindo efeito sacramental¹⁷. Além disso, visava formar um grupo à espera do Messias e lembrava os antigos profetas, que também trataram de uma água purificadora das consciências¹⁸. Outro é o Batismo de Jesus, o Batismo no Espírito Santo, como o próprio João anunciou. Isso é o que se pode ser explicitado pelas palavras de Mackenzie:

Colocando-se acima do batismo de João, Jesus não confessou ser um pecador, mas mostrou abertamente sua solidariedade com a humanidade pecadora, que ele viera

¹¹ 2Cor 5,17.

¹² SC, n. 6.

¹³ ETSPÜLER, José. *O Batismo*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1975, p. 10.

¹⁴ ETSPÜLER, 1975, p. 9-10.

¹⁵ Cf. Ex 19,10; Lv 14,47.

¹⁶ Cf. Mt 3,1-12; Mc 1,1-8; Lc 3,1-18; Jo 1,19-28.

¹⁷ MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha et al. São Paulo, SP: Paulus, 1983, p. 111.

¹⁸ Cf. Is 1,15-17; Ez 36,25-27; Jr 14,14; Zc 13,1; Sl 50,9.

redimir dos pecados. A teofania da voz do Pai e do Espírito sob a forma de pomba completou o protótipo do batismo cristão “no Espírito”, “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”¹⁹.

Quando se fala do Batismo no Novo Testamento, porém, deve-se recordar que toda a sua realidade parte de Cristo e do Seu Mistério Pascal. Cristo, após ter santificado as águas para que trouxessem consigo a graça divina a todos aqueles que foram sacramentalmente banhados, tendo-se assumido como Cordeiro de Deus em expiação do pecado da humanidade e revelado pelo Pai como Filho Amado, derrama seu sangue na Cruz – Batismo de Sangue. Santifica, assim, através do Sangue e da Água que jorraram do Seu lado trespassado (cf. Jo 19,33-37), todos aqueles que se aproximam de tão precioso dom, o Santo Batismo²⁰.

Tendo apresentado sobre a prefiguração do Batismo no Antigo Testamento, agora, com a realidade do Batismo inaugurado em Cristo, vemos que no Novo Testamento várias vezes nos depararemos com passagens que nos mostram os efeitos do Batismo. O Senhor ordena aos discípulos que, em todo o mundo, preguem e batizem, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. Mt 28,18-20; Mc 16,16). O Batismo é a participação na Páscoa (morte e ressurreição) de Cristo (Rm 6,1-14; 1Cor 15,45-49); é o alistamento no combate por Deus (cf. Rm 6,22-23); o revestimento de Cristo (cf. Gl 3,27; Cl 3,9-10; Ef 4,20-24); a coerência com sua fé (cf. Cl 3,1-11; Tt 3,4-7); a recepção do Espírito Santo, dom de Cristo e penhor de vida nova (cf. 2Cor 1,22; Ef 1,13-14; 4,30; Rm 8,11-17); a entrada na Igreja de Cristo (cf. 1Cor 12,13; Ef 4,5-6); a purificação do Corpo místico de Cristo, a Igreja (cf. Ef 5,25-26; cf. 1Cor 6,11) e sua iluminação (cf. Ef 5,11-14; Hb 6,4; 10,32). Também São Pedro trata da importância do Batismo desde 1Pd 1,13-4,11. Desse modo, podemos afirmar que pela passagem da Morte para a Ressurreição, Cristo cumpre todas as promessas e figuras presentes no Antigo Testamento²¹, dando-lhes plenitude.

¹⁹ MACKENZIE, 1983, p. 111 – grifos do autor.

²⁰ Lê-se: “Com sua páscoa, Cristo abriu a todos os homens as fontes do Batismo. Com efeito, já havia falado da paixão que iria sofrer em Jerusalém como de um ‘batismo’, com o qual devia ser batizado. O sangue e a água que escorreram do lado trespassado de Jesus crucificado são sinais do Batismo e da Eucaristia, sacramentos da vida nova: desde então é possível ‘nascer da água e do Espírito’ para entrar no reino de Deus (Jo 3,5)”. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Novíssima edição de acordo com o texto oficial em latim. 19.ed., São Paulo, SP: Edições Loyola; Brasília, DF: Edições CNBB, 2017. n. 1225).

²¹ Cf. ETSPÜLER, 1975, p. 14.

1.1.2 O Batismo e o Mistério Pascal de Cristo

A partir dos padres da Igreja²², observamos que, muitas vezes, em suas catequeses, homilias e ensinamentos, a temática do Batismo, ou da iniciação cristã, foi algo muito discutido, contribuindo na formulação do pensamento teológico desse sacramento. Bebendo dos ensinamentos desses grandes mestres da fé, continuaremos apresentando o Batismo e sua relação com o Mistério Pascal de Cristo. Para Oñatibia, por exemplo, essa “capacidade de evocar o mistério pascal viu-se reforçada quando os Padres da Igreja descobriram prefigurações do batismo nas figuras bíblicas do dilúvio, da passagem do Mar Vermelho e do batismo de Jesus no Jordão, que já eram figuras da Páscoa do Senhor”²³. Nesse sentido, São Cirilo de Alexandria mostra essa atualização do Antigo Testamento no Novo Testamento, na pessoa de Jesus Cristo, dizendo aos “recém-iluminados”²⁴:

²² Por questão de tempo, apresentamos no texto principal a temática do Batismo e sua relação com o Mistério Pascal nos Padres Cirilo e Ambrósio, mas, outros também se dedicaram a falar sobre o tema, como por exemplo São João Crisóstomo que diz: “O que dizer, portanto? Só morremos com Cristo e só nos associamos (*koinonoumen*) a ele nos acontecimentos tristes? Na verdade, tampouco há tristeza em comungar (*koinonounta*) a ele nos acontecimentos felizes. ‘E, se já morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele’ (Rm 6,8). Porque no batismo há ao mesmo tempo sepultura e ressurreição” (JOÃO CRISÓSTOMO *In. OÑATIBIA, Ignacio. Batismo e Confirmação: Sacramentos de iniciação. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo, SP: Paulinas, 2007. (Coleção Sacramentos e Sacramentais). p. 160*). Também se encontra referências importantes em Teodoro de Mopsuéstia: “O batismo nos torna co-participantes da morte e ressurreição de Cristo” (TEODORO DE MOPSUÉSTIA *In. OÑATIBIA, 2007, p. 160*).

²³ OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e Confirmação: Sacramentos de iniciação. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo, SP: Paulinas, 2007. (Coleção Sacramentos e Sacramentais). p. 155.*

Ao comentar a obra *Os Sacramentos e os Mistérios* de Santo Ambrósio de Milão, Geraldo Magela Agnelo apresenta a compreensão de Santo Ambrósio quanto 4 prefigurações do Batismo contidas no Antigo Testamento, o Dilúvio, a Passagem pelo Mar Vermelho, a Cura de Neman e A piscina de Bezata – “Portanto, tens aí um tipo de batismo. Terás outro no dilúvio e uma terceira espécie na hora em que nossos pais foram batizados no Mar Vermelho. Encontrarás um quarto tipo na piscina, quando se agitou a água” (AMBRÓSIO, Santo. *Os Sacramentos e os Mistérios: Iniciação cristã na Igreja primitiva. Tradução de D. Paulo Evaristo Arns. Rio de Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã). p. 51*) – a saber:

“a) *Dilúvio*: [...]. O dilúvio faz morrer o pecado e preservar a justiça. No Batismo, são apagados todos os pecados, enquanto apenas o espírito e a graça do justo ressuscitam.

b) *Passagem pelo Mar Vermelho*: [...]. A culpa e o erro são abolidos, enquanto a piedade e a inocência atravessam intactas. [...]. Mas o Batismo cristão faz passar das coisas terrenas para as celestiais; do pecado para a vida; da culpa para a graça; da imundície para a santificação. O que passa pela fonte batismal não morre, mas ressuscita. [...]. A luz é Cristo, é a verdade. A nuvem lembra a sombra do Espírito Santo.

c) *Cura de Neman*: [...]. Cura a água que tem a graça de Cristo. Uma coisa é o elemento, outra a santificação. A água não cura, a não ser que o Espírito Santo tenha descido e santificado aquela água.

d) *A piscina de Bezata*: [...]. Os sinais da movimentação da água e a cura são para os que não creem, a fé porém para os que creem. Curava-se o que descia por primeiro, isto é o povo judeu. No entanto, maior sem conta é a Igreja na qual se salvam os que nela entram. [...]. É Cristo que cura. É preciso sempre um homem para salvar, para fazer descer à piscina” (AGNELO, Geraldo Magela. *Comentários: Os sacramentos da iniciação cristã. In. AMBRÓSIO, Santo. Os Sacramentos e os Mistérios: Iniciação cristã na Igreja primitiva. Tradução de D. Paulo Evaristo Arns. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã), p. 21-23 – grifos do autor*).

²⁴ Os neófitos, ou seja, aqueles que acabaram de sair das águas do Batismo, que foram batizados.

Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acabrunhados pelo pecado. Lá o sangue do cordeiro afastou o anjo exterminador; aqui o sangue do Cordeiro Imaculado, Jesus Cristo, constitui um refúgio contra os demônios. Aquele tirano atrevido, impudente e príncipe do mal, te segue até as fontes mesmas da salvação. Aquele afogou-se no mar; este desaparece na água da salvação²⁵.

Em sua segunda catequese mistagógica sobre o Batismo, São Cirilo de Alexandria, ao recordar a passagem da Carta de São Paulo aos Romanos (6,3-4) de que fomos sepultados pelo Batismo, afirma que isso se dá “como participação, por imitação, dos verdadeiros sofrimentos de Cristo”²⁶. Como podemos ler nesta mesma catequese mistagógica sobre o Batismo, os que foram recém batizados, ao recordar todo o ritual que vivenciaram, dão-se conta do que aqueles ritos representam. Isto é, de que, tendo se despido da roupa velha e sido ungidos com o óleo, foram

[...] conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. [...]. E assim como nosso Salvador passou três dias e três noites no coração da terra, do mesmo modo vós, com a primeira imersão, imitastes o primeiro dia de Cristo na terra, e com a imersão, a noite. Como aquele que está na noite nada enxerga e ao contrário o que está no dia tudo enxerga na luz, assim vós na imersão, como na noite, nada enxergastes; mas na emersão, de novo vos encontrastes no dia. E no mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe. [...] Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação²⁷.

Algo de semelhante está presente em Santo Ambrósio, que, em suas catequese sobre os Sacramentos, aborda o mergulho nas águas do Batismo como participação, por semelhança, do Mistério Pascal de Cristo, assemelhando a morte daquele que está sendo batizado com a morte do Senhor na Cruz, como pode se ler no excerto a seguir:

Quando, pois, imerges, assumes uma semelhança com sua morte e sua sepultura, recebendo o sacramento daquela cruz, na qual o Cristo pendeu e na qual o corpo dele foi fixado pelos pregos. És, portanto, crucificado. Prendes-te ao Cristo. Prendes-te aos pregos de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que o diabo daí não te possa arrancar. Que te sustentem os cravos de Cristo, dos quais a fraqueza da condição humana tenta desprender-te²⁸.

²⁵ CIRILO DE JERUSALÉM, São. *Catequese Mistagógicas*. Tradução de Frei Frederico Vier. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã). p. 33-34.

²⁶ CIRILO DE JERUSALÉM, 2020, p. 46.

²⁷ CIRILO DE JERUSALÉM, 2020, p. 44-45.

²⁸ AMBRÓSIO, 2019, p. 59.

O Batismo, para Santo Ambrósio, vem da Cruz de Cristo, de sua morte.²⁹ Recorda, ainda que, se na prefiguração do Batismo no Antigo Testamento já se podia verificar a sua força, o que dizer do poder que passa a ter na realidade, quando a Cruz de Cristo toca a água?³⁰ E continua: “Assim, pois, como Moisés, quer dizer o profeta, deitou o lenho naquela fonte, assim também o bispo deita nesta fonte o anúncio da cruz do Senhor e a água se torna potável para a graça”³¹. Essa fonte redime os pecados de todos, porque nela contém a água em que o corpo cheio do pecado carnal é imerso, sendo apagado todo o pecado e enterrada toda a ignomínia³². Eis porque quando se diz que pelo Batismo morremos e ressuscitamos, para o santo bispo de Milão, isso significa que “a morte acaba com os pecados e a ressurreição restaura a nossa natureza”³³. Sendo assim, com o passar dos tempos, a Teologia do Batismo foi se firmando até chegar ao que professamos hoje, como consta no Magistério da Igreja. Em Cristo morremos para o pecado e nascemos para a vida eterna.

1.1.3 O Banho da Regeneração e Renovação do Espírito Santo

O Catecismo da Igreja Católica, nos recorda que “os sacramentos são ‘forças que saem’ do corpo de Cristo, sempre vivo e vivificante; são ações do Espírito Santo operante no corpo de Cristo, que é a Igreja; são ‘as obras-primas de Deus’ na Nova e eterna Aliança”³⁴. Posto isto, no que se trata do Batismo enquanto celebração do Mistério Pascal de Cristo, percebemos que já em sua própria designação, revela-se aquilo que de fato tal rito quer significar. “Batismo” vem do ato de “batizar” – do grego *baptizem* – que significa imergir, ou seja, mergulhar. Como vimos no pensamento dos Padres da Igreja mencionados há pouco, esse ato de mergulhar “simboliza o sepultamento do catecúmeno na morte de Cristo, do qual com Ele ressuscita como ‘nova criatura’ (2Cor 5,17; Gl 6,15)”³⁵. Além desse nome, Batismo, o presente sacramento pode ser denominado, também, como “banho da regeneração e renovação do Espírito Santo”³⁶ e “iluminação”³⁷. Através do Batismo, nascemos, pela água e pelo Espírito Santo, sem os quais não entraremos no Reino de Deus; somos, enfim, iluminados com a Luz de

²⁹ Cf. AMBRÓSIO, 2019, p. 50.

³⁰ Cf. AMBRÓSIO, 2019, p. 53.

³¹ AMBRÓSIO, 2019, p. 118.

³² Cf. AMBRÓSIO, 2019, p. 116.

³³ AMBRÓSIO, 2019, p. 56.

³⁴ CIgC, n. 1116.

³⁵ CIgC, n. 1214.

³⁶ Cf. CIgC, n. 1215.

³⁷ Cf. CIgC, n. 1214.

Cristo, para nos tornarmos luz no mundo, sinal da presença do Ressuscitado³⁸. Sobre isso, aliás, vale dar destaque para as seguintes palavras do Catecismo da Igreja Católica:

O Batismo “é o mais belo e o mais magnífico dom de Deus. [...] Chamamo-lo de dom, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo e de tudo o que há e existe de mais precioso. *Dom*, porque é conferido àqueles que nada trazem; *graça*, porque é dado até a culpados; *batismo*, porque o pecado é sepultado na água; *unção*, porque é luz resplandecente; *veste*, porque cobre nossa vergonha; *banho*, porque lava; *selo*, porque nos guarda e é o sinal do senhorio de Deus”³⁹.

Desde as suas origens, então, a Igreja sempre acreditou que na celebração do Sacramento do Batismo ocorre a atualização do Mistério Pascal de Cristo, pois todos os que são batizados, participando do mistério da paixão e ressurreição do Senhor, são enxertados nele através de morte semelhante à Sua; e com Ele são sepultados na morte, participando, assim, da Sua vida e ressurreição⁴⁰. O Batismo é o meio ordinário de entrar pela primeira vez em comunhão com Cristo Jesus e participar de seu mistério salvador. É através da Luz da Páscoa que o mistério desse sacramento se dá a conhecer em suas riquezas⁴¹. O Batismo, quiçá com maior significação que os demais sacramentos, é um sacramento eminentemente pascal:

[...] O batismo, [...] é ação de Cristo, porque ele é o protagonista do Acontecimento pascal que se atualiza neste sacramento; ele é o sujeito principal do sacramento neste nível (o da *res et sacramentum*), no qual agora nos encontramos. [...] Quem inicia os candidatos no Mistério salvador é, na verdade, o próprio Cristo; ele é o verdadeiro *mystagogos*⁴².

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, ensina que todos os crentes são unidos, isto é, assimilados de modo misterioso e real, a Cristo, por meio de sua morte e ressurreição. Entende, desse modo, que é o rito do Batismo que realiza essa participação: “Todos os membros se devem conformar com Ele, até que Cristo se forme neles (cf. Gl 4,19). Por isso, somos assumidos nos mistérios da Sua vida, configurados com Ele, com Ele mortos e ressuscitados, até que reinemos com Ele”⁴³.

Destarte, o Sacramento do Batismo introduz os que banharam nas águas brotadas do lado de Cristo na “dinâmica redentora do acontecimento pascal”. Cada batizado experimenta e

³⁸ Cf. Jo 1,9; 3,5; Ef 5,9; Mt 5,13-14.

³⁹ CIgC, n. 1216 – grifos do próprio texto.

⁴⁰ RBC, n. 6 – observações preliminares gerais.

⁴¹ OÑATIBIA, 2007, p. 154-155.

⁴² OÑATIBIA, 2007, p. 159.

⁴³ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. In. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Tradução de Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo, SP: Paulus, 1997. p. 101-197. (Documentos da Igreja 1), n. 7.

vivencia o Mistério Pascal do Senhor, transformando-se numa espécie de coautor desse acontecimento salvífico, pois a comunhão aqui estabelecida entre o batizado e Cristo, através do Batismo, é uma comunhão “ontológico-místico-real”, que caracteriza sua participação no mistério da salvação.⁴⁴ O Batismo, como imagem da morte e ressurreição de Jesus, imagem-sacramento, sinal eficaz e que produz efeito, faz com que cada batizado se torne semelhante ao Cristo Pascal.

Por estarmos falando da celebração do Batismo, e essa ser uma ação litúrgica, lembremo-nos que, na liturgia, o cristão celebra e festeja esse grande mistério da salvação, fazendo memória, revivendo esse momento através de sinais, e não de simples recordações, na esperança de uma futura realização. Não há outro lugar melhor do que a própria Liturgia para se celebrar e atualizar os eventos da salvação. Ao celebrar, “Cristo está sempre presente na sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas”⁴⁵. Pois, a Liturgia, ao exercer a função sacerdotal de Cristo, por meio de sinais sensíveis, opera, na ação sagrada, a santificação do homem⁴⁶. Nesse sentido, a linguagem dos sinais é a linguagem da liturgia, como afirmam Rampazzo; Canova e Durighello:

Na liturgia, pessoas, objetos, ornamentos, alfaias e gestos não são simplesmente realidades funcionais e decorativas; eles são símbolos, isto é, são sinais que conduzem ao encontro com Deus. Os sinais litúrgicos não se contentam em dar informações, mas conduzem o cristão para além do sentido e do sentimento, colocando-o em contato com Deus. Entre esses sinais, música e canto assumem um lugar privilegiado na liturgia, antes, são parte dela, “necessária e integral”⁴⁷.

Desse modo, uma vez que nosso objetivo, neste trabalho, é apresentar o canto e a música na celebração do Batismo, ao caminharmos para o findar deste primeiro ponto, fundamental para a consecução das discussões que seguirão, não podemos nos esquecer de que a música, da mesma forma que o Batismo, nos faz entrar no Mistério Pascal de Cristo, nos faz ressaltar e experimentar esse grande mistério da salvação, pois ela nos transporta à uma outra realidade, pelo fato de ser sacramental. Trata-se de uma identificação com sua própria

⁴⁴ OÑATIBIA, 2007, p. 161.

A título de compreensão de termos, “a *redenção* é o resgate de um escravo, o pagamento do preço para considerá-lo juridicamente livre, implica uma recompra, o pagamento de uma dívida ou de um resgate. Desse modo, o valioso, satisfatório e meritório é a Morte de Jesus; a Ressurreição é um desenlace externo. Enquanto o *Mistério Pascal* evoca a passagem do Senhor por seu povo para salvá-lo, e a passagem do povo do pecado a uma vida nova, por uma livre iniciativa do amor misericordioso de Deus que decidiu salvá-lo” (ESCOBAR, Francisco. A celebração do Mistério de Cristo. In. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2005, p. 49).

⁴⁵ SC, n. 7.

⁴⁶ Cf. SC, n. 7.

⁴⁷ RAMPAZZO, Fulvio; CANOVA, Massimo; DURIGHELLO, Gianmartino. *Cantar a Liturgia: Perfil histórico-teológico e indicações pastorais*. Tradução de Edilene Braga. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2022. p. 70.

natureza⁴⁸, como confirma a orientação do teólogo e liturgista Joseph Gelineau: “Na celebração do culto da Igreja, a ideia não é ‘fazer música’ e sim, através da arte musical, penetrar no mistério da salvação”⁴⁹. Podemos nos perguntar, por exemplo, como fez Gelineau: “como pode o canto significar uma realidade inaudível, e como pode o som da boca humana carregar a verdade do Espírito de Deus? Numa palavra, como pode o canto ser mistério⁵⁰?”⁵¹ Tal se concretiza porque a música e o canto são sacramentos do Verbo encarnado, razão pela qual a busca incessante do homem pelo Infinito, pelo que é Belo, através da música, que também é sinal de Deus, se torne o caminho mais curto para que ele encontre com esse Mistério. Pois, da mesma forma com que Cristo é sacramento que une homem e Deus, a música tem seu papel de elevar a alma às profundezas dos Mistérios de Cristo. Como parte integrante da liturgia, a música participa de sua natureza mistérica, sacramental, posição aludida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil:

Canto e música participam da dimensão sacramental da liturgia: são símbolos importantes do Mistério de Cristo e da Igreja, e não ornamento exterior; são encarnação, em estruturas comunicativas, da Palavra, do diálogo salvífico entre as Pessoas Divinas e as pessoas humanas, e não elementos rituais e estéticos de uma religiosidade qualquer⁵².

Portanto, na celebração do sacramento do Batismo a música deve-se unir cada vez mais ao rito para que ela alcance seu objetivo de fazer com que os que participam de tal ação sagrada sejam elevados e participem de modo pleno, ativo e conscientemente da celebração do Mistério Pascal de Cristo⁵³. Mistério celebrado no Sacramento do Batismo e professado em canto e música pela assembleia reunida e constituída em Seu nome.

⁴⁸ Conforme se lê: “A Música Litúrgica tem o *papel pedagógico* de levar a comunidade celebrante a penetrar sempre mais profundamente o Mistério de Cristo” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Canto e música na liturgia*: Princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos. 2.ed., Brasília, DF: Edições CNBB, 2006. n. 5).

⁴⁹ GELINEAU, Joseph. *Canto e música no canto cristão*. Traduzido por Maria Luíza Jardim de Amarante. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1968. (3. Música Sacra). p. 6.

⁵⁰ Mistério aqui deve ser entendido como (*sacramentum*) sinal sagrado sensível que revela e comunica uma realidade invisível da ordem da graça.

⁵¹ GELINEAU, 1968, p. 11-12.

⁵² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A música litúrgica no Brasil*: Um subsídio para quantos se ocupam da música litúrgica na Igreja de Deus que está no Brasil. São Paulo, SP: Paulinas, 1999. (Estudos da CNBB 79), n. 144.

⁵³ Cf. SC 48.

1.2 “FORMAMOS UM SÓ CORPO EM CRISTO SENHOR”⁵⁴

Falamos no ponto anterior da dimensão cristológica do Batismo, que consiste na celebração da nossa Páscoa na Páscoa do Senhor. Pois, “a pia batismal é o lugar em que se faz a Páscoa com Cristo! O homem velho é sepultado com as suas paixões enganadoras (cf. Ef 4,22), para que renasça uma nova criatura; verdadeiramente, passou o que era velho; eis que tudo se fez novo (cf. 2Cor 5,17)”⁵⁵. Nesse momento de nosso argumento, abordaremos sua dimensão eclesiológica, que, deve-se dizer, não se separa da dimensão cristológica. O sacramento do Batismo nos insere na Igreja, comunidade dos fiéis que seguem a Cristo Jesus. “A Igreja é, ao mesmo tempo, sujeito agente e sujeito passivo do batismo”⁵⁶, justifica Oñatibia, porque há uma relação de interdependência entre o Batismo e Igreja. De tal modo diz um antigo aforismo teológico: *Ecclesia facit baptismum. Baptismum facit Ecclesiam*, ou seja, a Igreja faz o batismo e o Batismo faz a Igreja⁵⁷. Sendo assim, o Batismo é ação de Cristo, mas também da Igreja, pois Ele, por intermédio da Igreja, faz com que Sua Salvação chegue a todos os homens, constituindo um novo Povo de Deus.

O Ritual do Batismo de Crianças afirma que “[...] o batismo é o sacramento pelo qual as pessoas passam a pertencer ao corpo da Igreja, ‘co-edificadas para constituir a habitação de Deus no Espírito’, como ‘povo santo e sacerdócio régio’; é também o ‘vínculo sacramental da unidade existente entre aqueles que com ele são marcados’”⁵⁸.

Também em perspectiva da Sagrada Escritura, desde o Antigo Testamento, vemos que Deus preparou o seu povo para que, na plenitude dos tempos, se tornasse parte da Sua Igreja, edificada por Jesus Cristo sob a fé de Pedro⁵⁹. Esse é o sentido das grandes imagens e figuras que dizem do mistério da Igreja: Povo de Deus, Corpo de Cristo, Esposa de Cristo, Templo do Espírito Santo, Família de Deus, Mãe e Mestra⁶⁰.

⁵⁴ Canto de Comunhão para o Tempo Comum, inspirado nas Cartas de São Paulo aos Romanos 12,4-5; aos Efésios 4,3-5.7.15; Colossenses 3,12-13 de autoria do Padre Carlos Silva, também pode ser usado na missa em que se celebra o sacramento do Batismo (cf. SILVA, Carlos. Formamos um só corpo. In. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Cantoral Nacional para a Liturgia*. 2.ed., Fátima, PT: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019, p. 501).

⁵⁵ FRANCISCO. *Os Sacramentos e os dons do Espírito Santo*. 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2018. (Catequeses do Papa Francisco). p. 30 – Audiência Geral sobre o Batismo 09 de maio de 2018.

⁵⁶ OÑATIBIA, 2007, p. 162.

⁵⁷ Cf. OÑATIBIA, 2007, p. 162.

⁵⁸ RBC, n. 4 – observações preliminares gerais.

⁵⁹ Cf. Mt 16,18-19.

⁶⁰ Cf. 1Pd 2,9-10; 1Cor 3,16; Rm 12,5; Ef 5,23; 4,11-13; 1Cor 6,19; Ef 2,19-22; 1Jo 3,1-2; Gl 4,4-7; Ap 12.

1.2.1 A Igreja nascida do Batismo

A Igreja é prefigurada por Deus desde a origem do mundo. Ao criá-lo, Deus o fez para que pudesse participar da comunhão com sua vida divina, sendo essa comunhão realizada através da “convocação”⁶¹ dos homens em Cristo, ou seja, a Igreja⁶², por meio do Batismo. A Igreja, vista como convocação do Senhor, é uma reação de Deus diante da queda do homem no jardim:

A preparação longínqua da reunião do povo de Deus começa com a vocação de Abraão, a quem Deus promete que será o pai de um grande povo. A preparação imediata tem início com a eleição de Israel como povo de Deus. Por essa eleição, Israel deve ser sinal do conagraçamento futuro de todas as nações. No entanto, os profetas acusam Israel de ter rompido a Aliança e de se ter comportado como uma prostituta. Anunciam uma nova e eterna Aliança. “Esta Aliança nova, Cristo a instituiu”⁶³.

No Novo Testamento e na tradição cristã o Batismo e o nascimento da Igreja estão no mesmo nível, porque, de certo modo, a Igreja nasce do Batismo⁶⁴. Com isso, no Novo Testamento iremos nos deparar com um novo modo de compreender o que é Igreja e porque os que são batizados são chamados de “rebanho do Senhor”, “Corpo de Cristo”, “família de Deus”, “operários da vinha”, “cristãos”... Ao encontrar em Cristo um novo centro, a imagem do povo de Deus tem por cabeça o próprio Cristo, tornando-se o Seu corpo. A Igreja é esse novo Povo convocado pelo Senhor a participar do Seu mistério salvífico por meio do Batismo. A partir daí, há outras imagens que dizem sobre a Igreja nos Evangelhos e em outros livros do Novo Testamento, como o Catecismo nos apresenta e iremos ler no excerto a seguir:

A Igreja é o *redil*, do qual Cristo é a única e necessária porta. Ela é também o rebanho, do qual o próprio Deus renunciou que seria o pastor. [...] A Igreja é a *lavoura ou o campo de Deus*. [...] A Igreja é também chamada de *construção de Deus*. [...] Essa construção recebe vários nomes: “casa de Deus” na qual habita sua *família*; morada de Deus no Espírito; tenda de Deus entre os homens e, principalmente, templo santo, que, representado pelos santuários de pedra [...], comparado, na liturgia, com a Cidade

⁶¹ Conforme o CIGC, em seu n. 751: “A palavra ‘igreja’ [‘*ekklesia*’, do grego ‘*ekkaléin*’ ‘chamar fora’] significa ‘convocação’. Designa assembleias do povo, geralmente de caráter religioso. É o termo frequentemente usado no Antigo Testamento grego para a assembleia do povo eleito diante de Deus, sobretudo para a assembleia do Sinai, onde Israel recebeu a Lei e foi constituído por Deus como seu povo santo. Ao se denominar ‘Igreja’, a primeira comunidade dos que acreditavam em Cristo se reconhece herdeira dessa assembleia”. *Ekklesia* era a palavra que os gregos usavam para descrever e se referir a um grupo de cidadãos chamados para propósitos governamentais – a Assembleia de deliberação política. Esse grupo era formado por aproximadamente 6 mil homens acima de 18 anos. Eles se reuniam regularmente para discutir e votar novas propostas de lei, apresentar estratégias militares e eleger magistrados.

⁶² Cf. CIGC, n. 760.

⁶³ CIGC, n. 762; cf. Gn 12,2; 15,5-6; Ex 19,5-6; Dt 7,6; Is 2,2-5; Mq 4,1-4; Os 1; Is 1,2-4; Jr 2; Jr 31,31-34; Is 55,3.

⁶⁴ Cf. OÑATIBIA, 2007, p. 169.

santa, a nova Jerusalém. [...] A Igreja é chamada também de “Jerusalém celeste” e “nossa Mãe”. É ainda descrita como a esposa imaculada do Cordeiro imaculado⁶⁵.

Nesse sentido, desde o início da Igreja, o dia de Pentecostes, os Apóstolos tinham consciência de que somente pela fé em Cristo e pelo Batismo era possível fazer parte do Corpo de Cristo que é a Igreja. “Deus congrega os homens na nova comunidade messiânica, para fazer deles o novo Israel”⁶⁶. São Pedro, nos Atos dos Apóstolos, após pregar o *Querigma*⁶⁷ e ser interrogado sobre o que era preciso fazer, responde com a premissa do arrependimento e do Batismo (arrepender-se e ser batizado) em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados⁶⁸. Para São Pedro, o rito batismal é o princípio da assembleia cristã⁶⁹. Já o Apóstolo São Paulo, em suas cartas, apresenta aos cristãos espalhados nas diversas comunidades que, pelo Batismo, tornamo-nos membros do Corpo de Cristo, formando, assim, um só em Cristo Jesus⁷⁰. Destarte, quanto ao aspecto da relação entre Batismo e Igreja, o apóstolo dos gentios vê sob ângulos diversos, como por exemplo:

[...] em Ef 4,3-6, entre os agentes e sinais da unidade da Igreja menciona-se *um só batismo*, na relação com *um só Espírito* e *um só corpo*. Em outro lugar da mesma Carta (5,25-27), o batismo é o banho nupcial com o qual o Esposo purifica e adorna a sua Esposa. Numa passagem da Primeira Carta aos Coríntios (12,13), que os especialistas discutem se devem interpretar cristológica ou eclesiológicamente, a ideia do Apóstolo parece ser a seguinte: ao entrar pelo batismo na comunhão com o Corpo do Ressuscitado, são superados todas as diferenças e divisões entre eles e passam a fazer parte do *único Corpo*, a Igreja⁷¹.

Portanto, o Batismo faz nascer e crescer a Igreja, incorporando novos membros ao Corpo, cuja cabeça é o próprio Cristo, de modo que na diversidade de membros, um só é o Corpo⁷². Quando se é batizado, a pessoa recebe um novo *status*, é chamada de cristão. Para isso é preciso conservar a unidade do Espírito, recordando o que crê a Igreja: “Há um só Corpo e

⁶⁵ CIgC, n. 754-757 – grifos do texto. Cf. Jo 10,1-10; 1Cor 3,9; 1Tm 3,15; Ef 2,19-22; Ap 21,3; 1Pd 2,5; Ap 21,1s; Gl 4,26; Ap 19,7; 21,2.9; 22,17.

⁶⁶ OÑATIBIA, 2007, p. 169.

⁶⁷ Para compreendermos o que vem a ser o *querigma*, iremos nos valer do Diretório para a Catequese, que diz que “fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai” (EG, n. 164), é simultaneamente um *ato de anúncio* e o *conteúdo* mesmo do anúncio, que revela e faz presente o Evangelho. No querigma, o sujeito que age é o Senhor Jesus que se manifesta no testemunho daqueles que o anunciam; a vida da testemunha que experimentou a salvação torna-se, portanto, o que toca e move o interlocutor” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. 2.ed., Brasília, DF: Edições CNBB. (Documentos da Igreja 61). n. 58 – grifos do texto).

⁶⁸ Cf. At 2,14-41.

⁶⁹ Cf. 1Pd 1,3-11.25; 3,18-22.

⁷⁰ Cf. Rm 12,4-5.

⁷¹ OÑATIBIA, 2007, p. 169 – grifos do autor.

⁷² Cf. Rm 12,5.

um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos”⁷³.

1.2.2 Gerados nas águas vivificantes da Santa Igreja

Como dissemos, a tradição cristã, já no início, considerava o Batismo e o nascimento da Igreja dispostos num mesmo nível. Isso podemos perceber nos escritos dos padres da Igreja, que, diversas vezes, em suas homilias, catequeses, sermões, deixam claro que a participação no Corpo de Cristo, na Sua Igreja, se dá por graça do Batismo. Partem também para a interpretação do Sacramento da Eucaristia, que, dado não constituir-se como nosso objeto de estudo, deixaremos de lado nesta incursão, privilegiando a leitura praticada a respeito do Batismo. Desse modo, a Igreja é considerada como Mãe que dá à luz novos filhos por meio do Batismo, mostrando que é sujeito ativo e passivo. É a Igreja quem batiza, em nome de Cristo, e ao mesmo tempo são os que descem às águas regeneradoras que fazem com que exista a Igreja. Vejamos alguns excertos extraídos dos padres da Igreja.

Santo Ambrósio de Milão, na exposição sobre o Evangelho de São Lucas, afirma que o nascimento da Igreja se deu da mesma forma com que Eva foi formada, do lado de Adão⁷⁴. É através do Coração traspassado de Jesus, lado aberto de que jorram Sangue e Água, que brotam os Sacramentos do Batismo e da Eucaristia; é, além disso, desse mesmo lado que nasce um outro Sacramento, a Igreja⁷⁵, que depende do Batismo e da Eucaristia para sua existência, mostrando, assim, a ligação que há entre o Batismo e a Igreja. Para afirmar isso que acabamos de dizer, o Catecismo nos diz que:

[...] a Igreja nasceu primeiro do dom total de Cristo para nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz. “O começo e o crescimento da Igreja são significados pelo sangue e pela água que saíram do lado aberto de Jesus crucificado”. “Pois do lado de Cristo agonizante na Cruz é que nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”. Da mesma forma que Eva foi formada do lado de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração traspassado de Cristo morto na cruz⁷⁶.

Um Autor antigo, em sua Homilia pascal, ao se referir à pureza dos que foram batizados, como que à consciência inocente de um recém-nascido, recorda que esses são novos

⁷³ Ef 4,4-6.

⁷⁴ Cf. CIgC, n.766.

⁷⁵ Cf. LG, n. 1.

⁷⁶ CIgC, n. 766.

filhos “gerados nas águas vivificantes da santa Igreja”⁷⁷, tornando-se membros da Igreja, através da própria Igreja. São Cirilo, em uma de suas Catequeses Mistagógicas, recorda que, pelo Batismo em Cristo, somos revestidos do próprio Cristo, tornando-nos semelhantes ao Filho de Deus. E ao participarmos do seu Corpo, temos o dom de sermos chamados de cristãos⁷⁸.

São Leão Magno, no sermão sobre a paixão, afirma que Cristo é quem, pela ação do Espírito, fecunda a Igreja com novos filhos através do Batismo, como podemos ler no texto a seguir:

Caríssimos filhos, a natureza humana foi assumida tão intimamente pelo Filho de Deus, que o único e mesmo Cristo está não apenas neste homem, primogênito de toda a criatura, mas também em todos os seus santos. Disto não podemos duvidar. E como a Cabeça não pode separar-se dos membros, também os membros não podem separar-se da Cabeça. [...] É ele que, tendo nascido da Virgem Mãe pelo poder do Espírito Santo, por ação do mesmo Espírito, fecunda a sua Igreja imaculada, a fim de gerar pelo nascimento batismal, uma inumerável multidão de filhos de Deus. É deles que se diz: *Estes não nasceram do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus mesmo* (Jo 1,13). É nele que foi abençoada a descendência de Abraão por meio da adoção filial de todos os povos do mundo; e o santo patriarca torna-se pai das nações quando, pela fé e não pela carne, lhe nascemos filhos da promessa⁷⁹.

Aqui recordamos uma inscrição presente no frontispício⁸⁰ do batistério lateranense de Roma, a qual pode ser de autoria de São Leão Magno, que traz esse aspecto da Igreja como mãe, e de um único filho, pois todos os batizados são um só pelo banho batismal, pela fé e pelo Espírito, como podemos ler:

Nasce para o céu um povo de raça divina, gerado pelo Espírito fecundado destas águas. A Mãe Igreja dá à luz nestas águas ao fruto virginal concebido por obra do Espírito. [...] Não há diferença entre os que renascem: são um só pelo único banho, pelo único Espírito, pela única fé. Tu, que foste gerado nestas águas, vem à unidade à qual o Espírito Santo te chama para comunicar-te seus dons⁸¹.

Ao sermos batizados, e, assim, participarmos do Corpo do Senhor, tornamo-nos “uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de uma particular propriedade”⁸² que constitui a Igreja do Senhor, para que proclame as excelências daquele que nos chamou das

⁷⁷ *Sermo* 35, 6-9: PL 17 [ed. 1879], 696-697. In. CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Liturgia das Horas: Tempo da Quaresma, Tríduo Pascal e Tempo da Páscoa*. 2.ed., típica. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Paulo, SP: Paulinas, Paulus, Editora Ave-Maria, 2000. (vol. II). p. 522.

⁷⁸ Cat. 21, *Mystagógica* 3,1-3; PG 33, 1087-1091 (Séc. IV). In. LITURGIA DAS HORAS II, 2000, p. 547.

⁷⁹ *Sermo* 12, *De Pasione*, 3. 6-7:PL 54,355-357 (Séc. V). In. LITURGIA DAS HORAS II, 2000, p. 594-595 – grifos do texto.

⁸⁰ Na fachada principal do batistério.

⁸¹ OÑATIBIA, 2007, p. 165.

⁸² 1Pd 2,9.

trevas para a Luz admirável. Não somos mais, povo, mas Povo de Deus. Desse modo, São Beda Venerável, ao comentar a Primeira Carta de São Pedro, explicita essa nova concepção de Povo de Deus, que só é possível através do Batismo, participando, assim, do Mistério Pascal de Cristo:

Vós sois a raça escolhida, o sacerdócio do Reino (1Pd 2,9). Este elogio foi feito outrora por Moisés ao antigo povo de Deus. Agora com maior razão, o apóstolo Pedro o aplica aos pagãos pois acreditaram em Cristo, que como pedra angular, reuniu todos os povos na mesma salvação que fora dada a Israel. Chama-os de *raça escolhida*, por causa da fé que os distingue daqueles que, rejeitando a pedra viva, acabaram sendo eles mesmos rejeitados. Chama-os também *sacerdócio do Reino*, porque estão unidos ao corpo daquele que é o supremo rei e verdadeiro sacerdote. Como rei torna-os participantes do seu reino e, como sacerdote, purifica-os dos pecados pelo sacrifício do seu sangue. Chama-os *sacerdócio do Reino* para que se lembrem de esperar o reino eterno e ofereçam continuamente a Deus o sacrifício de uma conduta irrepreensível⁸³.

Por fim, apresentamos Santo Irineu que, utilizando do pensamento de São Paulo a respeito do único corpo, fez uma comparação do nascimento da Igreja como sendo fruto do Batismo com a elaboração do pão. Para Santo Irineu, “os grãos de trigo só se convertem em pão pela ação da água; assim, os crentes só se tornam realidade graças ao Espírito, que é a água celestial: a Igreja se torna una, corporalmente pela água batismal e espiritualmente pela efusão batismal do Espírito”⁸⁴. Desse modo, é partindo da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja que o Magistério, hoje, afirma e confirma que o Batismo nos consagra e nos incorpora a Jesus, tornando-nos membros do Corpo Místico de Cristo.

1.2.3 A Igreja é Corpo de Cristo

É através do Batismo que nos tornamos membros do Corpo de Cristo, a Igreja. A partir do gesto sacramental do Batismo, somos incorporados a Cristo e, então, damos início ao nosso caminho de salvação, conduzido pelo Espírito Santo. Assim sendo, nosso destino está ligado ao mesmo destino de Jesus. Como já mencionamos, no Batismo se renova o evento salvífico de Cristo – morte redentora e ressurreição -, e inseridos nele nos tornamos novas criaturas, Cristo mesmo. Cresce e vive em nós uma nova realidade, a de Cristo Jesus:

O batismo consagra e incorpora o homem a Jesus, tornando-o membro do Corpo Místico de Cristo. Ora, entre cabeça e membros existe íntima união, comunhão de vida e de bens. Entre Cristo e o homem incorporado a ele pelo batismo estabelece-se,

⁸³ Do Comentário à Primeira Carta de São Pedro, de São Beda Venerável, presbítero (Cap.2: PL 93,50-51) (Séc. VIII). In. LITURGIA DAS HORAS II, 2000, p. 634-635 – grifos do texto.

⁸⁴ SANTO IRINEU. *Adversus hereses*, III, 17,2. In. OÑATIBIA, 2007, p. 170.

de um modo especial, a comunhão da Paixão de Cristo. O mérito da paixão e morte de Jesus estende-se à pessoa incorporada a ele⁸⁵.

Todo e qualquer Sacramento é um acontecimento na Igreja, pela Igreja e para a Igreja. Por isso que o Batismo se realiza na Igreja e pela Igreja, pois não é uma ação privada entre Cristo e o catecúmeno, mas celebração da Igreja⁸⁶. Esse ato da Igreja de batizar, faz com que os que foram batizados pertençam à Igreja e, pertencendo à Igreja, pertençam concretamente a Cristo. Isso porque os que são regenerados pelos mistérios salvíficos de Cristo, isto é, pela fé, fazem-se membros do corpo da Igreja⁸⁷. “O novo batizado nasce numa comunidade de fiéis e se agrega a uma comunidade de fiéis”⁸⁸. Assim, além da graça o Batismo confere ao que foi batizado o caráter sacramental, ou “selo”, pelo qual passa a participar do sacerdócio de Cristo e faz parte da sua Igreja, segundo estados e funções diversas, como nos ensina o Catecismo da Igreja Católica⁸⁹. Sobre esse modo de pensar a dimensão do Batismo, recuperada pela teologia católica contemporânea, Oñatibia afirma que “representou um passo importante na renovação da doutrina batismal em nossos dias e teve uma ressonância autorizada nos documentos do Concílio Vaticano II”⁹⁰, como queremos realçar nos excertos a seguir.

No Decreto *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja, diz-se que é

[...] o Espírito Santo, que chama todos os homens a Cristo pelas sementes do Verbo e pela pregação do Evangelho e produz nos corações a submissão da fé, quando gera no seio da fonte batismal para uma nova vida os que crêem em Cristo, reúne-os num só povo de Deus que é “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido” (1Pd 2,9)⁹¹.

Do mesmo modo, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, fala-se sobre nossa configuração a Cristo pelo Batismo:

O Filho de Deus, unindo a si a natureza humana e vencendo a morte com a sua própria morte e ressurreição, remiu o homem, transformando-o em nova criatura (cf. Gl 6,15; 2Cor 5,17). E, pela comunicação do Espírito, constituiu misticamente como seu corpo os seus irmãos, chamados de entre todas as gentes. Neste corpo a vida de Cristo comunica-se aos crentes, que, através dos sacramentos, são unidos, de modo arcano

⁸⁵ ETSPÜLER, 1975, p. 30.

⁸⁶ Cf. OÑATIBIA, 2007, p. 162.

⁸⁷ Cf. OÑATIBIA, 2007, p. 167.

⁸⁸ MUÑOZ, Héctor. O Batismo. In. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A Celebração do Mistério Pascal: os sacramentos: sinais do mistério pascal*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Manual de Liturgia III). p. 50.

⁸⁹ Cf. CIGC, n. 1121.

⁹⁰ Cf. OÑATIBIA, 2007, p. 168.

⁹¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a Atividade Missionária da Igreja*. In. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Tradução de Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo, SP: Paulus, 1997. p. 431-489. (Documentos da Igreja 1), n. 15.

mas real, a Cristo que sofreu e foi glorificado. Com efeito, pelo batismo configuramo-nos com Cristo: “pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo” (1Cor 12,13). Este rito sagrado significa e efetua a nossa união à morte e ressurreição de Cristo: “Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte”; e se “nos tornamos uma coisa só com ele também por ressurreição semelhante à sua” (Rm 6,4-5)⁹².

Também a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no Mundo de hoje, a questão é tematizada:

[...] o cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogênito entre a multidão dos irmãos, recebe “as primícias do Espírito” (Rm 8,23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio deste Espírito, “penhor da herança” (Ef 1,14), o homem é renovado interiormente, até à “redenção do corpo” (Rm 8,23)⁹³.

Destarte, o Batismo nos faz Igreja, Família de Deus, nos tornando membros e testemunhas de Cristo Jesus no mundo⁹⁴, como anunciadores do Reino. E isso porque, como lemos nas palavras do teólogo François Monfort:

Reino de Cristo, reino interior, deve tornar-se visível na terra, embora sua significação não possa ser plenamente percebida senão pela fé. Por isso, a agregação à Igreja, Corpo de Cristo, é sinal e anúncio da entrada no Reino de Deus. Pois a Igreja não é uma sociedade como as outras; repousando sobre uma instituição e sobre leis (ainda que seja obrigada a recorrer a elas), a Igreja é uma comunhão animada pelo Espírito de Jesus, e deve testemunhar na terra que o Reino de Deus já começou⁹⁵.

Pelo fato de o Batismo ser o Sacramento da fé, a fé necessita de uma comunidade daqueles que creem⁹⁶. Com isso, quando deseja ser batizada, a pessoa passa a fazer parte dessa comunidade, e ali passa a encontrar Cristo nos demais e a fazer parte do próprio corpo de Cristo. Pois é desde a comunidade que se “entra em comunhão com o mistério de Cristo”⁹⁷; a comunidade “une também os batizados entre si na Comunhão dos Santos; [e] não pode haver comunhão com Cristo sem comunhão com os irmãos”⁹⁸.

Ao sermos incorporados a Cristo pelo Batismo, e recebermos um selo espiritual indelével, como vimos, somos também incorporados à Igreja, recebendo, assim, o caráter sacramental que nos consagra para o culto religioso cristão. Esse “selo batismal” é que nos

⁹² LG, n. 7.

⁹³ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. In. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Tradução de Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo, SP: Paulus, 1997. p. 539-661. (Documentos da Igreja 1), n. 22.

⁹⁴ Cf. At 1,8.

⁹⁵ MONFORT, François. *Os Sacramentos para que serve?* Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1979. p. 97-98.

⁹⁶ Cf. CIGC, n. 1253.

⁹⁷ OÑATIBIA, 2007, p. 169.

⁹⁸ OÑATIBIA, 2007, p. 166.

capacita e nos compromete a servir a Deus através da “participação ativa, frutuosa e consciente”⁹⁹ da ação litúrgica da Igreja, pelo que podemos exercer o nosso sacerdócio comum dos fiéis por meio do testemunho de uma vida santa, demonstrada em frutos de caridade¹⁰⁰.

Desse modo, ao falarmos do exercício do sacerdócio comum dos fiéis na liturgia, devemos ter em mente que em toda liturgia, há “o momento do encontro, momento em que os fiéis cristãos se reúnem para formar a assembleia de Deus”¹⁰¹, sinal visível da Igreja, unidade do Corpo místico de Cristo nos diversos membros com seus dons e carismas. Por sinal, também pela música e pelo canto litúrgico expressamos essa unidade da assembleia que forma a Igreja, como corpo celebrante. Como diz o Papa Francisco, sobre a participação no culto, sem essa incorporação pelo Batismo no Corpo de Cristo,

[...] não há qualquer possibilidade de viver a plenitude do culto a Deus. De fato, um só é o ato de culto perfeito e agradável ao Pai, a obediência do Filho, cuja medida é a sua morte na cruz. A única possibilidade de participar de sua oferenda é se tornando filhos no Filho. É esse o dom que recebemos. O sujeito que age na Liturgia é sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo¹⁰².

Ao dizermos que o Batismo faz a Igreja, e a Igreja é Corpo de Cristo, afirmamos, correlativamente, que a música tem uma função muito importante na ação litúrgica: que é tornar presente Cristo na Igreja quando ora e salmodia, como afirma a *Sacrosanctum Concilium*¹⁰³. O canto é, pois, o melhor sinal visível para expressar a participação dos batizados nos mistérios celebrados. Expressa a unidade na diversidade da Igreja. “A experiência universal prova que o canto cria comunidade, liga as pessoas entre si, e mais eficazmente as põem em sintonia com o Mistério, com Deus”¹⁰⁴, assim como faz o Batismo. O canto deve unir todos na oração comum. Os padres da Igreja vão dizer que o canto “cria e realiza a igualdade e a união entre os membros da comunidade que canta. As diferenças de idade e de condição social ficam rebaixadas quando todos mesclam suas vozes na unidade de uma melodia”¹⁰⁵. Pois, quando cantamos, unimos nossas vozes às vozes dos anjos e santos, expressando essa unidade de toda a Igreja militante, padecente e triunfante.

⁹⁹ Cf. SC, n. 11.

¹⁰⁰ Cf. CIGC, n. 1273.

¹⁰¹ RAMPAZZO; CANOVA; DURIGHELLO, 2022, p. 76.

¹⁰² FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi sobre a Formação Litúrgica do Povo de Deus*. São Paulo, SP: Paulinas, 2022. (A voz do Papa 214), n. 15.

¹⁰³ Cf. SC, n. 7.

¹⁰⁴ Est. CNBB 79, n. 6.

¹⁰⁵ BASURKO, Xabier. *O canto cristão na tradição primitiva*. Tradução de Celso Márcio Teixeira. São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Coleção liturgia e música 3), p. 100-101.

O canto e a música litúrgica podem ser tanto monofônico, isto é, em uníssono¹⁰⁶, quanto polifônico¹⁰⁷, e ambos os modos dizem da realidade da Igreja. O primeiro, ao harmonizar os timbres diferentes, faz com que unindo as vozes evoque-se um significado profundo, o qual expressa a “união dos corações na mútua caridade, [sendo] sinal da fraternidade espiritual entre os membros da assembleia, reunida em oração”¹⁰⁸. Já o segundo modo, ao harmonizar os diversos timbres, melodias diferentes, reflete essa diversidade na unidade, sinal da comunidade litúrgica¹⁰⁹.

Portanto, devemos fazer com que na ação litúrgica, a nossa música seja executada com arte, beleza e fê pelos instrumentistas, e os nossos cantos sejam cantados com expressão, sonoridade e emoção, a fim de que reflita o direito que todo cristão tem, por força do sacerdócio batismal, de “expressar-se como assembleia celebrante que louva e agradece, suplica e oferece *por Cristo, com Cristo e em Cristo, ao Pai, na unidade do Espírito Santo. Cantando, tocando, e dançando, a assembleia celebrante, qual nação santa, povo que ele conquistou, proclama os grandes feitos daquele que nos chamou das trevas a sua luz maravilhosa (1Pd 2,9)*”¹¹⁰.

¹⁰⁶ Para Joaquim Fonseca: “A palavra *uníssono*, no uso comum, significa, *igual, semelhante, da mesma condição* etc. Na linguagem musical, corresponde ao que tem o mesmo som, um intervalo nulo que resulta da emissão simultânea de dois sons de mesma altura (ou em oitava) por diversas vozes ou instrumentos, harmonia, união, coerência, concordância, unanimidade, unissonância” (FONSECA, Joaquim. “A uma só voz”: O uníssono como sinal sensível da sintonia da assembleia no Espírito Santo. *In. Revista de Liturgia*. n. 251, set./out. São Paulo, SP, 2015. p. 8-14. p. 8 – grifos do autor). Aproveitando das palavras de Frei Joaquim Fonseca, OFM, vejamos o significado do uníssono no âmbito teológico-litúrgico e na ação litúrgica: “No âmbito teológico-litúrgico, ao uníssono se acrescenta o sentido simbólico-sacramental, ou ‘agir coletivo simbólico’. Isso tem a ver com a clássica imagem do corpo e de seus membros, descrita pelo apóstolo Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios: ‘Fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo, e todos nós bebemos de um único Espírito. O corpo não é feito de um membro apenas, mas de muitos membros. [...] Se houvesse apenas um membro, onde estaria o corpo? Mas, de fato, há muitos membros e, no entanto, um só corpo’ (1Cor 12,13-14.19-20). Na ação litúrgica, cada membro desse corpo eclesial (assembleia e ministros) deverá agir de forma integrada, conectado com os demais: ‘Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele’ (1Cor 12,26). Em suma: se alguém teima em não se exercitar na escuta do todo, preferindo manter seu ‘ritmo’ no canto, nas orações, nas respostas, sua voz provocará a ruptura da sintonia do Espírito, a perda do ‘uníssono dos corações’, de que nos fala o apóstolo Paulo: ‘Assim, tendo como que um só coração e uma só voz, glorificareis o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo’ (Rm 15,6)” (FONSECA, 2015, p. 8).

¹⁰⁷ Conforme a interpretação de Gelineau: “A polifonia, isto é, a multiplicidade das vozes, não se entende aqui por várias vozes cantando juntas a mesma melodia, mas sim, várias vozes cantando ao mesmo tempo melodias diversas” (GELINEAU, 1968, p. 182).

¹⁰⁸ FONSECA, 2015, p. 9.

¹⁰⁹ Cf. GELINEAU, 1968, p. 182.

¹¹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Canto e Música na Liturgia: princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos*. 2.ed., Brasília, DF: Edições CNBB, 2006. n. 9 – grifos do texto.

1.3 “É CRISTO QUE VIVE EM MIM”¹¹¹

Uma vez que recebemos o Batismo, e somos regenerados através das fontes batismais e do Espírito, participamos do Mistério Pascal de Cristo. Somos enxertados no Corpo de Cristo, isto é, a Igreja, formando um só Corpo em Cristo Jesus¹¹². Pelo Batismo nos tornamos membros uns dos outros, participamos da filiação adotiva de Deus e passamos a ser chamados de “cristãos”¹¹³, porque nos configuramos a Cristo. Isso nos faz compreender que o Batismo não é uma experiência instantânea isolada em nossa vida, mas se projeta para a vida futura, até a consumação da glória. Nesse ínterim, somos chamados a dar testemunho da vida nova com a qual fomos agraciados¹¹⁴. “As implicações éticas do dom recebido no Batismo também pertencem à teologia desse sacramento. A ação salvadora de Deus não é considerada concluída enquanto não for dada a resposta total do homem. Só então o sacramento alcançará sua *verdade plena*”¹¹⁵. Nota-se que, desde o Antigo Testamento, o Senhor vem formando o seu Povo, para que mantivesse a fidelidade e desse testemunho de seu pertencimento ao único Deus. Esse testemunho era visto através das práticas de justiça, caridade, até chegar-se à plenitude dos tempos, onde Cristo é o modelo perfeito de Homem que todos devem buscar seguir e, assim, fazer a vontade de Deus, alcançando o Seu desejo: de que todos sejam santos como Ele é Santo¹¹⁶.

1.3.1 O seguimento de Cristo é uma exigência do Batismo

Deus, “infinitamente Perfeito e Bem-aventurado em si mesmo”¹¹⁷, ao criar o mundo, e fazer o homem à Sua imagem e semelhança, por um “desígnio de pura bondade”, o criou para fazê-lo participar de Sua vida divina¹¹⁸. Na história da Salvação, muitas vezes chamou e ajudou

¹¹¹ Refrão meditativo retirado da Carta de São Paulo aos Gálatas 2,20 de autoria de Frei Luiz Turra, OFM Cap. (cf. TURRA, Frei Luiz. *É Cristo que vive em mim* (Gl 2,20). In. TURRA, Frei Luiz. *Palavras Sagradas de Paulo Apóstolo*. São Paulo, SP: Paulinas COMEP, 2006. 1CD, faixa 10).

¹¹² Cf. Rm 12,4-5.

¹¹³ Cf. At 11,19-26; 1Pd 4,16.

¹¹⁴ Cf. CIgC, n. 1694: “Incorporados a Cristo pelo Batismo, os cristãos estão ‘mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus’, participando assim da vida do Ressuscitado. Seguindo a Cristo e em união com ele, podem procurar ‘tornar-se imitadores de Deus como filhos amados e caminhar no amor’, conformando seus pensamentos, palavras e ações aos ‘sentimentos de Cristo Jesus e seguindo seus exemplos’”.

¹¹⁵ OÑATIBIA, 2007, p. 251 – grifo do autor.

¹¹⁶ Lv 11,44.

¹¹⁷ CIgC, n. 1.

¹¹⁸ Cf. CIgC, n. 1.

o homem a procurá-lo, conhecê-lo e amá-lo de todo o coração e com toda a sua força, como se pode ler no tradicional hino-profissão de fé da tradição judaica, *Shemá Israel* – Escuta Israel:

Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh! Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! Tua as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé. Tu as atarás também à tua mão como um sinal e serão como um frontal entre teus olhos; tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas¹¹⁹.

A vida em Deus, no Antigo Testamento, era tida como sendo a fidelidade à Aliança, aos Mandamentos do Senhor. Por isso, procurá-lo implicava em viver, como diz o profeta Amós: “procurai-me e vivereis”¹²⁰. Além disso, na literatura sapiencial, descobrimos várias passagens que exprimem o ensinamento para a vida, o qual pode ser alcançado tanto pelos mandamentos de Deus, pelo temor de Deus e a disciplina¹²¹, quanto pelas palavras dos sábios. Vejamos o que diz o livro dos Provérbios:

Meu filho, não esqueças minha instrução, guarda no coração os meus preceitos; porque te trarão longos dias e anos, vida e prosperidade. O amor e a fidelidade não te abandonem, ata-os ao pescoço, inscreve-os na tábuca do coração. E alcançarás favor e bom sucesso aos olhos de Deus e dos homens. Confia em Iahweh com todo o teu coração, não te fies em tua própria inteligência; em todos os teus caminhos, reconhece-o, e ele endireitará as tuas veredas. Não sejas sábio aos teus olhos, tem a Iahweh e evita o mal, e será a saúde do teu corpo e refrigério para os teus ossos. Honra a Iahweh com a tua riqueza, com as primícias de tudo o que ganhares; e os teus celeiros estarão cheios de trigo, os teus lagares transbordarão de vinho novo. Meu filho, não desprezes a disciplina de Iahweh, nem te canses com a sua exortação; porque Iahweh repreende os que ele ama, como um pai ao filho que preza¹²².

Muitos salmos irão expressar como deve ser a vida dos que buscam seguir o Senhor, como, por exemplo, o Salmo 1, que mostra a pessoa do justo como sendo bem-aventurado. Essa bem-aventurança, porém, não é fruto de sua própria capacidade ou habilidade, mas decorrente de seu relacionamento com Deus, pois deixa ser conduzido pela Palavra da Verdade:

Feliz o homem que não vai ao conselho dos ímpios, não para no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores. Pelo contrário: seu prazer está na Lei de Iahweh, e medita sua Lei, dia e noite. Ele é como árvore plantada junto a riachos: dá seu fruto no tempo devido e suas folhas nunca murcham; tudo o que ele faz é bem-sucedido¹²³.

¹¹⁹ Dt 6,4-9.

¹²⁰ Am 5,4.

¹²¹ Cf. Pr 19,16; 14,27; Eclo 1,12; Pr 4,13; 6,23.

¹²² Pr 3,1-12; cf. Pr 4,4.10.22; 13,14.

¹²³ Sl 1,1-3.

Já no Salmo 119, o salmista exalta a Palavra de Deus por ser seu guia, e fazer com que não seja confundido e esteja seguro e amparado por Deus. Além disso, demonstra que são felizes os que fazem a vontade de Deus, buscando uma vida santa:

Felizes os íntegros em seu caminho, os que andam conforme a lei de Iahweh! Felizes os que guardam seus testemunhos, procurando-o de todo o coração, e que, sem praticar a iniquidade, andam em seus caminhos! [...] Meditarei teus preceitos e considerarei teus caminhos. [...] Afasta-me do caminho da mentira, e gratifica-me com tua lei. Escolhi o caminho da verdade, e me conformo às tuas normas. [...] Como amo a tua lei! Medito-a todo o dia¹²⁴.

No Salmo 15, somos remetidos a um caminho espiritual a ser seguido para que um dia possamos habitar o Santuário do Senhor e participar de Sua glória. Para isso, conforme a admoestação sálmica, é preciso ter uma vida reta. Assim canta o salmista:

Iahweh, quem pode hospedar-se em tua tenda? Quem pode habitar em teu monte sagrado? Quem anda com integridade e pratica a justiça: fala a verdade no coração, e não deixa a língua correr; em nada lesa seu irmão nem insulta seu próximo; despreza o ímpio com o olhar, mas honra os que temem a Iahweh; jura com dano próprio sem se retratar; não empresta dinheiro com usura, nem aceita suborno contra o inocente. Quem age deste modo jamais vacilará!¹²⁵.

Com a chegada da plenitude dos tempos, em Cristo Jesus, o Pai “convoca todos os homens, dispersos pelo pecado, para a unidade de sua família, a Igreja”¹²⁶. Isso se dá por meio do Batismo, como apresentamos anteriormente neste capítulo. Deus, em Jesus Cristo e por Ele, chama os homens a se tornarem seus filhos adotivos, no Espírito Santo, fazendo deles herdeiros de sua vida bem-aventurada¹²⁷. Ao receberem a graça de Cristo, os que foram revestidos de Cristo pelo Batismo têm a obrigação de segui-lo e imitá-lo, modelando suas vidas e pensamentos ao Seu¹²⁸.

Desse modo, os livros *par excellence* em que se encontram o modo de agir dos discípulos de Jesus são os Evangelhos¹²⁹. Neles, Jesus mostra, através da sua doação total, o

¹²⁴ Sl 119(118), 1-3.15.29-30.97.

¹²⁵ Sl 15(14),1-5.

¹²⁶ CIGC, n. 1.

¹²⁷ Cf. CIGC, n. 1.

¹²⁸ Cf. Rm 13,14; Gl 3,27.

¹²⁹ No Evangelho de São Mateus, Jesus instrui os seus discípulos com o Sermão da Montanha, carta magna da moral evangélica, no qual apresenta as Bem-aventuranças, que será para todos como um projeto de vida cristã em busca da perfeição e da santidade: “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes os *mansos* porque *herdarão* a terra. Felizes os *afritos*, porque serão consolados. Felizes os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Felizes os *puros no coração*, porque verão a Deus. Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos,

resumo de toda a vida cristã, isto é, o Mandamento do Amor. O modo como Cristo amou, deve ser o mesmo como seus discípulos devem amar. Os que se decidem por Jesus Cristo devem buscar colocar em prática o amor a Deus e o amor ao irmão: “[...] como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros”¹³⁰. Ao configurar-nos a Cristo, o Batismo nos faz agir como o próprio Cristo. Aqui podemos recordar uma passagem do Evangelho de São João: às vésperas da Paixão, Jesus diz aos discípulos que Ele é a videira verdadeira, e eles são os ramos, pelo que é necessário que os ramos permaneçam unidos à videira, ou não darão frutos bons. Na vida cristã, esses frutos são frutos de caridade¹³¹. O cristão, deve ter o mesmo espírito de Cristo Jesus, pois uma vez que está unido a Ele, pode dizer como São Paulo, “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”¹³².

O Catecismo ensina que “Jesus Cristo sempre fez o que era do agrado do Pai. Sempre viveu em perfeita comunhão com Ele. Também os discípulos são convidados a viver sob o olhar do Pai, ‘que vê no escondido’ (Mt 6,6), para se tornarem ‘perfeitos como o [...] Pai celeste é perfeito’ (Mt 5,48)”¹³³. Assim sendo, ao lermos as cartas de São Paulo aos Romanos e aos Colossenses, vemos que o Apóstolo apresenta o Batismo como participação no Mistério Pascal de Cristo¹³⁴ e, em seguida, faz uma exposição sobre como deve ser a vida dos que foram

porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós” (Mt 5,3-12 – grifos do texto). São João Paulo II, ao escrever sobre a perfeição na Carta Encíclica *Veritatis Splendor*, diz que as “As bem-aventuranças não têm propriamente por objeto normas particulares de comportamento, mas falam de atitudes e disposições do fundo da existência e, portanto, *não coincidem exatamente com os mandamentos*. Por outro lado, *não há separação ou oposição* entre as bem-aventuranças e os mandamentos: ambos se referem ao bem, à vida eterna. O Discurso da Montanha começa pelo anúncio das bem-aventuranças, mas contém também a referência aos mandamentos (cf. Mt 5,20-48). Ao mesmo tempo, esse Discurso mostra a abertura e a orientação dos mandamentos para a perspectiva da perfeição, própria das bem-aventuranças. Estas são, antes de tudo, *promessas*, das quais de modo indireto derivam também *indicações normativas* para a vida moral. Na sua profundidade original são uma espécie de *auto-retrato de Cristo* e, precisamente por isso, constituem *convites ao seu seguimento e à comunhão de vida com ele*” (JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Veritatis Splendor*. 10.ed., São Paulo, SP: Paulinas, 2011. (A voz do Papa 130). n. 16 – grifos do autor).

¹³⁰ Jo 13,34-35.

¹³¹ Cf. Jo 15,5.

¹³² Gl 2,20. Sobre esta união da vida do batizado com Cristo, Thomas Merton diz que “o Cristo vivendo em mim é, ao mesmo tempo, Ele e eu. Do momento em que estou unido a Ele ‘num só espírito’, não há mais contradição implicada pelo fato de sermos pessoas diferentes. Cristo permanece, natural e fisicamente, o Filho de Deus nascido da bem-aventurada Virgem Maria de Nazaré, e que passou fazendo o bem e, há dois mil anos, morreu na cruz. E eu permaneço a pessoa individual que sou. Contudo, mística e espiritualmente, o Cristo vive em mim desde o momento que a Ele estou unido, em sua morte e ressurreição, pelo sacramento do Batismo e por todas as ocasiões e incidentes da vida cristã. Essa união não é meramente moral, ou um simples acordo das vontades; não é apenas união psicológica, fluindo do fato de que o retenho em meus pensamentos. Cristo identifica seus membros misticamente a si, dando-lhes seu Espírito, o Espírito Santo” (MERTON, Thomas. *O Homem Novo*. 2.ed., Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir Editora, 1967. p. 131-132).

¹³³ CIGC, n. 1693.

¹³⁴ Cf. Rm 6,2-6; Cl 2,9-15.

batizados, ou seja, como deve ser a vida no Espírito, a vida cristã¹³⁵. Desse apanhado, disposto em Rm 6,2-6 ou em Cl 2,9-15, podemos destacar os seguintes pontos: a) procurar as coisas do alto; b) mortificar os membros terrenos; c) revestir-se de sentimentos de compaixão, bondade, caridade, humildade...; d) tudo o que fizer, que seja feito em nome de Cristo; e) a vida de oração, tratar com sabedoria os de fora, entre outros ensinamentos e práticas que são próprios do exercício da vida cristã pelos batizados.

Destarte, no Batismo “a pessoa ‘se comprometeu, por meio de um pacto inviolável, a seguir em tudo o Senhor’. O seguimento de Cristo, a imitação de Cristo, é uma exigência do batismo”¹³⁶. A partir do testemunho dos Apóstolos e dos que receberam a fé muitos passaram a seguir Jesus. Essa também deve ser a missão dos batizados: serem discípulos de Jesus em toda parte, sinal e presença de Cristo no meio do mundo. O modo de viver dos cristãos fez com que, ao longo da história, outros ensinamentos emanassem e provocassem ressonância em contextos para além da família dos cristãos especificamente. Os primeiros séculos do cristianismo são, nesse sentido, uma fonte imprescindível de análise. Entre os Padres da Igreja, muitos, exortaram sobre a vida em Cristo, nalguns casos, ao ponto de chegarem à derradeira consequência de sua fidelidade, a morte por martírio.

1.3.2 Levar uma vida segundo a vida de Cristo

Ao analisarmos os testemunhos, sermões, catequeses ou outros escritos dos Padres da Igreja, notamos que, desde o princípio, a configuração a Cristo, fundamento da vocação dos cristãos, pode ser considerada um tema constantemente visitado. Percebe-se, ainda, que essa configuração nem sempre esteve ligada apenas a uma imitação moral da doutrina e dos exemplos de Jesus, porque era considerado “mestre e modelo de perfeição”¹³⁷ na vivência das virtudes cristãs e evangélicas. Há também uma imitação ontológica, isto é, que envolve o ser das pessoas que se unem a Cristo através dos sacramentos, donde resulta que a configuração a Cristo pode ser tanto moral quanto ontológica¹³⁸ – e geralmente o é de ambas as formas. Entre outras passagens, como abundarão nesta seção, é o que se pode perceber no sermão de São Leão Magno, que exorta a viver segundo a configuração a Cristo, já que, após o Batismo, o indivíduo se torna uma nova criatura, e não deve viver como antes. Assim diz: “Cristão, reconhece a tua

¹³⁵ Cf. Rm 8,1-39; Cl 3,1-4,6.

¹³⁶ OÑATIBIA, 2007, p. 256.

¹³⁷ LG, n. 40.

¹³⁸ SILBERER, Michael. *A Configuração a Cristo no Batismo e na Crisma*. Disponível em: <<https://institutumsapieniae.files.wordpress.com/2019/03/sc-2018-05-mi.pdf>>. Acessado em 17 de maio de 2023. p. 133.

dignidade. Por participares agora da natureza divina, não te degeneres, retornando à decadência de tua vida passada. Lembra-te da Cabeça a que pertences e do corpo de que és membro. Lembra-te de que foste arrancado do poder das trevas e transferido para a luz e o Reino de Deus”¹³⁹.

No âmbito da vivência das virtudes, São Gregório de Nissa vai dizer que “o objetivo da vida virtuosa é tornar-se semelhante a Deus”¹⁴⁰. Já Cipriano de Cartago, em seu Tratado – à semelhança de São Leão, supracitado – recorda que, ao sermos batizados, fomos santificados; por isso, não podemos nos esquecer do pedido de Deus de sermos santos como Ele o É. E que, uma vez santificados pelo Batismo, possamos não retornar à vida de pecado: “Bem, porque ele diz, ‘Sejam Santos, como eu sou santo’, nos perguntamos e suplicamos, que nós que fomos santificados no batismo possamos continuar nisso no qual passamos a existir”¹⁴¹. A vida de santidade, a vida cristã exige esforço e testemunho constantemente, pois, a todo instante, os cristãos são chamados a dar razão de sua fé e de sua esperança¹⁴² – até a morte, se necessário. É nesse sentido que devemos entender a afirmação de São Jerônimo: “[...] todos os dias me perguntam a minha confissão de fé; como se quando eu fui regenerado no batismo não tivesse feito nenhuma”¹⁴³.

Um manuscrito antigo, endereçado a uma pessoa chamada Diogneto, e cuja autoria e datação ainda resta desconhecida, apresenta importantes indicativos sobre o modo como viviam os cristãos dos primeiros séculos. Segundo a anotação, eram considerados sinais de Cristo no mundo, conforme o registro do autor que os considerava a “alma do mundo”, de modo que precisavam “viver conforme os costumes que convêm à nossa condição de membros de nosso Senhor Jesus Cristo”¹⁴⁴. Com o intuito de iluminar o que acabamos de dizer, segue um fragmento da carta:

Não se distinguem os cristãos dos demais, nem pela região, nem pela língua, nem pelos costumes. Não habitam cidades à parte, não empregam idioma diverso dos outros, não levam gênero de vida extraordinário. A doutrina que se propõem não foi excogitada explicitamente por homens curiosos. Não seguem opinião humana alguma, como vários fazem.

¹³⁹ LEÃO MAGNO, *Sermo* 21,3 In. CIGC, n. 1691.

¹⁴⁰ GREGÓRIO DE NISSA, *De Beatitudinibus oratio*, 1. In. SILBERER, 2018, p. 130. cf. 1Jo 3,2.

¹⁴¹ CIPRIANO DE CARTAGO, Tratado 4, 12. In. RODRIGUES, Rafael. *Pais da Igreja e o Sacramento do Batismo*. Desde 17 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.apologistascaticos.com.br/index.php/patristica/estudos-patristicos/707-pais-da-igreja-e-o-sacramento-do-batismo>>. Acessado em 17 de maio de 2023.

¹⁴² 1Pd 3,15.

¹⁴³ SÃO JERÔNIMO, Carta XVII, 3. In. RODRIGUES, Rafael. *Pais da Igreja e o Sacramento do Batismo*. Desde 17 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.apologistascaticos.com.br/index.php/patristica/estudos-patristicos/707-pais-da-igreja-e-o-sacramento-do-batismo>>. Acessado em 17 de maio de 2023.

¹⁴⁴ THEODORO DE MOPSUÉSTIA, *Hom. cat.* XIII, 12. In. OÑATIBIA, 2007, p. 256.

Moram alguns em cidades gregas, outros em bárbaras, conforme a sorte de cada um; seguem os costumes locais relativamente ao vestuário, à alimentação e ao restante estilo de viver, apresentando um estado de vida (político) admirável e sem dúvida paradoxal. Moram na própria pátria, mas como peregrinos. Enquanto cidadãos, de tudo participam, porém tudo suportam como estrangeiros. Toda terra estranha é pátria para eles e toda pátria, terra estranha.

Casam-se como todos os homens e como todos procriam, mas não rejeitam os filhos. A mesa é comum; não o leito.

Estão na carne, mas não vivem segundo a carne. Se a vida deles decorre na terra, a cidadania, contudo, está nos céus. Obedecem às leis estabelecidas, todavia superam-nas pela vida.

Amam a todos, e por todos são perseguidos. Desconhecidos, são condenados. São mortos e com isso se vivificam.

Pobres, enriquecem a muitos. Tudo lhes falta, e têm abundância de tudo. Tratados sem honras, e nestas desonras são glorificados. São amaldiçoados, mas justificados. Amaldiçoados, e bendizem. Injuriados, tributam honras. Fazem o bem e são castigados quais malféitores. Supliciados, alegam-se como se obtivessem vida. Hostilizam-nos os judeus quais estrangeiros; perseguem-nos os gregos, e, contudo, os que os odeiam não sabem dizer a causa desta inimizade¹⁴⁵.

Assim sendo, muitos cristãos, na busca por levar uma vida segundo a vida de Cristo, porque dela participam por meio do Batismo, derramaram seu sangue. Derramar o sangue, nesse sentido, é dar testemunho de verdadeiro cristão, pois mostrou-se capaz de assumir até as últimas consequências a verdade de Cristo, vivendo-a até os últimos instantes da vida, mesmo diante da morte por abraçar a fé cristã. O martírio, ou, mesmo, o batismo de sangue, implica em testemunhar com a vida o amor de Deus, que também se estende aos irmãos¹⁴⁶.

No Evangelho de São Marcos, Jesus alerta aos seus discípulos – Tiago e João –, diante do pedido feito a Ele para se sentarem um à direita e outro à esquerda, que a Sua missão compreende a morte, pelo que, como consequência, da mesma forma poderá ser para aqueles que o seguirem. Esse é o significado da afirmação: “[...] do cálice que eu beber, vós bebereis, e com o batismo com que eu for batizado, sereis batizados”¹⁴⁷. Jesus quer mostrar que o seu seguimento envolve entrega total. Há uma comunhão nas mesmas dores e sofrimentos.

Destarte, desde o princípio do cristianismo, o martírio passou a ser visto como uma imitação radical de Cristo, possibilidade de participar dos seus sofrimentos, da mesma forma como também era condição de participação em sua vida plena. Ao lermos os quatro evangelhos canônicos vemos que em todos eles Jesus é apresentado como um mártir que, através da morte

¹⁴⁵ A CARTA A DIOGNETO. Tradução de Monjas beneditinos da Abadia de Santa Maria. 2.ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1984. p. 22-23. (Cap. V, 1-17).

¹⁴⁶ Assim define o Catecismo: “O martírio é o supremo testemunho prestado à verdade da fé; designa um testemunho que vai até a morte. O mártir dá testemunho de Cristo, morto e ressuscitado, ao qual está unido pela caridade. Dá testemunho da verdade da fé e da doutrina cristã. Enfrenta a morte num ato de fortaleza. ‘Deixai-me ser comida das feras. É por elas que me será concedido chegar até Deus’” (CIGC, n. 2473).

¹⁴⁷ Mc 10,39.

de Cruz, mostra-se vitorioso sobre o martírio sofrido¹⁴⁸. E, da mesma forma, o martírio sempre “foi causa de aclamação e reconhecimento de santidade. A causa primeira para a canonização dos santos é o martírio”¹⁴⁹. Para melhor corroborar o que acabamos de dizer, segue o excerto da Carta da Igreja de Esmirna sobre o Martírio de São Policarpo, em que os vestígios de tal compreensão podem ser colhidos:

Quando a fogueira ficou pronta, Policarpo desfez-se de todas as vestes e desatou o cinto; tentou desamarrar as sandálias, o que há muito não fazia, pois os fiéis sempre se apressavam em ajudá-lo, desejando tocar-lhe o corpo, no qual muito antes do martírio já brilhava o esplendor da santidade de sua vida.

Rapidamente cercaram-no com o material trazido para a fogueira. Quando os algozes quiseram pregá-lo ao poste, ele disse: “Deixai-me livre. Quem me dá forças para suportar o fogo, também me concederá que fique imóvel no meio das chamas sem necessitar deste vosso cuidado”. Assim, não o pregaram mas limitaram-se a amarrá-lo.

Amarrado com as mãos para trás, Policarpo era como um cordeiro escolhido, tirado de um grande rebanho para o sacrifício, uma vítima agradável preparada para Deus. Levantando os olhos ao céu, ele disse:

“Senhor Deus todo-poderoso, Pai do vosso amado e bendito Filho Jesus Cristo, por quem vos conhecemos, Deus dos anjos e dos poderes celestiais, de toda a criação e de todos os justos que vivem diante de vós, eu vos bendigo porque neste dia e nesta hora, incluído no número dos mártires, me julgastes digno de tomar parte no cálice de vosso Cristo e ressuscitar em corpo e alma para a vida eterna, na incorruptibilidade, por meio do Espírito Santo. Recebei-me hoje, entre eles, na vossa presença, como um sacrifício perfeito e agradável; e o que me havíeis preparado e revelado, realizai-o agora, Deus de verdade e retidão.

Por isso e por todas as coisas, eu vos louvo, bendigo e glorifico por meio do eterno e celeste Pontífice Jesus Cristo, vosso amado Filho. Por ele e com ele seja dada toda glória a vós, na unidade do Espírito Santo, agora e pelos séculos futuros. Amém”.

Depois de ter dito “Amém” e de ter terminado a oração, os algozes atearam o fogo e levantou-se uma grande labareda.

Então nós, a quem foi dado contemplar, vimos um milagre – pois para anunciá-lo aos outros é que fomos poupados: – o fogo tomou a forma de uma abóbada, como a vela de um barco batida pelo vento, e envolveu o corpo do mártir por todos os lados; ele estava no meio, não como carne queimada, mas como um pão que é cozido ou o ouro e a prata incandescente na fornalha. E sentimos um odor de tanta suavidade que parecia se estar queimando incenso ou outro perfume precioso¹⁵⁰.

¹⁴⁸ Cf. MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe; SILVA, Daniel Carvalho da. A construção simbólica do “mártir da caminhada latino-americana” *In. Revista Eclesiástica Brasileira*. vol. 81, n. 319, p. 397-423, Petrópolis, RJ. maio/ago. 2021. p. 405.

¹⁴⁹ MARTINS FILHO; SILVA, 2021, p. 399. Ver também que, segundo os mesmos intérpretes, na aurora do Cristianismo “em meio a tanta matança, o culto aos mártires tornou-se prática comum nos primeiros três séculos da era cristã. Venerava-se a sepultura e celebrava-se a eucaristia sobre o túmulo. Conservavam-se as relíquias e depois se construíam igrejas sobre os locais dos túmulos daqueles cristãos mais ilustres” (MARTINS FILHO; SILVA, 2021, p. 405).

¹⁵⁰ DA CARTA DA IGREJA DE ESMIRNA SOBRE O MARTÍRIO DE SÃO POLICARPO (Cap.13,2– 15,3) (Séc. I). *In. CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Liturgia das Horas: Tempo Comum 1ª-17ª Semana. 2.ed., típica*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Paulo, SP: Paulinas, Paulus, Editora Ave-Maria, 2000. (vol. III). p. 1281-1282.

Assim sendo, ser chamado de mártir – do grego *μάρτυς* – é ser chamado de testemunha. Daí podemos compreender porque Jesus é chamado no Apocalipse de a “testemunha fiel”¹⁵¹. Ele é o mártir por excelência. Por conseguinte, o próprio Jesus disse aos seus discípulos: “[...] sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”¹⁵². Portanto, “o Batismo é a fonte da vida nova em Cristo, fonte esta da qual brota toda a vida cristã”¹⁵³. Vida essa que busca se configurar a Cristo de modo que, se preciso for, é capaz de doar-se incondicionalmente, tornando-se verdadeira testemunha de Cristo Jesus e Seu Reino. O martírio é, então, mais que entregar a própria vida; é entregar a própria vida em virtude de uma causa, ou seja, participar do Reino de Deus. Nesse caso, as causas valem mais do que a própria vida¹⁵⁴. Eis que estamos diante de um grande paradigma simbólico, no qual alcançar o Reino de Deus se dá através da entrega total de si, da própria vida e na configuração a Cristo, por causa de um ideal bem maior, apresentado pelo Evangelho.

1.3.3 O Batismo nos torna cooperadores de Deus

Ao lermos o Sagrado Magistério, veremos que, no que respeita à espiritualidade do Batismo, necessita ser uma espiritualidade cristã, pautada sob a “influência de Cristo, de sua vida, graça, seu Espírito e sua missão”¹⁵⁵. O ponto principal da vida cristã é a experiência batismal, que consiste na vivência do Mistério Pascal¹⁵⁶.

Eis porque, pela vontade de Deus, o Pai, somos chamados a Cristo, por meio do Espírito Santo. Através das sementes do Verbo e da pregação do Evangelho é-nos suscitada a Fé em Cristo Jesus. Com isso, o Batismo nos incorpora a Cristo, tornando-nos cooperadores de Deus e vocacionados a uma missão semelhante à de Jesus, no seu exercício como Sacerdote, Profeta e Rei. Desse modo, a comunidade dos batizados é sinal vivo da presença de Deus no mundo¹⁵⁷.

¹⁵¹ Cf. Ap 1,5; 3,14.

¹⁵² Cf. At 1,8; Lc 24,48;

SILVA, Daniel Carvalho da. Espiritualidade Martirial: uma experiência de fé latino-americana. *In. Franciscanum*. vol. 64, n. 177, p. 1-26. jan./jun., 2022. p. 8.

¹⁵³ CIgC, n. 1254.

¹⁵⁴ Cf. MARTINS FILHO; SILVA, 2021, p. 418.

¹⁵⁵ OÑATIBIA, 2007, p. 255.

¹⁵⁶ Cf. OÑATIBIA, 2007, p. 255.

¹⁵⁷ Nesse sentido, Tabora apresenta que “*também na vida cristã os dois aspectos, eclesial e pessoal, são inseparáveis*. Ser cristão é ser Igreja; ser cristão é ter sido e continuar a ser transformado pessoalmente pela ação do Espírito. Mais, exatamente, a dimensão eclesial é mediação para a realização pessoal. Na Igreja e através dela, Deus opera, em cada membro da Igreja, a salvação” (TABORDA, Francisco. *Nas Fontes da Vida Cristã: Uma teologia do batismo-crisma*. 3.ed., rev. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2012. (Coleção Theologica). p. 35 – grifo do autor).

O Catecismo afirma que “pelo Batismo, somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus; nos tornamos membros de Cristo; somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão”¹⁵⁸. Do mesmo modo, por meio do Batismo, nossa vida passa a ser propriedade de Cristo: “libertados da escravidão do pecado, temos sido postos sob o domínio de Cristo, a quem reconhecemos como Senhor; nossa vida está inteiramente a seu serviço: ‘Devemos servir àquele a quem já começamos a pertencer’”¹⁵⁹.

A vida em Cristo pelo Batismo nos dá “a justa dimensão de todas as coisas, fazendo-nos ver o mundo com os olhos e o coração de Deus”¹⁶⁰. É dever de todos os batizados darem testemunho de Cristo através da vida e das palavras, em casa, na família, ou no grupo social, profissional, a fim de que Deus seja tudo em todos¹⁶¹. Por isso, nunca devemos nos esquecer que “somos cristãos na medida em que deixamos Jesus Cristo viver em nós. [...] o Batismo ‘cristifica-nos’, quem recebeu o Batismo e é ‘cristificado’ assemelha-se a Cristo, transforma-se em Cristo, tornando-se deveras outro Cristo”¹⁶². Além disso, ser cristão, também significa

[...] renascer do alto, de Deus, da Graça. Este renascimento é o Batismo, que Cristo concedeu à Igreja a fim de regenerar os homens para uma vida nova. Afirma um antigo texto atribuído a santo Hipólito: “Quem desce com fé neste lavacro de regeneração, renuncia ao demônio e põe-se ao lado de Cristo, renega o inimigo e reconhece que Cristo é Deus, despoja-se da escravidão e reveste-se da adoção filial”¹⁶³.

Da mesma forma que os que renasceram na água e no Espírito em Cristo, e que agora estão unidos a Ele, são chamados a entrarem em comunhão com Cristo, a música litúrgica, como uma das expressões da arte sacra, quer anunciar o mistério da Salvação a fim de que o coração humano, através da Beleza – *via pulchritudinis* –, entre em comunhão com o Senhor¹⁶⁴. Pois, “ao celebrar o mistério pascal de Cristo, a música põe-nos em contato vital com esse mistério por meio de mecanismos da língua e dos significados contidos nos seus constituintes (melodia, ritmo, cadência etc.)”¹⁶⁵. Esses constituintes estão ligados ao conceito de música que

¹⁵⁸ CIGC, n. 1213.

¹⁵⁹ OÑATIBIA, 2007, p. 256.

¹⁶⁰ FRANCISCO. *Mensagem para o dia Mundial das Missões 2019*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html>. Acessado em 18 de maio de 2023.

¹⁶¹ Cf. AG, n. 21; 1Cor 15,28.

¹⁶² FRANCISCO, 2018, p. 15;18 – Audiência Geral sobre o Batismo 11 de abril de 2018.

¹⁶³ BENTO XVI. *Angelus 13 de janeiro de 2013*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2013/documents/hf_ben-xvi_ang_20130113_battesimo.html>. Acessado em 19 de maio de 2023.

¹⁶⁴ JOÃO PAULO II. *Carta do Papa João Paulo II aos artistas* (1999). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html>. Acessado em 19 de maio de 2023. n. 12.

¹⁶⁵ ALMEIDA, Márcio Antônio. O coração na boca: a música litúrgica como ação ritual e expressão sensível do mistério celebrado. In. *Encontros Teológicos*. vol. 38, n. 1. jan./abr. Florianópolis, SC: Faculdade Católica de Santa Catarina, 2022. p. 65-84. p. 70.

Santo Agostinho apresenta em sua obra *De Musica*: “ciência do bem modular”¹⁶⁶, que faz com que o prazer encontrado pelo cantor, ou pelos que ouvem, nos ritmos sonoros, na métrica, leve-os à harmonização de sua alma, preparando-os, assim, para a contemplação do Belo, o Criador de todas as coisas¹⁶⁷.

Em suas *Confissões*, o Doutor da Graça reconhece que através das canções que escutava no seu processo de conversão, encontrava satisfação, por serem bem moduladas, com voz suave e com arte, referindo-se, aqui, à questão métrica que o fazia transportar-se a outra realidade, a realidade do mistério. Agostinho também trata do papel pedagógico-mistagógico do canto comunitário, pois, no culto litúrgico a música serve como elemento condutor da Palavra e como instrumento de oração, para que, convertendo-se, o coração possa alcançar a verdade da fé¹⁶⁸, num aperfeiçoamento da vida espiritual, assim como ocorre no Batismo. Vejamos o que acabamos de dizer no excerto a seguir:

Agora confesso, encontro alguma satisfação nas canções que tuas palavras animam, quando são cantadas com voz suave e com arte [...] e que todas as afeições de nosso espírito, segundo sua diversidade, encontram seus modos próprios no som e no canto, pelos quais são estimuladas não sei por qual afinidade [...] Porém, quando relembro as lágrimas que verti ouvindo o canto da igreja no começo da reconquista de minha fé, e quando ainda hoje me comovo, não pelo canto, mas pelas coisas que se cantavam com voz fluente e modulação perfeita, volto a reconhecer a grande utilidade dessa instituição¹⁶⁹.

Ao falarmos de aperfeiçoamento da vida espiritual, podemos elencar outro aspecto da música, isto é, do canto litúrgico, que está relacionado com o Batismo. Trata-se de sua *performatividade*, ou seja, a capacidade que possui de unir os que professam uma mesma fé, congregando-os num mesmo espírito, o Espírito de Cristo. A música é, então, um importante meio para se professar a fé, para dar testemunho da vida em Cristo e anunciar a Palavra que salva. Conforme a indicação de Agostinho nas *Enarationes in Psalmus*¹⁷⁰, isso ocorre devido

¹⁶⁶ AGOSTINHO, Santo. *A Música*. Tradução de Érico Nogueira. São Paulo, SP: Paulus, 2021. (Patrística 45). p. 30.

¹⁶⁷ Cf. OLIVEIRA, Vinícius Gustavo Nascimento. *Da música ao Belo em Agostinho de Hipona*. Monografia (Bacharelado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz. Goiânia, Go, 2018. p. 46.

¹⁶⁸ Na liturgia, o canto litúrgico está sempre a serviço da Palavra, pois “somente assim pode o canto contribuir, por seu efeito pedagógico-mistagógico, no aperfeiçoamento da vida espiritual – o que aqui também podemos nomear de vida ascética, isto é, a vida do espírito, como máxima expressão da vivência religiosa” (MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. “Na origem, o som precede o canto”: impressões sobre canto e música em Agostinho de Hipona. *In. Numen*. v. 26, n.1, p. 11-27, jan./jun., 2023. p. 19).

¹⁶⁹ AGOSTINHO, Aurélio. *Confissões*. Traduzido por Lorenzo Mammi. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017. p. 289-290.

¹⁷⁰ No comentário ao Salmo 99, no Sermão ao Povo, Agostinho diz: “Quem jubila não pronuncia palavras. O júbilo é som alegre, sem palavras. É a voz da alma, transbordante de alegria, a exprimir quanto possível seu afeto, sem dar-lhe sentido preciso. O homem, com alegria e exultação inexprimíveis e ininteligíveis, deixa transbordar sua alegria, sem palavras. Demonstra na voz a alegria, mas repleto de excessivo gáudio, não o explica oralmente.

ao *jubilus*, ou seja, o júbilo característico e próprio da assembleia cristã que celebra a realidade da obra redentora do Deus humanado e a presença do Senhor – *Kyrios* – ressuscitado. Justamente por isso, repleta de alegria e entusiasmo pela fé celebrada, que é a mesma fé vivida, entoia um canto jubiloso ao Senhor Deus, pelas maravilhas que Ele operou através de Seu Filho¹⁷¹. “Nesse caso, não mais se está condicionado ao limite das palavras, tornando ao homem possível abrir-se para Deus, o inefável, como expressão livre do seu espírito”¹⁷². O batizado é, então, justificado de suas faltas; é chamado a entoar o “cântico novo” ao Senhor com seu hino de júbilo, através de sua vida. Assim ensina Santo Agostinho, em comentário ao Salmo 32:

“Cantai-lhe um cântico novo”. Despi tudo o que é velho. Conheceis o cântico novo. Homem novo, Novo Testamento, cântico novo. O cântico novo não pertence a homens velhos. Só o aprendem os homens novos, renovados pela graça, de sua velhice, e já pertencentes ao Novo Testamento, que é o reino dos céus. Por ele suspira todo o nosso amor e canta um cântico novo. Cante o cântico novo, não com a língua, mas com a vida. “Cantai-lhe um cântico novo. Cantai-lhe bem”. Cada qual pergunte a si mesmo como há de cantar a Deus. Cantai-lhe, mas bem. Ele não quer ter os ouvidos a doer. Canta bem, irmão. Se alguém te disser, na presença de um bom músico: Canta de maneira que ele aprecie. Se não és instruído na arte musical tremes, de medo de desagradar ao artista. O artista critica em ti o que um inexperto não percebe. Quem há de se oferecer para cantar bem diante de Deus, que ouve, julga o cantor, tudo examina? Quando poderás apresentar-te com tanta arte e finura no canto que em nada firas ouvidos tão perfeitos? Mas, eis que ele te dá um estilo para cantar. Não procures palavras, como se pudesse explicar em que Deus se compraz. Canta “com júbilo”. Cantar bem a Deus é cantar com júbilo. O que quer dizer: cantar com júbilo? Entender, não poder explicar com palavras o que se canta no coração. Pois, aqueles que cantam na colheita, na vinha, em algum trabalho pesado, começando a exultar de alegria por meio das palavras dos cânticos e estando repletos de tanta alegria que não podem exprimi-la, deixam as sílabas das palavras e emitem sons jubilosos. O júbilo é som significativo de que o coração está concebendo o indizível. E diante de quem é conveniente tal júbilo senão diante do Deus inefável? Inefável é aquilo de que é impossível falar. E se não podes falar e não deves calar, o que resta senão jubilar? O coração rejubila sem palavras e a imensidão do gáudio não se limita a sílabas. “Cantai-lhe bem com júbilo”¹⁷³.

[...] Quando é, pois, que jubilamos? Quando louvamos o que é inefável” (AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos Salmos (51-100)*. Tradução de monjas beneditinas. São Paulo, SP: Paulus, 1997b. p. 1168-1169. (Patrística 9/2).

¹⁷¹ BASURKO, 2005, p. 78.

Quanto ao que se compreende por júbilo, Basurko o define como sendo “essencialmente uma manifestação de alegria, ‘o copiosíssimo e inenarrável prazer que não se expressa com palavras, mas com voz inefável” (BASURKO, 2005, p. 81).

¹⁷² MARTINS FILHO, 2023, p. 13.

¹⁷³ AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos Salmos (1-50)*. Tradução de monjas beneditinas. São Paulo, SP: Paulus, 1997a. (Patrística 9/1). p. 392-393.

Ao comentar o Salmo 32, Santo Agostinho exorta aos que são justificados, os justos, a exultarem no Senhor e “não em vós mesmos, porque isto é inseguro; mas no Senhor. ‘Aos retos convém louvá-lo’. Louvam o Senhor os que a ele se submetem; do contrário, são distorcidos, tortos. ‘Celebrai o Senhor com a cítara’. Celebrai o Senhor, oferecendo-lhe vossos corpos como hóstias vivas (Rm 12,1). ‘Entoai-lhe hinos no saltério de dez cordas’. Vossos membros se deem ao amor de Deus e do próximo, que constam de três e sete mandamentos. ‘Cantai-lhe um cântico novo’. Entoai-lhe o cântico da graça da fé. ‘Cantai-lhe bem com júbilo’. Com alegria, cantai-lhe bem” (AGOSTINHO, 1997a, p. 379).

Há, contudo, uma redundância do que se canta sobre a vida consequente, sobre o comportamento e todo o ser do cristão, porque, ainda segundo Agostinho, “nós [...] que aprendemos na Igreja a cantar as palavras de Deus, juntos esforçemo-nos por ser o que está escrito: ‘Feliz o povo que entende o júbilo’ (Sl 88,16)”¹⁷⁴. Somente assim, após compreendermos o que vem a ser cantar com júbilo é que devemos “com serenidade de coração conhecer e ver aquilo que cantamos com vozes uníssonas”¹⁷⁵: Cantamos a respeito de Cristo e de sua doutrina, que trazemos com marcas em nossa história e em nossas vidas¹⁷⁶.

Portanto, tendo aqui chegado, concluímos a primeira parte do nosso trabalho, por meio da qual quisemos apresentar sinteticamente a teologia do Batismo, partindo de três aspectos principais do Sacramento do Batismo: o cristológico, o eclesiológico e o vivencial. Enquanto isso, a fim de prepararmos a ambiência ao tratamento que será dado à questão do canto e da música, que é nosso enfoque específico, tentamos sempre desenvolver comparações entre esses aspectos e a música litúrgica. Acreditamos, assim, ter construído uma base conceitual robusta o suficiente para passarmos ao próximo momento de nossa reflexão, que tomará a dimensão do canto batismal: os eleitos, congregados a Cristo e, por isso, dispersos entre todos os povos da terra como seu perene testemunho, em nome da paz e da justiça de seu Reino.

¹⁷⁴ AGOSTINHO, 1997a, p. 173.

¹⁷⁵ AGOSTINHO, 1997a, p. 173.

¹⁷⁶ Cf. AGOSTINHO, 1997a, p. 173.

2 CANTAR A LITURGIA BATISMAL: CELEBRAR O GRANDE MISTÉRIO DA NOSSA SALVAÇÃO

*Canta meu povo, canta o louvor de teu Deus,
que se fez homem e por nós morreu,
que ressuscitou pelo amor dos seus!*
– Pe. Geraldo Leite Bastos

A música, especialmente por meio do canto, é algo próprio do homem desde sempre. Em todas as fases e momentos de sua vida, ele celebra com festa, com alegria, com canto e música. Quando se trata da vida cristã, também ocorre da mesma maneira. A música tem a capacidade de elevar o homem a Deus, de expressar as suas emoções, as suas súplicas, agradecimentos. Na celebração dos Sacramentos, da liturgia, a música tem a importante missão de colocar em evidência o Mistério da salvação, o Mistério da fé da comunidade celebrante. Por isso, quando se celebra o Batismo, um dos modos de promover a participação ativa dos fiéis, professar e transmitir a fé, é o canto. Assim sendo, cantar a liturgia batismal é cantar a alegria do Senhor Ressuscitado que venceu o mal e a morte, e nos deu vida plena. Cantar a liturgia batismal é cantar a Páscoa do Senhor que nos fez renascer pela água e pelo Espírito. No presente capítulo, apresentaremos o que constitui o canto na liturgia batismal: cantar o mistério da fé, cantar o mistério da nossa salvação e cantar a Páscoa de Jesus Cristo.

2.1 CANTAR A LITURGIA: CANTAR O MISTÉRIO DA FÉ DO POVO DE DEUS

O homem foi criado por Deus para amá-Lo e louvá-Lo¹⁷⁷. Por isso, ao eleger o seu povo e firmar com ele uma aliança, valeu-se de uma interface comunicativa, isto é, de uma linguagem por meio da qual pudesse se conectar. Nesse sentido, a liturgia, o culto agradável a Deus, cumpre essa função de ser elo entre o homem e Deus: vale-se da própria linguagem dos homens para que haja a comunicação e a celebração dos mistérios. Dito de outro modo, a liturgia serve-se dos mesmos elementos por meio dos quais as pessoas celebram a sua vida¹⁷⁸. Desse modo, desde os tempos remotos a humanidade utilizou a música e o canto para expressar seu sentimento, festejar e louvar. O mesmo também ocorre no âmbito do culto a Deus.

¹⁷⁷ Cf. Is 43,21; Ef 1,5-6. 11-12; Dt 10,21; Sl 71(70),6.

¹⁷⁸ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Animação da vida litúrgica no Brasil*. 22.ed., São Paulo, SP: Paulinas, 2010. (Documentos da CNBB 43). n. 75.

Diante dessa realidade, podemos destacar a antropologia de Victor Frankl, que nos ajuda a entender qual o motivo do homem estar sempre em relação com o transcendente e, muitas vezes, lhe prestar culto, expressar seus sentimentos e fazer música. Conforme esse autor, existe no íntimo do ser humano um sentimento religioso. Ele constata isso a partir da análise existencial, descobrindo que há “dentro da espiritualidade inconsciente do ser homem, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no ser humano, embora muitas vezes permaneça latente”¹⁷⁹. Isso faz com que ele tenha um desejo ardente de estar em comunhão com Deus¹⁸⁰, pois o considera seu ponto de partida e chegada, e deixa-se envolver pela nostalgia e fantasia da divindade¹⁸¹.

Ao ser envolvido por essa realidade transcendente, o homem busca, através da música, elevar-se a Deus. A música lhe permite adentrar essa realidade transcendental, ou, pelo menos, aproximar-se dela. Por isso, ao falarmos de canto e música litúrgica, não é diferente. A música litúrgica é esse instrumento de fazer com que o homem participe das realidades invisíveis e expresse sua fé. Como lembra o Joseph Gelineau, na “celebração do culto da Igreja, a ideia não é ‘fazer música’ e sim, através da arte musical, penetrar no mistério da salvação”¹⁸². Isso é cantar a Liturgia. Para isso, vejamos como a música foi se estruturando ao longo dos tempos, desde o culto do Antigo Testamento.

2.1.1 Cantar as maravilhas realizadas pelo Senhor

Como dissemos, não é novo o uso do canto religioso e da arte musical para ornamentar, dar certo decoro às cerimônias religiosas. Se até mesmo entre os povos pagãos ocorre essa prática, não é de se estranhar que os povos que prestam culto ao Deus Verdadeiro, também o façam¹⁸³. Essa é uma prática desde a Antiguidade. Assim, na religião bíblica a música encontra um lugar especial. Esse dado pode ser mensurado, entre outras possibilidades, tomando a abundante quantidade de vezes em que se repetem as palavras “cantar” ou “canto” nas Sagradas

¹⁷⁹ FRANKL, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 10.ed., São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997. p. 58.

¹⁸⁰ Esse desejo incessante de estar em comunhão com Deus se dá devido ao fato de que “a história do homem é lida pelo cristão em chave escatológica, como história da salvação, diálogo de amor entre Deus e o homem” (RAMPAZZO; CANOVA; DURIGHELLO, 2022, p. 19).

¹⁸¹ Cf. BECKHÄUSER, Alberto. *Liturgia*. 2.ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. (Iniciação à Teologia). 2019, p. 191.

¹⁸² GELINEAU, 1968, p. 6.

¹⁸³ Cf. PIO XII. Encíclica *Musicae Sacrae Disciplina* sobre a Música Sacra. In. DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITÚRGICA (1903-2003). 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2017. p. 35-60. n. 3.

Escrituras: no Antigo Testamento, aparecem 309 vezes, e 36 vezes no Novo Testamento. Muito possivelmente essas são as palavras mais utilizadas na Bíblia. Um dos prováveis motivos para que isso ocorra é que nos encontros do homem com Deus as palavras geralmente não são o bastante, pelo que uma parte de sua condição, isto é, a linguagem para além dos limites da performatividade racional, é despertada e imediatamente se manifesta: o canto¹⁸⁴. Como recordou o Papa Bento XVI, de feliz memória:

O canto aparece pela primeira vez na Bíblia ao final da passagem do Mar Vermelho. Israel, então, liberta definitivamente da escravidão, acaba de experimentar o poder de Deus de modo impressionante. Assim como Moisés recebe o dom da vida no instante em que é salvo das águas, assim também Israel, “salva das águas”, vive então uma vida nova, recebida diretamente da mão de Deus. E Israel “confiou no Senhor e em seu servo Moisés” (Ex 14,31), uma reação tão logo seguida de outra, que irrompe de forma irrefreável: “Então Moisés e os israelitas entoaram em honra do Senhor o seguinte cântico [...]” (15,1)¹⁸⁵.

Moisés, sua irmã Miriam e todo o Povo de Israel, entoaram um canto, exultantes de alegria, porque o Senhor os libertou das mãos do Faraó; porque a vida lhes era restituída de maneira plena, devolvida às suas próprias mãos. À iniciativa poderosa de Deus, responde a iniciativa pulsante humana, através do canto coletivo, com festa e dança. Esse canto é expressão cultural do Povo ao Senhor, pois louvam-No, por realizar maravilhas em seu favor.

Como exemplo de outra narrativa bíblica em que o canto se faz presente para prestar culto a Deus, temos a passagem em que a Arca da Aliança é transferida da casa de Abinadab para a Cidade de Davi. Conforme o relato, o Rei e todo o povo dançam, tocam instrumentos de madeira trabalhados, cítaras, címbalos, lira, tímpanos, sistros, celebrando a presença de Deus em seu meio¹⁸⁶.

Segundo a tradição judaica, aliás, foi o próprio Rei Davi quem introduziu e fixou as regras da música no culto sagrado do Antigo Testamento, sob a autorização do Senhor Deus¹⁸⁷, o que também incluía o canto, e não apenas a música instrumental. Essas regras foram estabelecidas após o regresso do povo do exílio e conservadas até a vinda do Redentor¹⁸⁸. Sobre isso, por conseguinte, é preciso lembrar o modo como Davi organizou o ministério dos cantores, no culto sagrado, um processo dividido em 3 partes: a) primeiro, ordenou os levitas a organizarem uma orquestra e um coro para acompanhar o transporte da arca até a tenda em

¹⁸⁴ Cf. BENTO XVI. *O espírito da música*. Tradução de Felipe Lesage. São Paulo, SP: Ecclesiae, 2017. p. 115.

¹⁸⁵ BENTO XVI, 2017, p. 115.

¹⁸⁶ Cf. 2Sm 6,5.

¹⁸⁷ Cf. 2Cr 29,25.

¹⁸⁸ Cf. MSD, n. 3.

Jerusalém¹⁸⁹; b) segundo, mandou cantar durante o sacrifício¹⁹⁰; c) e terceiro, estruturação da música no Templo, que seria utilizada no período de Salomão¹⁹¹.

A partir daí tanto o culto templário quanto o sinagoga passariam a ter presente a música em suas ações sagradas, perdurando por gerações e chegando a influenciar os cristãos no modo de celebrar com canto e música. Trata-se de um processo que gradualmente foi se estruturando, até chegarmos à compreensão do que atualmente consideramos cantar a liturgia, ou, o mesmo, do que se entende por música litúrgica em nossa época. “Ora, a Igreja já canta desde o tempo de Jesus e seus Apóstolos, que cantavam na sinagoga e trouxeram esse canto para a Igreja”¹⁹². A respeito disso, os Salmos são o registro mais significativo “da experiência de um povo a traduzir sua vida e sua fé em música, canto e dança. [...] foram o livro de canto do Povo de Israel, de Maria, de Jesus de Nazaré, dos Apóstolos, da Igreja nascente e continuam sendo, séculos afora, até hoje, o repertório elementar da celebração cristã”¹⁹³. O próprio Jesus, na Páscoa, cantou os salmos com os seus discípulos¹⁹⁴.

Vimos que, desde o início, o canto para o povo de Israel, e depois para os cristãos, é, sobretudo, expressão de festa. Cantam as maravilhas realizadas pelo Senhor, a Sua presença em seu meio. Isso podemos exemplificar através do Salmo 150, que apresenta um convite de louvor a Deus, os motivos para louvá-Lo, quem deve louvá-Lo e o uso dos instrumentos como parte do louvor festivo¹⁹⁵:

Aleluia!
 Louvai a Deus em seu Templo,
 louvai-o no seu poderoso firmamento,
 louvai-o por suas façanhas,
 louvai-o por sua grandeza imensa!
 Louvai-o com toque de trombeta,
 louvai-o com cítara e harpa;
 louvai-o com dança e tambor,
 louvai-o com cordas e flautas;
 louvai-o com címbalos sonoros,
 louvai-o com címbalos retumbantes!
 Todo ser que respira louve a Iahweh!
 Aleluia!¹⁹⁶

¹⁸⁹ Cf. 1Cr 15,16-24.

¹⁹⁰ Cf. 1Cr 16,4-6;37-42.

¹⁹¹ Cf. 1Cr 23,2-26,32.

¹⁹² BENTO XVI, 2017, p. 23-24.

¹⁹³ Est. CNBB 79, n. 90.

¹⁹⁴ Cf. Mt 26,30.

¹⁹⁵ MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe; MARQUES, Mariosan de Sousa. Música e ritualidade na tradição Bíblico-Cristã: Salmos e Cânticos de ontem e de hoje. In. *Fragmentos de Cultura*. vol. 26, n. 4, p. 607-619, out./dez. 2016. p. 609.

¹⁹⁶ Sl 150, 1-6.

Como se sabe, o núcleo da celebração de adoração a Deus na religião cristã é constituído por uma dupla centralidade, configurada num só mistério celebrado: a Liturgia da Palavra e o Sacrifício Cultural¹⁹⁷. Modelo esse herdado da liturgia sinagoga, assim como Jesus e seus apóstolos também praticaram¹⁹⁸. Assim, pode-se dizer que há presente na liturgia cristã uma continuidade e, ao mesmo tempo, uma ruptura com a liturgia de Israel. Isso porque, tanto para Israel, quanto para os cristãos, a celebração litúrgica gira entorno do caráter memorial, ou seja, da possibilidade de se fazer memória dos feitos do Senhor na vida do seu povo, num caráter festivo dado pelo louvor, como canta o salmista:

Aclamai a Iahweh, terra inteira,
servi a Iahweh com alegria,
ide a ele com gritos jubilosos!
Sabei que Iahweh é Deus,
ele nos fez e a ele pertencemos,
somos seu povo, o rebanho do seu pasto.
Entraí por suas portas dando graças,
com cantos de louvor pelos seus átrios,
celebrai-o, bendizei o seu nome.
Sim! Porque Iahweh é bom:
o seu amor é para sempre,
e sua verdade de geração em geração¹⁹⁹.

A diferença que se estabelece, porém, é a de que, na religião cristã, essa continuidade ganha um novo sentido, ou seja, ela é interpretada. “Os momentos e atos do culto de Israel recebem sentido novo nas comunidades cristãs”²⁰⁰. Além das novidades presentes na liturgia cristã, existe também a fração do pão e a Ceia do Senhor com seu caráter sacrificial e festivo, pois faz memória da noite da Ceia Pascal, em que Cristo, nossa Páscoa, foi imolado, conforme

¹⁹⁷ Cf. STADELMANN, Luís I. J. *Hinos cristãos da Bíblia*. São Paulo, SP: Edições Loyola; Paulinas, 2016. p. 13.

¹⁹⁸ Como apresenta Johan Konings, “Jesus e os seus discípulos/seguidores não criaram um novo culto. Viveram os costumes de Israel, porém, seletiva e criticamente, abandonando alguns, ressignificando outros. Jesus frequenta a sinagoga aos sábados, participa do culto do Templo e das peregrinações, mas também transgredir a ordem cultural, manifestando sua soberania sobre o sábado (Mc 2,23-28 par.) e sobre as leis da pureza alimentar (Mc 7,1-23 par.). Assim como reinterpreta a Lei em função da justiça e da misericórdia de Deus (Sermão da Montanha), o culto é para ele uma ocasião para revelar a misericórdia de Deus (Mc 3,1-6 par.), do mesmo modo como a revela fora do culto, nas refeições, nos encontros. Jesus prolonga a tradição crítica dos profetas (Mc 11,15-17 cf. Is 56,7 e Jr 7,3-11; Mt 9,13 cf. Os 6,6). Subordina o sacrifício ao perdão fraterno (Mt 5,23-24). Ensina a simplicidade na oração (Mt 6,7-13| Lc 11,1-4)” (KONINGS, Johan. (2020). *Bíblia e Liturgia, uma simbiose*. In. *Theologica Latinoamericana Enciclopédia Digital*. Disponível em: <<http://teologicalatinoamericana.com/?p=1976>>. Acessado em 27 de maio de 2023).

¹⁹⁹ Sl 100(99), 1-5.

²⁰⁰ KONINGS, 2020.

cantamos na quinta-feira santa, na abertura do Tríduo Pascal²⁰¹. Desse modo, o canto, a música também acompanham essas novidades da liturgia cristã²⁰².

No Novo Testamento vemos que o canto e a música estão presentes em diversos momentos como louvor, sendo muitas vezes os salmos e hinos da tradição judaica apropriados para expressar a fé em Jesus Cristo e elevar um louvor a Deus. Alguns deles são: i) o *Magnificat* – Maria canta o louvor a Deus, Senhor da história e Salvador da humanidade; ii) o *Benedictus* – Zacarias louva a Deus que trouxe a redenção a Israel; iii) o *Nunc Dimittis* – Simeão louva ao Senhor por cumprir a promessa divina da vinda do Salvador, a quem desejava encontrar; iv) os hinos cristológicos das Cartas Paulinas – louvam o Deus trino reconhecendo os benefícios recebidos através de Jesus, exalta a glória de Cristo através de seu rebaixamento à condição humana, e o louvor a Deus doador dos dons sobrenaturais: vocação à fé, pertença ao Povo de Deus e experiência de salvação; v) o hino ao Verbo de Deus – canta-se o louvor para despertar o amor a Deus que se comunica pela mediação do Verbo, Jesus Cristo, hinos presentes no Apocalipse²⁰³. Nota-se que em todos eles o caráter de louvor está presente como fio condutor. “Por meio da relação entre os dois testamentos bíblicos é possível identificar as raízes da música ritual cristã, tal como esta fora constituída a partir da experiência concreta do povo hebreu”²⁰⁴ que celebra o seu Deus elevando um hino de louvor.

Desse modo, os cânticos e orações presentes na Sagrada Escritura expressam, de modo primário, “a vida pessoal, comunitária rezada, sofrida, dilacerada, celebrada, confiada em súplica, lamentada, desabafada”²⁰⁵. São poemas que permitem ser atualizados e ou cantados pelos fiéis, de modo que não se percam a sua especificidade dinâmica. Além do mais, eles se tornam meios eficazes de memória celebrativa de identidade a se formar²⁰⁶.

²⁰¹ Cf. 1Cor 5,7.

²⁰² O culto cristão primitivo tem as seguintes características: a) a proclamação da Palavra de Deus, ou seja, a liturgia da Palavra – diferente do culto sinagoga, colocou-se, aqui, além dos textos do Antigo Testamento, os textos dos Evangelhos e as cartas apostólicas, à medida em que iam sendo escritas. No lugar da recitação do *Shemá Israel*, recitava-se o Creio, a profissão de fé do culto cristão; já a oração da bênção que existia após o *Shemá* matutino contribuiu, servindo de inspiração para o hino do Glória da liturgia cristã. E no lugar da recitação do *Tefillah*, da oração das Doze bênçãos, posteriormente, colocou-se a oração da comunidade, que ora pelas diversas necessidades da Igreja; e b) a liturgia de ação de graças, que ocupa o ponto central do culto cristão, culminando na Eucaristia Sacramental. Trata-se, pois, agora, de um culto sacrificial, no qual é oferecido a Deus, um sacrifício de louvor, em nome de Jesus Cristo, o oficiante que se entrega como vítima de expiação dos pecados, sob a ação do Espírito Santo (cf. STADELMANN, 2016, p. 14-15).

A *Tefillah* é a oração (prece) na qual a pessoa procura apegar-se a Deus. É um movimento ascendente do homem a Deus.

²⁰³ Cf. Lc 1,46-56; 1,67-79; 2,29-32; Ef 1,3-14; Fl 2,6-11; Cl 1,15-20; Jo 1,1-18; Ap 5,9-14; 12,10-12; 15,3-4; 19,1-8.

Sobre os hinos cristãos presente no Novo Testamento, podemos conferir a obra “Hinos cristãos da Bíblia”, de Luís I. J. Stadelmann, S.j, que apresenta cada hino com sua estrutura, contexto, além de notas e comentários.

²⁰⁴ MARTINS FILHO; MARQUES, 2016, p. 612.

²⁰⁵ MARTINS FILHO; MARQUES, 2016, p. 616.

²⁰⁶ Cf. MARTINS FILHO; MARQUES, 2016, p. 616.

Ao lermos os Atos dos Apóstolos, deparamo-nos com a realidade dos cristãos da comunidade primitiva, os quais

[...] mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos²⁰⁷.

Sendo assim, nas comunidades cristãs nascentes, no que se trata de música, nota-se que, juntamente com os elementos constituintes do culto do Antigo Testamento, tem-se sinais de continuidade. Continuidade na qual, a partir da tradição da oração com os salmos, e da hinológica do Antigo Testamento, os primeiros cristãos elevavam seus louvores por meio dos salmos e dos hinos, cânticos inspirados, como diz o Apóstolo São Paulo, que nasceram da experiência de fé e do propósito de se manter vivo o grande mistério da Salvação²⁰⁸. Hinos que expressam a história da salvação e o louvor a Cristo Jesus e ao Pai, como podemos ler nos diversos livros do Novo Testamento²⁰⁹. Em várias passagens do Novo Testamento, vemos o quanto o canto estava presente na vida dos primeiros cristãos, a começar pelos Apóstolos²¹⁰.

2.1.2 Cantos que expressam o símbolo da fé cristã

Com o período dos Padres da Igreja, podemos dizer que o cantar a liturgia começa a ser mais estruturado, até mesmo em sua compreensão. Segundo testemunhos de alguns autores dos primeiros séculos da era cristã, pode-se perceber que o canto já estava muito enraizado na celebração do culto. Por exemplo, para Plínio, o jovem (112 d.C.), em uma carta ao Imperador Trajano, referindo-se aos cristãos como aqueles que se reúnem antes do amanhecer para elevar cantos a Cristo, a quem dizem ser Deus²¹¹.

Eusébio de Cesareia (± 339 d.C.), ao comentar os salmos, diz que no mundo inteiro, em todas as Igrejas de Deus, os povos de Cristo cantam hinos e salmos ao Deus único anunciado

²⁰⁷ At 2,42-47.

²⁰⁸ Cf. Ef 5,19.

²⁰⁹ Cf. Fl 2,6-11; Cl 1,15-20; Ef 1,3-14; 1Pd 2,21-24; Lc 1,68-79; 1,46-55; 2,29-32; Jo 1,1-5.9-14; entre outros. (KONINGS, 2020).

²¹⁰ Cf. At 16,25; Rm 15,9; 1Cor 14,15; Ef 5,19; Cl 3,16; Hb 2,12; Tg 5,13.

²¹¹ Cf. Est. CNBB 79, n. 97.

pelos profetas, de modo que todos os que estão fora do templo podem escutar²¹². Já Santo Ambrósio de Milão (± 397 d.C.), iniciou na Basílica de Milão um novo modo de se cantar os salmos, inspirando-se na salmodia de tipo siriano, a qual repartia a assembleia em dois coros e alternava-se os versos do salmo. Esse canto era mais dinâmico e mais vivo, de modo que os fiéis não conseguiam ficar quietos e cantavam com harmonia e entusiasmo²¹³. Além disso, o mesmo Ambrósio também compôs hinos para as diversas horas do dia, hinos que poderiam ser considerados como resumos da fé cristã, ou seja, “símbolo da fé”. São “hinos que cantam os mistérios de Cristo, [...] celebram a coragem dos mártires e das virgens”²¹⁴, entre outros temas.

Foi através da influência e do contato com esses hinos ambrosianos que Santo Agostinho (± 430 d.C.), ainda em sua juventude, alcançou a conversão e encontrou-se com a Beleza Suprema, Deus, como se pode ler no excerto que se segue:

Quanto chorei, comovido profundamente por teus hinos e cânticos, que faziam ressoar suavemente tua igreja! Aqueles sons enchiam meus ouvidos e destilavam a verdade em meu coração; um sentimento pio transbordava dali, e escorria em lágrimas; e elas me faziam bem²¹⁵.

Santo Agostinho continua, portanto, a obra de Ambrósio, investindo no canto litúrgico popular e na sua difusão, pois acreditava que o canto e a vida se faziam uma coisa só. Justamente por isso, em um de seus Sermões, exorta a comunidade de fé que se reúne para celebrar:

Cantai ao Senhor Deus um canto novo, e o seu louvor na assembleia dos fiéis (Sl 149,1). Somos convidados a cantar um canto novo ao Senhor. O homem novo conhece o canto novo. O canto é uma manifestação de alegria e, se examinarmos bem, é uma expressão de amor. Quem, portanto, aprendeu a amar a vida nova, aprendeu também a cantar o canto novo. É, pois, pelo canto novo que devemos reconhecer o que é a vida nova. Tudo isso pertence ao mesmo Reino: o homem novo, o canto novo, a aliança nova.

Não há ninguém que não ame. A questão é saber o que se deve amar. Não somos, por conseguinte, convidados a não amar, mas sim a escolher o que havemos de amar. Mas o que podemos escolher, se antes não formos escolhidos? Porque não conseguiremos amar, se antes não formos amados. Escutai o apóstolo João: *Nós amamos porque ele nos amou primeiro* (cf. 1Jo 4,10). Procura saber como o homem pode amar a Deus; não encontrarás resposta, a não ser esta: Deus o amou primeiro. Deu-se a si mesmo aquele que amamos, deu-nos a capacidade de amar. Como ele nos deu esta capacidade, ouvi o apóstolo Paulo que diz claramente: *O amor de Deus foi derramado em nossos corações*. Por quem? Por nós, talvez? Não. Então por quem? *Pelo Espírito Santo que nos foi dado* (Rm 5,5).

Tendo, portanto, uma tão grande certeza, amemos a Deus com o amor que vem de Deus. Escutai ainda mais claramente o mesmo São João: *Deus é amor: quem permanece no amor, permanece com Deus, e Deus permanece com ele* (1Jo 4,16). É

²¹² Cf. Est. CNBB 79, n. 99; cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA. *Commentarium in psalmum 65, 7-9*, em PG, 23, 657-660.

²¹³ Cf. Est. CNBB 79, n. 104.

²¹⁴ Est. CNBB 79, n. 107.

²¹⁵ AGOSTINHO, 2017, p. 236.

bem pouco afirmar: *O amor vem de Deus* (1Jo 4,7). Quem de nós se atreveria a dizer: *Deus é amor?* Disse-o quem sabia o que possuía.

Deus se oferece a nós pelo caminho mais curto. Clama para cada um de nós: Amai-me e me possuireis; porque não podeis amar-me se não me possuídes.

Ó irmãos, ó filhos, ó novos rebentos da Igreja católica, ó geração santa e celestial, que renascestes em Cristo para uma vida nova! Ouvi-me, ou melhor, ouvi através do meu convite: *Cantai ao Senhor Deus um canto novo*. Já estou cantando, respondes. Tu cantas, cantas bem, estou escutando. Mas oxalá a tua vida não dê testemunho contra tuas palavras.

Cantai com a voz, cantai com o coração, cantai com os lábios, cantai com a vida: *Cantai ao Senhor Deus um canto novo*. Queres saber o que cantar a respeito daquele a quem amas? Sem dúvida, é acerca daquele a quem amas que desejas cantar. Queres saber então que louvores irás cantar? Já o ouviste: *Cantai ao Senhor Deus um canto novo*. *Que louvores? Seu louvor na assembleia dos fiéis*. O louvor de quem canta é o próprio cantor.

Quereis cantar louvores a Deus? Sede vós mesmos o canto que ides cantar. Vós sereis o seu maior louvor, se viverdes santamente²¹⁶.

Para os Padres da Igreja, cantar a liturgia já implicava em algumas condições no que trata de suas características. Por exemplo, quanto à melodia, “deve estar isenta de toda influência profana, sem tratar de imitar as canções dos teatros, cheias de modulações complicadas para brilho dos atores. A melodia do canto cristão deve ser tal que em sua própria composição faça mostrar a simplicidade cristã e provoque ao mesmo tempo a compunção do coração dos ouvintes”²¹⁷. Outro elemento que os Padres da Igreja sempre prezaram no canto cristão era a primazia da Palavra, ou seja, do texto. Para eles, a melodia deveria estar a serviço da Palavra, nunca o contrário. “A característica do canto cristão – diz Gregório de Nissa – é que a melodia se une às palavras divinas com toda simplicidade, tratando unicamente de sublinhar e, de algum modo, de revelar o sentido delas”²¹⁸. Da mesma forma, São Basílio (330-379 d.C.) compara o canto do salmo ao mel que se junta ao medicamento, para ser mais fácil de tomar: “Deus fez a mesma coisa no canto do salmo, juntando o mel da melodia ao remédio de suas palavras divinas”²¹⁹. Ele ainda enfatizou que o canto deve ser um canto espiritual e mental, não apenas um cantar com a boca, mas a mente deve concordar com a voz: “[...] a língua cante e a mente trate de conhecer o sentido das palavras cantadas, para cantares com o espírito e também com a tua mente”²²⁰. Sobre isso, Basurko oferece uma importante consideração:

A revelação de Deus criador e salvador provocava no povo de Israel uma alegria incontida que se fazia patente em suas festas e em seus cantos. A assembleia cristã, que em seu culto contém não a sombra dos bens futuros, mas a realidade da obra redentora do Deus feito homem e a presença do “*Kyrios*” ressuscitado, é natural que

²¹⁶ Cf. *Sermo* 34,1-3.5-6:CCL41,424-426 (Séc. V). In. LITURGIA DAS HORAS II, 2000, p. 642-643 – grifos do texto.

²¹⁷ BASURKO, 2005, p. 39.

²¹⁸ BASURKO, 2005, p. 39.

²¹⁹ BASURKO, 2005, p. 34. Cf. SÃO BASÍLIO. *Homilia in psalmum* 1,1, em PG, 29, 211.

²²⁰ SÃO BASÍLIO. *Homilia in psalmum* 28, 7: PG 29, 304. In. BASURKO, 2005, p. 41.

seja um povo alegre e jubiloso que canta as maravilhas realizadas por Deus em Cristo. A comunidade cristã que se reúne para a celebração de sua liturgia é, antes de tudo, a assembleia de um povo em festa²²¹.

Povo em festa que celebra o grande mistério da Salvação, a Páscoa do Senhor. Desse modo, notamos nesse período que no canto litúrgico os aspectos simbólicos e os valores celebrativos do reunir-se em coro para cantar estão em evidência. Apresenta-se, pois, “o serviço da Palavra, unanimidade que manifesta a unidade em Cristo, sacrifício espiritual, profecia do reino, comunhão com os coros dos anjos e antecipação escatológica”²²².

Como se pode apreender pelo aludido, embora não tenhamos fontes diretas que tratem especificamente do cantar a liturgia, isto é, do canto litúrgico dos primeiros cristãos, são abundantes os escritos e relatos sobre como eram as práticas de cantos nas ações litúrgicas, sobre sua presença junto à oração das assembleias e, inclusive, sobre o seu efeito terapêutico para os espíritos. Nesse sentido, o canto tem uma função catártica, conseguindo realizar no interior do espírito de quem está cantando a ordenação e purificação de seus sentimentos, libertando de preocupações e paixões²²³. São Basílio nos apresenta essa experiência a partir dos salmos, quando diz que:

Os salmos, enquanto lhes é possível, reprimem os defeitos desordenados que vão surgindo no espírito humano através de sua vida e o fazem por meio da harmonia suave e agradável que faz nascer pensamentos honestos [...] E, embora alguém se encontre irado como uma fera, tão logo começa a deleitar-se no canto dos salmos, desaparece imediatamente sua ferocidade, adormecida pela melodia²²⁴.

Essas práticas de cantos serviram de base para a compreensão do que vem a ser cantar a liturgia, e, até mesmo, sobre o próprio canto litúrgico em sua prática posterior.

2.1.3 Expressão do louvor e o desejo de unir o homem a Deus

Antes de dizermos o que vem a ser cantar a liturgia, primeiro, precisamos compreender o que é Liturgia. O Sagrado Concílio Vaticano II afirma que “a liturgia é considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens; nela o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça

²²¹ BASURKO, 2005, p. 78 – grifo do autor.

²²² Est. CNBB 79, p. 114.

²²³ Cf. BASURKO, 2005, p. 59.

²²⁴ SÃO BASÍLIO. *Homilia in psalmum* 1,1 em PG, 29, 211. In. BASURKO, 2005, p. 60.

e membros, presta a Deus o culto público integral”²²⁵. Na liturgia, somos todos chamados a participar do sacerdócio de Cristo Jesus, em sua ação salvífica. Uma vez que Cristo está presente na Liturgia, na Igreja, por meio da pessoa do ministro, nos sacramentos, na Palavra, e na assembleia que ora e salmodia, então, como membros do Corpo místico de Cristo participamos do seu Sacerdócio²²⁶. Como parte desse Corpo, compete a cada qual a participação “plena, consciente e ativa” na celebração litúrgica²²⁷. Essa participação é, ao mesmo tempo, um direito e um dever de cada cristão, outorgado pelo Batismo²²⁸.

No que se trata das ações sagradas, a celebração do Mistério de Cristo “reveste-se duma forma mais nobre quando celebrada com canto com os ministros em seu respectivo grau desempenhando seu ministério e com a participação do povo”²²⁹. Tal participação, deve, primeiramente, ser interior, ou seja, os fiéis que participam da ação sagrada se unem em espírito nas palavras que pronunciam e escutam, cooperando com a graça divina; e, também, essa participação deve ser exterior, na qual a participação interior expressa-se através dos gestos, da corporeidade, da adesão às aclamações e diálogos e, de modo particular, por meio do canto²³⁰. O canto na liturgia é o sinal que melhor expressa essa participação ativa, plena e consciente – mesmo que, no rito romano, seja considerado como elemento prescindível e não obrigatório²³¹.

Isto posto, “a música Litúrgica, em todos os seus elementos, palavra, melodia, ritmo, harmonia... participa da natureza simbólica e sacramental da Liturgia cristã, celebração do Mistério de Cristo”²³². Na celebração litúrgica, cada momento tem seu “espírito” próprio, seu sentimento peculiar e, portanto, uma expressão diferenciada. Toda a celebração litúrgica é formada por ritos. É por meio deles que a Igreja celebra e dá concretude à fé professada. Pois, cada vez que celebramos os mistérios do Senhor, ou seja, sua Páscoa, esse mistério é atualizado

²²⁵ SC, n. 7. Frei Alberto Beckhäuser ao comentar o texto da *Sacrosanctum Concilium*, apresenta uma definição de liturgia que abarca todos os elementos que constituem a Sagrada Liturgia: “Liturgia é uma ação sagrada pela qual, através de ritos sensíveis e significativos, se exerce, no Espírito Santo, o múnus sacerdotal de Cristo, na Igreja e pela Igreja, para a santificação do homem e a glorificação de Deus, até que Ele venha” (BECKHÄUSER, 2019, p. 81).

²²⁶ Cf. SC, n. 7.

²²⁷ Cf. SC, n. 14.

²²⁸ Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. Instrução *Musicam Sacram* sobre a Música na Sagrada Liturgia. In. DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITÚRGICA (1903-2003). 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2017. p. 155-178. n. 15.

²²⁹ MS, n. 5; cf. SC, n. 113.

²³⁰ Cf. MS, n. 15.

²³¹ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Pastoral da Música Litúrgica no Brasil* (Documento da CNBB 7). In. DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITÚRGICA (1903-2003). 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2017. p. 197-220. n. 2.1.1.

Vale ressaltarmos que nos ritos orientais, diferentemente do rito romano, a música é elemento obrigatório.

²³² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Canto e música na liturgia: Princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos*. 2. ed., Brasília, DF: Edições CNBB, 2006. n. 8.

para o “hoje”²³³ da nossa vida. E a Igreja faz isso através da reunião dos fiéis em oração, por meio dos ritos e orações – *per ritus et preces*²³⁴. Na liturgia, então, serão encontrados vários tipos de ritos, de acordo com o que se está celebrando. Para isso, em coerência com a espiritualidade de cada momento, exige-se um tipo de expressão musical que corresponda ao que está sendo realizado. Para tal, “a música litúrgica deve, de fato, responder aos seus requisitos específicos: a plena adesão aos textos que apresenta, a consonância com o tempo e o momento litúrgico para o qual é destinada, a adequada correspondência aos gestos que o rito propõe”²³⁵.

No decorrer da celebração litúrgica, a música e o canto – isto é, texto acompanhado de melodia – pode ser chamada de música ritual ou de música que acompanha o rito. O primeiro tipo está ligado diretamente ao rito, referindo-se ao canto que constitui o próprio acontecimento ritual, a ritualização operada por meio da música. Geralmente, trata-se das partes fixas, no caso da Eucaristia, do chamado “Próprio”, como o Ato Penitencial, o Glória, ou as fórmulas sacramentais, na celebração dos Sacramentos. O segundo tipo, envolve o canto e a música que se desenvolvem paralelamente à realização de um rito específico, têm a função de acompanhar um rito, como, por exemplo, na Missa, o Canto de Entrada, que se desenvolve junto à procissão de entrada, ou o Canto de Comunhão, que acompanha o rito da comunhão dos fiéis²³⁶.

²³³ O culto cristão consiste fazer “memória do acontecimento definitivo que Deus realizou em Cristo e por Cristo em favor dos homens; memória que se celebra na nova comunidade dos redimidos, Corpo de Cristo ressuscitado (cf. 1Cor 12,12-13), verdadeiro povo sacerdotal que adora, em Cristo e por Cristo, o Pai ‘em espírito e verdade’ (Jo 4,23-24)” (AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia e espiritualidade*. Tradução de José Manuel Marques Pereira. Prior Velho, PT: Paulinas, 2005. p. 23).

²³⁴ Cf. SC, n. 48.

²³⁵ PIO X. *Motu proprio Tra Le Solitudine Sobre a Música Sacra*. In. DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITÚRGICA (1903-2003). 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2017. p. 11-22. n. 5.

Ao falarmos de responder requisitos específicos quanto ao tipo de música a ser cantada na liturgia, Frei Joaquim Fonseca em sua obra *Quem canta? O que cantar na liturgia?* nos oferece algumas indicações que nos ajudam na escolha do repertório do canto litúrgico de uma celebração, vejamos:

- “a) Os textos dos cantos devem ser retirados da Sagrada Escritura, ou inspirados nela e nas fontes litúrgicas; que sejam poéticos, evitando explicitações desnecessárias, moralismos, intimismos, chavões etc;
- b) Que as melodias sejam acessíveis à grande maioria da assembleia, porém belas e inspiradas;
- c) Que sejam evitados textos e melodias adaptados de canções populares, trilhas sonoras de filmes e novelas;
- d) Evitem-se paráfrases, acréscimos e outros tipos de “adulterações” nos textos do “Ordinário” da Missa;
- e) Que sejam levados em conta o momento ritual, o tipo de celebração em que o canto será executado e, na medida do possível, as características da assembleia;
- f) Que sejam respeitados os tempos do ano litúrgico e suas festas;
- g) Que seja considerada a cultura do povo do lugar;
- h) Que sejam levados em conta a dimensão comunitária, dialogal e orante nos textos e nas melodias” (FONSECA, Joaquim. *Quem canta? O que cantar na liturgia?* São Paulo, SP: Paulus, 2008. (Liturgia e Música 6). p. 64).

²³⁶ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8.ed., Brasília, DF: Edições CNBB, 2023. n. 37.

Destaca-se que, ao falarmos de Comunhão, não devemos reduzir apenas à partícula, ou à hóstia consagrada, mas, também, àquilo que está por trás de tudo isso, que é a comunhão da assembleia entre si e com Cristo já estabelecida no Batismo e que agora mantemos através da participação no Sacramento da Eucaristia e que o nome do rito busca externalizar. Quando nos aproximamos do banquete da Eucaristia, “dizemos que ‘recebemos

Por conseguinte, “a tradição musical de toda a Igreja é um tesouro de inestimável valor, que sobressai entre todas as outras expressões de arte”²³⁷. Por isso, a Igreja, até os dias de hoje, continua a desenvolver essa tradição de elevar ao Senhor louvores, hinos, cânticos em ação de graças²³⁸. No entanto, é imprescindível compreender que, nesse caso específico, o canto e a música estão intimamente ligados à ação litúrgica. Devido ao fato de seguir três critérios importantes, a saber “a beleza expressiva da oração; a participação unânime da assembleia, nos momentos previstos; o caráter solene da celebração”²³⁹. Pois “a música sacra será tanto mais santa quanto mais intimamente estiver unida à ação litúrgica, quer como expressão mais suave da oração, quer favorecendo a unanimidade, quer, enfim, dando maior solenidade aos ritos sagrados”²⁴⁰.

Na Liturgia, a Igreja celebra o Mistério Pascal de Cristo, desde sua Encarnação até sua Ascensão aos céus. Assim o faz, compreendendo a liturgia a partir de seus três elementos da celebração que são o “fato valorizado”, a “expressão significativa” e a “intercomunhão solidária/Mistério divino”. Mas o que isso significa? A celebração compreende o fato como sendo a Páscoa de Jesus, em que consiste a obra da salvação e o seu culto ao Pai. Na liturgia, pelos ritos e sacramentos, dá-se a comunicação com o Mistério divino²⁴¹. Da mesma forma ocorre com a música na liturgia, tradução do Mistério e veículo de comunicação com o Senhor. À vista disso, é de suma importância destacarmos as três funcionalidades da música e do canto na liturgia segundo Gelineau: a) fornecer um instrumento de celebração o qual traduz o caráter de festa – “[...] recorre-se à música também para significar a festa. [...] O que se espera é perceber facilmente a relação entre a música e a festa”²⁴²; b) ser instrumento coletivo de oração – “[...] antes de ser uma ‘obra’ literária ou musical, o hino é radicalmente um instrumento coletivo de oração”²⁴³; c) fazer ouvir o inaudito – “Do mesmo modo que os ícones devem fazer contemplar o invisível, a música deve fazer ouvir o inaudito”²⁴⁴. Primeiro, porque são “sinais

a Comunhão’, que ‘fazemos a Comunhão’: isto significa que no poder do Espírito Santo, a participação na mesa eucarística nos conforma com Cristo de modo singular e profundo, levando-nos a prelibar desde já a plena comunhão com o Pai, que caracterizará o banquete celestial, onde juntamente com todos os Santos teremos a felicidade de contemplar Deus face a face” (FRANCISCO, 2018, p. 51 – *Audiência Geral sobre a Eucaristia 05 de fevereiro de 2014*).

²³⁷ SC, n. 112.

²³⁸ Cf. CIgC, n. 1156.

²³⁹ CIgC, n. 1157.

²⁴⁰ SC, n. 112.

²⁴¹ BECKHÄUSER, Alberto. *Cantar a Liturgia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004. p. 19;24.

²⁴² GELINEAU, Joseph. *O amanhã da liturgia: Ensaio sobre a evolução das assembleias cristãs*. Tradução de Ir. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1977. p. 119.

²⁴³ GELINEAU, 1977, p. 118.

²⁴⁴ GELINEAU, 1977, p. 120.

sonoros ainda não ouvidos, que provocam admiração”²⁴⁵. Em segundo lugar, porque essa música “não [seria] necessariamente inaudita, em sua linguagem nem difícil demais de ser interpretada, porém de tal forma transparente naquilo que ela celebra que se tornaria uma fonte inesgotável de oração, de sentido e de sentimentos”²⁴⁶. Portanto, seria uma música “que não é cheia de si mesma, mas portadora de silêncio e de adoração”²⁴⁷.

Nas palavras de Alberto Beckhäuser:

O canto será litúrgico quanto tiver as características de todo sinal litúrgico. Será um sinal simbólico, sensível e significativo dos Mistérios celebrados na Liturgia. Comemorativo do passado, ou seja, da ação sacerdotal de Cristo, indicativo do presente, ou seja, expressa a santificação do ser humano e a glorificação de Deus, comunhão com o mistério celebrado e profético do futuro, do cântico novo da Esposa e do Cordeiro. Expressa os fatos celebrados, ou seja, os Mistérios de Cristo²⁴⁸.

Assim sendo, o canto litúrgico está tão associado com os ritos e toda ação litúrgica, que passa a ter as mesmas características e as quais destacamos:

- a) o canto é “Memorial” – ele torna presente, faz memória dos Mistérios de Cristo;
- b) ele também é “Orante” – na liturgia o canto deve constituir uma experiência de comunicação com Deus através dos ritos, celebrando a ação salvífica de Cristo Jesus em favor dos homens;
- c) mais ainda, é “Contemplativo” – tem a função de contemplar através da música as obras de Deus-Trindade na economia da Salvação, de modo que os fiéis reunidos em assembleia se recordem e vivam os Mistério de Cristo Jesus;
- d) o canto litúrgico é “Trinitário” – assim o é devido ao fato de que, primeiro, por ser Palavra de Deus e essa ser obra da Trindade, ele recebe caráter trinitário, segundo, porque cantar a liturgia é dirigir-se um louvor ao Pai, comemorando o Filho, em seu Mistério Pascal, invocando a ação Santificante do Espírito. Ou seja, é um canto que louva ao Pai, por Cristo no Espírito Santo. Ainda apresentando as características do canto litúrgico;

²⁴⁵ GELINEAU, 1977, p. 120.

²⁴⁶ GELINEAU, 1977, p. 120.

²⁴⁷ GELINEAU, 1977, p. 120.

²⁴⁸ BECKHÄUSER, 2004, p. 35.

e) esse tem seu caráter “Crístico/Centrado em Cristo” – o centro de todo o cantar é a Pessoa de Jesus Cristo, a sua vitória sobre o pecado e a morte. E cantar a Jesus Cristo é, também, cantar os seus membros, a Igreja e a humanidade;

f) outra característica é que o canto deve ser “Pascal” – o centro de todo o cantar da Igreja deve ser o Mistério Pascal de Cristo, porque esse é o centro do Evangelho;

g) o canto, também, tem seu aspecto “Eclesial” – todo canto litúrgico é um canto da Igreja que celebra e faz memória do seu Senhor, não é um canto individual, mas comunitário, e ao mesmo tempo é cantar a Igreja, ou seja, cantar as maravilhas de Deus realizadas no Corpo Místico de Cristo, de modo que torne presente na vida dos batizados a Páscoa de Cristo e suas próprias páscoas;

h) o canto expressa seu caráter “Eucarístico” – isso devido ao fato de ser uma ação de graças;

i) é também “Narrativo” – através do canto, a Igreja narra os fatos, os prodígios de Deus na história do Seu Povo, além de proclamar as páscoas dos cristãos, iluminadas pela Palavra de Deus;

j) o canto litúrgico tem caráter “Proclamativo” – proclama os feitos do Senhor na História da Salvação;

k) é, também, “Histórico-salvífico” – tem sua função sacramental, a qual atualiza o plano da Salvação, operado por Cristo Jesus;

l) e por fim, o canto tem caráter “Profético” – ao cantar o plano salvífico de Deus para Seu Povo, denuncia tudo aquilo que é contrário a esse plano, levando sempre como base a Palavra de Deus, que é profética, e comemora a prefiguração do Reino do Senhor que há de vir ²⁴⁹.

²⁴⁹ Cf. BECKHÄUSER, 2004, p. 35-39.

Vimos, portanto, que desde o Antigo Testamento a música sempre esteve ligada à Palavra, a um rito, a uma celebração, buscando, assim, expressar um louvor, um sentimento, unir o homem a Deus. Esses elementos todos são próprios do canto na Liturgia. Além do mais, cantar a Liturgia é cantar o Mistério Pascal de Cristo, num clima orante, que permite comunicar-se com o Pai, por meio do Filho, sob o impulso do Espírito Santo.

2.2 CANTAR O BATISMO: CANTAR A FESTA DA NOSSA ELEIÇÃO E SALVAÇÃO

A música exerce seu papel não somente na celebração da Eucaristia, mas em toda e qualquer ação litúrgica da Igreja²⁵⁰. Desse modo, quando se celebra o Sacramento do Batismo, aí, também, a música litúrgica deve estar presente. Tendo em vista que, na realidade de nossas comunidades paroquiais, a celebração do Batismo realiza-se, quase sempre, de maneira privada, muitas vezes sem a presença de cânticos, os quais são considerados como adereços não tão essenciais, não podemos ficar só com o que é básico²⁵¹. É preciso dedicar especial reflexão a essa temática. Não podemos nos esquecer que o canto na celebração do Batismo é de suma importância, pois ajuda a enaltecer o grande mistério celebrado – a passagem do homem do pecado à graça, tornando-se em Cristo nova criatura, chamado, então, a cantar um canto novo com a própria vida. Além disso, expressa seu aspecto sacramental, eclesial, a participação no Corpo de Cristo, a alegria Pascal, a profissão de fé..., como componente inerente ao próprio Sacramento do Batismo.

2.2.1 Cantar a filiação divina adotiva através da fé em Cristo Jesus

Vimos, na seção anterior, que a primeira vez em que aparece nas Sagradas Escrituras a palavra canto dá-se no livro do Êxodo (cf. Ex 15,1). Eis porque partiremos dessa mesma passagem do Antigo Testamento, como também de algumas outras do Novo Testamento, com o intuito de apresentarmos as características próprias do canto na liturgia Batismal. Ainda que o Batismo não seja uma realidade presente no Antigo Testamento, há ali várias prefigurações de sua prática.

Ao participarmos, todos os anos, da liturgia da Vigília Pascal, notamos a referência insistente ao canto que se repete logo após a leitura que narra a travessia do Povo de Israel no

²⁵⁰ Cf. SC, n. 112.

²⁵¹ Cf. GELINEAU, Joseph. Os Cânticos na liturgia do Baptismo. *In. Concilium Revista Internacional de Teologia*. n. 2, p. 72-86, fev. 1967. p. 72.

Mar Vermelho a pé enxuto, libertos das mãos do Faraó do Egito por Deus através de Moisés²⁵². Trata-se do único momento na liturgia daquela noite solene em que não se conclui a leitura das passagens do Antigo Testamento com a expressão “Palavra do Senhor”, passando-se diretamente ao canto do hino bíblico. Ao retomarem esse cântico, os cristãos apropriam-se dele, porque sabem ser “salvos das águas’ e libertos pelo poder de Deus”²⁵³ como o Povo de Israel²⁵⁴. Eis o canto que Miriam, irmã de Moisés, seguida de todo o povo, entoaram ao Senhor:

Cantarei a *Iahweh*, porque se vestiu de glória; ele lançou ao mar o cavalo e o cavaleiro. *Iah* é minha força e meu canto, a ele deve a salvação. Ele é meu Deus, e o glorífico, o Deus do meu pai, e o exalto. *Iahweh* é um guerreiro, *Iahweh* é o seu nome! Os carros de Faraó e suas tropas, ao mar ele lançou; a elite dos seus cavaleiros, o mar dos Juncos devorou: o abismo os recobriu, e caíram fundo, como pedra. Tua direita, *Iahweh*, pela força se assinala; tua direita, *Iahweh*, o inimigo estraçalha. Pela grandeza da tua glória destróis os teus adversários, desencadeias tua ira, que os devora como palha. Ao sopro das tuas narinas as águas se amontoam, e os abismos se retesam no coração do mar. O inimigo dissera: “Perseguirei, hei de alcançar, despojos eu terei e minha alma irá se alegrar, tirarei a minha espada e minha mão o prenderá!” O teu vento soprou e o mar os recobriu; caíram como chumbo nas águas profundas. Quem é igual a ti, ó *Iahweh*, entre os deuses? Quem é igual a ti, ilustre em santidade? Terrível nas façanhas, hábil em maravilhas? Estendeste a tua direita, e a terra os engoliu. Levaste em teu amor este povo que redimiste, e o guiaste com poder para a morada que consagraste! Os povos ouviram falar e começaram a tremer; dores se espalharam no meio dos filisteus, e ficaram com medo os habitantes de Edom. Os chefes de Moab, o terror os dominou; todos cambaleiam, os moradores de Canaã, e a eles sobrevêm o terror e o tremor. O poder de teu braço os petrifica, até que passe o teu povo, ó Senhor, até que passe este povo que compraste. Tu os conduzirás e plantarás sobre a montanha, a tua herança, lugar onde fizeste, ó *Iahweh*, a tua residência, santuário, Senhor, que as tuas mãos prepararam. *Iahweh* reinará para sempre e eternamente²⁵⁵.

Esse cântico de ação de graças é um canto de festa, um canto da vitória, que louva e bendiz a Deus porque os redimiu e os fez renascer para uma nova vida, a da liberdade, conduzindo-os à Terra Prometida. Por semelhança, a Igreja, Povo que foi redimido e reconciliado, após o banho da regeneração, entoa um hino de louvor ao Senhor que “se vestiu de glória” e fez de seus membros novas criaturas em Cristo, conduzindo-os para a nova Terra

²⁵² Cf. Ex 14-15,1.

Na noite da Vigília Pascal, toda a dinâmica da celebração busca conduzir os fiéis a essa realidade salvífica de Cristo, que libertou do pecado, ressurgiu dos mortos, e deu aos seus vida nova. Por isso as leituras, de modo gradual narram as maravilhas que Deus operou para salvar o seu Povo até chegar ao grande anúncio da Ressurreição de Jesus, da mesma forma que ocorre com os cânticos, também há uma gradualidade em que se inicia em silêncio, passa à meia voz, até chegar à proclamação da Páscoa (*Exsultet*) em que a Igreja antecipa as alegrias da vitória de seu Senhor sobre a morte: “Ó noite em que Jesus rompeu o inferno, ao ressurgir da morte vencedor: de que nos valeria ter nascido, se não nos resgatasse em seu amor?” (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Missal Romano*. 3.ed., típica. Tradução de Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Brasília, DF: Edições CNBB, 2023. p. 280). E, por fim, o grande Aleluia, expressando a alegria de participar da Ressurreição do Senhor. Daí em diante, os cantos demonstrarão esse júbilo pascal durante cinquenta dias, após ter passado quarenta dias cantando a dor que se sente pelo pecado.

²⁵³ BENTO XVI, 2017, p. 115.

²⁵⁴ Cf. BENTRO XVI, 2017, p. 115.

²⁵⁵ Ex 15,1-18.

Prometida. Cantar a liturgia batismal é cantar e festejar essa passagem das coisas antigas às novas.

Na liturgia batismal, pode-se notar uma larga presença dos Salmos nos cânticos e ritos batismais. No âmbito dessa participação, destacam-se os seguintes Salmos na Liturgia da Palavra em celebração batismal, uma ênfase observada por Gelineau:

[...] o salmo 26 (*O Senhor é a minha luz e a minha salvação*), oração de esperança do catecúmeno no combate pré-batismal [...]; o salmo 28, que, especialmente por causa do v. 3 (*A voz do Senhor sobre as águas*), é o texto mais frequentemente utilizado; o salmo 22 (*O Senhor é meu pastor*), que significava, a partir da catequese patristica, os sacramentos da iniciação cristã [...]; o salmo pascal 113, que exprime o êxodo espiritual do batismo, e a salvação através da água [...]²⁵⁶.

Quando os Salmos são utilizados como cânticos que acompanham o rito, o próprio Ritual do Batismo de Crianças sugere cantar um salmo apropriado e dá a sugestão de se cantar o Salmo 22(23), por exemplo, durante a procissão para o Batistério, no lugar da ladainha dos santos. Gelineau, referindo-se aos salmos cantados durante o rito da procissão dos batizados para a fonte batismal e logo em seguida à imersão, destaca dois Salmos mais utilizados, um no Ocidente e outro no Oriente, são eles: o Salmo 42-43 (41-42) (Como a corça bramindo por águas correntes) – Ocidente (tradição romana, milanesa e moçárabe) e o Salmo 32(31) (Feliz aquele cuja ofensa é absolvida) – Oriente (tradição de origem palestina)²⁵⁷. Pode-se encontrar na liturgia batismal diversos versículos sálmicos utilizados na composição de tropários²⁵⁸ ou outros gêneros de cânticos. Há, enfim, o uso do livro dos Salmos como fonte para o canto da comunidade em momentos como a “preparação para a celebração, quer à maneira dos *Slm.* 8-28-41, que vêm indicados no Ritual Romano no início do batismo dos adultos, quer para a entrada na Igreja, como o *Slm.* 50 (com tropários intercalares), nos ritos sírio, armênio e alexandrino”²⁵⁹.

²⁵⁶ GELINEAU, 1967, p. 75 – grifos do autor.

²⁵⁷ Cf. GELINEAU, 1967, p. 75.

²⁵⁸ Os *Tropários* de origem grega designam “um tipo de canto de certa forma semelhante a hino, a Salmo Responsorial e a ladainha; emprega-se, sobretudo, nos ritos orientais, acompanhando as procissões. [...] O tropário é como que uma antífona mais prolongada. Costuma ser formado por uma estrofe cantada pelo coro, um estribilho respondido pela comunidade, um versículo cantado por um solista, de novo o estribilho da comunidade (isto pode repetir-se várias vezes), e, no final, de novo a estrofe, às vezes cantada também em parte pela comunidade. Essa estrofe é mais longa que uma antífona, mais de tipo hínico e lírico, enquanto os versículos estão pensados à maneira de ‘tropos’, cantados por um solista, com resposta mais breve da comunidade. É um gênero de canto, portanto, que conjuga bem os três protagonistas: a assembleia, o coro e o solista” (ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. Tradução Paulinas Portugal. São Paulo, SP: Paulinas, 2013. p. 376). Um exemplo de como é um canto tipo tropário é a música “Na verdade o Cristo Ressuscitou – (Sl 138)” tirado do missal romano e da liturgia das horas e musicado por Frei Joel Postma, OFM.

²⁵⁹ GELINEAU, 1967, p. 76 – grifos do autor.

Ainda assim, sabemos que o Batismo só aparece no Novo Testamento – conjunto literário que expressa o primeiro movimento das comunidades cristãs, ainda como ressonância da tradição judaica e, por isso, com constantes remissões a passagens do Antigo Testamento, inclusive ao livro dos Salmos. Por isso, e à vista do nosso tema em específico, convém também destacarmos os aspectos musicais da liturgia batismal nos textos do Novo Testamento, seja nos evangelhos ou, mesmo, nas cartas apostólicas. Ao lermos o Evangelho de Mateus, por exemplo, encontramos a fórmula do Batismo, por meio da qual Jesus ordena batizar todos os povos²⁶⁰. Depois, nos Atos dos Apóstolos, encontramos passagens em que os Apóstolos e os discípulos cumpriram esse mandato de Jesus, e batizaram muitas pessoas²⁶¹, mas em nenhuma dessas narrativas, e nem nas cartas de São Paulo e nas cartas Católicas mostra-se explicitamente como se dava o ritual para celebrar o Batismo e, conseqüentemente, como se organizava o modo de cantar a liturgia batismal; ou seja, trata-se de um tempo de formulação. Há, porém, algumas referências textuais que nos permitem deduzir que havia, entre os primeiros cristãos, cânticos/hinos que aludiam à realidade batismal, e que, justamente por isso, provavelmente faziam parte das celebrações batismais.

Esse é o caso do que se apreende da Carta de São Paulo aos Gálatas, em que encontramos o “tropário baptismal por excelência”²⁶², denominado de hino batismal: “Vós todos, sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeus nem gregos, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”²⁶³. Há, além disso, o texto que é considerado o hino batismal mais antigo, presente na Carta de São Paulo aos Efésios, que diz: “pois é luz tudo o que é manifesto. É por isso que se diz: Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará”²⁶⁴.

Esses hinos mostram que, mesmo não havendo nenhuma referência de que se cantava durante as liturgias batismais, é possível tratar-se de uma prática comum dos primeiros cristãos, que elaboravam hinos a fim de professarem sua fé em Cristo, que, comunicando seu Espírito aos cristãos que o acolhem e assimilam através da fé, os faz filho de Deus. Inspirados, assim, nesses hinos e demais passagens bíblicas sobre o Batismo, juntamente com os salmos a que fizemos referência e tantos outros, os cânticos entoados na liturgia batismal também nos dias atuais encontrarão suas bases e o conteúdo desde o qual poderão ser compostos, ao ponto de

²⁶⁰ Cf. Mt 28,19.

²⁶¹ Cf. At 2,41;8,12-13; 8,36-39; 9,17-18; 22,16.

²⁶² GELINEAU, 1967, p. 76.

²⁶³ Gl 3,26-28.

²⁶⁴ Ef 5,14.

reforçar a máxima de que cantar a liturgia batismal é cantar a filiação divina adotiva através da fé em Cristo Jesus.

2.2.2 Celebrar com júbilo nossa participação no mistério de Cristo

Durante o período dos padres da Igreja, o ritual do Batismo foi ganhando forma, e passou a ter uma estrutura estabelecida. Mesmo assim, também ali ainda não temos explícito o papel do canto na liturgia batismal. O que podemos encontrar desse período reduz-se a fragmentos que fazem referência a algumas práticas, comuns junto às comunidades cristãs, como o fato de cantarem hinos, ou alguns textos considerados como hinos batismais – os quais deduzimos serem hinos utilizados em algum momento na liturgia batismal.

Os hinos são os cânticos poéticos não bíblicos. Quando esses são bíblicos, estão, em geral, relacionados aos Salmos, ou aos demais cânticos. Dos primeiros séculos nos restaram alguns hinos, como por exemplo, “o *Faos ilarón (Ó luz esplendente)*, o *Glória*, o *Te Deum*, as *Odes* de Salomão etc”²⁶⁵.

Nesse sentido, ao falarmos das Odes de Salomão, do século II, descobrimos dentre as Odes²⁶⁶, a Ode XIII, que se trata de um hino dos batizados, por meio do qual os que acabavam de aderir à fé cristã cantavam a alegria de serem imitadores de Cristo Jesus, tomado como espelho para eles. Assim como o Senhor é Puro e Santo, também eles deveriam ser. Vejamos o que acabamos de dizer no excerto a seguir:

O Senhor é o nosso espelho:
olhai-vos nele, abrindo os vossos olhos,
vede como é o vosso rosto!
Elevai um louvor ao seu Espírito,
e tirai, do vosso rosto, o que está sujo,
amai a sua santidade
e revesti-vos com ela,
e sereis imaculados diante d’Ele.
Aleluia²⁶⁷.

Nos atos apócrifos de Tomé, um texto datado do século III, ao tratar-se sobre o cristianismo gnóstico popular, apresentam-se alguns elementos comuns aos escritos judaico-cristãos. Por exemplo, ao falar sobre o Batismo, há a menção a um “louvor do Batismo”, o qual

²⁶⁵ ALDAZÁBAL, 2013, p. 162.

²⁶⁶ As Odes são espécies de poemas líricos compostos de estrofes de versos com medida igual, sempre de tom alegre e entusiástico.

²⁶⁷ ANTOLOGIA LITÚRGICA. 2.ed., Fátima, PT: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. n. 436.

poderia ter inspirado algum hino batismal, ou, mesmo, ter sido o próprio hino, como podemos ler:

“Este baptismo é a remissão dos pecados, a origem da luz que se difunde; aqui é gerado o homem novo, o Espírito é dado aos homens, a alma se renova, o homem novo é triplamente elevado e torna-se participante da remissão dos pecados. Glória a Ti, mistério inefável, que Te comunicas pelo baptismo; glória a Ti, força invisível, que Te aproximadas de nós no baptismo; glória a Ti, renovador, por quem são renovados os baptizandoos que Te desejam com ardor”. *Depois de dizer isto, derramou-lhes óleo na cabeça, dizendo: “Glória a Ti, amor clemente; glória a Ti, nome de Cristo; glória a Ti, poder que permanece em Cristo”. E, mandando-os entrar na piscina, baptizou-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*²⁶⁸.

Sabemos que nos primeiros séculos do cristianismo a liturgia batismal não estava reduzida apenas ao rito em si de batizar, mas era um itinerário a ser seguido, de preparação, de adesão à fé em Jesus Cristo, denominado de catecumenato. Assim, a liturgia batismal englobava a preparação catecumenal, sobretudo durante o tempo da Quaresma, e os ritos últimos do sacramento do Batismo na celebração da Páscoa. A personagem Etéria, em sua peregrinação à Jerusalém, descreve a liturgia e a catequese ali realizadas, no século IV. De modo particular a Semana Santa, na qual vislumbramos importantes acenos sobre como era a prática da preparação catecumenal dos adultos e o rito do Batismo²⁶⁹. Logo que são batizados, os catecúmenos, são chamados de neófitos. Durante o Sábado de Aleluia, Etéria conta que os neófitos e o bispo, atravessando o “gradil da *Anástasis*”²⁷⁰, dizem um hino e, a seguir, reza o bispo uma oração por eles e com eles se dirige à Igreja Maior, na qual, de acordo com a tradição, todo o povo se mantém de vigília²⁷¹. O texto não deixa claro que tipo de hino seria esse. Ainda assim podemos pensar tratar-se de um hino batismal de ação de graças pelos neófitos, como já era costume nas comunidades cristãs.

Parte da dificuldade de levantamento de fontes sobre o tema diz respeito ao fato de que o Ocidente latino é relativamente pobre em quantidade e qualidade em hinologia batismal. E o mesmo se pode dizer da tradição bizantina. É no meio siríaco que surgem os melhores exemplos desse gênero em específico, isto é, dos hinos batismais²⁷². Nesse sentido, no século IV, “no oriente, compuseram-se e cantaram-se muitos hinos, sendo o seu mais conhecido autor

²⁶⁸ ANTOLOGIA LITÚRGICA, n. 1205 – grifos do texto.

²⁶⁹ Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA: Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023. p. 163-165.

²⁷⁰ A *Anástasis* era uma construção em forma de círculo coroada por uma cúpula grandiosa que cobria o sepulcro de Jesus.

²⁷¹ PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA, 2023, p. 152 – grifo do texto e nota nossa.

²⁷² Cf. GELINEAU, 1967, p. 80.

o diácono Santo Efrém”²⁷³. “Os nove hinos baptismais da sua autoria constituem um momento da teologia poética, escriturística e sacramental, verdadeira mistagogia, em que são ilustrados tanto os símbolos naturais, as figuras bíblicas, como os *mysteria* dos ritos”²⁷⁴. Como exemplo, podemos aqui citar dois hinos, dos nove, sendo um batismal e o outro dos batizados, ambos legados pela tradição como compostos por Santo Efrém.

No primeiro, canta-se um hino batismal de louvor, bendizendo a Cristo Jesus, no qual, pelo Batismo, o homem pode se reconciliar com Deus e encontrar a glória que havia perdido por causa do pecado. Vejamos no excerto a seguir:

Hino Baptismal

12. Refrão: *Bendito O que desceu ao Jordão, que foi batizado e converteu aos povos que andavam no erro.*

1 No batismo, o homem encontrou a glória perdida entre as árvores do Paraíso; tendo descido às águas, delas subiu e foi vestido... Bendito O que tem piedade de todos.

2 O homem caiu no Paraíso, mas a Misericórdia renovou-o no batismo, perdeu a sua beleza pela inveja do Diabo, mas recuperou-a pela graça de Cristo. Bendito O que tem piedade de todos.

3 Os cônjuges foram ornados no Éden, mas a serpente furou as suas coroas. Porém, a Misericórdia aniquilou o Demônio execrável e vestiu os esposos com vestes esplêndidas. Bendito O que tem piedade de todos.

4 Vestiram-se com folhas de pobreza, mas o Senhor misericordioso teve compaixão deles e em vez de folhas de árvores revestiu-os com a glória do batismo. Bendito O que tem piedade de todos.

5 O batismo é a fonte da vida aberta pelo Filho de Deus, quando estava vivo. Do seu lado brotaram as ondas purificadoras. Todos os que tendes sede, vinde, alegrai-vos. Bendito O que tem piedade de todos.

6 O Pai assinalou as fontes altíssimas do batismo; às suas ondas gloriosas, como se fossem esposas, Se unir o Filho e o Espírito assinalou-O com o tríplice sinal. O batismo resplandece de luz santa. Bendito O que tem piedade de todos.

7 A Trindade imperscrutável colocou os seus tesouros no batismo. Descei, pobres, à sua fonte; apoderaí-vos, indigentes, das suas riquezas. Bendito O que tem piedade de todos²⁷⁵.

No segundo, temos um hino dos batizados, que cantam seus louvores por terem sido regenerados nas águas do Batismo e estão revestidos das vestes brancas, pelo que convidam a cantar louvores ao Filho de Deus. Encontramos neste hino palavras que nos remetem às imagens que dizem do Batismo, como por exemplo, “vestes brancas”, “rio Jordão”, “resplandecer”, “revestir”, “vitória”, “veste batismal”. Eis, na íntegra, o texto:

Hino dos Batizados

13. Refrão: *Irmãos, cantai louvores ao Filho do Senhor de todas as coisas...*

²⁷³ ALDAZÁBAL, 2013, p. 162.

²⁷⁴ GELINEAU, 1967, p. 80.

²⁷⁵ ANTOLOGIA LITÚRGICA, n. 1505 – grifos do texto.

1 As vossas vestes, irmãos, são brancas como a neve, e a vossa brancura refulge como a brancura dos Anjos,

2 Como os Anjos, caríssimos, subistes do rio Jordão com as armas do Espírito Santo.

5 As vossas vestes resplandecem, as vossas coroas brilham, e quem vo-las teceu hoje foi o Primogênito, pelo sacerdote.

7 Revestistes as armas da vitória, caríssimos, na hora em que o sacerdote invocou o Espírito Santo.

10 Apareceu hoje o Rei celeste, que vos abriu a porta do Paraíso e vos introduziu no Éden.

11 Ornaram a vossa cabeça coroas que não murcham. Cantem os vossos lábios cânticos sem fim.

20 Grande é a vitória que conseguistes hoje, irmãos, se não a esquecerdes, nunca perecereis.

21 Glória àqueles que se revestiram com a veste baptismal, glória aos descendentes de Adão, que se alegram e foram abençoados por terem renascido da água.

22 Louvor aos que os revestiram; glória às suas Igrejas; glória àqueles que a posteridade de Adão exaltou²⁷⁶.

Vimos, até aqui, um breve histórico de como a música, sobretudo por meio do canto, esteve presente, através dos salmos e hinos, nas celebrações do Batismo e na vida das comunidades cristãs no período da Patrística. Em suma, para os cristãos originários, cantar a liturgia batismal é celebrar com júbilo a nossa participação no Mistério Pascal de Cristo. No ponto a seguir, abordaremos o canto da liturgia batismal à luz do Magistério da Igreja, levando em consideração os cânticos batismais numa liturgia restaurada.

2.2.3 Festejar o encontro de salvação entre o homem e Deus

Uma realidade da celebração do Batismo no rito tridentino, que perdurou até o Concílio Vaticano II, e que muitas vezes, na prática, até hoje acontece, é que durante a celebração não se comporta nenhum cântico. Essa ausência da presença da música e do canto é fruto da evolução histórica sofrida pela disciplina batismal. O Batismo tornou-se uma celebração de caráter íntimo e quase privado, deixando de lado o seu caráter festivo e

²⁷⁶ ANTOLOGIA LITÚRGICA, n. 1506 – grifos do texto.

comunitário²⁷⁷. Não podemos nos esquecer que o Batismo cristão “[...] é por excelência uma ‘festa’. Ora, a festa exprime-se naturalmente por cânticos comuns”²⁷⁸.

É por isso que o Sagrado Concílio, na reforma litúrgica, buscou restaurar esse caráter festivo e comunitário do Batismo, pedindo que se revejam os rituais do Batismo de crianças e de adultos²⁷⁹. Nessa restauração, implica-se “uma e outra reformas, a restauração do canto nas assembleias, nas quais catecúmenos e fiéis terão que celebrar comunitariamente todas as etapas do sacramento, algumas vezes separadamente, outras numa missa dominical”²⁸⁰. Se são os batizados os que participam da celebração da Eucaristia, e, com a reforma, houve uma renovação da celebração eucarística no que trata da participação ativa dos fiéis, como também uma importante renovação a respeito do canto da assembleia, o mesmo deverá proceder com a celebração do Batismo. Ele passará a exigir essas mesmas prática, pois diz respeito a uma “festa excepcional e momento privilegiado da vida da comunidade”²⁸¹, donde exige uma mudança na forma de exprimir-se, sendo o canto e a música uma delas²⁸². Em suma, cantar a liturgia batismal é cantar a festa da nossa eleição e salvação.

O documento de estudos da CNBB n. 79, sobre a música litúrgica no Brasil, ao se referir ao canto nas celebrações dos sacramentos e sacramentais e, de modo particular, nos sacramentos da iniciação cristã, afirma que:

Para a Liturgia dos Sacramentos, preparem-se melodias apropriadas que permitam dar mais solenidade à celebração. Neste caso, é necessário seguir as diretrizes dadas pela autoridade competente e levar em conta as possibilidades de cada assembleia.

As orientações que são dadas para a Eucaristia e as celebrações da Palavra servem também para os demais sacramentos e sacramentais (Ordenações, Consagrações etc). Aqui se privilegiam alguns sacramentos, pela sua importância no conjunto da ação pastoral da Igreja.

Cada um dos diversos ritos de iniciação inclui uma liturgia da palavra e com frequência é seguido pela Eucaristia. Assim, ao preparar os cantos para a celebração, deve-se dar ênfase a cada um desses ritos litúrgicos fundamentais, explorando suas

²⁷⁷ Cf. GELINEAU, 1967, p. 72.

Sobre isso a Instrução *Musicam Sacram*, sobre a música na Sagrada Liturgia, fazendo referência ao Concílio Vaticano II diz que “sempre que os ritos, conforme a natureza própria de cada um, comportarem uma celebração em comum, com a assistência e a participação ativa dos fiéis, deve-se preferir-se esta a uma celebração individual ou quase privada. Disso necessariamente se conclui a importância que se há de atribuir ao canto, por manifestar dum modo especial o aspecto ‘eclesial’ da celebração. Portanto, na medida do possível, celebrar-se-ão com canto os Sacramentos e Sacramentais de maior importância na vida de toda a comunidade paroquial, como a Confirmação, as sagradas Ordenações, o Matrimônio, a Consagração duma igreja ou dum altar, as Exéquias etc. Dessa forma a solenidade da cerimônia há de resultar em maior eficácia pastoral. Mas deve atentamente se cuidar, que sob o pretexto de solenidade, nada se introduza de meramente profano ou menos condizente com o culto divino” (MS, n. 42-43.).

²⁷⁸ GELINEAU, 1967, p. 72 – grifo do autor.

²⁷⁹ Cf. SC, n. 65-70.

²⁸⁰ GELINEAU, 1967, p. 81.

²⁸¹ GELINEAU, 1967, p. 72.

²⁸² Cf. GELINEAU, 1967, p. 72. Cf. SC, n. 26.

diversas possibilidades cantadas: aclamações, respostas, salmos responsoriais, refrãos e cantos alusivos ao rito, cantos populares etc²⁸³.

Considerando o processo de composição dos cânticos presentes na liturgia batismal, o próprio ritual já dá conta de uma variedade de expressões, formas e gêneros cabíveis na tradição do canto cristão. São eles: as aclamações, os diálogos e ladainhas, os salmos, os tropários e antifonas e os hinos diversos²⁸⁴. As aclamações, diálogos e ladainhas servem para manter a assembleia em um estado de participação ativa. Como vai dizer Gelineau, “supõe-se que os diálogos celebrante-povo ou diácono-povo, assim como as conclusões das orações, devem ser cantados de cada vez que a natureza da assembleia e o estilo da celebração o permitam. É nisso que consiste o primeiro elemento de toda a expressão comum e festiva”²⁸⁵.

Quanto aos hinos, esses aparecem em diversos momentos durante a celebração: a) depois do Evangelho, estabelecendo o elo entre a Palavra de Deus e o rito; b) nos cânticos de entrada, demonstrando o sentido de união da comunidade e a introduzindo no mistério celebrado – podendo variar na forma com refrão ou no modo tropário-refrão-versículos; c) nos cânticos que acompanham alguns ritos específicos, como, por exemplo, as procissões, a unção pré-batismal, a própria imersão, a acolhida dos catecúmenos; d) nos ritos terminais: a unção crismal, a veste branca e a vela, em cada um deles se pode cantar-se um tropário ou hino próprio²⁸⁶ para o momento; e) e no grande hino final²⁸⁷, que encerra toda a celebração e retrata o caráter festivo que a constitui, como acolhida dos novos membros da comunidade.

²⁸³ Est. CNBB 79, n. 327-329 – grifos do texto.

²⁸⁴ Cf. GELINEAU, 1967, p. 73.

²⁸⁵ GELINEAU, 1967, p. 82.

²⁸⁶ Gelineau, em seu artigo sobre os cânticos na liturgia do Batismo, para esse momento dos ritos terminais, nos apresenta um belíssimo hino de três estrofes chamado de *lied* (*Lied* é hino em alemão), de origem francesa de um poeta de renome, para o Batismo que traduz muito bem esse rito e que poderia ser musicado e cantado na celebração do Batismo. Segue a letra do cântico:

“Óleo sagrado, unção salvífica,
Vem impregnar-me e perfumar-me
Do Espírito de Cristo, Sacerdote e Rei,
Que me incorpora no povo eleito.

Reveste-me, veste nova e branca
De Jesus Cristo ressuscitado;
Que revestido da tua alvura
Assim vá ao dia de juízo.

Círio de oiro, Fogo purificador,
Destrói, queimando em mim, a sombra e a morte,
E conduz a minha alma e o meu corpo
À luz e à vida do Senhor” (GELINEAU, 1967, p. 85 – nota 27 e tradução do autor).

²⁸⁷ Cf. GELINEAU, 1967, p. 83-85.

Por fim, ao falarmos de Batismo, de modo algum podemos nos esquecer de seu caráter eminentemente pascal, como aludido em vários momentos das páginas anteriores, o que deverá impactar também sobre o horizonte da experiência sonora, do canto e da música. Será característico do canto na celebração do Batismo, por isso, dar destaque aos seguintes elementos pascais:

a) A “luz” – O canto na celebração do Batismo expressará Cristo como sendo Luz. Ao sermos banhados nas águas batismais, somos iluminados por Ele, que nos dá uma porção de sua luz para que sejamos suas testemunhas no mundo como luz²⁸⁸. Uma vez que a luz representa o compromisso do cristão em encontrar a luz da sua própria vida de fé, para ser, por sua vez, a luz do mundo através das suas obras e das suas ações, o canto poderá recordar aos que foram batizados e aos que já são batizados a missão que cada um recebeu de Cristo pelo Batismo. Para exemplificar o que acabamos de dizer, vejamos o que diz um dos tropos sugeridos para o Batismo: “Cremos em vós, ó Cristo: derramai vossa luz em nossos corações e nos tornaremos filhos e filhas da luz”²⁸⁹.

b) A “filiação adotiva” – Em alguns momentos o canto na liturgia batismal irá recordar que, pelo Batismo, nos tornamos filhos de Deus em Cristo Jesus e, por isso, podemos então participar de sua vida divina. Como diz um tropo da liturgia antiga: “É a vós que buscamos, Senhor: dai-nos a vossa vida, para recebermos em vós a adoção de filhos”²⁹⁰.

c) A “eclesiologia” – Os cantos na celebração do Batismo devem buscar reforçar o caráter eclesiológico do Batismo, em que, lavados pela fonte viva, tornamo-nos membros de Cristo e uns dos outros, como Igreja: “Ó santa Igreja, estende os braços e acolhe em teu seio aqueles que o Espírito Santo de Deus faz renascer das águas”²⁹¹.

d) A “vida nova” – O canto na celebração batismal deve destacar a alegria dos cristãos de serem renascidos em Cristo Jesus, como diz o tropo: “Alegrai-vos, batizados, por Cristo Rei escolhidos, em sua morte batizados, em sua fé renascidos”²⁹².

²⁸⁸ Cf. Mt 5,13-14.

²⁸⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo, SP: Paulus, 2001. p. 275 – tropo n. 15.

²⁹⁰ RICA, p. 275 – tropo n. 16.

²⁹¹ RICA, p. 275 – tropo n. 19.

²⁹² RICA, p. 275 – tropo n. 20.

e) O “banho da regeneração” – Outra característica do canto na celebração do Batismo é dizer sobre o banho da regeneração pelo qual todos os batizados puderam ser renovados: “De vosso lado, ó Cristo, irrompeu a fonte que lava os pecados do mundo e renova a vida”²⁹³.

f) O Batismo nos “comunica vida” – Outra característica do canto na liturgia batismal é cantar que, pelo Batismo, o Senhor nos comunica a vida, e vida em abundância. Assim diz um tropo da liturgia antiga: “Sobre as águas a voz do Pai nos chama, a glória do Filho refulge e o amor do Espírito Santo nos comunica a vida”²⁹⁴.

Numa palavra, cantar a liturgia batismal seguirá as mesmas indicações impostas para se cantar a liturgia, como apresentado ao final da seção anterior, adquirindo as características próprias do culto cristão, em seu caráter: memorial, orante, contemplativo, trinitário, crístico, pascal, eclesial, eucarístico, narrativo, proclamativo, histórico-salvífico e profético. Na celebração do Batismo, o canto expressa toda a sua teologia e cria uma ambiência festiva, de celebração, pois nasce para a Igreja mais um filho de Deus. Da mesma forma, também traduz a alegria dos cristãos de terem sido convocados para as núpcias do filho do rei²⁹⁵. Cantar a liturgia batismal é festejar o “encontro de salvação entre o homem e Deus que se celebra no Cristo”²⁹⁶ por meio do Batismo. É cantar a imagem viva da Igreja como Corpo Místico de Cristo. Portanto, cantar a liturgia batismal é cantar que “o batismo constitui a consagração sacramental fundamental do homem que, pela fé, se liga ao Cristo”²⁹⁷, e que o catecúmeno passa a pertencer à comunidade dos crentes. É cantar o grande mistério da nossa salvação, o Mistério Pascal, centro para o qual convergem todos os esforços da vida celebrativa da Igreja.

²⁹³ RICA, p. 275 – tropo n. 17.

²⁹⁴ RICA, p. 275 – tropo n. 18.

²⁹⁵ Cf. RAMPAZZO; CANOVA; DURIGHELLO, 2022, p. 75.

²⁹⁶ RAMPAZZO; CANOVA; DURIGHELLO, 2022, p. 66.

²⁹⁷ SCHERER, Pedro Farnès. O Batismo. In. GELINEAU, Joseph. *Em vossas Assembleias: Sentido e prática da celebração litúrgica*. Tradução de Monjas do Mosteiro da Virgem (Petrópolis). São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1974. p. 29.

2.3 CANTAR O BATISMO É CANTAR A PÁSCOA DE CRISTO

A Páscoa é o acontecimento central da fé cristã. Nesse sentido, a Igreja “jamais deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal”²⁹⁸. Ao celebrar a Sagrada Liturgia, a Igreja, como vimos, realiza o serviço de salvação de Cristo, dado por sua Encarnação, Vida, Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão aos céus. Ou seja, a Liturgia atualiza o Mistério Pascal de Cristo²⁹⁹.

Assim sendo, a celebração do Batismo é celebração da Páscoa de Cristo. Como afirma a *Sacrosanctum Concilium*, “a liturgia dos sacramentos e dos sacramentais permite que a graça divina, que promana do mistério pascal da paixão, morte e ressurreição de Cristo, do qual recebem a sua eficácia todos os sacramentos e sacramentais, santifique todos os acontecimentos da vida dos fiéis que os recebem com a devida disposição”³⁰⁰.

As celebrações litúrgicas geram a contemporaneidade do Mistério Pascal com a história humana. Na liturgia, a música ajuda o homem a colocar em prática aquilo que na tradição da Igreja se diz: *lex orandi, lex credendi, lex vivendi, lex celebrandi* – a lei da oração é a mesma que se crê, que se vive e que se celebra. O centro de toda a liturgia, da vida cristã, da espiritualidade litúrgica é o Mistério Pascal de Cristo. É Cristo quem está no centro de tudo, como fonte e alimento de toda ação da Igreja. Na música litúrgica não é diferente: o papel da música é fazer com que cada pessoa celebre essa verdade e deixe que ela transforme sua vida e a faça testemunha. Ela é capaz de dizer não só daquilo que se celebra, mas auxiliar a colocar em prática aquilo que se crê e celebra. Por isso, na presente seção buscaremos apresentar que cantar a liturgia do Batismo é cantar a Páscoa de Cristo.

2.3.1 O cântico pascal da Igreja, nova criação e esposa de Cristo

Já afirmamos que celebrar o Batismo é celebrar o Mistério Pascal de Jesus Cristo. Nesse sentido, partindo de dois relatos bíblicos do Antigo Testamento que retratam tanto a criação do homem³⁰¹, quanto a criação do Povo de Deus³⁰², veremos que em Cristo Jesus, na plenitude dos tempos, por meio de Sua Paixão, Morte e Ressurreição inaugurou-se uma nova criação, tanto do homem, quanto do Povo de Deus, a Igreja. Isso para mostrarmos que existe

²⁹⁸ SC, n. 6.

²⁹⁹ Cf. BECKHÄUSER, 2004, p. 19.

³⁰⁰ SC, n. 61.

³⁰¹ Cf. Gn 1,26-27.

³⁰² Cf. Ex 13,17-15,19.

uma estreita relação entre a criação e a salvação, ou seja, entre a ação criadora de Deus e sua ação redentora em Cristo Jesus por meio do Batismo.

Sabemos que a fé cristã, baseando-se nas Sagradas Escrituras, professa que Deus é a origem de todas as coisas, como lemos no grande hino da criação no livro do Gênesis³⁰³. Notaremos que o autor sagrado por duas vezes relata a história da criação como o início do tempo da salvação. E em ambos os relatos, o homem e a mulher, criados à Imagem e Semelhança de Deus, encontram-se no centro da obra criada³⁰⁴. O homem e a mulher são criados do barro, recebem de Deus o hálito de vida³⁰⁵. Ao criar homem e mulher, Deus os cria para viverem em íntima comunhão consigo. Para isso, plantou um jardim em Éden e os colocou ali³⁰⁶. Com a queda, o homem e a mulher comeram do fruto da árvore que havia no centro do jardim e que o Senhor Deus havia proibido de comer e o pecado passou a fazer parte de sua natureza humana.

Da mesma forma, no livro do Êxodo encontramos Deus que convoca os hebreus a saírem da escravidão do Egito e encaminharem-se para a Terra Prometida, onde corre leite e mel³⁰⁷. Ao fazer passarem o deserto e depois o mar Vermelho a pé enxuto, Deus “cria” o Seu Povo. Após a travessia do mar, os judeus entoaram o cântico da libertação³⁰⁸. “O Cântico de Moisés aparece envolto em uma singular auréola, [...]. Assim, se diz que, ao cantar este cântico, os filhos de Israel obtiveram a remissão de todos os pecados; sobre eles veio o Espírito Santo, que os santificou para entoar este cântico”³⁰⁹.

O Deus que deu origem a todas as coisas é o mesmo Deus salvador e consumidor da criação. Por isso, ao longo da história de Seu Povo, Deus buscou diversas maneiras de fazer com que o Povo pudesse voltar a seu estado de graça primeiro. Por isso, veremos diversas vezes a figura da água como sendo o ponto de passagem de uma vida à outra, como já abordamos nas imagens prefigurativas do Batismo, no primeiro capítulo deste estudo.

Ao chegarmos ao grande evento da salvação, no Novo Testamento, apesar de não estar se referindo explicitamente à criação, notamos que Deus criou todas as coisas por meio de Seu Filho Jesus Cristo, como canta o prólogo do Evangelho de São João, e que podemos ler neste

³⁰³ Cf. Gn 1-2.

³⁰⁴ Cf. Gn 1,27.

³⁰⁵ Cf. Gn 2,7.

³⁰⁶ Cf. Gn 2,8.

³⁰⁷ Cf. Ex 33,3.

Hipólito de Roma conta que as pessoas recém-batizadas que participavam pela primeira vez da eucaristia, além do pão e do vinho, recebiam também leite e mel (cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 94). Isso para recordar que é através de Cristo Jesus que podemos chegar à Terra Prometida.

³⁰⁸ Cf. Ex 15.

³⁰⁹ BASURKO, 2005, p. 180.

excerto: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele, era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam”³¹⁰. Vemos aqui a pessoa do Verbo que é o próprio Cristo. É a partir dessa Palavra que tudo foi criado. É, também, através do Verbo encarnado que Deus coloca em prática o Seu plano de recapitular todas as coisas em Cristo³¹¹.

Assim sendo, em Cristo Jesus, o novo Adão, Deus estabelece-se a nova criação da humanidade, agora restaurada pelo seu sangue redentor. Como afirma São Paulo aos Romanos:

Eis por que, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Pois até à Lei havia pecado no mundo; o pecado, porém, não é levado em conta quando não existe lei. Todavia, a morte imperou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram de modo semelhante à transgressão de Adão, que é figura daquele que devia vir... Entretanto, não acontece com o dom o mesmo que com a falta. Se pela falta de um só a multidão morreu, com quanto maior profusão a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derramaram sobre a multidão. Também não acontece com o dom como aconteceu com o pecado de um só que pecou: porque o julgamento de um resultou em condenação, ao passo que a graça, a partir de numerosas faltas, resultou em justificação. Se, com efeito, pela falta de um só a morte imperou através deste único homem, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo. Por conseguinte, assim como pela falta de um só resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça de um só, resultou para todos os homens justificação que traz a vida. De modo que, como pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos³¹².

Eis que através de sua ação redentora, Cristo reconcilia o mundo consigo e faz novas todas as coisas³¹³. Pelo Batismo, ao participar do Mistério Pascal de Cristo, o homem/barro é remodelado e recebe um novo hálito de vida. Pode, então, alcançar a Vida Eterna. O novo homem criado no Batismo é chamado a cantar um novo cântico. Nesse sentido, “a cena do capítulo 5 do Apocalipse parece descrever esta harmonia primitiva entre a Humanidade e a Natureza, reconquistada definitivamente na Jerusalém celeste, quando participam juntas no Cântico Novo da redenção escatológica”³¹⁴.

Cristo amou tanto o Seu Povo, a Igreja, que se entregou a si mesmo para que, pela Sua ressurreição, pudesse “purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa

³¹⁰ Jo 1,1-5.

³¹¹ Cf. Ef 1,10.

³¹² Rm 5,12-19.

³¹³ Cf. 2Cor 5,19; Ap 21,5.

³¹⁴ BASURKO, 2005, p. 201.

e irrepreensível”³¹⁵. Em Jesus Cristo, o povo da Antiga Aliança se tornou novo Povo da Aliança. Como diz o papa Bento XVI, de feliz memória:

[...] para os cristãos, o verdadeiro Êxodo é a ressurreição do Cristo: ele atravessou de fato o “mar Vermelho” da morte, desceu ao mundo das sombras e lançou pelos ares as portas do inferno. O significado do Êxodo se encontra no batismo, que nos une ao Cristo em sua descida aos Infernos e em sua ascensão ao Céu, e nos faz entrar na comunidade de vida nova. Provação seguida de libertação: tal é a dupla realidade do Êxodo. [...] Na realidade inaugurada pela ressurreição do Cristo, os cristãos, reunidos no seio da “Nova Aliança”, conhecem a salvação definitiva e cantam presentemente o cântico definitivo [...]. O cântico definitivo é de fato entoado, mas isso não nos impede de ter de suportar os múltiplos sofrimentos da história, recolhendo toda a dor experimentada neles fazendo deles oferenda, transmutado em cânticos de louvor”³¹⁶.

A Igreja, nova criação, como aquele povo ao atravessar o mar Vermelho, redimida pelo Senhor, entoa o cântico do Cordeiro:

Grande e maravilhosas são as tuas obras, ó Senhor Deus, Todo-poderoso; teus caminhos são justos e verdadeiros, ó Rei das nações. *Quem não temeria*, ó Senhor, e não glorificaria o teu nome? Sim! Só tu és santo! Todas as nações virão prostrar-se diante de ti, pois tuas justas decisões se tornaram manifestas³¹⁷.

Assim sendo, vimos que Cristo, o Hino do Pai, “entregou à sua Igreja este mesmo Hino, isto é, entregou-Se a si mesmo, para que ela o perpetuasse até ao seu retorno. Ora, todo o cristão é chamado a participar neste Hino, e a fazer-se ele mesmo ‘cântico novo’ em Cristo ao Pai celeste”³¹⁸. Com isso, sem cessar, a Igreja, como as virgens previdentes, aguarda a vinda do Seu Senhor com as lâmpadas acesas e em seus lábios o cântico do *Maranatha*: “Vem, Senhor Jesus!”³¹⁹, para poder, assim, adentrar definitivamente a Terra Prometida, a Nova Jerusalém, a terra em que correm leite e mel.

2.3.2 Celebrar o Batismo é celebrar a Páscoa de Cristo

Ao lermos os escritos dos Padres da Igreja, do período dos séculos II-IV, notamos que a Sagrada Escritura, por eles lida, era compreendida desde uma ênfase cristológica, ou seja,

³¹⁵ Ef 5,26-27.

³¹⁶ BENTO XVI, 2019, p. 116.

³¹⁷ Ap 15,3-4.

³¹⁸ JOÃO PAULO II. *Homilia da Santa Missa para os cantores membros da associação italiana Santa Cecilia – 25 de setembro de 1983*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830925_santa-cecilia.html>. Acessado em 23 de junho de 2023.

³¹⁹ Ap 22,20.

desde a atmosfera da fé no Cristo Ressuscitado³²⁰. Eis porque muitos hinos neste período, inspirados na Sagrada Escritura, podemos deduzir, cantavam esse Mistério de Salvação, a Páscoa de Cristo Jesus. Iluminados pela Ressurreição do Senhor, os cristãos passam a reler os textos sagrados do Antigo e Novo Testamento, de modo que seja esse anúncio difundido por toda parte.

Percebemos, assim, que, desde os primórdios do cristianismo, a Igreja sempre cantou a Páscoa e, conseqüentemente, sempre celebrou a Páscoa. Um exemplo do que acabamos de dizer é a homilia sobre a Páscoa de Melitão de Sardes, na qual ressalta essa presença do Mistério Pascal de Cristo. Essa é uma homilia escrita em forma de precônio, ação de louvor que torna público aquilo que se crê, redigida por volta dos anos 160 a 170 d.C.. “Publicada em 1940, com qualificação de Sermão Pascal, é dos mais antigos textos pascais que chegaram aos nossos dias. Serviu de referência para a igreja primitiva e para os padres da Igreja, pois foi a primeira de série de homilias pascais ao longo dos primeiros séculos”³²¹. Vejamos o que diz Melitão de Sardes:

[...] Ficai sabendo, caríssimos: o mistério pascal é um mistério novo e antigo, eterno e transitório, corruptível e incorruptível, mortal e imortal. É mistério antigo em relação à Lei, novo em relação à Palavra encarnada; é transitório na sua figura, eterno pela graça; é corruptível pela imolação do cordeiro, incorruptível pela vida do Senhor; é mortal pela sua sepultura na terra, mortal pela sua ressurreição de entre os mortos. A Lei é antiga, mas a Palavra é nova; a figura é transitória, mas a graça é eterna; corruptível o cordeiro, incorruptível o Senhor, que foi imolado como cordeiro, mas ressuscitou como Deus. Na verdade, era *como ovelha conduzida ao matadouro*, e, contudo, não era ovelha; era como cordeiro sem voz, e, no entanto, não era cordeiro. Com efeito, passou a figura e apareceu a realidade perfeita; em vez de um cordeiro, Deus; em vez de uma ovelha, o homem; no homem, porém, apareceu Cristo, que tudo abrange. Por consequência, a imolação da ovelha, a celebração da Páscoa e a escritura da Lei tiveram a sua perfeita realização em Jesus Cristo; porque tudo o que acontecia na antiga Lei se referia a Ele, e, mais ainda, na ordem nova, para Ele tudo converge. Com efeito, a Lei fez-se Palavra e, sendo antiga, tornou-se nova (tendo, porém, dimanado, uma e outra de Sião e Jerusalém); o preceito deu lugar à graça, a figura transformou-se em realidade, o cordeiro em Filho, a ovelha em homem e o homem em Deus. Gerado como Filho, conduzido como cordeiro, imolado como ovelha, sepultado como homem, ressuscitou dos mortos como Deus, sendo por natureza Deus e homem. Ele é tudo: enquanto julga, lei; enquanto ensina, Verbo; enquanto salva, graça; enquanto gera, Pai; enquanto é gerado, Filho; enquanto padece, cordeiro; enquanto é sepultado, homem; enquanto ressuscita, Deus. Assim é Jesus Cristo: a Ele a glória pelos séculos. *Amen*. Assim é o mistério da Páscoa tal como o descreve a Lei, tal como foi lido antes [...]³²².

³²⁰ Cf. BARBOSA, Cilbene Inês Falcão. *Liturgia, realização do mistério pascal: a dimensão teológico-litúrgica na Sacrosanctum Concilium*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. p. 34.

³²¹ BARBOSA, 2022, p. 35-36.

³²² ANTOLOGIA LITÚRGICA, n. 441 – grifos do texto.

Com essa homilia, Melitão de Sardes, torna-se o “primeiro a reunir numa só expressão os conceitos de mistério e de Páscoa. Identifica no Antigo Testamento a prefiguração da paixão de Cristo que progressivamente se desvela no memorial ritual, uma vez que se realizou o mistério”³²³. Uma vez que Cristo, agora, é a realidade do que se celebra, ou seja, a Páscoa, o mistério desaparece, e o que continua é a sua realidade salvífica. Isso se dá pelo fato de Deus ter adentrado a dor humana provocada pelo pecado e resgatado a mesma humanidade ferida do pecado e da morte. Por isso, ao celebrarem a Páscoa de Cristo, os cristãos celebram os sacramentos. O mistério já terminou, mas a Páscoa continua sendo atual, a graça sacramental continua atual, porque ambas têm Cristo como fundamento³²⁴.

Quanto ao que se refere ao Batismo na homilia mencionada, podemos elucidar o que diz: “[...]Foi conduzido à morte como um cordeiro; libertou-nos da sedução do mundo, como outrora tirou os israelitas do Egito; salvou-nos da escravidão do Demônio, como outrora arrancou Israel das mãos do Faraó; imprimiu em nossas almas o sinal do seu Espírito e assinalou os nossos corpos com o seu sangue”³²⁵. Com essa marca indelével, o Senhor assinala o peito dos neófitos, com a ação do Espírito Santo, através do óleo, constituindo-os como uma comunidade, como aqueles que estão com a Igreja e na Igreja³²⁶.

Três dimensões teológicas estão presentes nessa homilia Sobre a Páscoa de Melitão de Sardes que aqui não podemos desprezar. Primeiramente, a associação entre o Mistério Pascal e a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Em segundo lugar, o fato de apontar para a existência da mancha do pecado em nós, por sermos filhos de Adão. Enfim, em terceiro lugar, a indicação dos fundamentos para o que, posteriormente, principalmente a partir de Santo Agostinho, seria conhecido como a “teologia sacramental sobre o Batismo”³²⁷. Desse modo, devemos convir que também esse pensamento de Melitão de Sardes influenciou o canto da Igreja primitiva e chegou até nós como ênfase na centralidade do Mistério Pascal de Cristo na vida da Igreja, dos cristãos, nos Sacramentos e, também, na Liturgia. Por isso, ao dizermos que celebrar o Batismo é celebrar a Páscoa de Cristo, também podemos afirmar que cantar o Batismo é cantar a Páscoa de Cristo Jesus.

Mas isso não é tudo. Etéria, em sua peregrinação em Jerusalém, também ficara fascinada com a coerência entre o que se cantava e o mistério celebrado, conforme lemos de

³²³ BARBOSA, 2022, p. 36.

³²⁴ Cf. BARBOSA, 2022, p. 36.

³²⁵ ANTOLOGIA LITÚRGICA, n. 442.

³²⁶ Cf. BARBOSA, 2022, p. 37.

³²⁷ Cf. BARBOSA, 2022, p. 38.

seus registros. Ela narra o que um santo presbítero lhe disse sobre uma prática comum no Batismo:

Disse-nos também o santo presbítero que sempre, até hoje, em cada Páscoa, todos aqueles que devem ser batizados ali, na igreja que se chama casa de Melquisedec, nessa fonte são batizados e voltam lentamente, ao romper da aurora, carregando tochas, com os clérigos e os monges, cantando salmos e antífonas, e assim da fonte até a igreja do santo Melquisedec, são conduzidos os recém-batizados³²⁸.

Mantendo-nos na cercania do pensamento patrístico, partimos para um outro padre da Igreja, Santo Ambrósio de Milão, que, ao ensinar os catecúmenos a receberem o Santo Batismo na Páscoa, utilizava imagens como esclarecimento das realidades divinas, de modo que despertasse e abrasasse a fé dos catecúmenos, deixando para o momento do Batismo a revelação dos mistérios que haviam entre os acontecimentos realizados por Cristo e os ritos litúrgicos celebrados. “A teologia sacramentária latina expressou este nexos com o axioma: ‘*Significando causant*’, enquanto significam, causam, ou causam o que significam”³²⁹. Vejamos um trecho de suas catequese sobre os Sacramentos que explicita esse modo de pensar o axioma:

Mas reparai no mistério: Nosso Senhor Jesus Cristo veio à piscina. Muitos eram os doentes que lá jaziam. Aliás, não é difícil imaginar juntarem-se muitos doentes lá onde um só é curado. Nessas condições, fala Ele ao paralítico: desce. Este, no entanto, responde: *não tenho pessoa alguma* para me ajudar. Repara onde és batizado, donde vem o Batismo: Se não é da Cruz de Cristo, da morte de Cristo. Aí é que se insere todo o mistério: Ele sofreu por ti! É nele que te resgatas e nele que és salvo³³⁰.

Santo Ambrósio também faz alusão ao Batismo como celebração da Páscoa de Cristo. Pelo Batismo nós somos mergulhados na fonte da água viva e ressurgimos para a vida. Cristo é a plenitude de todas as figuras apresentadas pelos sacramentos da Iniciação Cristã³³¹. Percebemos, desse modo, que é inseparável a realidade sacramental com a Páscoa. Por isso, cantar o Batismo é cantar a Páscoa de Cristo Senhor.

Santo Agostinho, em um de seus sermões, ao se dirigir aos cristãos, os seus fiéis, convida-os a elevarem ao Senhor um cântico novo³³². Ao convocar os fiéis a escutá-lo, Santo Agostinho utiliza diversos adjetivos que caracterizam os batizados em Cristo: irmãos, filhos, cristãos, estirpe, santos, regenerados, renascidos. Esses adjetivos só são possíveis por causa da

³²⁸ PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA, 2023, p. 96-97.

³²⁹ BARBOSA, 2022, p. 41 – grifo o autor.

³³⁰ AMBRÓSIO, 2019, p. 50 – grifo do texto.

³³¹ Cf. BARBOSA, 2022, p. 42.

³³² Cf. *Sermo* 34,1-3.5-6: CCL41,424-426 (Séc. V). In. LITURGIA DAS HORAS II, 2000, p. 642-643. O presente texto já fora citado no ponto anterior.

Páscoa de Cristo, de que todos os batizados participam. O cristão é chamado a ser um hino de louvor, um cântico novo, que constantemente se eleva ao Pai, entregando-se totalmente, com a vida, com o ser, com a voz, com o coração. Isso é o que exorta Santo Agostinho aos seus fiéis ao comentar o Salmo 148, sobretudo no seguinte excerto:

Agora, então, irmãos, nós vos exortamos a louvar a Deus. A isto nos estimulamos ao proferirmos: “Aleluia”. Louvai ao Senhor, convidas um outro, e ele a ti. Todos mutuamente se exortam, todos realizam aquilo a que incitam. Mas louvai integralmente, isto é, não louvem a Deus apenas a língua e a voz, mas ainda vossa consciência, vossa vida, vossas ações. Efetivamente, agora reunidos na Igreja louvamos; quando volta cada qual para sua casa, parece que cessa de louvar a Deus³³³.

Assim como Cristo é o Hino do Pai, como vimos no ponto anterior, também os batizados devem ser esse cântico novo que canta o Mistério Pascal de Cristo no mundo, sendo testemunhas do grande Amor que Deus tem para conosco, em Cristo Jesus: sermos chamados filhos de Deus, através de sua Paixão, Morte e Ressurreição.

Desse modo, ao observarmos que é comum entre o pensamento dos Padres da Igreja que a Páscoa é o centro da fé cristã, podemos deduzir que, no que se refere à tradição musical primitiva da Igreja, não é diferente, uma vez que o que se crê é o que se reza, celebra, vive e canta. Portanto, cantar a liturgia batismal é cantar o Mistério da nossa salvação, isto é, o Mistério Pascal de Cristo.

2.3.3 Cantar o Batismo é cantar a primeira Páscoa dos fiéis

Com o advento do Concílio Vaticano II, o Mistério Pascal foi novamente ressaltado em toda a sua “riqueza de conteúdo e unidade de aspectos”³³⁴. Quando a Igreja celebra a Sagrada Liturgia, “serviço de salvação de Jesus Cristo”³³⁵, ela celebra aquilo que Ele realizou desde Sua encarnação até a Sua ascensão aos céus. Esta era a concepção de Mistério Pascal para os textos do Novo Testamento: Paixão, Morte e Ressurreição.

Como vimos, nos primeiros séculos da Igreja, a Páscoa foi o único centro de toda a pregação e celebração da vida dos cristãos³³⁶. O culto presente na Igreja nasceu da Páscoa e

³³³ *Enarr. in Ps. CXLVIII, 2: PL 37, 1938. In. AGOSTINHO, Santo. Comentário aos Salmos (101-150). Tradução de monjas beneditinas. São Paulo, SP: Paulus, 1998. (Patrística 9/3). p. 1126.*

³³⁴ BERGAMINI, Augusto. *Cristo, Festa da Igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo, SP: Paulinas, 1994. (Liturgia em renovação). p. 86.

³³⁵ BECKHÄUSER, 2004, p. 19.

³³⁶ Quanto à celebração da Páscoa nos primeiros séculos da Igreja, Bergamini diz que nos “primeiros tempos da Igreja, não eram celebrados os *mistérios* de Cristo, mas o *mistério*, ou seja, a Páscoa, como evento que resumia e fazia valer todo o conjunto da vida e obra salvífica de Cristo para a nossa salvação. Nesse mistério, Deus

para celebrar a Páscoa. “Tudo foi visto *no* e *do* centro, e esse centro é o evento de Cristo morto e ressuscitado, que nos comunica o Espírito Santo de adoção, através do qual somos filhos de Deus”³³⁷. Desse modo, o Domingo foi considerado o dia do culto, o dia de celebrar a Páscoa do Senhor. É o dia que Cristo Ressuscitou dos mortos. Com isso, os cristãos primitivos concentraram o seu culto em Cristo, morto e ressuscitado, a quem são dados os títulos de glória: Salvador³³⁸, Cristo³³⁹ e *Kyrios*³⁴⁰. Como afirma a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, a *Sacrosanctum Concilium*:

Por tradição apostólica que tem sua origem no dia mesmo da ressurreição de Cristo, a Igreja celebra a cada oitavo dia o mistério pascal, naquele que se chama justamente dia do Senhor ou domingo. Neste dia, pois, devem os fiéis reunir-se em assembleia para ouvirem a palavra de Deus e participarem da eucaristia, e assim recordarem a paixão, ressurreição e glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus que os “gerou de novo pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma esperança viva” (1Pd 1,3). O domingo é, pois, o principal dia de festa que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis: seja também o dia da alegria e da abstenção do trabalho. As outras celebrações não lhe sejam antepostas, a não ser as de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico³⁴¹.

Nesse sentido, é de suma importância que os Sacramentos da Iniciação Cristã sejam realizados na Páscoa do Senhor, ou mesmo aos domingos, Páscoa semanal dos cristãos. O seu significado está diretamente ligado à celebração do Mistério Pascal. Uma vez que em nosso trabalho abordamos o Sacramento do Batismo, não podemos esquecer que “o Batismo recorda e realiza o mistério pascal, uma vez que por ele as pessoas passam da morte do pecado para a vida. Razão pela qual em sua celebração, sobretudo na Vigília Pascal e nos domingos, convém que transpareça a alegria da ressurreição”³⁴². Por isso, celebrar o Batismo aos domingos, “será o melhor contexto para compreender o ‘sacramento-porta’ na vida da Igreja”³⁴³. O Domingo é considerado o dia, o espaço mais feliz – *laetissimum spatium* – para ser celebrado o Batismo³⁴⁴. Essa é uma prática que herdamos dos primeiros cristãos, que assim entendiam o Batismo. Como Cristo passou das trevas da morte para a luz da vida, com os batizados acontece o mesmo. E

revelou-se e comunicou-se plenamente em Cristo: ‘Quando vocês levantarem o Filho do Homem, saberão que Eu Sou’ (Jo 8,28)” (BERGAMINI, 1994, p. 105 – grifos do autor).

³³⁷ BERGAMINI, 1994, p. 105 – grifos do autor.

³³⁸ Cf. At 5, 27; 4,12.

³³⁹ Cf. At 5,42; 9,34.

³⁴⁰ Cf. At 2,36.

³⁴¹ SC, n. 106.

³⁴² RICA, n. 6 – observações preliminares gerais. Também a primeira rubrica do rito para o Batismo de uma criança do RBC ressalta que: “A criança seja batizada em celebração comunitária, quando possível, no domingo, dia em que as comunidades cristãs se reúnem para fazer memória da ressurreição de Jesus” (RBC, n. 104).

³⁴³ MUÑOZ, Héctor. O Batismo. In. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2005, p. 49. (Manual de Liturgia III).

³⁴⁴ Cf. BERGAMINI, 1994, p. 380.

isso está explícito nas observações preliminares do Ritual do Batismo de Crianças, acerca da ligação do Batismo com a Páscoa e o Domingo:

[...] para pôr em evidência a índole pascal do batismo, recomenda-se a sua celebração na Vigília Pascal, ou no domingo, dia em que a Igreja comemora a ressurreição do Senhor. Nesse dia o batismo poderá ser celebrado durante a missa, para que toda a comunidade venha participar do rito e apareça com maior clareza a relação entre o batismo e a sagrada Eucaristia³⁴⁵.

No Prefácio próprio para as missas do Batismo, a Igreja canta dando graças a Deus pelo mistério da Salvação operado por Cristo Jesus, no qual fomos inseridos, pela água e pelo Espírito Santo. Esse prefácio resume o que deve conter nos cânticos da celebração do Batismo. Vejamos o que diz o texto eucológico – prefácio do Batismo: O Batismo, começo da vida nova:

[...] Do coração aberto do vosso Filho fizestes brotar o Sacramento do Batismo, primeira páscoa dos fiéis, porta da salvação eterna, começo da vida em Cristo e fonte da nova humanidade. No seio da Igreja, virgem e mãe, gerastes, pela água e pelo Espírito, um povo sacerdotal e régio, congregado dentre todas as nações na unidade e santidade do vosso amor. Celebrando este novo nascimento, exaltamos vossa misericórdia e bendizemos vosso nome, cantando a uma só voz³⁴⁶.

Assim sendo, os cânticos para a celebração do Batismo devem orientar-se por uma mesma leitura. Notaremos essa mesma característica presente nos ritmos, com tonalidades maiores, vibrantes, que expressam a alegria, a festividade; letras, que evocam a alegria de termos passado da morte à vida, de sermos chamados filhos de Deus, de sermos irmãos uns dos outros em Cristo Jesus, de podermos viver a vida em Cristo. Tudo isso é proveniente da Páscoa – para exemplificar o que estamos dizendo, pode-se conferir o Apêndice II deste estudo, em que apresentamos uma breve mistagogia de quatro cânticos oportunos para a celebração do Batismo. Dizendo isso, outra característica que não pode ser desprezada no conteúdo dos cantos escolhidos para o Batismo é a presença do Aleluia, talvez o maior indicativo da Páscoa nas preces e cantos. Enfim, podemos dizer que as mesmas características presentes aos cantos pascais devem ser reportadas àqueles utilizados na celebração batismal e, para isso, indicamos o que foi condensado por Frei Joaquim Fonseca, OFM e por Reginaldo Veloso:

- a) A passagem libertadora de Deus no meio do povo hebreu escravizado no Egito, fato constitutivo do povo de Israel;
- b) A ressurreição de Cristo pelo poder do Espírito, como Filho de Deus Pai e Senhor da humanidade, fato constitutivo da Igreja, o novo Israel;
- c) A força redentora do sangue do novo Cordeiro Pascal;

³⁴⁵ RBC, n. 9 – observações preliminares.

³⁴⁶ MISSAL ROMANO, p. 484.

- d) O indizível amor de Deus pela humanidade, sacrificando o próprio Filho por nós, o justo pelos pecadores;
- e) O perdão, surpreendentemente generoso, que recebeu o pecado de Adão, a ponto de ser chamado de feliz culpa;
- f) A libertação dos oprimidos pelo pecado do mundo, pecado de pessoas e de estruturas³⁴⁷.

Através desses meios – circunstâncias, cerimônias, rito essencial – a celebração do Batismo sempre poderá apresentar o seu caráter pascal³⁴⁸. Para isso, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos instrui que:

[...] como a celebração do Batismo recebe grande incentivo pelo canto, seja despertando a união das pessoas presentes, seja alimentando a sua oração comum, e, finalmente, manifestando a alegria pascal que deve transparecer em todo o Rito, as Conferências Episcopais procurem interessar os peritos em música a adornarem com melodias os textos litúrgicos que os fiéis cantam durante o Batismo³⁴⁹.

Portanto, nos cantos da celebração do Sacramento do Batismo devemos encontrar todas essas características pascais, a fim de que tanto os fiéis que participam da celebração, quanto os catecúmenos possam recordar que “[...] a vida cristã é, por natureza, marcada e movida pela dinâmica da Páscoa, pois o Cristão, que nasceu da Páscoa mediante os sacramentos da iniciação, é continuamente alimentado pelo sacramento total da Páscoa, a eucaristia”³⁵⁰. Outra vez recorrendo ao que afirmam Frei Joaquim Fonseca, OFM e Reginaldo Veloso:

Da nova Páscoa, resulta a libertação profunda do coração dos seres humanos, com todas as consequências: aqueles e aquelas que creem no Ressuscitado e vão por Ele se libertam do egoísmo, raiz de toda injustiça e violência; aprendem a servir e a dar a vida pela felicidade do seu povo, e ensaiam um mundo novo, no qual as pessoas passam a ter um só coração, uma só alma; cultivam atitudes e estruturas de partilha e solidariedade, de maneira que ninguém passe necessidade e todos repartam entre si, na liberdade e com alegria, o pão da fraternidade. É uma nova criação, um recomeço de tudo! É uma retomada na fé do caminho iniciado por Abraão. É uma nova experiência de libertação, de caminhada para a Terra Prometida. É a realização das antigas profecias. É o novo ser humano, que renasce do batismo na morte e ressurreição do Senhor. É o mundo novo que se alimenta na ceia do pão e do vinho, sacramento maior do corpo e do sangue, da vida entregue por nós³⁵¹.

Portanto, cada batizado deve tomar consciência de que é um cântico novo em Cristo Jesus e, por isso, deve “viver aquilo que ele é pelo mistério pascal, no qual foi sacramentalmente

³⁴⁷ FONSECA, Joaquim; VELOSO, Reginaldo. *O que cantar no ciclo pascal: Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal?*. São Paulo, SP: Paulus, 2018. (Liturgia e música 12). p. 151.

³⁴⁸ Cf. ETSPÜLER, 1975, p. 37.

³⁴⁹ RICA, n. 33 – observações preliminares gerais.

³⁵⁰ BERGAMINI, 1994, p. 409-410.

³⁵¹ FONSECA; VELOSO, 2018, p. 148.

inserido”³⁵², como uma nova criatura. O cantar a liturgia batismal deve sempre servir de instrumento para expressar a alegria e, também, nos recordar que somos homens pascais, pois participamos da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo pelo Batismo. Pelo Batismo os cristãos participam de sua primeira Páscoa em Cristo Jesus.

³⁵² BERGAMINI, 1994, p. 410.

3 A CELEBRAÇÃO DO BATISMO: PELOS RITOS E PRECES ENTRAMOS NO MISTÉRIO DA FÉ

*Sobre as águas a voz do Pai nos chama,
a glória do Filho refulge
e o amor do Espírito Santo
nos comunica a vida.*
- Tropo tirado da Liturgia Antiga

Pensamos a “celebração litúrgica” como sendo o próprio ato litúrgico. Com isso, ao celebrarmos, toda nossa ação se dá em forma ritual³⁵³. O “[...] rito é um termo muito genérico com o qual se designam acções humanas e religiosamente significantes em conformidade com os módulos fixos tradicionais. [...] O rito é o que é conforme a ordem, uma acção que tem uma estrutura institucionalizada”³⁵⁴. Isso posto, se até aqui abordamos o Batismo desde a ênfase do *cantar* a liturgia batismal, doravante nossa atenção se voltará para a celebração do Batismo enquanto Rito, isto é, ação ritual. Buscaremos, então, apresentar o aperfeiçoamento da formulação do que chamamos de rito/ritual do Batismo que hoje utilizamos em nossas celebrações e, a partir do que estudamos, demonstraremos a teologia presente nos gestos e ações rituais que implicam o ato de batizar, a fim de que possamos compreender o papel da música e do canto durante a celebração do Batismo.

3.1 ESTRUTURA DO RITO DO BATISMO

Desde o tempo dos Apóstolos a Igreja nunca deixou de celebrar o Batismo. Mas para que ele fosse celebrado, foi necessário que houvesse uma organização, uma unidade estabelecida na maneira de batizar, surgindo o rito como o conhecemos, isto é, uma fórmula própria. Assim sendo, o ritual do Batismo como todo o pensamento teológico sobre o mesmo não chegou até nós pronto, acabado, mas como o legado de uma construção conjunta, ao longo dos anos. Desde o princípio havia alguns elementos que perpassaram toda a história, por exemplo, o banho nas águas, a conversão (renúncia e profissão de fé). Outros elementos, contudo, foram sendo acrescentados devido à compreensão teológica de cada momento ou aos diferentes costumes das igrejas locais. Apenas com o passar do tempo tudo isso foi se

³⁵³ Cf. AUGÉ, 2005, p. 85.

³⁵⁴ AUGÉ, 2005, p. 86.

desenvolvendo e tomando forma até chegar ao Ritual do Batismo de Crianças e ao Ritual da Iniciação Cristã de Adultos que temos hoje. Portanto, nos subtópicos a seguir, abordaremos brevemente esse desenvolvimento, ao longo da história, do ritual do Batismo que conhecemos hoje.

3.1.1 “Ide, [...] batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”³⁵⁵

A estrutura ritual do Sacramento do Batismo, presente na Sagrada Escritura no Novo Testamento, ainda não possuía um formulário próprio. Desse período, há apenas alguns indícios de como era celebrado o Sacramento do Batismo pelos primeiros cristãos. Desse modo, ao lermos o Evangelho de Mateus veremos que as últimas palavras de Jesus aos apóstolos expressam um mandato, por meio do qual são enviados para uma missão universal: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei [...]”³⁵⁶. Nesse mandato de Jesus percebemos que, de certo modo, aparece a fórmula de como deveria ser o batizado, isto é, “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Independente da questão de se o texto se trata de um acréscimo, ou não, esse é “um testemunho de que nos anos 80-90, na Síria, encontrava-se em uso a *fórmula trinitária*”³⁵⁷.

Contudo, quanto à iniciação cristã, os autores sagrados do Novo Testamento, como afirma Inácio Oñatibia,

[...] não são movidos pela preocupação de transmitir à posteridade informações exatas sobre os passos compreendidos pelo processo de incorporação de um novo membro à comunidade cristã (menos ainda sobre os aspectos rituais), nem sobre seu significado. A exegese é hoje muito cautelosa no que se refere à existência de *tratados batismais* no NT (1Pd, Ef, Hb 11): aceita, em poucas palavras, a presença de elementos isolados, breves fórmulas, fragmentos de hinos, embora na maioria dos casos sua proveniência batismal seja problemática³⁵⁸.

³⁵⁵ Mt 28,19.

³⁵⁶ Mt 28,19-20. E aqui recordamos o que diz a nota de rodapé (c) referente ao versículo 19, presente na Bíblia de Jerusalém: “É, preciso que, em sua forma precisa, essa fórmula reflita influência do uso litúrgico posteriormente fixado na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos fala em batizar “no nome de Jesus” (cf. At 1,5+; 2,38+). Mais tarde deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da Trindade. Quaisquer que tenham sido as variações nesse ponto, a realidade profunda permanece a mesma. O batismo une à pessoa de Jesus Salvador; ora, toda a sua obra salvífica procede do amor do Pai e se completa pela efusão do Espírito” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1758 – grifos do texto).

³⁵⁷ OÑATIBIA, 2007, p. 52 – grifo do autor.

³⁵⁸ OÑATIBIA, 2007, p. 63 – grifos do autor.

Ainda assim, no entanto, podemos perceber a presença constante de “três componentes que configuram uma estrutura que se confronta, de alguma forma, com aquela que vai se delineando no decorrer dos séculos II-III”³⁵⁹. São eles: *a pregação, a fé, e a celebração sacramental*. Isso pode ser exemplificado através do livro dos Atos dos Apóstolos, em que São Pedro, após proferir seu discurso querigmático à multidão³⁶⁰, mobiliza o que aqui podemos nomear como as primeiras conversões – “[...] aqueles, pois, que acolheram sua palavra, fizeram-se batizar”³⁶¹ – e seu envolvimento juntamente com as primeiras comunidades cristãs³⁶². Como sabemos, “o conteúdo fundamental da *pregação* é o anúncio do *querigma*, acompanhado de convite pontual e forte à conversão. À *pregação* corresponde em modo especular a *fé*, que implica quer a acolhida do *querigma*, com a adesão a Cristo Senhor, quer a decisão sobre a vida (conversão), conseqüente a tal adesão”³⁶³. Desse modo, tendo a multidão escutado a *pregação* de Pedro, acreditado no anúncio feito e respondido ao convite de conversão, vários indivíduos decidiram ser batizados. É nesse momento que “aparece a expressão ‘batizar em nome de Cristo’, o que não indica necessariamente a fórmula do batismo, mas a referência que distingue o batismo deixado por Jesus de outros batismos praticados até então”³⁶⁴. Resumindo, o ritual seguido no Novo Testamento para os que se convertiam ao cristianismo e desejavam fazer parte do Caminho³⁶⁵, se baseava em princípios como a “escuta da Palavra na fé, o desejo de conversão, o gesto sacramental [do batismo] e a agregação comunitária, na alegria, no serviço e na partilha”³⁶⁶.

Seguindo o mesmo esquema citado acima do “rito” do Batismo presente nos Atos dos Apóstolos, Ignacio Oñatibia acrescenta dois outros elementos, quais sejam, uma espécie de profissão de fé e a imposição das mãos. Vejamos a indicação de todos os momentos, incluindo os dois últimos mencionados:

- a) Tudo começa com o *querigma*: o primeiro anúncio da Boa Nova, centrado na história da salvação, interpretada pela luz dos acontecimentos centrais em Cristo (At 2,14-36; 4,8-12; 5,29-32; 8,35; 10,34-43; 16,32; Ef 1,13; cf. Mc 16,15; Mt 28,19-20).
- b) Por tratar-se, na maioria dos casos, de batismos de crentes judeus ou de pagãos familiarizados com a fé judaica, que são batizados imediatamente após sua conversão,

³⁵⁹ CASPANI, Pierpaolo. *Renascer da água e do Espírito: Batismo e Crisma, Sacramentos da Iniciação Cristã*. Tradução de Geraldo Lopes. São Paulo, SP: Paulinas, 2013. (Coleção liturgia fundamental). p. 36.

³⁶⁰ Cf. At 2,14-36.

³⁶¹ At 2,41. Cf. At 2,37-41.

³⁶² Cf. At 2,42-47.

³⁶³ CASPANI, 2013, p. 36-37 – grifos do autor.

³⁶⁴ MARQUES, Mariosan de Sousa. O Batismo e o Espírito nos Atos dos Apóstolos. In. *Encontros Teológicos*. vol. 37, n. 1, p. 129-147, jan./abr. 2022. p. 134 – grifo do autor.

³⁶⁵ Nome dado aos primeiros cristãos (cf. At 9,2; 24,14).

³⁶⁶ MARQUES, 2022, p. 144.

não se menciona a *catequese* anterior ao batismo. [...] Não se falta indícios da existência de uma catequese prévia ao batismo no NT [...].

c) O passo seguinte é dado pelos ouvintes, *acolhendo a Palavra* (At 2,41; 8,14) na fé (At 4,4; 8,12.37; 11,17; 16,31; 18,8; Ef 1,13; cf. Mc 2,37-38). De alguma forma eles devem manifestar sua boa disposição (At 2,37; 8,36; 16,30).

d) Embora fosse prematuro falar de um *ritual do batismo*, o *ato batismal* apresentava já naquela época uma determinada estrutura ritual. É provável a exigência de que o candidato, naquele momento, expressasse sua vontade na forma de *homologia* ou louvor, algo do tipo *Jesus Cristo é o Filho de Deus* (At 8,37) ou *Jesus é o Senhor* (Rm 10,9; 1Cor 12,3; Fl 2,11), ou então na forma de profissão de fé na doutrina recebida, algo como uma *regula fidei* (na linha do que parece sugerir Hb 3,1; 4,14; 10,19-23). Essa *confissão* fazia parte da celebração do batismo [...].

e) O gesto da *imposição das mãos*, mencionado em Hb 6,2, que em At 8,17-20 e 19,6 parece vir a completar o batismo, relaciona-se de forma especial com os apóstolos; as fontes parecem querer dar a esta intervenção uma significação teológica [...].

f) Por fim, o ingresso na Igreja supõe, daí para a frente, a *participação na vida da nova comunidade*, sobretudo na eucaristia (At 2,41-42; cf. 16,34; *Didaqué IX,5: BM 10*)³⁶⁷.

Pensamos, então, que, em relação à imposição das mãos, seja um costume próprio daquela Igreja à qual o texto bíblico está se referindo, de modo que o banho batismal realizado “no nome de Jesus” fosse a única estrutura ritual para o Batismo de maneira geral. Nesse caso, o banho seria completado pela imposição das mãos, “a que era unida a efusão do Espírito Santo, elemento decisivo e irrefutável da integração no povo messiânico”³⁶⁸. Ao apresentar a imposição das mãos após o Batismo, podemos perceber uma indicação da correlação entre os Sacramento da Confirmação e do Batismo. Desde os tempos mais antigos, esses Sacramentos fazem parte de uma única celebração. Revelam, pois, uma unidade teológica, reflexo dessa unidade ritual. Sobre o banho batismal, quando o Novo Testamento se refere ao Batismo, podemos compreender que o gesto ritual próprio do Batismo é a imersão em água corrente (tanto em um rio, quanto em uma piscina), que pode ser precedida ou acompanhada por uma profissão de fé solene³⁶⁹. Tendo visto a possível estrutura do rito do Batismo nas primeiras comunidades cristãs no Novo Testamento, passemos para o seu desenvolvimento no período patrístico no subtópico a seguir.

3.1.2 O itinerário para se tornar parte da comunidade cristã

Somente no período patrístico é que se descobre a elaboração de um ritual do Batismo mais orgânico e completo. Percebe-se que já é um dado concreto do século III³⁷⁰. Percorramos alguns exemplos de como era realizado o Batismo nesse momento da história.

³⁶⁷ OÑATIBIA, 2007, p. 63-65 – grifos do autor.

³⁶⁸ CASPANI, 2013, p. 41.

³⁶⁹ Cf. CASPANI, 2013, p. 39.

³⁷⁰ Cf. AUGÉ, 2005, p. 100.

No catecismo dos primeiros cristãos, chamado *Didaqué*, no capítulo VI, após apresentar um período de catequese, de ensinamentos, que provavelmente se refiram aos capítulos I-VI, os que iriam ser batizados, o que batizaria e as outras pessoas deveriam fazer jejum antes da celebração. Era uma celebração realizada na comunidade. Seu rito era simples, resumido no banho batismal e na invocação da Trindade³⁷¹. Para ilustrar o que acabamos de dizer, vejamos o trecho a seguir:

Quanto ao batismo, procedam assim: Depois de ditas todas essas coisas, batizem em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
Se você não tem água corrente, batize em outra água; se não puder batizar em água fria, faça-o em água quente.
Na falta de uma e outra, derrame três vezes água sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
Antes do batismo, tanto aquele que batiza como aquele que vai ser batizado, e se outros puderem também, observem o jejum. Àquele que vai ser batizado, você deverá ordenar jejum de um ou dois dias³⁷².

Em sua I Apologia, Justino de Roma destaca a relação entre a catequese e o banho batismal apresentando uma espécie de esboço do catecumenato, como lemos no excerto a seguir:

[...] Todos os que se convencem e acreditam que são verdadeiras essas coisas que nós ensinamos e dizemos, e prometem que poderão viver de acordo com elas, são instruídos em primeiro lugar para que com jejum orem e peçam perdão a Deus por seus pecados anteriormente cometidos, e nós oramos e jejuamos juntamente com eles. Depois os conduzimos a um lugar onde haja água e pelo mesmo banho de regeneração com que também nós fomos regenerados eles são regenerados, pois então tomam na água o banho em nome de Deus, Pai soberano do universo, e de nosso Salvador Jesus Cristo e do Espírito Santo. É assim que Cristo disse: “Se não nascerdes de novo, não entrareis no Reino dos Céus”³⁷³.

No século III d.C. encontramos na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, em suas catequese e liturgias em Roma, a estrutura, praticamente completa, do ritual do Batismo. Justamente aquela que permanece, em boa parte, até os nossos dias. O ritual do Batismo proposto nesse período está dividido em cinco etapas³⁷⁴: i) a primeira, trata da *apresentação dos candidatos*, apresentados e admitidos após passarem por um severo exame que comprove

³⁷¹ Cf. DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para os dias de hoje*. São Paulo, SP: Paulus, 1989. p. 19 – nota de rodapé.

³⁷² DIDAQUÉ, 1989, p. 19-20.

³⁷³ JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias: Diálogo com Trifão*. Tradução de Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo, SP: Paulus, 1995. (Patrística 3). p. 76 – grifo do autor.

³⁷⁴ Cf. AUGÉ, 2005, p. 101.

que estão aptos para receber o Batismo³⁷⁵; ii) a segunda etapa é o período do *catecumenato*, que durava em torno de três anos e durante esse período havia a catequese, a oração e a imposição das mãos feita pelo catequista (clérigo ou leigo)³⁷⁶; iii) a terceira etapa consiste na *preparação próxima para o Batismo*, com base em uma verificação se o catecúmeno estava ou não preparado, momento a partir do qual passaria a ser chamado de *eleito* – nessa etapa, quotidianamente lhe era realizada a imposição das mãos, acompanhada de um exorcismo³⁷⁷; iv) a quarta etapa é a *iniciação sacramental*, na qual estão previstos diversos momentos para antes e durante a celebração dos Sacramentos (Batismo, Confirmação e Eucaristia)³⁷⁸; v) por fim, a quinta etapa, que se refere à *catequese mistagógica*, na qual são dadas informações complementares para os neófitos, iniciando-os nos mistérios que acabaram de celebrar³⁷⁹.

Pelo seu valor para a proposta que empreendemos é preciso que nos detenhamos um pouco mais ao testemunho de Hipólito de Roma referente ao rito do Batismo, que apresenta o Jejum, a imposição das mãos e o exorcismo, a marcação com o sinal da cruz, a bênção sobre a água, o ato de despir as roupas, a ação de graças sobre o óleo, a renúncia, a profissão de fé com o banho batismal, a unção com o óleo, o revestimento com as roupas e a entrada na igreja, indicações que podemos ler no excerto abaixo:

Jejuem os que receberão o Batismo na véspera do sábado; e, no sábado, serão eles reunidos em que um só local, designado pelo bispo.

Ordene-se a todos que rezem e se ajoelhem: impondo sobre eles a mão, exorcizará o bispo todos os espíritos “estranhos” para que fujam e não tornem jamais ao terminar o exorcismo, sobre-lhes no rosto.

Depois de marcar-lhes com o sinal da cruz a frente, os ouvidos e as narinas ele os fará levantarem-se.

E permanecerão vigilantes durante toda a noite, e se lerá para eles, e serão instruídos. Não tenham os *baptizandi* nada em seu poder, a não ser que trazem para a Eucaristia o que se tornou digno deve participar, na mesma hora, da Oblação.

Ao cantar do galo, reze-se, primeiro, sobre a água. Deve tratar-se de água corrente, na fonte, ou derramando-se do alto; assim deve ser, exceto, porém, em caso de necessidade: se esta persistir, ou for premente, use-se a água que se encontrar.

Os *baptizandi* despirão suas roupas, batizando-se primeiro as crianças. Todos os que puderem falar por si mesmos, falem. Os pais, ou alguém da família, falem, porém, pelos que não puderem falar por si. Batizem-se depois os homens e finalmente as mulheres – que terão soltado os cabelos e tirado os enfeites de ouro (e prata) que sobre si levassem: ninguém usará qualquer objeto estranho ao descer para a água.

No momento previsto para o Batismo, o bispo dará graças sobre o óleo, que porá em um vaso e chamará “óleo de ação de graças”. E tomará também outro óleo, que exorcizará e chamará “óleo de exorcismo”.

³⁷⁵ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã). p. 80.

³⁷⁶ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 84.

³⁷⁷ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 84-85.

³⁷⁸ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 86-95.

³⁷⁹ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 95-96.

O diácono trará o óleo de exorcismo e colocar-se-á à esquerda do presbítero; outro diácono pegará o óleo de ação de graças, colocando-se à direita do presbítero. Acolhendo este cada um dos que recebem o Batismo, ordene-lhe renunciar, dizendo: Renuncio a ti, satanás, a todo o teu serviço e a todas as tuas obras. Após a renúncia de cada um, unja-o com óleo de exorcismo, dizendo-lhe: Afasta-se de ti todo espírito impuro. E, assim, entregue-o nu ao bispo ou ao presbítero que se mantém junto da água e batiza. Desça também com ele o diácono, desta forma: Assim que desce à água o que é batizado, diga-lhe o que batiza, impondo sobre ele a mão: Crês em Deus Pai Todo-poderoso? E o que é batizado responda: Creio. Imediatamente, com a mão pousada sobre a sua cabeça, batize-o aquele uma vez. E diga, a seguir: Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria, e foi crucificado sob Pôncio Pilatos e morreu (e foi sepultado) e, vivo, ressurgiu dos mortos no terceiro dia, e subiu aos céus e sentou-se à direita do Pai e há de vir julgar os vivos e os mortos? Quando responder: Creio, será batizado pela segunda vez. E diga novamente: Crês no Espírito Santo, na santa Igreja (e na ressurreição da carne)? Responda o que está sendo batizado: Creio. E seja batizado pela terceira vez. Depois de subir da água, seja unguido com o óleo santificado, pelo presbítero, que diz: Unjo-te com o óleo santo, em nome de Jesus Cristo. Depois, um por um, enxuguem-se, vistam-se e entrem na igreja³⁸⁰.

Sobre isso, aliás, outra vez encontramos no testemunho de Etéria, do século IV d.C., em sua peregrinação à Jerusalém, a recordação de que durante a celebração do Batismo havia a inscrição do nome no período da Quaresma, a apresentação dos candidatos, o exorcismo, a catequese, o recebimento do símbolo (Creio), a recitação do símbolo perante o bispo e o banho batismal³⁸¹. Do mesmo século, além disso, é o testemunho de Santo Ambrósio, que, em suas catequeses, recorda as etapas do rito ambrosiano do Batismo, que consiste nas seguintes etapas: era realizado durante a quaresma, havia uma confirmação de se os candidatos estavam aptos a receber o Batismo, orações e bênção sobre os catecúmenos, no Domingo de Ramos se entregava o símbolo, a água era abençoada na Vigília Pascal, fazia-se o rito do “Éfata” com o óleo, a renúncia ao demônio e o exorcismo, a invocação do Espírito, o toque nos ouvidos e nas narinas, a unção na cabeça, o mergulho na água com a fórmula trinitária e, por fim, o lava-pés³⁸².

Ainda do século IV, enfim, dá-se o testemunho de São Cirilo de Jerusalém em suas catequeses mistagógicas, que apresentam o ritual do Batismo com a seguinte sequência: a instrução mistagógica, a renúncia a satanás, a profissão de fé, o despojamento dos vestidos, a unção com óleo exorcizado e a imersão batismal³⁸³. Com base em todos esses relatos e testemunhos, pudemos ter uma noção de como a Igreja nos primeiros séculos do Cristianismo

³⁸⁰ TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 87-91 – grifos do texto.

³⁸¹ Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA, 2023, p. 161-167.

³⁸² Cf. AGNELO, Geraldo Majella. Comentários: Os sacramentos da iniciação cristã. In. AMBRÓSIO, Santo. *Os Sacramentos e os Mistérios*: Iniciação cristã na Igreja primitiva. Tradução de D. Paulo Evaristo Arns. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã). p. 25-28.

³⁸³ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM, 2020, p. 31-45.

compreendia o ritual do Batismo e, sobretudo, como o praticava. É, pois, o momento de passarmos a algumas indicações sobre o ritual do Batismo à luz do Magistério da Igreja, de um modo mais específico a partir da sua reforma à luz da proposta do Concílio Vaticano II.

3.1.3 Uma autêntica renovação litúrgico-pastoral em nossas comunidades

Após termos abordado o período da patrística, nos séculos VI-X d.C., falando apenas da liturgia romana, focalizaremos dois documentos que servirão de base para todo o desenvolvimento da iniciação cristã, a saber: o Sacramentário Gelasiano antigo – que abrange uma prática entre os anos de 550-700 d.C.; e o *Ordo romanus XI* – que está muito ligado ao Gelasiano, e sua prática corresponde ao final do século VII. De acordo com a interpretação desses documentos, os Sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia estavam intimamente unidos (Iniciação Cristã)³⁸⁴. Já no período que vai do século X ao século XX, no Concílio Vaticano II (1962-1965), a celebração do Batismo passaria a ter algumas mudanças, devido ao seu distanciamento da Páscoa, ao ponto de que, no século XII, a prática do Batismo de recém-nascidos se tornaria a única forma do Batismo, fazendo com que o catecumenato não tivesse mais sentido e, assim, desaparecesse completamente. No século XIV, a prática comum que se pode encontrar é o Batismo por infusão e, raramente, o Batismo por imersão. Nesse momento, o Sacramento da Confirmação se separa do Batismo. Apenas em 1614, já vários anos após o Concílio de Trento (1545-1563), o Papa Paulo V promulgou o Ritual Romano, no qual propunha um *Ordo baptismi parvulorum* – Ritual do Batismo de crianças – um ritual abreviado do Rito do Batismo de adultos adequado para as crianças; e um *Ordo baptismi adultorum* – Ritual do Batismo de adultos³⁸⁵.

Com o advento do Concílio Vaticano II, bebendo do Movimento Litúrgico, do Movimento Patrístico e do Movimento Bíblico, os padres conciliares solicitaram que se restaurasse o catecumenato dos adultos e fossem revisados os rituais do Batismo e da Confirmação³⁸⁶. Assim, após a promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, pelo papa São Paulo VI, em 1963, seis anos mais tarde, aos 15 de maio de 1969, atendendo ao que se ordenava no documento – “Reveja-se o rito do batismo das crianças e adapte-se à sua real condição. Dê-se maior realce, no rito, à parte e aos deveres dos pais e padrinhos”³⁸⁷ – era

³⁸⁴ Cf. AUGÉ, 2005, p. 102.

³⁸⁵ Cf. AUGÉ, 2005, p. 103.

³⁸⁶ Cf. SC, n. 64-71.

³⁸⁷ SC, n. 67.

promulgado o Ordinário (Ritual) do Batismo de Crianças. Ainda um pouco mais tarde, em 1972, no dia 6 de janeiro, promulgou-se o Ordinário da Iniciação Cristã de Adultos, também observando o que ordenou o Sagrado Concílio. Ambos os rituais são os mesmos que até o presente utilizamos em nossas celebrações do Batismo. A reforma dos rituais do Batismo de Crianças e Adultos teve a intenção de fazer crescer em nós e na comunidade que celebra a dimensão celebrativa e vivencial do Batismo, para que participando da vida em Cristo, sejamos seus imitadores.

O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos tem como estrutura de base o mesmo apresentado por Hipólito de Roma em sua Tradição Apostólica. O Batismo de Adultos, então, passou a ser celebrado junto da comunidade dos fiéis de modo gradual, pelo que está dividido em tempos e graus, cuja estrutura destacamos no que segue, com base na própria introdução do Ritual:

O Rito de iniciação se adapta ao itinerário espiritual dos adultos, que varia segundo a multifôrme graça de Deus, a livre cooperação dos mesmos, a ação da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar.

Nesse itinerário, além do tempo de informação e amadurecimento (cf. n. 7), há “etapas” ou passos, pelos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau.

- a) Verifica-se a primeira etapa quando, aproximando-se de uma conversão inicial, quer tornar-se cristão e é recebido como catecúmeno pela Igreja.
- b) A segunda quando, já introduzido na fé e estando a terminar o catecumenato, é admitido a uma preparação mais intensiva para os sacramentos.
- c) A terceira quando, concluída a preparação espiritual, recebe os sacramentos de iniciação cristã.

Há portanto, três etapas, passos ou portas que devem ser considerados momentos fortes ou mais densos da iniciação. Essas etapas são marcadas por três ritos litúrgicos: a primeira, pelo rito de instituição dos catecúmenos; a segunda, pela eleição; e a terceira, pela celebração dos sacramentos³⁸⁸.

Continua, ainda, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos:

As etapas conduzem aos “tempos” de informação e amadurecimento ou são por eles preparadas:

- a) O primeiro tempo, que requer a informação da parte do candidato e da parte da Igreja, é consagrado à evangelização e ao “pré-catecumenato”, encerrando-se com o ingresso na ordem dos catecúmenos.
- b) O segundo tempo, que se inicia por esse ingresso e pode durar vários anos, é dedicado à catequese e aos ritos anexos, terminando no dia da eleição.
- c) O terceiro tempo, muito breve, que normalmente coincide com a preparação quaresmal para as solenidades pascais e os sacramentos, é assinalado pela purificação e pela iluminação.
- d) O último tempo, que dura todo o período pascal, é consagrado à “mistagogia”, isto é, à aquisição de experiências e de resultados positivos, assim como ao aprofundamento das relações com a comunidade dos fiéis.

³⁸⁸ RICA, n. 5-6 – Introdução ao Rito da Iniciação Cristã de Adultos – grifo do autor.

São, portanto, quatro os tempos sucessivos: o do “pré-catecumenato”, caracterizado pela primeira evangelização; o do “catecumenato”, destinado a mais intensa preparação espiritual; e o da “mistagogia”, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade³⁸⁹.

A celebração do Batismo, conforme o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) se dá na noite da Vigília Pascal, na qual após a homilia, segue-se em procissão ao batistério ao canto da ladainha de todos os santos, abençoa-se a água, segue-se com a renúncia e a profissão de fé, depois é feita a ablução com água, dizendo a fórmula: “As palavras pelas quais se confere o Batismo na Igreja latina são estas: ‘Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo’”³⁹⁰. Encerra-se com o recebimento da veste nova e da vela, com a celebração da Confirmação e, enfim, com a participação da Eucaristia.

O Ritual do Batismo de Crianças está organizado em quatro momentos: os ritos de acolhimento, a liturgia da Palavra, a liturgia do Sacramento e os ritos de conclusão. O primeiro e o último momento são como que o coroamento do segundo e do terceiro momento. “O ritual sugere que cada um dos quatro tempos seja celebrado em um lugar específico, que contribui para iluminar o caráter próprio de cada um”³⁹¹. Vejamos como o Ritual apresenta essas quatro etapas:

O rito começa pela acolhida das crianças, na qual se manifestam a vontade dos pais e padrinhos e o propósito da Igreja ao celebrar o batismo, mediante a assinalação da frente das crianças com o sinal-da-cruz, feito pelo celebrante e pelos pais.

A sagrada celebração da Palavra de Deus, pretende que, antes da ação do mistério, seja despertada a fé dos pais, dos padrinhos e de todos os presentes, e que numa prece comum se implorem os frutos do sacramento. Consta, pois, da leitura de uma ou várias passagens da Sagrada Escritura; a homilia, seguida de um tempo de silêncio; a oração dos fiéis a ser concluída com uma oração, que, sob a forma de exorcismo, introduz a unção com o óleo dos catecúmenos ou a imposição da mão.

A celebração do sacramento:

1) é imediatamente preparada:

a. seja pela oração do celebrante, na qual invocando a Deus e recordando o seu desígnio de salvação, benze a água do batismo ou lembra a sua benção;
b. seja pela renúncia dos pais e padrinhos ao demônio e pela profissão de fé seguida do assentimento do celebrante e da comunidade; e pela última interrogação aos pais e padrinhos;

2) realiza-se pela ablução da água, que pode ser por imersão ou infusão, conforme os costumes locais, e a invocação da Santíssima Trindade;

3) completa-se, finalmente, pela unção do crisma, com a qual se deseja significar o régio sacerdócio do batizado e sua integração no povo de Deus; encerra-se, em seguida, com os ritos da veste branca, da vela acesa e do “Éfata” (de livre escolha, no fim).

Depois da exortação do celebrante, renunciando a participação futura na Eucaristia, diz-se, diante do altar, a oração do Senhor, pela qual os filhos de Deus oram ao Pai

³⁸⁹ RICA, n. 7 – Introdução ao Rito da Iniciação Cristã de Adultos – grifos do autor.

³⁹⁰ RICA, n. 23 – Observações preliminares gerais. Esta observação também é feita no Ritual do Batismo de Crianças (cf. RBC, n. 32 – Observações preliminares gerais).

³⁹¹ CASPANI, 2013, p. 284.

que está nos céus. Finalmente, para que sobre todos se derrame a graça de Deus, dá-se a bênção às mães, aos pais e também a todas as pessoas presentes³⁹².

Tendo, portanto, apresentado a estrutura dos rituais para o Batismo de Adultos e de Crianças, não poderíamos deixar de destacar os elementos necessários para a celebração do Batismo. São eles: a água, a fonte batismal, o batistério, o rito essencial, a fórmula sacramental, o ministro, os pais, os padrinhos, os instrutores e a comunidade dos fiéis. Esses elementos tornam mais expressivos os sinais litúrgicos presentes em toda a celebração e nos fazem viver de modo intenso cada momento da celebração³⁹³.

3.2 A TEOLOGIA DO RITO DO BATISMO

Toda a liturgia é formada por ritos, isto é, gestos que carregam um significado, um simbolismo, e que nos levam a um encontro com os mistérios de Cristo, segundo o sacramento que se está celebrando. Desde os primórdios do cristianismo, a liturgia sempre foi considerada como lugar da teologia primeira, uma vez que “representa o primeiro momento em que a profissão de fé, transformando-se em praxe vivida, se torna a primeira linguagem teológica concreta que, na igreja, se viu colocada na base de todas as reflexões posteriores para a compreensão do que, como ditado simbólico, era apresentado aos fiéis na liturgia”³⁹⁴, formando, assim, a teologia segunda³⁹⁵. O rito e o discurso teológico, andam sempre juntos, pois um dá razão ao outro. Desse modo, uma vez que falamos da estrutura do rito do Batismo, na presente seção abordaremos a teologia existente nesse mesmo rito.

3.2.1 O Batismo revela a opção fundamental do cristão

Vimos, na seção anterior, que no Novo Testamento ainda não havia uma fórmula ritual litúrgica para se administrar o Batismo, embora haja ali elementos para a consideração de momentos estruturantes desse processo, como: i) a escuta da pregação e a conversão, ii) a

³⁹² RBC, n. 16-19 – Observações preliminares – grifo do autor.

³⁹³ Uma vez que nosso foco é tratar o papel da música litúrgica na liturgia batismal, gostaríamos de apenas destacar que, quanto à validade, licitude, ordens mais práticas quanto as exigências na escolha de padrinhos, ministros, local de celebração, quem pode receber o Batismo, encontraremos tanto nas introduções de cada Ritual (RICA E RBC) como no Código de Direito Canônico, nos cânones 849-878.

³⁹⁴ MARSILI, Salvatore. Teologia Litúrgica. In. SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). *Dicionário de Liturgia*. Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo, SP: Paulus, 1992. (Dicionários). p. 1178.

³⁹⁵ Cf. MARSILI, 1992, p. 1178.

adesão à fé em Cristo Jesus, e, por fim, iii) a celebração sacramental. Justamente dessa tríplice orientação podemos aferir o significado teológico desse modo de batizar.

Após a sua pregação, as pessoas da multidão que escutava São Pedro sentiram seu coração traspassado e, assim, o questionavam e aos outros apóstolos: “Irmãos, que devemos fazer?”³⁹⁶. São Pedro, então, lhes responde dizendo: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo”³⁹⁷. O primeiro passo para se aproximar das águas santificadas, é permitir-se ser tocado pelas palavras de Cristo Jesus através da catequese, da pregação. Deixar que o coração arda, que seja traspassado por essas palavras e busque segui-las. Isso é possível pelo fato de que, uma vez alcançados por Cristo, “Nós cremos no amor de Deus — desse modo, pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”³⁹⁸. Após essa escuta da Palavra, do querigma, desse encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, não há outra reação a não ser deixar toda a vida de pecado em função de uma vida nova, vida essa que só se recebe quem busca estar unido a Cristo, o Senhor³⁹⁹.

Semelhante processo de conversão parte da fé. Como diz o Papa Bento XVI, na Carta Apostólica, sob forma de *Motu Proprio, Porta Fidei*:

[...] no mistério da sua morte e ressurreição, Deus revelou plenamente o Amor que salva e chama os homens à conversão de vida por meio da remissão dos pecados (cf. *At* 5, 31). Para o apóstolo Paulo, este amor introduz o homem numa vida nova: “Pelo Batismo fomos sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova” (*Rm* 6, 4). Em virtude da fé, esta vida nova plasma toda a existência humana segundo a novidade radical da ressurreição. Na medida da sua livre disponibilidade, os pensamentos e os afetos, a mentalidade e o comportamento do homem vão sendo pouco a pouco purificados e transformados, ao longo de um itinerário jamais completamente terminado nesta vida. A “fé, que atua pelo amor” (*Gl* 5, 6), torna-se um novo critério de entendimento e de ação, que muda toda a vida do homem (cf. *Rm* 12, 2; *Cl* 3, 9-10; *Ef* 4, 20-29; *2Cor* 5, 17)⁴⁰⁰.

Sem a fé não se pode ser batizado, porque, como está explícito na resposta de São Pedro, o Batismo vem após a pessoa ter se encontrado com Jesus, convertendo-se e abraçando

³⁹⁶ *At* 2,37.

³⁹⁷ *At* 2,38.

³⁹⁸ BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est sobre o amor cristão*. 11.ed., São Paulo, SP: Paulinas, 2011. (A voz do papa 189). n. 1.

³⁹⁹ Cf. *Rm* 10,17.

⁴⁰⁰ BENTO XVI. *Carta apostólica sob forma de Motu proprio Porta Fidei*. São Paulo, SP: Paulinas, 2011. (A voz do papa 195). n. 6.

a fé. Na verdade, o Batismo se encontra no centro do seu “convite/imperativo”⁴⁰¹, marcados pelos três verbos: arrependei-vos, seja batizado e recebereis.⁴⁰² Assim diz Mariosan Marques, ao explicar sobre esses conceitos:

[...] os dois primeiros verbos são imperativos aoristos e expressam o comportamento que se requer para o cumprimento da promessa apresentada pelo terceiro verbo que está no futuro indicativo. A sequência dos dois primeiros indica a prioridade do ato interno (conversão, *metanoia*) com relação ao ato externo (batismo, *báptisma*) que vem depois. A conversão está expressa por uma só palavra: o autor considera que este significado está suficientemente claro para os seus leitores e não se necessita de maiores especificações. O batismo é o que complementa a conversão e permite entender melhor seu sentido e alcance. A promessa do dom do Espírito, como consequência da conversão e do batismo, é expressa de forma muito simples: se trata do Espírito Santo percebido como um dom de Deus⁴⁰³.

Outro elemento presente nesse “rito” apresentado pelos Atos dos Apóstolos é o relato de que o Batismo da comunidade cristã era sempre feito “em nome de Jesus Cristo”⁴⁰⁴. Essa expressão não quer dizer que essa seja a fórmula litúrgica incluída no rito do Batismo. Trata-se de uma formulação teológica que almeja demonstrar o sentido do rito realizado, também, para diferenciar o Batismo realizado por João Batista do Batismo de Jesus⁴⁰⁵. Ao mencionar-se que alguém é batizado “em nome de Jesus”, significa que:

[...] o “nome” de Jesus evoca todo o evento da salvação que Deus realizou nele; o Batismo “no nome de Jesus” teria sido entendido, progressivamente, como um Batismo que tem relação com o nome de Cristo, no qual o batizado é introduzido. Tal realidade funda e explica a originalidade do Batismo cristão com relação às outras formas de ablução e mesmo com relação ao rito do Batista⁴⁰⁶.

Ainda quanto à estrutura apresentada nos Atos dos Apóstolos, podemos retirar alguns elementos que, ulteriormente, serviriam de base para a teologia batismal. O Batismo é apresentado como sendo um ato individual e não coletivo. Eis porque se diz: “e cada um de vós [...]”⁴⁰⁷. Além disso, ele deve ser administrado por um terceiro, pelo fato do verbo estar na voz passiva – “seja batizado”⁴⁰⁸. Ninguém se autobatiza. É preciso que outro confira o Batismo. O

⁴⁰¹ MARQUES, Mariosan de Sousa. *O batismo no Novo Testamento*. Cachoeirinha, RS: Fi, 2023. p. 91.

⁴⁰² Cf. MARQUES, 2023, p. 91.

⁴⁰³ MARQUES, 2023, p. 91-92 – grifos do autor.

⁴⁰⁴ At 2,38. Essa expressão pode ser encontrada escrita nos Atos do Apóstolos, em grego, de três maneiras, como nos apresenta Pierpaolo Caspani:

“*Eis tò ónoma tú Kyríu Iesú* (At 8,16; 19,5)

Epi tò(i) onómati Iesú Christú (At 2,38)

En tò(i) onómati Iesú Christú (At 10,48)” (CASPANI, 2013, p. 57 – grifos do texto).

⁴⁰⁵ Cf. CASPANI, 2013, p. 56-57.

⁴⁰⁶ CASPANI, 2013, p. 58 – grifos do autor.

⁴⁰⁷ At 2,38.

⁴⁰⁸ At 2,38.

significado de batizar é o de mergulhar na água, banhar-se⁴⁰⁹. O Batismo realizado “em nome de Jesus Cristo”⁴¹⁰ remete à sua função messiânica, na qual a pessoa é batizada em virtude da autoridade de Jesus, de Seu mandato. Sem Jesus, o Messias, o Batismo não tem sentido. Um dos efeitos do Batismo é o perdão dos pecados. Podemos encontrar essa expressão no Novo Testamento com mais frequência nos textos de São Lucas. O Batismo em nome de Jesus, como vimos, só é dado após a conversão, ou seja, pressupõe a conversão primeiro, diferente da prática de João Batista, que embora tivesse a mesma finalidade de perdão dos pecados, aplicava apenas um Batismo de conversão⁴¹¹. Por fim, há o elemento da conversão, do arrependimento, considerado um pressuposto para se receber o Espírito. Por isso utiliza-se um termo auxiliar – “então” – quando se diz: “[...] remissão dos vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo”⁴¹², concluindo que a recepção do dom do Espírito Santo é causa da remissão dos pecados⁴¹³.

3.2.2 O Batismo é obra de Cristo

Observando o ritual do Batismo proposto pelos padres da Igreja, segundo seus costumes, podemos destacar alguns elementos do rito que buscam colocar em prática aquilo que se crê na teologia batismal, também contribuindo para o desenvolvimento dessa. Nota-se que no Batismo há uma presença significativa da comunidade, a qual está envolvida e empenhada na preparação, no acompanhamento, nos exames dos candidatos ao Batismo⁴¹⁴. Isso mostra que o Batismo não é algo privado, mas comunitário, porque os batizados formam um único corpo, o Corpo Místico de Cristo. Vejamos como Hipólito de Roma apresenta essa colaboração dos catequistas, instrutores, leigos:

[...] os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo – e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé. Deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra; sejam também interrogados sobre sua vida: se tem mulher, se é escravo; se algum deles for escravo de um fiel – e o seu

⁴⁰⁹ Vale-nos ressaltar que, como diz Marques, referente ao verbo estar na voz passiva, há ali um significado, pois os “verbos usados na voz passiva no Novo Testamento, normalmente são classificados como passivo divino, isto é, omite-se o agente que se trata do próprio Deus. No caso do batismo, embora os ministros do rito sejam os apóstolos, Aquele que de fato batiza é Deus com o dom do seu Espírito” (MARQUES, 2023, p. 92 – nota de rodapé 2).

⁴¹⁰ At 2,38.

⁴¹¹ At 13,24; 19,4; Lc 3,3.

⁴¹² At 2,38.

⁴¹³ Cf. MARQUES, 2023, p. 92-93.

⁴¹⁴ Cf. GIBIN, Maucyr. Introdução. In. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 32.

senhor lhe permitir – ouça a Palavra; mas se o senhor não der testemunho dele dizendo que é bom, seja recusado⁴¹⁵.

Destacamos, também, o fator do tempo de preparação. Assim como o Senhor passou três anos ensinando os seus Apóstolos, o processo catecumenal dos padres da Igreja também indica um caminho formativo no qual se faz a leitura da Palavra com os catecúmenos durante três anos, com o propósito de moldar o coração de cada catecúmeno. Esse período longo serve para verificar se, de fato, os comportamentos apresentados por eles eram de pessoas realmente convertidas, já que, para receber o Batismo, como vimos no subtópico acima, era necessário primeiro ouvir a pregação e se converter⁴¹⁶.

Uma vez que a conversão é condição para ser batizado, é preciso deixar as coisas antigas para trás. Por isso, quando, ainda hoje, faz-se as renúncias a satanás e a todas as suas obras, não se trata de mero formalismo, mas atestação da mudança de mentalidade a partir do encontro com Cristo na Palavra. Ao renunciar satanás, o catecúmeno mostra que houve uma conversão e está disposto a um novo tipo de relação, isto é, a “vida em igreja, com as solicitações sociais, ocasiões de pecar e os costumes pecaminosos”⁴¹⁷. Trata-se de um destaque que, aqui, tem o intuito de mostrar que o estilo de vida daqueles que querem seguir Jesus deve ser condizente com a prática do Evangelho.

Há, porém, outro elemento importante e que vale ser aqui destacado, como segue: a ação do Espírito Santo. É Ele, pois, quem age em todo o processo. É Ele quem transforma os corações, dos mais pecadores, e os inserem na vida nova. Durante todo o processo do catecumenato é invocado o Espírito Santo sobre os catecúmenos. O dom de Deus, para que se tornem realmente semelhantes a Jesus Cristo⁴¹⁸.

Assim, o processo de preparação, escuta da Palavra, evangelização, serve para que haja uma verdadeira adesão ao projeto de vida e conversão de Jesus Cristo. Sem essa adesão de fé em Cristo Jesus, não tem como ser batizado, sendo que, para receber o Batismo, é preciso apresentar um sinal de fé. Por isso se professa o Símbolo, ou seja, o Credo antes de ser mergulhado nas águas batismais⁴¹⁹. Também sobre isso relata Etéria em sua peregrinação à Jerusalém:

[...] decorridas, pois, sete semanas, resta apenas a semana pascal que, chamam *septimana maior* – grande semana; já, então, o bispo chega de manhã à Igreja Maior,

⁴¹⁵ TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 80.

⁴¹⁶ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 84.

⁴¹⁷ GIBIN, Maucyr. Introdução. In. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 32.

⁴¹⁸ TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 85.

⁴¹⁹ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 89-90.

ao *Martyrium*. No fundo da abside, atrás do altar, coloca-se a cátedra episcopal e os *competentes* se aproximam, um a um, cada homem com o padrinho e cada mulher com a madrinha, e repetem o *symbolum* ao bispo⁴²⁰.

Os padres da Igreja tinham consciência de que o Batismo era obra de Cristo, porque foi Ele mesmo quem o instituiu, dando plenitude a tudo o que fora preanunciado no Antigo Testamento, através de sua obra redentora na Cruz. Da água que brota do lado da rocha ferida por Moisés, passa, então, a jorrar sangue e água do lado traspassado de Cristo, lavando todo o pecado⁴²¹. As águas batismais têm o poder de transmitir vida e fazer comunicar com o eterno. Elas são eficazes e nos purificam porque

[...] o Espírito Santo, como outrora o anjo da piscina, desce sobre elas e lhes comunica, por sua presença, o poder de curar as enfermidades de nossas almas. A consagração das águas e o mistério da cruz atraem o Espírito Santo sobre elas e as tornam salutare⁴²².

O Batismo é o desejo de Deus para restaurar a humanidade decaída pelo pecado original. Ao sermos mergulhados três vezes nas águas santificadas – “a tríplice imersão/emersão representa o coração do rito batismal”⁴²³ –, morremos e ressuscitamos com Cristo. Por isso, ao ser abençoada, a Cruz de Cristo a santifica e ao sermos tocados por ela, participamos do Seu mistério Pascal, pelo qual fomos salvos. A celebração do Batismo, nos primórdios do cristianismo, está muito relacionada com a Páscoa de Jesus, pelo que a preparação foi gradualmente remetida para o período da Quaresma, com o banho batismal na Vigília Pascal, ressaltando que, em Cristo, pelo Mistério Pascal, somos uma nova criatura.

Elencamos, por fim, a importância de dois elementos utilizados nesse período: o óleo e a veste, cada qual com um significado. O óleo, representa a fortaleza do Espírito Santo, derramada sobre a pessoa que, renovada pelo Batismo, é revestida com essa força para as lutas do dia a dia contra as armadilhas do mal. A veste branca, por sua vez, representa a vida nova recebida pelo Batismo, que acompanha o novo estado da pessoa. Se é uma nova criatura, também se deve usar uma veste nova, branca e sem manchas.

⁴²⁰ PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA, 2023, p. 165 – grifos do texto.

⁴²¹ Cf. Ex 17,1-7; Jo 19,34.

⁴²² AGNELO, Geraldo Majella. Comentários: Os sacramentos da iniciação cristã. In. AMBRÓSIO, 2019, p. 19.

⁴²³ CASPANI, 2013, p. 156.

3.2.3 O Batismo é o evento da nossa salvação

Após a reforma dos rituais do Batismo de Crianças e da Iniciação Cristã de Adultos no Concílio Vaticano II, e, também, no pensamento teológico, podemos perceber a riqueza do Sacramento do Batismo a partir dos seus textos eucológicos, dos ritos. Toda a teologia do Batismo está resumida nesses rituais. Desse modo, apresentaremos um breve resumo desse significado a partir dos ritos, como nos afirma o Catecismo da Igreja Católica: “o significado e a graça do sacramento do Batismo aparecem com clareza nos ritos de sua celebração. Acompanhado, com atenta participação, os gestos e as palavras desta celebração, os fiéis são iniciados nas riquezas que este sacramento significa e realiza em cada novo batizado”⁴²⁴.

O Batismo “é o fundamento de toda a vida cristã, a porta da vida no Espírito (*vitae spiritualis janua*), a porta que dá acesso aos demais sacramentos”⁴²⁵. Através dele nossos pecados são apagados, e nascemos novamente, não mais como criaturas, mas filhos de Deus, no Filho, Cristo Jesus. O santo Batismo nos faz participantes da Igreja de Jesus Cristo, da sua missão⁴²⁶. Assim sendo, em primeiro lugar está a demonstração da alegria da Igreja em receber mais um membro que, pela água, pelo Espírito e pela Palavra, torna-se um filho seu: “se os nossos pais nos geraram para a vida terrena, a Igreja regenerou-nos para a vida eterna no Batismo. Tornamo-nos filhos no seu Filho Jesus (cf. Rm 8, 15; Gl 4, 5-7)”⁴²⁷. Com isso, toda a comunidade o acolhe, juntamente com seus pais e padrinhos, assumindo o compromisso de auxiliar os pais na missão de educá-los na fé da Igreja, à qual aderem pelo Batismo⁴²⁸. Pergunta-se o nome dado a essa criança, catecúmeno, recordando que assim seremos chamados por Deus, somos únicos, Ele nos conhece pelo nome. Desse modo, para marcar esse compromisso, assinala-se a fronte e, ou, os sentidos (peito, ouvidos, boca, olhos, ombros) com a marca de Cristo – o sinal da cruz – “naquele que vai pertencer-lhe e significa a graça da redenção que Cristo nos proporcionou por sua cruz”⁴²⁹.

Ao passar para a liturgia da Palavra, os que participam dessa celebração devem recordar e compreender que “o anúncio da Palavra de Deus ilumina, com a verdade revelada,

⁴²⁴ CIgC, n. 1234.

⁴²⁵ CIgC, n. 1213 – grifos do texto.

⁴²⁶ Cf. CIgC, n. 1213.

⁴²⁷ FRANCISCO, 2018, p. 31 – Audiência Geral sobre o Batismo 09 de maio de 2018.

⁴²⁸ Quando falamos de Batismo de Crianças, veremos no ritual a ênfase dada aos textos eucológicos, reforçando a tarefa dos pais, juntamente com os padrinhos e as madrinhas, no cuidado e no cultivo da chama da graça batismal nas suas crianças, alimentando-as e ajudando-as a perseverar na fé. “A instrução cristã, que por direito lhes é devida, nada mais visa senão a levá-las paulatinamente a aprender da Igreja o plano de Deus em Cristo, para que elas finalmente tomem consciência da fé em que foram batizadas e a abracem pessoalmente” (RBC, n. 3 – observações preliminares).

⁴²⁹ CIgC, n. 1235.

os candidatos e a assembleia, e suscita a resposta da fé, inseparável do Batismo. Com efeito, o Batismo é, de maneira especial, o ‘sacramento da fé’, uma vez que é a entrada sacramental na vida de fé”⁴³⁰. Encontramos na conclusão da liturgia da Palavra a oração do exorcismo e a unção pré-batismal. Esse exorcismo pede pela criança que será batizada a intervenção divina, para libertá-la do mal, recordando a obra redentora realizada por Deus em Jesus Cristo. E o óleo (dos catecúmenos), recordando o alistamento na milícia de Cristo, a “pertença de Cristo ou de inserção na *oliveira verdadeira*, que é Cristo; tudo isso, obviamente, em virtude do batismo”⁴³¹. Sobre isso, o Catecismo da Igreja Católica ainda diz:

Visto que o Batismo significa a libertação do pecado e de seu instigador, o diabo, pronuncia-se um (ou vários) exorcismo(s) sobre o candidato. Este é ungido com o óleo dos catecúmenos ou então o celebrante impõe-lhe as mãos e o candidato renuncia explicitamente a satanás. Assim preparado, ele pode confessar a fé da Igreja, à qual será “confiado” pelo Batismo⁴³².

Segue-se a procissão para o batistério, na qual se entoa a ladainha, pedindo a intercessão dos Santos todos para aquele que, em poucos instantes, receberá as águas santificadas. Como diz o Santo Padre, o Papa Francisco, em uma de suas catequeses sobre o Sacramento do Batismo:

À pia baptismal *nunca vamos sozinhos*, mas acompanhados pela oração da Igreja inteira, como recordam as ladainhas dos Santos que precedem a prece de exorcismo e a unção pré-batismal com o óleo dos catecúmenos. São gestos que, desde a antiguidade, asseguram a quantos se preparam para renascer como filhos de Deus, que a oração da Igreja os assiste na luta contra o mal, os acompanha no caminho do bem, os ajuda a libertar-se do poder do pecado, a fim de passar para o reino da graça divina. A prece da Igreja. A Igreja reza, e reza por todos, por todos nós! Nós, Igreja, oramos pelos outros⁴³³.

Diante da água, podendo ser a água abençoada na Vigília Pascal, faz-se uma oração de louvor por tão precioso dom, e, também para recordar a Páscoa. A água baptismal “é então consagrada por uma oração de epiclese (seja no próprio momento, seja na noite pascal). A Igreja pede a Deus que, por seu Filho, o poder do Espírito Santo desça sobre esta água, para que os que nela forem batizados nasçam ‘da água e do Espírito’ (Jo 3,5)”⁴³⁴. Nesse sentido, vale-nos, aqui, recordar os significados que a água tem na celebração do Batismo. Para isso, utilizamos das palavras de Ignacio Oñatibia, como segue:

⁴³⁰ CIgC, n. 1236.

⁴³¹ OÑATIBIA, 2007, p. 141-142 – grifos do autor.

⁴³² CIgC, n. 1237.

⁴³³ FRANCISCO, 2018, p. 23-24 – Audiência Geral sobre o Batismo 25 de abril de 2018.

⁴³⁴ CIgC, n. 1238.

Águas que purificam (águas lustrais): dão ênfase ao aspecto do batismo como purificação do pecado. Está relacionado com a figura bíblica do dilúvio.

Águas que fecundam (águas germinais): o batismo como princípio de vida. Evocam as águas primordiais da criação, as fontes que fecundam o paraíso, as *fontes de água viva*, as *águas doces* de Mara.

Águas que regeneram (águas medicinais): o batismo como banho de regeneração. Apela-se para as figuras bíblicas da cura de Naamã, do cego de nascença, do paralítico de Bezata (Betesda).

Águas que saciam a sede: o batismo como realização das aspirações da humanidade pela redenção em Cristo. Entra nos milagres de Mara, do Horeb e de Jericó; ‘como a corsa deseja as águas correntes’ (Sl 42,2).

A água pode simbolizar também o Espírito Santo, a Trindade, a Igreja (a piscina, *seio materno*) e a atividade salvífica que cada um desses protagonistas desenvolve no acontecimento batismal⁴³⁵.

O santo Batismo, pelo qual se realiza a morte ao pecado e nos faz ingressar na vida da Trindade Santa através do Mistério Pascal de Cristo, “é realizado da maneira mais significativa pela tríplice imersão na água batismal. Desde a Antiguidade, no entanto, ele pode também ser conferido derramando-se, por três vezes, a água sobre a cabeça do candidato”⁴³⁶. Como afirma o Papa Francisco, a “pia batismal é o lugar em que se faz a Páscoa com Cristo! O homem velho é sepultado com as suas paixões enganadoras (cf. Ef 4, 22), para que renasça uma nova criatura; verdadeiramente, passou o que era velho; eis que tudo se fez novo (cf. 2 Cor 5, 17)”⁴³⁷.

A unção pós-batismal com o santo Crisma⁴³⁸, “significa o dom do Espírito Santo ao novo batizado. Este tornou-se um cristão, isto é, ‘ungido’ do Espírito Santo, incorporado a Cristo, que é ungido sacerdote, profeta e rei”⁴³⁹. O rito do “Éfata” tem o significado de levar o neófito a compreender que o Batismo o fez abrir-se para o mistério da salvação, assim como Jesus abriu os ouvidos e a boca do surdo-mudo⁴⁴⁰. A veste nova (branca), faz alusão à novidade batismal, pelo que o neófito “vestiu-se de Cristo”: ressuscitou com Cristo”⁴⁴¹. Já o rito de entrega da vela acesa no círio pascal, recorda que Cristo mesmo iluminou aquele que acabou de sair das águas do dilúvio batismal e, também, que, pelo Batismo, somos iluminados. O

⁴³⁵ OÑATIBIA, 2007, p. 140-141 – grifos do autor.

⁴³⁶ CIgC, n. 1239.

⁴³⁷ FRANCISCO, 2018, p. 30 – Audiência Geral sobre o Batismo 09 de maio de 2018.

⁴³⁸ A título de curiosidade, a unção pós-batismal na Igreja do Oriente tem significado diferente da Igreja do Ocidente, como mostra o Catecismo, “na liturgia das Igrejas do Oriente, a unção pós-batismal é o sacramento da Crisma (Confirmação). Na liturgia romana, porém, esta primeira unção anuncia outra, a do santo Crisma, que será feita pelo Bispo, isto é, o sacramento da Confirmação, que, por assim dizer, ‘confirma’ e completa a unção batismal” (CIgC, n. 1242).

⁴³⁹ CIgC, n. 1241.

⁴⁴⁰ Cf. Mc 7,34; Cf. OÑATIBIA, 2007, p. 142.

⁴⁴¹ CIgC, n. 1243; Cf. GI 3,27.

próprio Batismo era chamado pelos padres da Igreja pela expressão “iluminação”. Cada batizado, então, é chamado a ser no mundo, em Cristo, luz⁴⁴².

Enfim, vimos que o Batismo nos permite que “Cristo viva em nós e que vivamos unidos a Ele, para colaborar na Igreja, cada um segundo a própria condição, para a transformação do mundo”⁴⁴³. Toda essa verdade, celebramos em cada parte, em cada sinal, em cada gesto presentes no rito do Batismo. E isso porque a celebração do Batismo não é um simples ato formal, ou um evento de status social, mas o evento da nossa salvação.

3.3 A SIMBIOSE ENTRE O RITO E A MÚSICA

Para compreendermos qual o papel da música litúrgica na liturgia batismal é preciso que conheçamos o rito do Batismo, como é estruturado, quais elementos estão presentes nele. É por isso que, nas seções anteriores, apresentamos um breve resumo de como o rito do Batismo que hoje utilizamos foi se desenvolvendo ao longo da história da Igreja, além de apontarmos algumas de suas principais características, o significado teológico presente em cada ação, cada gesto ritual. Tal construção figura de suma importância, pois, se temos consciência, conhecemos o que estamos celebrando, torna-se mais fácil introduzirmos a música para que haja uma verdadeira simbiose entre o rito e a música, de modo que o que se crê, se reza, se celebra e se vive, torna-se, também, o que se canta, fazendo-nos participar mais frutuamente do Mistério celebrado.

3.3.1 Celebração orante e participativa

Quando o rito e a música litúrgica se unem perfeitamente, notamos que o próprio rito é enriquecido pelos sons, ajudando-nos a adentrarmos no Mistério Pascal de Cristo, que se atualiza, por meio do Batismo. Trata-se de um esforço fundamental para que a celebração ocorra de forma orante, participativa por toda a comunidade reunida. Nesse sentido, Ione Buyst e frei Joaquim Fonseca, OFM, assim como os padres da Igreja fazia com os neófitos uma catequese mistagógica, para que pudessem compreender o mistério que eles acabaram de celebrar, também sugerem esse caminho ao escolherem os cânticos da liturgia, uma vez que eles têm a capacidade de nos colocar em diálogo com Deus e nos fazer participar de Seu Mistério. Vejamos o que eles dizem no excerto a seguir:

⁴⁴² Cf. Mt 5,14.

⁴⁴³ FRANCISCO, 2018, p. 17 – Audiência Geral sobre o Batismo 11 de abril de 2018.

É preciso saborear espiritualmente aquilo que se canta. É preciso que a música, na liturgia, seja vivida como um diálogo, uma comunhão, com Deus, de altíssima qualidade, uma participação no “mistério” do próprio Deus, revelado em Jesus, cuja memória celebramos na liturgia. Como todas as coisas na vida, é preciso que se aprenda isso, num caminho pedagógico. Um dos caminhos possíveis é a *mistagogia*: o método *mistagógico* ajuda-nos a adentrar nesse mistério⁴⁴⁴.

Quando meditamos antes o rito e os cânticos e vemos sua estreita relação, melhor tomamos parte, isto é, participamos do que celebramos. De início, devemos recordar que o Rito do Batismo está organizado em quatro momentos⁴⁴⁵: i) os ritos de acolhimento; ii) a Liturgia da Palavra; iii) a Liturgia Batismal; iv) os ritos finais. Para cada momento ritual é necessário um tipo de música próprio, de modo que não se cante qualquer coisa. Muitas vezes participamos de celebrações do Batismo e percebemos que, quase sempre, a música é muito pouco explorada. Nesse sentido, precisamos primeiro saber no rito quais momentos são indicados para se cantar e qual tipo de canto; depois, qual a característica de cada uma dessas músicas⁴⁴⁶.

3.3.2 Canto e música presentes no ritual do Batismo

Como se sabe, toda e qualquer celebração litúrgica está marcada pela presença da música. Os cantos ali presentes, que acompanham a ação litúrgica, ajudam-nos a entrarmos em sintonia com o que está sendo celebrado, unindo o nosso sentimento de comunidade celebrante através do rito realizado. Assim sendo, a música exerce a ação de criar um espaço poético no interior da celebração, que nos introduz aos gestos e aos movimentos realizados. Isso porque ela está a serviço da ação celebrada. Vejamos a proposta apresentada pelo ritual do Batismo no que se refere ao canto e à música.

Antes de iniciar a celebração do Sacramento do Batismo, o grupo de cantores pode entoar junto com a assembleia reunida, um refrão meditativo, ou um tropo que diz daquilo que será celebrado, por exemplo, “É Cristo que vive em mim”⁴⁴⁷, do Frei Luiz Turra, OFM Cap.:

⁴⁴⁴ BUYST, Ione; FONSECA, Joaquim. *Música ritual e mistagogia*. São Paulo, SP: Paulus, 2008. (Liturgia e música 7). p. 7.

O Apêndice II, no qual apresentamos a mistagogia de algumas músicas que podem ser cantadas na liturgia do Batismo, serve de exemplo de como a mistagogia na música litúrgica ajuda a celebrar e entrar no Mistério de Deus.

⁴⁴⁵ Optamos por utilizar o esquema do rito do Ritual do Batismo de Crianças, por ser o mais utilizado em nossas comunidades, na prática. Mas os princípios aqui apresentados, valem para o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.

⁴⁴⁶ Encontraremos, no Apêndice I, um resumo dos momentos que durante a celebração do Batismo, tanto no Ritual do Batismo de Crianças, quanto a parte sacramental do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.

⁴⁴⁷ “Já não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (TURRA, Frei Luiz. *É Cristo que vive em mim* (Gl 2,20). In. TURRA, Frei Luiz. *Palavras Sagradas de Paulo Apóstolo*. São Paulo, SP: Paulinas COMEP, 2006. 1CD, faixa 10).

pelo Batismo, Cristo habita em cada um dos batizados e na assembleia celebrante, que, ao mesmo tempo, professa essa verdade que se concretizará na vida das crianças que serão batizadas. Outro exemplo é o refrão meditativo “Louvarei a Deus”⁴⁴⁸, da comunidade de Taizé: a comunidade reunida para celebrar o Batismo, louva e bendiz a Deus por ter-lhe dado esse Sacramento que lhe conduz à vida eterna.

Durante os ritos de acolhimento, o canto está presente nas seguintes partes (ver Apêndice I): *Saudação*⁴⁴⁹, *Apresentação da criança e pedido do Batismo*⁴⁵⁰, *Sinal da Cruz*⁴⁵¹ e *Procissão de entrada*⁴⁵². Após a reunião iniciar, quando possível, na porta da Igreja, entoa-se um canto inicial, antes do presidente da celebração saudar a assembleia. Esse canto deve expressar a alegria da comunidade por estar reunida para celebrar a memória do seu Batismo e de sua salvação, mas, também, para celebrar a primeira Páscoa dos que ali serão batizados. Por isso, sua função é abrir a celebração, constituir e congregar a assembleia, introduzi-la no mistério que será celebrado, atuar como um prelúdio da ação litúrgica⁴⁵³. Sobre o canto de abertura, podemos destacar aquilo que o documento sobre a música litúrgica no Brasil afirma:

O canto de Abertura, inserido nos ritos iniciais, cumpre antes de tudo o papel de criar comunhão. Seu mérito é convocar a assembleia e, pela fusão das vozes, juntar os corações no encontro com o Ressuscitado, na certeza de que *onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles* (Mt 18,20). Este canto tem de deixar a assembleia num estado de ânimo apropriado para a escuta da Palavra de Deus [e a celebração dos Sacramentos]⁴⁵⁴.

Se estamos celebrando o Batismo, o canto de entrada deve expressar que o Batismo nos constituiu como um povo de reis, um povo sacerdotal e profético, tornou-nos filhos de Deus no Filho, ao recebermos a missão de anunciar o Evangelho. O canto deve ressaltar a dimensão do chamado a que somos convocados, para vivermos segundo a lei de Cristo, tanto em forma de louvor como celebrando a sua memória. Em seguida, temos a apresentação da criança e o pedido do Batismo, após encerrar essa parte, pode-se cantar uma aclamação. Com o intuito de melhor clarificarmos em que consiste tais aclamações, seguiremos o que diz Gelineau:

⁴⁴⁸ “Louvarei a Deus, seu nome bendizendo! Louvarei a Deus, à vida nos conduz” (COMUNIDADE DE TAIZÉ. Louvarei a Deus. In. COMUNIDADE DE TAIZÉ. *Coração confiante*. São Paulo, SP: Paulinas COMEP, 1999. 1CD, faixa 8).

⁴⁴⁹ Cf. RBC, n. 106.

⁴⁵⁰ Cf. RBC, n. 108-109.

⁴⁵¹ Cf. RBC, n. 116.

⁴⁵² Cf. RBC, n. 117.

⁴⁵³ Cf. FONSECA, Joaquim. *Cantando a missa e o ofício divino*. 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Liturgia e Música 1). p. 15; Cf. IGMR, n. 47.

⁴⁵⁴ Est. CNBB 79, n. 313 – acréscimo nosso.

[...] a aclamação é um ato vocal coletivo exprimindo admiração, cumprimentos, ou felicitações dirigidas a alguém ou, simplesmente, a alegria da festa. O conteúdo das palavras utilizadas não está no primeiro plano: Viva! urra! Bravo! Constata-se até o uso de palavras estrangeiras. Do mesmo modo, as liturgias cristãs conservaram palavras hebraicas como Amém! Aleluia! Hosana! Maranatha! que têm seu sentido nos ritos onde elas intervêm⁴⁵⁵.

Tais aclamações também podem constar de um versículo bíblico, conforme a sugestão do Rítual da Iniciação Cristã de Adultos, por exemplo, com a menção ao texto retirado da Carta de São Paulo aos Efésios 1,3-4, que diz: “Bendito seja Deus, que em Cristo vos chamou”⁴⁵⁶. Vale destacar que essa aclamação eleva um louvor a Deus por ter chamado mais um irmão, ou uma irmã, para fazer parte de Sua família, e, ao mesmo tempo, serve de acolhida ao candidato ao Batismo (outras opções poderão ser conferidas no Anexo I). Pode-se ainda ocorrer, se as circunstâncias permitirem, que, enquanto quem preside recebe a criança nos braços e os pais dizem o seu nome, a assembleia entoe cantando: “Bendito seja Deus para sempre!”⁴⁵⁷.

Tendo feito o pedido do Batismo e o compromisso dos pais, dos padrinhos e da comunidade reunida na missão de conduzir e educar a criança na fé da Igreja, segue-se o rito do sinal da cruz. Nesse momento, enquanto quem preside, os pais e padrinhos, e algumas pessoas da comunidade, traçam o sinal da cruz na frente da criança, pode-se cantar um canto apropriado. Esse cântico pode ser um hino, um cântico ou um tropo, por exemplo. Sua letra deve ressaltar que fomos salvos pela Cruz de Cristo. Há, nesse sentido, uma variedade de opções disponíveis, como, à guisa de ilustração, um cântico do Monsenhor Marco Frisina, chamado “Igreja do Ressuscitado”⁴⁵⁸ (*Chiesa del Risorto*), que expressa essa alegria da Igreja, esposa de Cristo nascida do Seu lado traspassado, pela Sua Páscoa santificada. Aquele que será batizado fará, então, parte dessa mesma Igreja. Será redimido por esse mesmo mistério da Cruz, sinal de Seu amor por cada um de nós. O rito de acolhimento, se a acolhida foi feita na porta da igreja, encerra-se com uma procissão de entrada com o círio pascal – sinal da presença do Ressuscitado que caminha à frente do Seu povo, a Igreja –, acompanhada de um canto. O canto aqui proposto deve adotar as mesmas características do canto inicial supracitado, pelo que vale recordar aquilo

⁴⁵⁵ GELINEAU, Joseph. *Os cantos da missa no seu enraizamento ritual*. Tradução de Marta Lúcia Ribeiro. São Paulo, SP: Paulus, 2013. (Liturgia e Música 9). p. 49.

⁴⁵⁶ RICA, n. 390, opção 6.

⁴⁵⁷ RBC, n. 109.

⁴⁵⁸ “Igreja que nasce da Cruz, do lado aberto do Senhor, pelo novo Adão és plasmada, esposa de graça na santidade. Igreja que vives da Páscoa, és pelo Espírito remida, vivificada pelo amor, fecundada na caridade. Do Senhor Ressuscitado nasce a esperança, das suas chagas, Salvação, sua luz nós caminharemos, Igreja remida pelo seu Amor” (FRISINA, Marco. Igreja do Ressuscitado. Tradução: José Reinaldo F. Martins Filho. In. ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. *Apostila 44º Curso de Canto Litúrgico*. Goiânia, GO: Arquidiocese de Goiânia, 2013. p. 58-60).

que dissemos no segundo capítulo deste estudo: cantar a liturgia batismal é cantar a Páscoa, assim sendo, os cânticos aqui apresentados, devem demonstrar essa alegria pascal.

No segundo momento, em que se desenvolve a Liturgia da Palavra, o canto está presente nas seguintes partes: *Proclamação da Palavra*⁴⁵⁹ e *Homilia*⁴⁶⁰. Quando os ritos de acolhimento não ocorrerem na porta da igreja, e, conseqüentemente, não havendo a procissão de entrada, o ritual indica que se pode cantar um refrão ou um canto apropriado, e até mesmo fazer uma entrada da Bíblia, segundo os costumes da comunidade. Um refrão que poderia ser cantado, por exemplo, em preparação para a escuta da Palavra de Deus, seria a composição da Irmã Agostinha Vieira “Que arda como brasa”⁴⁶¹, ou a canção da Irmã Miria T. Kolling, ICM, “Senhor, que a tua Palavra”⁴⁶². Ambos os cânticos, como refrões orantes com estrutura breve, chamam a atenção dos pais, padrinhos e de toda a comunidade reunida para a escuta da Palavra. Palavra que renova e desperta a fé. Palavra que os reuniu como batizados e os acompanha durante toda a caminhada cristã. Tudo isso em vista do sacramento que estão celebrando, pois, esse é o desejo para aqueles que serão batizados, que a mesma Palavra seja o alimento durante toda a sua vida e produza abundantes frutos.

O ritual também sugere que cante-se, entre as leituras, um salmo responsorial adequado. Para isso é preciso conferir quais salmos são sugeridos no próprio ritual, na seção Textos Bíblicos – Salmo Responsorial⁴⁶³. Antes do Evangelho, pode-se, ainda, cantar uma aclamação apropriada, cuja indicação igualmente se dispõe na seção Textos Bíblicos – Aclamação⁴⁶⁴, conforme o ritual. Para ajudar-nos na escolha de uma melodia para a aclamação ao Evangelho, tomemos por base o que diz o Frei Joaquim Fonseca, OFM:

⁴⁵⁹ Cf. RBC, n. 119-120.

⁴⁶⁰ Cf. RBC, n. 123.

⁴⁶¹ “Que arda como brasa, Tua Palavra nos renove: esta chama que a boca proclama!” (VIEIRA, Agostinha. *Que arda como brasa. In. ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. Apostila 42º Curso de Canto Litúrgico*. Goiânia, GO: Arquidiocese de Goiânia, 2012. p. 22).

⁴⁶² “Senhor, que a tua Palavra transforme a nossa vida, queremos caminhar com retidão na tua luz” (KOLLING, Miria Therezinha. *Senhor, que a tua Palavra. In. ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. Encontros com a Palavra*. Goiânia, GO: Arquidiocese de Goiânia, 2014. p. 22).

⁴⁶³ Os salmos responsoriais indicados pelo ritual são:

Sl 8,4-5.6-7.8-9 (R. 2a);
 Sl 22(23),1-3a.3b-4.5-6 (R. 1);
 Sl 26(27),1.4.8b-9abc.13-14 (R. 1a);
 Sl 32(33),4-5.12-13.18-19.20 e 22 (R. 12b ou 22);
 Sl 33(34), 2-3.6-7.8-9.14-15.16-17.18-19 (R. 6a ou 9a);
 Sl 41,2-3; Sl 42,3.4 (R. Sl 41,3a);
 Sl 62(63), 2.3-4.5-6.7.8-9a (R. 2b);
 Sl 88(89), 3-4.16-17.21-22.25 e 27 (R. 2a);
 Sl 125(126),1-2ab.2cd-3.4-5.6 (R. 3) (cf. RBC, p. 136-141).

⁴⁶⁴ A aclamação sugerida pelo ritual é o Aleluia com um versículo bíblico escolhido do seguinte elenco:

Jo 3,16;
 Jo 8,12;

[...] na liturgia cristã, toda e qualquer aclamação deve, necessariamente, referir-se ao inefável mistério de Deus que se manifestou de forma plena na pessoa de Jesus Cristo. A assembleia, reunida no Espírito Santo, vibra e aclama com admiração, alegria, amor, fé Aquele que está sentado no torno e o Cordeiro, pois só a eles pertencem o louvor, a honra, a glória e o poder pelos séculos dos séculos (cf. Ap 5,13).

Em outras palavras, o canto que precede a proclamação do Evangelho nada mais é do que um “viva” pascal ao Verbo de Deus, que nos tirou das trevas da morte, introduzindo-nos no reino da vida. [...] Uma aclamação ao Evangelho que se preze, deve ter ritmo vigoroso e melodia brilhante⁴⁶⁵.

Após a homilia, recomenda-se um instante de silêncio, em cuja sequência, se for oportuno, pode-se cantar um canto apropriado. Nesse momento, como o ritual não traz explícito que tipo de canto a ser utilizado, ressalta-se que o seu texto deve dar ênfase ao mistério celebrado, ou seja, ao Batismo, partindo das características próprias apresentadas ao decorrer das seções anteriores. Cante-se um canto que fale da participação no Mistério Pascal de Cristo através do Batismo, ou um canto pedindo ao Espírito Santo que abra os corações das crianças, para que a graça que será derramada pelo Batismo penetre até o mais fundo do seu ser. Um canto rogando que esse mesmo Espírito renove a fé, recebida no Batismo, da comunidade ao participar da liturgia sacramental que está se aproximando. Esse canto pode ser um refrão meditativo, um hino, um tropo ou um salmo. Por exemplo, poderia ser cantado o texto de 2 Timóteo 2,8-13, como na versão “Lembra-te”⁴⁶⁶, com autoria de Direitos reservados (versão e letra). Um canto, enfim, que expressa a alegria da comunidade pelos novos membros do Corpo de Cristo, a Igreja, da comunidade, que Cristo redimiu pela sua Paixão, Morte e Ressurreição, além de recordar o compromisso de fé e de vida abraçado pela comunidade.

Jo 14,5;

Ef 4,5-6;

Cl 2,12;

Cl 3,1;

2Tm 1,10b;

1Pd 2,9 (cf. RBC, p. 141-142).

⁴⁶⁵ FONSECA, 2005, p. 32 – grifo do autor.

⁴⁶⁶ “Lembra-te de Jesus Cristo

Ressuscitado dentre os mortos,

Ele é nossa salvação,

Nossa paz, nossa vida.

Cristo Jesus, Cristo Senhor!

1. Se morrermos com ele, com ele viveremos,

Se sofrermos com ele, com ele reinaremos!

2. Se nós o negarmos, também nos negará

Se formos infiéis, ele permanece fiel!

3. Porque ele cumpre tudo o que promete,

Este é o ensino seguro e verdadeiro” (OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES. 12.ed., São Paulo, SP: Paulus, 1994. n. 46. p. 258-259).

No terceiro momento, ou seja, na Liturgia Batismal, o canto pode ser encontrado nas seguintes partes: *Procissão para o Batistério*⁴⁶⁷, *Oração sobre a água*⁴⁶⁸, *Promessa do Batismo*⁴⁶⁹, *Batismo*⁴⁷⁰ e *Rito da Luz*⁴⁷¹. Quando houver procissão para o Batistério, recomenda-se cantar a ladainha de todos os Santos⁴⁷² ou um salmo apropriado, como na indicação do Salmo 22(23). Em seguida, faz-se a oração sobre a água. Uma sugestão apresentada pelo ritual para esse momento é que se pode trazer a água para a pia batismal acompanhada de cantos e danças. Por exemplo, poderia ser cantado o cântico “Eu vi foi água”⁴⁷³, de Reginaldo Veloso, ou, mesmo, alguma outra canção que bendiga ao Senhor pela água, instrumento pelo qual quis nos tornar limpos do pecado. Durante a oração de bênção da água, toda a assembleia entoia as aclamações estabelecidas pelo ritual: *Fonte do Senhor, bendize o Senhor!* ou *Fontes de água viva, bendize o Senhor!* – ou, quando a água já tiver sido abençoada na Vigília Pascal, ao final todos aclamam, cantando *Demos graças a Deus*. O ritual também sugere que, no lugar da oração de louvor – sobre a água já abençoada na Vigília Pascal –, utilize-se outras fórmulas contidas nos apêndices. Visitando essa seção, encontramos uma louvação batismal, que recorda a presença da água nos diversos momentos da história da salvação, um canto bastante oportuno, conduzido por quem preside a celebração⁴⁷⁴.

⁴⁶⁷ Cf. RBC, n. 133, 135; RICA, n. 213-214.

⁴⁶⁸ Cf. RBC, n. 139, 396; RICA, n. 215.

⁴⁶⁹ Cf. RBC, n. 143.

⁴⁷⁰ Cf. RBC, n. 150; RICA, n. 222.

⁴⁷¹ Cf. RBC, n. 155.

⁴⁷² Sobre as litanias, pode-se conferir o que diz Joseph Gelineau em “Os cantos da missa no seu enraizamento ritual” p. 67-68.

⁴⁷³ “1. Eu vi, eu vi, vi foi água a manar,

Do lado direito do templo a jorrar:

/: Amém, amém, amém, aleluia!

Amém, amém, amém, aleluia!:/

2. E quantos foram por ele banhados,

Cantaram o canto dos que foram salvos: [...]” (VELOSO, Reginaldo. *Eu vi foi água*. In. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Tríduo Pascal – II: Vigília Pascal*. São Paulo, Paulus, 2006. 1CD, faixa 12. (Coleção Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB)).

⁴⁷⁴ Segue o texto da louvação:

“É bom cantar um bendito, um canto novo, um louvor!

Todos: É bom cantar um bendito, um canto novo, um louvor!

Ao Deus de todas as águas, que o batismo revelou!

Pois Deus, das águas primeiras, toda a Criação tirou.

Pois Deus, mandando o dilúvio, toda corrupção limpou.

Pois Deus seu povo, do Egito, pelas águas libertou.

Pois Deus, por Santos Profetas, águas puras anunciou.

Pois no Jordão João Batista Nosso Senhor batizou.

E o Espírito Santo sobre ele pousou.

Do peito aberto de Cristo a viva fonte borbulhou.

Em nome das três Pessoas batizar Jesus mandou.

Pois quando Deus manda chuva, o sertão se abre em flor.

Por maravilhas tão grandes, suba a Deus nosso louvor” (RBC, n. 396, p. 162 – Apêndice – grifo do texto).

Após o rito do Batismo, pode ser feito o rito de aspersão da assembleia. Desse modo, há a possibilidade de realização de um hino ou um salmo apropriado para acompanhar. Aqui, fazemos memória de dois cantos que poderiam ser utilizados: o primeiro, “Banhados em Cristo”⁴⁷⁵, de Pierangelo Comi; o segundo, “Lavados na fonte viva”⁴⁷⁶ do Frei José Moacyr Cadenassi, OFM Cap.. O canto de aspersão deve recordar aos batizados que, em Cristo, tornaram-se novas criaturas.

Uma rubrica apresentada pelo Ritual da Iniciação Cristã de Adulto, cuja conveniência deve ser avaliada para o Batismo de Crianças, sugere que, durante o rito da ablução na água, quando os catecúmenos forem em grande número, que sejam cantadas aclamações e cânticos, intercalando com tempos de silêncio. Tudo, porém, deve ser realizado em meia voz, de modo que se possa ouvir a fórmula do Batismo, pronunciada por quem preside⁴⁷⁷. Em seguida, há, finalmente, o rito da entrega da Luz para a criança recém-batizada, no seria oportuno entoar a seguinte aclamação, recordando o que é feito na Vigília Pascal: *Eis a luz de Cristo!* Com a respectiva resposta por parte de toda a assembleia: *Demos graças a Deus!* Ou outra aclamação apropriada, que ressalte a dimensão da luz na vida do fiel recém-batizado.

No quarto e último momento da celebração, os ritos finais, o canto está presente nas seguintes partes: *Oração do Senhor*⁴⁷⁸ e *Ato de devoção à Maria*⁴⁷⁹. Antes do convite à oração do Senhor – o Pai nosso – o ritual sugere, se o espaço permitir, que todos se aproximem do altar com as velas dos neófitos acesas, cantando um canto batismal. Por essa ocasião, seria adequado entoar um canto de ação de graças, que louva ao Senhor pelo que acabou de acontecer: os que se banharam nas águas santificadas, foram salvos. Como exemplos, sugerimos: “Ao Pai agradecemos”⁴⁸⁰, de autor de Direitos reservados (versão e letra), e “Entrando, Senhor, em tua

⁴⁷⁵ “Banhados em Cristo, somos u’a nova criatura.

As coisas antigas já se passaram,
somos nascidos de novo.

Aleluia, Aleluia, Aleluia!” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Tríduo Pascal-II: Vigília Pascal*. São Paulo, Paulus, 2006. 1CD, faixa 11. (Coleção Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB)).

⁴⁷⁶ “Lavados na Fonte Viva

Do lado aberto de Cristo,
Transpomos, vitoriosos,
as portas do Paraíso! (Bis)

Aleluia, aleluia! Aleluia, Aleluia!” (CADENASSI, Frei José Moacyr. *Lavados na fonte viva*. In. CADENASSI, Frei José Moacyr. *Luz da Luz*. São Paulo, SP: Paulus Música, 2011. 1CD, faixa 14.).

⁴⁷⁷ Cf. RICA, n. 222.

⁴⁷⁸ Cf. RBC, n. 161.

⁴⁷⁹ Cf. RBC, n. 167.

⁴⁸⁰ “Ao Pai agradecemos,

Pois o Senhor nos conduz

À posse da herança

Dos consagrados, na luz!

1. Ao arrancar-nos das trevas,
nos transportou ao reinado

casa”⁴⁸¹, de Daniela Oliveira e Pe. Wallison Rodrigues. Ambos os cantos expressam a alegria de participar do plano da Salvação recebido no Batismo. Como encerramento da celebração, por fim, no ato de devoção à Maria, após a oração de quem preside, todos poderiam entoar um canto a Maria. Talvez uma antífona Mariana, como as indicadas pela Liturgia das Horas, como *Ave Rainha do céu, Ó Mãe do Redentor, Magnificat*, ou algum outro canto da tradição popular, que expresse a piedade mariana.

Ao término desse capítulo, esperamos que a síntese aqui apresentada sirva de contributo para bem celebrar o Sacramento do Batismo, sempre expressando o seu caráter comunitário e de festa, uma vez que não se faz festa sem música, na escolha de cânticos adequados em seu teor. Além disso, também com o propósito de fomentar a participação da assembleia. Uma participação ativa, consciente e frutuosa, tomando parte verdadeiramente na celebração desse tão importante sacramento. A música presente no ritual do Batismo deve, pois, alcançar, conduzir e traduzir o Mistério da comunhão, dos que se integram à comunidade eclesial; dos que estão integrados ao corpo de Cristo.

Do Filho amado e querido,
Que nos perdoa os pecados.
Cópia do Deus invisível,
Da criação o primeiro,
E quanto existe no mundo
Por meio dele foi feito [...]” (ODC, n. 45, p. 257-258).

⁴⁸¹ “*Entrando, Senhor, em tua casa*

*Aproximamos do divino altar
Renascidos em tão grande amor:
Ressuscitamos em Ti, Senhor!*

1. Das trevas nós fomos libertos,
Para o Reino que Deus nos chamou.
2. Somos filhos por meio do Filho,
Recebemos de Deus a adoção.
3. Renascidos pela água viva,
Pelo Espírito Santo de Amor.
4. Pedras Vivas da Igreja Santa:
Somos obras das mãos do Senhor.
5. Graciosos de sublimes dons

Bem felizes e amados por Deus.” (OLIVEIRA, Daniela; RODRIGUES, Wallison. *Entrando, Senhor, em tua casa. In. ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. Apostila 49º Curso de canto litúrgico. Goiânia, GO: Arquidiocese de Goiânia, 2022. p. 16-17).*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos encaminharmos para o findar de nosso trabalho, podemos nos valer do que inicialmente intuímos como resolução de nossa problemática, a saber: qual a *função* da música litúrgica na celebração do Sacramento do Batismo. Tal inquietação nos levou a acreditar que uma celebração litúrgica em que haja a presença do canto e da música ajuda os fiéis a melhor participarem tanto da ação ritual, quanto a adentrarem o mistério celebrado. Para isso é necessário que se tenha conhecimento daquilo que está sendo celebrado, o que constitui, qual a intenção e a finalidade dos atos rituais, de modo que a música seja instrumento de salvação através de sua função sacramental, ou seja, instrumento de elevação da alma, tradução, profissão e propagação da fé, e, sobretudo, expressão do mistério da salvação. Desse modo, ao escolhermos a celebração do Sacramento do Batismo como lugar de atuação da música litúrgica, destacamos sua íntima relação com o que está sendo celebrado, além de proporcionar uma frutuosa participação por parte da assembleia, permitindo que a ação sagrada do Batismo tenha seus aspectos comunitário e festivo melhor evidenciados.

Uma vez que o Batismo é a porta da vida no Espírito, é fundamento da vida cristã e nos faz recuperar a graça perdida pelo pecado original, é, segundo a Teologia da Igreja, necessário a todos os homens. Pelo Batismo, somos lavados de toda a mancha do pecado e revestidos da pureza de Cristo, tornando-nos novas criaturas. Somos eleitos para a participação na assembleia do seu corpo, para a plena comunhão com Ele. Desse momento em diante (tomado como momento originário), não somos apenas criaturas, mas filhos de Deus. O Batismo nos ilumina para que sejamos luz em toda a terra, como discípulos e discípulas do Senhor, aptos a transformarmos a realidade por onde passarmos através do nosso testemunho e da nossa doação. Tornamo-nos *presença (parousia)* do próprio Cristo em meio ao mundo, como expressão de uma aliança eterna, simbolizada na aliança daquele que se banhou nas águas regeneradoras com Jesus, aderindo, assim, ao Pai e à comunidade Igreja, pela força do Espírito. Tornamo-nos membros do Seu corpo e, justamente por isso, membros uns dos outros. Ser batizado é participar da Páscoa do Senhor pela primeira vez.

Sabemos, nesse sentido, que a música e o canto são componentes indispensáveis na celebração litúrgica. Reforçam o caráter excepcional do mistério celebrado, acrescentam solenidade aos ritos e dão movimento à celebração, além de, notadamente, instigar a participação dos fiéis. Cantar a liturgia é, então, tornar o Mistério Pascal de Cristo próximo de nós. Quando se canta na liturgia, nossa alma se eleva a Deus. Sentimo-nos tocados por Deus

através da música – e tocados em nossa sensibilidade. Desse modo, ao cantarmos a liturgia do Batismo encontramos no centro de tudo a Páscoa do Senhor, como fonte a que tudo está inserido. Tanto os batizados, quanto a música, tornam-se expressão sensível da Páscoa, renovada ante nossa experiência corporal. E não deve ser diferente: cantar o Batismo é cantar a Páscoa. Isso posto, uma vez que toda a liturgia batismal é, por si mesma, expressão da pascalidade cristã, do mesmo modo devem ser os cantos que dela fazem parte, pois expressam a alegria da Páscoa. Em cada momento da celebração do Batismo, vislumbramos, tanto nos ritos quanto no repertório escolhido para ser entoado, essas mesmas características da pascalidade. Como primeira premissa conclusiva de nosso itinerário de reflexão, podemos dizer que esse é realmente o caminho para obtermos a resposta de nossa problemática.

Após as pesquisas que fizemos, pudemos elucidar os pontos que se seguem, os quais nos ajudam a compreender o papel da música litúrgica na celebração do Batismo. No primeiro capítulo, refletimos sobre a Teologia do Batismo, a partir dos aspectos cristológico, eclesiológico e vivencial, relacionando temas próprios da discussão teológica à funcionalidade da música litúrgica, que também acentua esses mesmos aspectos na celebração do culto litúrgico. Destacamos que, desde o Antigo Testamento, Deus preparou o Seu povo para que pudesse ser salvo em Cristo Jesus, na plenitude dos tempos. O Mistério Pascal é o ápice da nossa salvação e onde toda Teologia do Batismo encontra o seu sentido.

Ao percorrermos a história da salvação, demos destaque para o modo como Deus nos salvou, pelas águas, nas diversas prefigurações do Batismo. Sinalizamos para a nossa participação, por imitação, através do Batismo, nos sofrimentos de Cristo e em sua Ressurreição. Nós nos configuramos a Cristo. Passamos a viver a Sua vida. Pelo banho batismal não somos mais os mesmos, somos novas criaturas. Pela primeira vez, através do Batismo, entramos em comunhão com Cristo Jesus e formamos um só corpo n'Ele. O Senhor, pelo Batismo, nos incorpora à Sua Igreja, ao Seu povo eleito, sacerdotal e santo, formado de diversos carismas e ministérios, mas num único desejo, numa única fé professada a um só Senhor. Pelo ministério da Igreja, somos gerados nas águas assim santificadas; feitos filhos de Deus e filhos da Esposa amada do Senhor, a Igreja. Assim, devemos entender o Batismo como o Sacramento da fé que só encontra sentido no seio da comunidade. Uma vez que pelo Batismo Cristo vive em nós e nos tornamos Suas testemunhas, somos chamados a ser um canto novo, proveniente do homem novo, ou seja, pelos exemplos que essa unidade com a vida de Cristo nos configura, de modo a que sejamos capazes de, se preciso for, entregar a própria vida em defesa da fé e do amor a Jesus Cristo, no cuidado de uns para com os outros.

A partir de tudo isso, é possível dizer que o canto e a música litúrgica exercem sua função de congregar na unidade, na harmonia, as diversas notas, acordes, tempos, melodias... em uma única pauta, assim como faz o Batismo. A música nos ajuda a dar testemunho e a professar a nossa fé em Cristo Jesus e nossa pertença aos Seus mandamentos. Além disso, tem a missão de anunciar a Palavra, que converte e salva. A música é símbolo importante do mistério de Cristo e da Igreja, pois uma das suas funções na celebração do Batismo é cantar a respeito de Cristo e de sua doutrina, através das marcas deixadas em nossa vida e em nossa história, após nosso encontro com o Senhor.

No segundo capítulo este estudo, aprendemos sobre a centralidade do Mistério Pascal ao cantarmos a liturgia batismal, em que a música tem uma missão importante na celebração dos Sacramentos e em de toda a liturgia, pois ela consegue colocar em evidência o mistério da salvação e da fé da assembleia celebrante. Nesse sentido, quando falamos em cantar a liturgia batismal, devemos recordar, a princípio, aquilo que é próprio do homem, isto é, seu movimento de transcendência religiosa, ser como ser aberto, religioso. Eis porque, ao entoar e escutar um cântico, uma música, pode elevar-se a Deus, adentrando, até quanto possível, a realidade transcendente. Notamos, então, que desde o povo de Israel era prática comum nas celebrações, nos rituais, cultos e demais momentos importantes a presença da música, em forma de louvor e ação de graças pelas maravilhas realizadas pelo Senhor.

Mais uma vez vemos que o canto, para o povo de Israel e para o povo cristão, é expressão de regozijo, de festa e de alegria. Cantam a fé e celebram festivamente o conteúdo da mensagem salvífica, de modo que música, no culto cristão, deve provocar os corações da assembleia celebrante, ter a Palavra, o texto, como primazia, e a melodia como servidora dessa Palavra – como invólucro de tão sublime conteúdo. Ao celebrarmos o Mistério de Cristo, o canto e a música tornam a celebração mais nobre e contribuem na participação dos presentes. A música na liturgia, assim, o melhor sinal para se expressar a participação ativa, consciente e frutuosa da assembleia reunida entorno ao altar. Para isso, é necessário seguir o espírito, desenvolver sensibilidade suficiente para perceber o que é próprio a cada momento, a cada ação ritual, em seu caráter de apresentar-se como instrumento coletivo de oração. O canto na liturgia deve, enfim, ser um canto memorial, orante, contemplativo, trinitário, centrado na pessoa de Jesus Cristo, pascal, eclesial, eucarístico, narrativo, proclamativo, histórico-salvífico e profético. E isso também demonstramos em nosso itinerário ao longo das páginas precedentes.

Na celebração do Batismo, o canto e a música ressaltam essa passagem da morte à vida, do pecado à graça, o louvor a Deus por tão grande dom realizado no banho batismal. Essa é uma prática promovida desde os primeiros cristãos, os quais já utilizavam o canto para aludir

à realidade batismal. É característico do canto na liturgia batismal, em suas diversas modalidades, como os hinos, tropos, cânticos, aclamações, a presença de elementos próprios da celebração e efeitos do Batismo, como por exemplo: as vestes brancas, a água, o mergulho/banho, o resplandecer, o revestir-se, a vitória, a dimensão pascal, a luz, a filiação adotiva, a eclesiologia, a vida nova. Cantar o Batismo é, portanto, cantar a Páscoa de Cristo, Senhor, recordando aos batizados e à Igreja que, em Cristo, por Sua Paixão, Morte e Ressurreição, também nós participamos na nova criação de Deus, recebemos um novo espírito e somos chamados a nos tornarmos o cântico novo. Pois a vida cristã deve ser marcada pela dinâmica da Páscoa: eis o motivo de sermos homens e mulheres pascais.

Por fim, no terceiro capítulo, vimos que a música deve estar sempre unida ao rito, à ação ritual. Para isso é preciso compreender a estrutura da celebração do Batismo, quais as características de cada momento e unir com o canto e a música, segundo a sua própria característica e finalidade, dentro das diversas formas musicais – aclamações, tropos, hinos, salmos, litânias... A mistagogia, nesse sentido, tem papel precípuo, contribuindo em vivências que também redundem em compreensão do que cantar na liturgia batismal. E isso além de corroborar com uma participação mais frutuosa e fecunda em espiritualidade. Sobre isso, aliás, acentuamos que a celebração do Batismo consta de quatro partes – ritos de acolhimento, liturgia da Palavra, liturgia sacramental e ritos de conclusão. A partir daí, para ajudar na escolha do melhor repertório para ser utilizado na celebração do Sacramento, é necessário que se compreenda o que está por trás de cada ação ritual, de cada gesto, a partir da teologia do rito. Assim, quando há uma simbiose entre rito e canto, o rito é enriquecido pelos sons, fazendo com que cada fiel encaminhe-se para *dentro*, para o *interior*, do Mistério Pascal celebrado e atualizado no Batismo.

Faz-se necessário, entretanto, deixar claro que este nosso trabalho, ao apresentar o papel da música litúrgica na celebração do Sacramento do Batismo, não tem a pretensão de esgotar o seu conteúdo, mas, apenas lançar novo olhar para a prática pastoral a partir do pensamento litúrgico-teológico-musical. Sobretudo por se tratar de um tema pouco estudado, abrangente e de pouca investigação no Brasil, a respeito do qual deixamos nossa contribuição e incitação a novos esforços e reflexões, cujas contribuições certamente serão benéficas tanto para a prática pastoral nas comunidades eclesiais, quanto para o incremento da teologia litúrgica em termos acadêmicos.

Em suma, concluímos que a música tem um grande papel na celebração da liturgia batismal. Suas principais funções podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: a) favorecer a participação ativa, consciente e frutuosa, conduzindo a assembleia celebrante a glorificar a Deus

e, por meio desse louvor, santificar-se; b) enfatizar o caráter comunitário à celebração e formar a Igreja, isto é, a unidade entre os fiéis, através da fé cantada, na oração comum; c) transportar à uma outra realidade e fazer penetrar o Mistério Pascal de Cristo; d) ser instrumento pedagógico-mistagógico que conduz à Palavra, tornando-se, assim, meio eficaz de oração, contribuindo no processo de conversão dos fiéis em busca da verdade da fé; e) a música litúrgica serve, ainda, como forma de professar a fé, de dar testemunho da vida em Cristo e de anunciar a Palavra de Deus, por meio da celebração do mistério da fé; e) é expressão da Páscoa de Cristo Jesus e dos batizados, acontecimento central da fé cristã, pondo em evidência a ação santificante de Deus, o Mistério da salvação; f) expressar os sentimentos, fazer festejar e estabelecer o ambiente festivo de louvor e ação de graças, de alegria por parte dos que foram salvos nas águas do Batismo; g) expressar a teologia presente na celebração do Batismo, ou seja, o encontro de salvação entre o homem e Deus, em Cristo, através do Batismo; h) cantar a imagem viva da Igreja como corpo de Cristo e a união do homem a Cristo pelo Batismo, como resposta ao chamado a que somos convocados, para vivermos segundo a lei de Cristo, como memorial da graça; i) enfim, a música deve alcançar, conduzir e traduzir o Mistério da comunhão dos que fazem parte da comunidade dos batizados, membros uns dos outros, porque membros do Corpo de Cristo.

Com este trabalho, portanto, pudemos apresentar às pessoas que estão diretamente ligadas aos ministérios na liturgia, que o canto e a música litúrgica têm um papel muito importante nas celebrações dos Sacramentos. Desse modo, o que aqui apresentamos servirá de subsídio para ajudar a tornar as celebrações litúrgicas cada vez mais vivas, e aproximar os que delas participam do mistério da nossa salvação. Como fruto concreto do caminho proposto, disponibilizamos, no apêndice III, um elenco contendo algumas propostas de cantos disponíveis nas coleções de CD's de liturgia dos Hinários Litúrgicos da CNBB, como também outros, que podem ser utilizados nas celebrações do Batismo. Disponibilizamos, ainda, algumas composições próprias, que, ao longo do estudo foram surgindo e que buscam contribuir no incremento do repertório já existente. Assim sendo, é de suma importância conhecermos o que celebramos, para que, ao introduzirmos a música, possa haver uma verdadeira sintonia entre o que se canta, reza, crê, celebra e vive, para que possamos adentrar o grande Mistério Pascal. Cantar a Liturgia Batismal é cantar o canto dos que foram salvos.

REFERÊNCIAS

- A CARTA A DIOGNETO. Tradução de Monjas beneditinos da Abadia de Santa Maria. 2.ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1984.
- AGNELO, Geraldo Majella. Comentários: Os sacramentos da iniciação cristã. *In.* AMBRÓSIO, Santo. **Os Sacramentos e os Mistérios: Iniciação cristã na Igreja primitiva.** Tradução de D. Paulo Evaristo Arns. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã)
- AGOSTINHO, Aurélio. **Confissões.** Traduzido por Lorenzo Mammi. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- AGOSTINHO, Santo. **A Música.** Tradução de Érico Nogueira. São Paulo, SP: Paulus, 2021. (Patrística 45)
- AGOSTINHO, Santo. **Comentário aos Salmos (101-150).** Tradução de monjas beneditinas. São Paulo, SP: Paulus, 1998. (Patrística 9/3)
- AGOSTINHO, Santo. **Comentário aos Salmos (1-50).** Tradução de monjas beneditinas. São Paulo, SP: Paulus, 1997a. (Patrística 9/1)
- AGOSTINHO, Santo. **Comentário aos Salmos (51-100).** Tradução de monjas beneditinas. São Paulo, SP: Paulus, 1997b. (Patrística 9/2)
- ALDAZÁBAL, José. **Vocabulário básico de liturgia.** Tradução Paulinas Portugal. São Paulo, SP: Paulinas, 2013. (Coleção fonte viva)
- ALMEIDA, Márcio Antônio. O coração na boca: a música litúrgica como ação ritual e expressão sensível do mistério celebrado. *In.* **Encontros Teológicos**, vol. 38, n. 1, p. 65-84, jan./abr., 2022.
- AMBRÓSIO, Santo. **Os Sacramentos e os Mistérios: Iniciação cristã na Igreja primitiva.** Tradução de D. Paulo Evaristo Arns. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã)
- ANTOLOGIA LITÚRGICA. 2.ed., Fátima, PT: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.
- AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia e espiritualidade.** Tradução de José Manuel Marques Pereira. Prior Velho, PT: Paulinas, 2005.
- BARBOSA, Cilbene Inês Falcão. **Liturgia, realização do mistério pascal: a dimensão teológico-litúrgica na *Sacrosanctum Concilium*.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. [manuscrito]
- BASTOS, Geraldo Leite. Canta, meu povo. *In.* CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Cantos de abertura e comunhão: Tempo Comum Anos A, B, C.** São Paulo, Paulus, 2006. 1CD, faixa 11. (Coleção Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB)

BASURKO, Xabier. **O canto cristão na tradição primitiva**. Tradução de Celso Márcio Teixeira. São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Coleção liturgia e música 3)

BECKHÄUSER, ALBERTO. **Cantar a Liturgia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

BECKHÄUSER, ALBERTO. **Liturgia**. 2.ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. (Iniciação à Teologia)

BENTO XVI. **Angelus 13 de janeiro de 2013**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2013/documents/hf_ben-xvi_ang_20130113_battesimo.html>. Acessado em 19 de maio de 2023.

BENTO XVI. **Carta apostólica sob forma de *Motu proprio Porta Fidei***. São Paulo, SP: Paulinas, 2011. (A voz do papa 195)

BENTO XVI. **Carta encíclica *Deus caritas est sobre o amor cristão***. 11.ed., São Paulo, SP: Paulinas, 2011. (A voz do papa 189)

BENTO XVI. **O espírito da música**. Tradução de Felipe Lesage. São Paulo, SP: Ecclesiae, 2017.

BERGAMINI, Augusto. **Cristo, Festa da Igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico**. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo, SP: Paulinas, 1994. (Liturgia em renovação)

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 1.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2002.

BUYST, Ione; FONSECA, Joaquim. **Música ritual e mistagogia**. São Paulo, SP: Paulus, 2008. (Liturgia e música 7)

CADENASSI, Frei José Moacyr. Lavados na fonte viva. *In*. CADENASSI, Frei José Moacyr. **Luz da Luz**. São Paulo, SP: Paulus Música, 2011. 1CD, faixa 14.

CASPANI, Pierpaolo. **Renascer da água e do Espírito: Batismo e Crisma, Sacramentos da Iniciação Cristã**. Tradução de Geraldo Lopes. São Paulo, SP: Paulinas, 2013. (Coleção liturgia fundamental)

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Novíssima edição de acordo com o texto oficial em latim. 19.ed., São Paulo, SP: Edições Loyola; Brasília, DF: Edições CNBB, 2017.

CIPRIANO DE CARTAGO, Tratado 4, 12. *In*. RODRIGUES, Rafael. **Pais da Igreja e o Sacramento do Batismo**. Desde 17 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.apologistascatolicos.com.br/index.php/patristica/estudos-patristicos/707-pais-da-igreja-e-o-sacramento-do-batismo>>. Acessado em 17 de maio de 2023.

CIRILO DE JERUSALÉM, São. **Catequeses Mistagógicas**. Tradução de Frei Frederico Vier. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã)

COMI, Pierangelo. *Se uno è in Cristo*. In. COMI, Pierangelo. **Per ogni uomo**. Roma, IT: Edizioni Paoline Musicali e Discografiche, 1981, p. 20-21.

COMUNIDADE DE TAIZÉ. Louvarei a Deus. In. COMUNIDADE DE TAIZÉ. **Coração confiante**. São Paulo, SP: Paulinas COMEP, 1999. 1CD, faixa 8.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja**. In. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Tradução de Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo, SP: Paulus, 1997. p. 101-197. (Documentos da Igreja 1)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje**. In. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Tradução de Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo, SP: Paulus, 1997. p. 539-661. (Documentos da Igreja 1)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia**. In. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Tradução de Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo, SP: Paulus, 1997. p. 33-86. (Documentos da Igreja 1)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto Ad Gentes sobre a Atividade Missionária da Igreja**. In. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Tradução de Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo, SP: Paulus, 1997. p. 431-489. (Documentos da Igreja 1)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A música litúrgica no Brasil: Um subsídio para quantos se ocupam da música litúrgica na Igreja de Deus que está no Brasil**. São Paulo, SP: Paulinas, 1999. (Estudos da CNBB 79)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Animação da vida litúrgica no Brasil**. 22.ed., São Paulo, SP: Paulinas, 2010. (Documentos da CNBB 43)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Canto e música na liturgia: Princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos**. 2.ed, Brasília, DF: Edições CNBB, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral da Música Litúrgica no Brasil** (Documento da CNBB 7). In. DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITÚRGICA (1903-2003). 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2017. p. 197-220.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Tríduo Pascal II – Vigília Pascal**. São Paulo, Paulus, 2006. 1CD, faixa 11. (Coleção Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB)

CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das Horas: Tempo da Quaresma, Tríduo Pascal e Tempo da Páscoa**. 2.ed., típica. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Paulo, SP: Paulinas, Paulus, Editora Ave-Maria, 2000. (vol. II).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Ritual do Batismo de Crianças**. São Paulo, SP: Paulus, 1999.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**. São Paulo, SP: Paulus, 2001.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. 8.ed., Brasília, DF: Edições CNBB, 2023.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Missal Romano**. 3.ed., típica. Tradução de Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Brasília, DF: Edições CNBB, 2023.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **A Celebração do Mistério Pascal**: os sacramentos: sinais do mistério pascal. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Manual de Liturgia III)

COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação**: Participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. 2.ed., São Paulo, SP: Paulinas, 2010. (Coleção celebrar e viver a fé)

DA CARTA DA IGREJA DE ESMIRNA SOBRE O MARTÍRIO DE SÃO POLICARPO (Cap.13,2– 15,3) (Séc. I). *In*. CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das Horas**: Tempo Comum 1^a-17^a Semana. 2.ed., típica. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Paulo, SP: Paulinas, Paulus, Editora Ave-Maria, 2000. (vol. III).

DIDAQUÉ. **O catecismo dos primeiros cristãos para os dias de hoje**. São Paulo, SP: Paulus, 1989.

ESCOBAR, Francisco. A celebração do Mistério de Cristo. *In*. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **A Celebração do Mistério Pascal**: fundamentos teológicos e elementos constitutivos. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Manual de Liturgia II)

ETSPÜLER, José. **O Batismo**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1975.

FONSECA, Joaquim. 'A uma só voz': O uníssono como sinal sensível da sintonia da assembleia no Espírito Santo. *In*. **Revista de Liturgia**. n. 251, set./out. São Paulo, SP, 2015. p. 8-14.

FONSECA, Joaquim. **Cantando a missa e o ofício divino**. 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Liturgia e Música 1)

FONSECA, Joaquim. **Quem canta? O que cantar na liturgia?** São Paulo, SP: Paulus, 2008. (Liturgia e Música 6)

FONSECA, Joaquim; VELOSO, Reginaldo. **O que cantar no ciclo pascal**: Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal? São Paulo, SP: Paulus, 2018. (Liturgia e música 12)

FRANCISCO. **Carta Apostólica Desiderio Desideravi sobre a Formação Litúrgica do Povo de Deus**. São Paulo, SP: Paulinas, 2022. (A voz do Papa 214)

FRANCISCO. **Mensagem para o dia Mundial das Missões 2019**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html>. Acessado em 18 de maio de 2023.

FRANCISCO. **Os Sacramentos e os dons do Espírito Santo**. 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2018. (Catequeses do Papa Francisco)

FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 10.ed., São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

FRISINA, Marco. Igreja do Ressuscitado. Tradução: José Reinaldo F. Martins Filho. *In*. ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. **Apostila 44º Curso de Canto Litúrgico**. Goiânia, GO: Arquidiocese de Goiânia, 2013. p. 58-60.

GELINEAU, Joseph. **Canto e música no canto cristão**. Traduzido por Maria Luíza Jardim de Amarante. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1968. (3. Música Sacra)

GELINEAU, Joseph. **O amanhã da liturgia**: Ensaio sobre a evolução das assembleias cristãs. Tradução de Ir. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1977.

GELINEAU, Joseph. Os Cânticos na liturgia do Batismo. *In*. **Concilium Revista Internacional de Teologia**, n. 2, p. 72-86, fev. 1967.

GELINEAU, Joseph. **Os cantos da missa no seu enraizamento ritual**. Tradução de Marta Lúcia Ribeiro. São Paulo, SP: Paulus, 2013. (Liturgia e Música 9)

JOÃO PAULO II. **Carta do Papa João Paulo II aos artistas (1999)**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii LET_23041999_artists.html>. Acessado em 19 de maio de 2023.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Veritatis Splendor**. 10.ed., São Paulo, SP: Paulinas, 2011. (A voz do Papa 130)

JOÃO PAULO II. **Homilia da Santa Missa para os cantores membros da associação italiana Santa Cecília – 25 de setembro de 1983**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_1983_0925_santa-cecilia.html>. Acessado em 23 de junho de 2023.

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias**: Diálogo com Trifão. Tradução de Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo, SP: Paulus, 1995. (Patrística 3)

KOLLING, Miria Therezinha. Senhor, que a tua Palavra. *In*. ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. **Encontros com a Palavra**. Goiânia, GO: Arquidiocese de Goiânia, 2014. p. 22.

KONINGS, Johan. (2020). Bíblia e Liturgia, uma simbiose. *In*. **Theologica Latinoamericana Enciclopédia Digital**. Disponível em: <<http://teologicalatinoamericana.com/?p=1976>>. Acessado em 27 de maio de 2023.

MACKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. Tradução de Álvaro Cunha et al. São Paulo, SP: Paulus, 1983.

MARQUES, Mariosan de Sousa. O Batismo e o Espírito nos Atos dos Apóstolos. *In*. **Encontros Teológicos**. vol. 37, n. 1, p. 129-147, jan./abr. 2022.

MARQUES, Mariosan de Sousa. **O batismo no Novo Testamento**. Cachoeirinha, RS: Fi, 2023.

MARSILI, Salvatore. Teologia Litúrgica. *In*. SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo, SP: Paulus, 1992. (Dicionários)

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. “Na origem, o som precede o canto”: impressões sobre canto e música em Agostinho de Hipona. *In*. **Numen**. v. 26, n.1, p. 11-27, jan./jun., 2023.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe; MARQUES, Mariosan de Sousa. Música e ritualidade na tradição Bíblico-Cristã: Salmos e Cânticos de ontem e de hoje. *In*. **Fragmentos de Cultura**. vol. 26, n. 4, p. 607-619, out./dez. 2016.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe; SILVA, Daniel Carvalho da. A construção simbólica do “mártir da caminhada latino-americana” *In*. **Revista Eclesiástica Brasileira**. vol. 81, n. 319, p. 397-423, maio/ago. 2021.

MERTON, Thomas. **O Homem Nôvo**. 2.ed., Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir Editora, 1967.

MONFORT, François. **Os Sacramentos para que serve?** Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1979.

MUÑOZ, Héctor. O Batismo. *In*. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **A Celebração do Mistério Pascal: os sacramentos: sinais do mistério pascal**. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP: Paulus, 2005. (Manual de Liturgia III)

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES. 12.ed., São Paulo, SP: Paulus, 1994.

OLIVEIRA, Daniela; RODRIGUES, Wallison. Entrando, Senhor, em tua casa. *In*. ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. **Apostila 49º Curso de canto litúrgico**. Goiânia, GO: Arquidiocese de Goiânia, 2022. p. 16-17.

OLIVEIRA, Vinícius Gustavo Nascimento. **Da música ao Belo em Agostinho de Hipona**. Monografia (Bacharelado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz. Goiânia, Go, 2018.

OÑATIBIA, Ignacio. **Batismo e Confirmação: Sacramentos de iniciação**. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo, SP: Paulinas, 2007. (Coleção Sacramentos e Sacramentais)

PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA: Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023. (Clássicos da Iniciação Cristã)

PIO X. **Motu proprio Tra Le Solitudine Sobre a Música Sacra**. *In*. DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITÚRGICA (1903-2003). 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2017. p. 11-22.

PIO XII. **Encíclica Musicae Sacrae Disciplina sobre a Música Sacra**. *In*. DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITÚRGICA (1903-2003). 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2017. p. 35-60.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. 2.ed., Brasília, DF: Edições CNBB. (Documentos da Igreja 61)

RAMPAZZO, Fulvio; CANOVA, Massimo; DURIGHELLO, Gianmartino. **Cantar a Liturgia**: Perfil histórico-teológico e indicações pastorais. Tradução de Edilene Braga. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2022.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. **Instrução Musicam Sacram sobre a Música na Sagrada Liturgia**. In. DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITÚRGICA (1903-2003). 2.ed., São Paulo, SP: Paulus, 2017. p. 155-178.

SÃO JERÔNIMO, Carta XVII, 3. In. RODRIGUES, Rafael. **Pais da Igreja e o Sacramento do Batismo**. Desde 17 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.apologistascaticos.com.br/index.php/patristica/estudos-patristicos/707-pais-da-igreja-e-o-sacramento-do-batismo>>. Acessado em 17 de maio de 2023.

SCHERER, Pedro Farnès. O Batismo. In. GELINEAU, Joseph. **Em vossas Assembleias**: Sentido e prática da celebração litúrgica. Tradução de Monjas do Mosteiro da Virgem (Petrópolis). São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1974. (2 -Pastoral dos Sacramentos)

SILBERER, Michael. **A Configuração a Cristo no Batismo e na Crisma**. Disponível em <<https://institutumsapientiae.files.wordpress.com/2019/03/sc-2018-05-mi.pdf>>. Acessado em 17 de maio de 2023.

SILVA, Carlos. Formamos um só corpo. In. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. **Cantoral Nacional para a Liturgia**. 2.ed., Fátima, PT: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019.

SILVA, Daniel Carvalho da. Espiritualidade Martirial: uma experiência de fé latino-americana. In. **Franciscanum**. vol. 64, n. 177, p. 1-26. jan./jun., 2022.

STADELMANN, Luís I. J. **Hinos cristãos da Bíblia**. São Paulo, SP: Edições Loyola; Paulinas, 2016.

TABORDA, Francisco. **Nas Fontes da Vida Cristã**: Uma teologia do batismo-crisma. 3.ed., rev. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2012. (Coleção Theologica)

THEODORO DE MOPSUÉSTIA, Hom. cat. XIII, 12. In. OÑATIBIA, Ignacio. **Batismo e Confirmação**: Sacramentos de iniciação. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo, SP: Paulinas, 2007. (Coleção Sacramentos e Sacramentais)

TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. **Liturgia e catequese em Roma no século III**. Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã)

TURRA, Frei Luiz. É Cristo que vive em mim (Gl 2,20). In. TURRA, Frei Luiz. **Palavras Sagradas de Paulo Apóstolo**. São Paulo, SP: Paulinas COMEP, 2006. 1CD, faixa 10.

VELOSO, Reginaldo. Eu vi foi água. *In.* CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Tríduo Pascal – II: Vigília Pascal.** São Paulo, Paulus, 2006. 1CD, faixa 12. (Coleção Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB)

VIEIRA, Agostinha. Que arda como brasa. *In.* ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. **Apostila 42º Curso de Canto Litúrgico.** Goiânia, GO: Arquidiocese de Goiânia, 2012. p. 22.

APÊNDICE I

MOMENTOS EM QUE SE PODE HAVER CANTO NO RITUAL DO BATISMO DE CRIANÇAS E RICA

Rito	Momento	Canto	Tipo de Canto	RICA
Saudação	<i>n. 106.</i> Após o canto inicial, quem preside saúda a assembleia.	Canto inicial	Hino, Tropos, Salmos	
Apresentação da criança e pedido do batismo	<i>n. 108.</i> Os pais apresentam a criança à comunidade, dizendo o nome. Se for oportuno, ao final da apresentação, pode-se cantar uma aclamação ou bater palmas. <i>n. 109.</i> Quando as circunstâncias permitirem, quem preside pode receber a criança em seus braços, os pais proclamam o nome do batizando e a assembleia aclama cantando ou dizendo: Bendito seja Deus para sempre!	Canto de aclamação	Aclamações, Tropos	
Sinal da Cruz	<i>n. 116.</i> O sinal-da-cruz na frente da criança é feito por quem preside, pelo pai e pela mãe, padrinho e madrinha e, eventualmente, por algumas pessoas da comunidade. Pode-se cantar um canto apropriado, enquanto se procede à assinalação.	Canto apropriado	Hino, Tropos	

Procissão de entrada	<i>n. 117.</i> Se o rito de acolhida tiver sido feito à porta da igreja ou em outro lugar, faça-se uma procissão de entrada com o círio pascal, acompanhada de um canto.	Canto de procissão de entrada	Hino, Salmos	
Proclamação da Palavra	<i>n. 119.</i> Não havendo procissão de entrada, pode-se preparar a escuta da Palavra através de um refrão ou de um canto apropriado. Pode-se também fazer a entrada da Bíblia de acordo com os costumes locais.	Refrão ou canto apropriado	Hino	
	<i>n. 120.</i> Entre as leituras pode ser cantado um salmo responsorial adequado.	Salmo Responsorial	Salmos	
	<i>n. 120.</i> E antes do Evangelho, uma aclamação apropriada.	Aclamação ao Evangelho	Aclamações, Tropos	
Homilia	<i>n. 123.</i> Recomenda-se no fim da homilia um momento de silêncio, seguido, se for oportuno, de um canto apropriado.	Canto apropriado	Hino, Tropos, Salmos	
Procissão para o Batistério	<i>n. 133.</i> Se houver condições, faz-se uma procissão para o batistério. Durante a procissão canta-se a ladainha dos santos ou um salmo apropriado [exemplo: o Sl 22(23)]. <i>n. 135.</i> Segue-se o canto da ladainha de todos os santos, podendo-se acrescentar o nome	Ladainha de todos os santos Ou Salmo apropriado (Sl 22(23))	Litanias Salmodia	<i>n. 213.</i> Depois da homilia, chama-se os eleitos que são apresentados pelos padrinhos à Igreja reunida. Os batizando com os padrinhos e as madrinhas colocam-se em torno da fonte, mas de modo a não impedirem a visão dos fiéis. Se forem muitos, podem aproximar-

	de outros santos. Pode-se também tomar alguma forma popular de cantar a ladainha, de acordo com o Ordinário do lugar.			se em procissão durante as ladainhas. <i>n. 214.</i> Canta-se a ladainha, à qual se podem acrescentar alguns nomes de Santos, sobretudo os dos Padroeiros da Igreja, do lugar e dos que vão receber o Batismo.
Oração sobre a água	<p><i>n. 136.</i> Convém que, em todas as igrejas paroquiais e também nas capelas, com permissão do Ordinário, onde se fazem habitualmente batismos, haja uma pia batismal fixa ou fonte batismal de onde possa jorrar ou correr água. Pode-se também trazer a água acompanhada com cantos e danças.</p> <p><i>Aclamações do povo durante a bênção da água:</i> Fonte do Senhor, bendizei o Senhor!; quando já abençoada na Vigília Pascal: Fontes de água viva, bendizei o Senhor!</p> <p><i>n. 396.</i> Oração sobre a água quando se usa a água abençoada na vigília pascal, pode ser cantada a opção 5: É bom cantar um bendito...</p>	<p>Cantos apropriados</p> <p>Aclamação</p>	Hinos, Aclamações	<p><i>Aclamações do povo durante a bênção da água:</i> Fontes do Senhor, bendizei o Senhor!</p> <p>e</p> <p>Fontes do Senhor, bendizei o Senhor! Louvai-o e exaltai-o para sempre!</p>

Promessas do Batismo	<i>n. 143.</i> Quem preside conclui com estas palavras ou outras palavras, às quais a assembleia responde com uma aclamação, que pode ser cantada: Demos graças a Deus!	Aclamação	Aclamações	
Batismo	<i>n. 150.</i> Concluído o batismo, pode-se realizar o rito da aspersão da assembleia. Enquanto isso, canta-se um hino ou um salmo apropriado.	Hino/Salmo apropriado	Hinos, Salmos	<i>n. 222.</i> Quando os eleitos são muitos, se estiverem presentes vários sacerdotes ou diáconos, os batizados podem ser distribuídos entre eles, que os batizam por imersão ou infusão, pronunciando para cada um a fórmula no singular. Durante o rito, se for conveniente, a assembleia entoe aclamações e cantos, intercalados com momentos de silêncio (cf. Textos diversos, n. 390, p. 274).
Rito da Luz	<i>n. 155.</i> Quem preside apresenta o círio pascal e diz: Recebe a luz de Cristo. Ou canta: Eis a luz de Cristo! Todos: Demos graças a Deus! (ou outra aclamação correspondente).	Aclamação	Aclamações	
Oração do Senhor	<i>n. 161.</i> Se o espaço permitir; todos se aproximam do altar, levando acesa a vela do neófito e cantando um canto batismal.	Canto batismal	Hinos, Tropos	

Ato de devoção à Maria	<i>n. 167.</i> Conclui-se com uma oração ou canto a Maria.	Canto a Maria	Antífonas, Hinos, Tropos	
---------------------------------------	---	---------------	--------------------------	--

APÊNCICE II
MISTAGOGIA DE ALGUNS CANTOS BATISMAIS

• **NAS ÁGUAS DO JORDÃO MERGULHADO**⁴⁸²

Salmo 29

M.: D.R.

Solo: *Telma / Casimiro*

Am Em Am Em Dm E Am

REF.: Nas águas do Jor-dão mer-gu-lha - do, Cris-to re-ce-beu o Es - pí - ri-to San -

Em Am Em Dm7 Am

to. 1. Fi-lhos de Deus, tribu-tai ao Se-nhor. tri-bu - tai-lhe a glória e o po - der! ^{D.C.}

Nas águas do Jordão mergulhado, Cristo recebeu o Espírito Santo.

Batismo:

Nas águas do Jordão mergulhados, fomos batizados no Espírito Santo.

1- Filhos de Deus, tributai ao Senhor
Tributai-lhe a glória e o poder!

2- Eis a voz do Senhor sobre as águas
Sua voz sobre as águas imensas!

3- Que o Senhor fortaleça o seu povo
E abençoe com a paz o seu povo!

4- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito
Como era no princípio, agora e sempre.

O cântico *Nas águas do Jordão mergulhado* (letra Salmo 28(29), 1.3.11 e Música de direito reservado) é um canto para acompanhar a procissão de entrada ou a aspersão na Festa do Batismo do Senhor, ou, mesmo, quando se celebrar o Sacramento do Batismo, utilizando-se a segunda opção do refrão. A letra da primeira opção canta e recorda a assembleia celebrante que Cristo foi batizado no Jordão e recebeu o Espírito Santo, para, assim, santificar as águas nas quais todos os demais seriam regenerados. Ao cantar a segunda opção do refrão, a comunidade que celebra o Sacramento do Batismo, com entusiasmo e convicção, professa a fé

⁴⁸² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Liturgia V - Natal*. São Paulo, Paulus, 2001. 1CD, faixa 16. (Coleção Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB).

de que, como Cristo foi batizado no rio Jordão e recebeu o Espírito Santo, ela também, um dia, mergulhou nessas águas salvíficas do Batismo.

Vale-nos ressaltar que o presente cântico foi construído no sistema modal eólio. E, para melhor adentrarmos no mistério celebrado, podemos notar a simbiose entre o texto e a música no refrão deste cântico. A melodia expressa o movimento de descendência e ascendência nas profundezas das águas ao dizer que “nas águas do Jordão mergulhado(s), Cristo/fomos recebeu/batizados o/no Espírito Santo”. Na palavra **mergulhado** percebemos o movimento descendente da melodia, alcançando a nota mi e na palavra **Cristo/fomos**, quando se dá o início da ascendência da melodia, nota-se que partimos da nota mais grave da música (si), afirmando que, pelo Batismo, morremos com Cristo e, com Ele, ressurgimos para a vida eterna⁴⁸³. Essa nota caracteriza a descida na sepultura. Após o movimento de ascendência à superfície, notamos a presença e a ação do Espírito em Cristo e no batizado através do único sustenido (sol#) presente na música na palavra **Espírito**, mostrando que algo de diferente aconteceu, não está mais como antes. Podemos destacar que ao utilizar a escala menor harmônica de lá, que traz a nuance de aproximação à tônica lá – o compositor a utilizou apenas no refrão, sendo que nas estrofes continuou com a escala menor natural. Aqui podemos pensar que, pelo Batismo, recebemos o Espírito de Cristo, o qual nos selou com um caráter indelével; isto é, que de agora em diante somos filhos de Deus pelo Filho, e isso nos distingue do restante da criação. Nós nos tornamos novas criaturas pelo Batismo.

Em seguida, a assembleia continua, nas estrofes, elevando um canto de louvor a Deus com as palavras do salmista no Salmo 28(29), que, após passar por uma experiência de tempestade, convida a todos os filhos de Deus a exaltar o Senhor, dar-Lhe tributos por Sua Glória e Poder. Nas estrofes, encontramos uma salmodia que expressa esse poderio de Deus, ressaltando o que diz o texto. A melodia da estrofe inicia na nota mi (filhos de...) e, em seguida, passa para a nota lá (Deus tribu...) que é a mesma nota do Espírito Santo no refrão, lembrando aos que agora se tornaram filhos de Deus pelo Batismo, deve elevar seu louvor a Deus. Por isso, as notas seguintes, sol, la, mi (...tai ao Senhor) fazem um movimento mostrando que esse louvor deve ser do fundo do coração, concluindo numa nota mais grave (mi). Ao continuar, parte da mesma nota mi (tribu...) para notas mais agudas, como si, dó (...tai-lhe a glória e o po...), recordando que a glória e o poder do Senhor está acima de todas as coisas e conclui descendo a nota para o lá (...der), para dizer que, no Batismo, Deus nos dá uma porção de Seu poder. Essa mesma dinâmica, movimento na melodia da música, pode ser interpretada em cada estrofe: a

⁴⁸³ Cf. Rm 6,8.

voz do Senhor que está sobre as águas, o Senhor que está acima do Seu povo e o fortalece, a voz que está sobre as águas imensas, a bênção de Deus vem dos céus para o Seu povo. Isso porque, assim como ele fez o povo de Israel passar a pé enxuto pelo Mar Vermelho, Ele também o fez passar por essa tempestade ileso. É por essa passagem, incólume, que ele dá graças ao Senhor Deus, “passagem” essa que recorda as águas batismais pela qual tornou-se filho de Deus.

No Batismo de Jesus podemos ouvir a voz do Senhor sobre as águas, dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”⁴⁸⁴. Eis que essa mesma voz também nos é dita em nosso Batismo. Deus nos escolhe como seus filhos por meio do Filho e coloca em nós todo o Seu amor, Sua graça. Após a tempestade vem a paz. No Batismo, após o mergulho nas águas, não mais existe o conflito no homem, e o distanciamento de Deus provocado pelo pecado. O que existe agora é um homem novo, reconciliado consigo mesmo e com Deus. Com isso, o salmista conclui o salmo expressando seu desejo de que Deus abençoe o Seu povo, dando-lhe paz e o fortaleça. É por isso que Ele dá o Seu Espírito aos que chamou pelo Batismo, para lhes dar dois dons: parte do seu poder (vós sois deuses) e a bênção da paz. Por fim, o cântico termina com uma doxologia, exaltando a Trindade Santa, porque o mistério do Batismo que celebramos e acabamos de cantar é obra da Trindade.

⁴⁸⁴ Mt 3,17.

• **Ó PAI, SOMOS NÓS O POVO ELEITO**⁴⁸⁵

L. e M.: José Freitas Campos
Arr.: Adenor Leonardo Terra

Faixa 1

E F#m 1. B E

R.: Ó Pai, so-mos nós o po-vo_e-lei-to, que Cris-to ve-io re-u-nir!

2. B7 E E7 A

Ó que Cris-to ve-io re-u-nir! 1. Pra vi-ver da su-a vi-da, a-le-lu-

16 F#m E B E D.C.

ia, o Se-nhor nos en-vi-ou, a-le-lu-ia!

Ó Pai, somos nós o povo eleito
Que Cristo veio reunir (2x)

1. Pra viver da sua vida, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia!
2. Pra ser Igreja peregrina, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia!
3. Pra anunciar o Evangelho, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia!
4. Pra servir na unidade, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia!

⁴⁸⁵ CAMPOS, José Freitas. Ó Pai, somos nós o povo eleito. In. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cantos de abertura e comunhão*: Tempo Comum Anos A, B, C. São Paulo, Paulus, 2006. 1CD, faixa 1. (Coleção Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB).

5. Pra celebrar a sua glória, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia!

6. Pra construir um mundo novo, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia!

7. Pra caminhar na esperança, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia!

8. Pra ser sinal de salvação, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia!

O cântico *Ó Pai, somos nós o povo eleito* (letra e música de José Freitas Campos) é um cântico para acompanhar a procissão de entrada durante o tempo comum, mas que, devido ao seu caráter pascal, sobretudo pela presença do *aleluia*, e também pelas suas ênfases às principais frentes da vida do cristão, ou seja, daquele que recebeu o Batismo, torna-se adequado para as celebrações do Sacramento do Batismo. Esse canto expressa a convicção e a maturidade da assembleia celebrante, que entende sua missão de batizada e, por isso, se dirige ao Pai confirmando que em Cristo tornou-se um povo eleito, motivo pelo qual agora está ali reunida em assembleia, conforme podemos ver no refrão: “ó Pai, somos nós o povo eleito que Cristo veio reunir”. Pelo Batismo, nos tornamos Povo eleito, nação santa, povo sacerdotal⁴⁸⁶. Além disso, aos que vão ser batizados, já no início da celebração, podem escutar e cantar uma síntese daquilo que, em instantes, passará a fazer parte de seu ser.

Nas estrofes, que podem ser cantadas em alternância entre solista e assembleia, na qual o solista afirma um dos motivos pelos quais o Senhor os reuniu naquele dia, e a assembleia responde confirmando esse motivo catando que foi para isso que o Senhor os enviou, ou seja, mandou fazer. O canto também pode ser cantado por todos integralmente, sem divisão entre solista e assembleia.

Em cada estrofe, podemos notar que a assembleia afirma ao Senhor Deus a sua missão de corpo de batizados, de viver a vida em Cristo, de ser Igreja peregrina, de anunciar o Evangelho, de servir na unidade, de celebrar a glória de Cristo, de construir um mundo novo, de caminhar na esperança e de ser sinal de salvação. Pelo Batismo o Senhor nos enviou a sermos seus discípulos no mundo. Em cada verso aparece a palavra *aleluia*, que enfatiza a alegria e o louvor pascais ao Senhor, que nos chamou a participarmos de Sua vida e de Sua missão. Uma vez que celebrar o Batismo é, também, celebrar a Páscoa, se faz importante a presença do *aleluia* para, assim, ressaltar esse caráter pascal da celebração batismal.

⁴⁸⁶ Cf. 1Pd 2,9.

Assim sendo, a melodia, na tonalidade de Mi Maior (E) nos ajuda a expressar esse canto vibrante de alegria em estar reunido em nome de Cristo para celebrar o Mistério da nossa Salvação. Já de início, no refrão, podemos ver que o autor ressalta os destinatários da eleição: “nós”, colocado numa nota mais aguda (si); e mais uma vez continua ressaltando com a mesma nota, dentro do acorde Si Maior (B), a palavra “veio” – na primeira vez –, e na repetição muda a nota para ré, agora com o acréscimo de uma 7ª no acorde Si Maior com 7ª (B7), com a intenção de mostrar que os mesmos destinatários da eleição são os que Cristo veio reunir em seu nome. Nota-se, ainda, que as estrofes iniciam na mesma nota (mi) que a palavra “reunir” na repetição, mostrando que o motivo do Senhor reunir o Seu Povo eleito é para enviá-lo em missão. Após esse início, as notas vão subindo gradativamente, dando ênfase às palavras que caracterizam a missão – “vida”, “peregrina”, “Evangelho”, “unidade”, “glória”, “novo”, “esperança”, “salvação” –, até chegar ao grande grito de alegria por tudo isso, que se dá no *aleluia* na nota mais aguda (dó 4) do cântico. Cheios dessa alegria que o Senhor enviou cada um dos Seus, por isso ao se referir ao povo “nos **en**viou” – no final da estrofe – utiliza-se a mesma nota (dó 4). Conclui-se, assim, com outro *aleluia* vibrante.

• BANHADOS EM CRISTO⁴⁸⁷

V.: Ione Buyst

M.: D.R.

Arr.: José Acácio Santana

Dueto: Daniele de Souza e Ir. Custódia

D G D Bm A7 D Bm F#m

Ba - nha - dos em Cris - to, so - mos u' a no - va cria - tu - ra. As coi - sas an - ti - gas

G A7 D A7 Bm A7 D G D G D A7 D

já se pas - sa - ram, so - mos nas - ci - dos de no - vo. A - le - lu - ia, A - le - lu - ia, A - le - lu - ia!

Banhados em Cristo, somos u' a nova criatura.
As coisas antigas já se passaram,
somos nascidos de novo.
Aleluia, Aleluia, Aleluia!

O cântico *Banhados em Cristo* (letra inspirada em 2Cor 5,17 e música de Pierangelo Comi; para o Brasil letra e música adaptadas por Ir. Ione Buyst). O presente cântico é proposto para ser cantado durante o rito de aspersão, de modo particular no Tempo da Pascal e quando há Batismo, não se excluindo a possibilidade de se cantar durante o tempo comum. Aqui temos um canto que é todo ele pascal-batimal. Ele fala desse passar da vida antiga, do pecado, para uma nova vida, dos reconciliados em Cristo, por meio do Batismo. Em nossa versão portuguesa a expressão “banhados em Cristo” buscou representar aquilo que diz São Paulo “Se alguém está em Cristo” – letra original no italiano: *Se uno è in Cristo è una creatura nuova: le cose di prima*

⁴⁸⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Tríduo Pascal II – Vigília Pascal*. São Paulo, Paulus, 2006. 1CD, faixa 11. (Coleção Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB).

*sono passate, ne sono nate di nuove! Alleluia! Alleluia! Alleluia!*⁴⁸⁸ – para dizer que o banho batismal é o que nos possibilita sermos novas criaturas em Cristo, porque, ao sermos batizados, nos tornamos membros de Cristo. Mas vale ressaltarmos aquilo que diz o texto em italiano, se “*um é em Cristo*”, ou, se alguém está em Cristo, aqui podemos compreender que o Batismo nos faz novas criaturas. Mas o texto nos leva a perceber que não basta apenas ser banhado, é preciso permanecer em Cristo Jesus, permanecer nesse propósito de fé que abraçou pelo Batismo. Por isso, diz-se que alguém está em Cristo, e diz-se no presente. Quando se permite isso, as coisas primeiras, herdadas do pecado original, não encontram mais espaço na vida do batizado, tornam-se passado, assim, vivendo com Cristo é como que nascêssemos de novo. Em Cristo Jesus o homem encontra sempre novidade. Esse é o mistério da salvação: Jesus sofreu, morreu e ressuscitou para que pudéssemos receber a vida nova, e vida em abundância⁴⁸⁹. Nota-se a característica pascal com a presença do *aleluia*.

Este cântico pode ser entoado tanto em uníssono quanto com arranjo pelo coro e pela assembleia juntos, ou, até mesmo, ser realizado em forma de cânone. Ele expressa essa alegria, esse caráter festivo através de sua tonalidade em Ré Maior (D). O movimento de ondas percebido através do compasso 6/8 nos recorda o ondular das águas onde fomos mergulhados e batizados, além de representar esse impulso da água que está sempre levando para frente, nos lembrando que as coisas antigas ficaram para trás, pelo que é preciso viver a vida nova, seguir em frente.

Para melhor adentrarmos no mistério que estamos cantando, podemos perceber que a música já inicia com a nota mais grave de toda música (lá 2) e vai subindo gradativamente, relembrando a subida após a imersão e a incorporação em Cristo, dando ênfase na palavra “**Cristo**”, com a nota sol sendo precedida e seguida do fá#. Uma vez que estamos em Cristo somos uma nova criatura, por isso a nota permanece em fá# ao cantarmos “**somos u’a**”. Em seguida a melodia faz o mesmo movimento feito na palavra Cristo, sai da nota fá#, vai até sol e retorna para o fá#, caracterizando essa saída do velho para o novo, dando ênfase na palavra “**nova**”. Ao se referir à nova criatura, nota-se que se utiliza da mesma nota do início da música, embora oitavada (lá 3), para dizer que aquela criatura que vivia no pecado, após o banho batismal se torna nova criatura que vive na graça. O movimento de subida e descida que se segue posteriormente, alcançando a nota mais aguda (ré 4), ressalta que as coisas antigas já não são realidade, ficaram para trás, porque, pelo banho batismal, somos nascidos de novo,

⁴⁸⁸ COMI, Pierangelo. Se uno è in Cristo. In. COMI, Pierangelo. Per ogni uomo. Roma, IT: Edizioni Paoline Musicali e Discografiche, 1981, p. 20-21.

⁴⁸⁹ Cf. Jo 10,10.

terminando na nota de repouso (ré 3). Por fim, partindo da mesma nota (ré 3) o cântico termina com o *aleluia*, significando esse brado novo que só as novas criaturas em Cristo podem entoar, um canto de alegria e louvor porque o Senhor os fez passar da morte para a vida, do pecado à graça.

• ENTRANDO, SENHOR, EM TUA CASA⁴⁹⁰

Sl 42,4 / Cl 2,12

L. e M.: Daniela Oliveira e Pe. Wallison Rodrigues

The musical score is written in 6/8 time with a key signature of one flat (Bb). It consists of three systems of music, each with a vocal line and a piano accompaniment line. The lyrics are in Portuguese and describe the act of entering God's house and being reborn through faith in Christ.

System 1: Chords: F, C, A7, Dm, Am. Lyrics: En - tran-do, Se-nhor, em tua ca-sa, a-pro-xi - ma-mos do di-vi-no al - tar, re-nas -

System 2: Chords: Bb, C7, F, Bb, C4, F, Am, A7. Lyrics: ci-dos em tão gran-de a-mor: res-sus-ci - ta-mos em Ti, Se - nhor! 1. Das tre-vas nós fo-mos li -

System 3: Chords: Dm, G, G7, C, C7. Lyrics: ber - tos, pa - ra o Rei - no que Deus nos cha - mou.

**Entrando, Senhor, em tua casa
Aproximamos do divino altar
Renascidos em tão grande amor:
Ressuscitamos em Ti, Senhor!**

1. Das trevas nós fomos libertos,
Para o Reino que Deus nos chamou.

2. Somos filhos por meio do Filho,
Recebemos de Deus a adoção.

⁴⁹⁰ OLIVEIRA, Daniela; RODRIGUES, Wallison. Entrando, Senhor, em tua casa. In. ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. *Apostila 49º Curso de canto litúrgico*. Goiânia, GO: Arquidiocese de Goiânia, 2022. p. 16-17.

3. Renascidos pela água viva,
Pelo Espírito Santo de Amor.

4. Pedras Vivas da Igreja Santa:
Somos obras das mãos do Senhor.

5. Graciosos de sublimes dons
Bem felizes e amados por Deus.

O cântico *Entrando, Senhor, em tua casa* (letra e música de Daniela Oliveira e Padre Wallison Rodrigues) inspirado no Sl 42(43),4 (“Eu irei ao altar de Deus ao Deus que me alegra. Vou exultar e celebrar-te com a harpa, ó Deus, o meu Deus!”) e em Cl 2,12 (“Fostes sepultados com ele no batismo, também com ele ressuscitastes, pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos”). É um cântico para acompanhar a procissão de entrada no tempo pascal, mas que também pode ser utilizado na celebração do Sacramento do Batismo, uma vez que o Batismo é celebração pascal e a letra do canto é toda ela pascal-batismal, na qual ressaltam-se algumas características próprias de quem mergulhou nas águas batismais.

No refrão podemos notar a alegria da comunidade dos batizados para se reunir em assembleia a fim de celebrar o Mistério Pascal de Cristo que os fez e faz renascer através dos sacramentos. Por isso, alegres, agora, entram na casa do Senhor e aproximam-se do divino altar, onde se dá o memorial da Páscoa do Senhor, que os renovam pelo amor e os faz ressuscitar para uma vida nova. É com essa alegria que a assembleia celebrante se dirige a Cristo Jesus para dizer o motivo de estar ali reunida, participar do Mistério Pascal.

Em seguida, nas estrofes, a assembleia canta o porquê de poder participar da Páscoa semanal de Cristo: porque pelo Batismo pôde tomar parte na morte e na ressurreição de Cristo⁴⁹¹. Sendo assim, as estrofes são como síntese da ação do Batismo na vida de cada batizado: saída das trevas à luz, filiação adotiva, vida nova, membros da Igreja-Corpo de Cristo, cheios de dons.

A música foi composta na tonalidade de Fá Maior (F), com o ritmo em Balada 6/8 (compassos). Sua característica é manter-se um pouco lenta, mas sempre andante, lembrando-nos que somos a Igreja (Povo de Deus, assembleia dos batizados) peregrina, que está neste mundo peregrinando rumo à Jerusalém celeste.

No refrão, percebemos o movimento feito que nos leva a entrar no mistério que está sendo cantado e celebrado. No início, vemos que as notas vão gradativamente subindo e depois descem, demonstrando esse caminhar adentrando o lugar sagrado. Quando a assembleia se

⁴⁹¹ Cf. Cl 2,12.

dirige ao Senhor, que está nos céus, aparece aqui a nota mais aguda (dó 4) da melodia (“**Senhor**”). Na sequência, novamente se tem um movimento ascendente e descendente, só que a nota aguda (si) quase se aproxima da mais aguda (dó 4) na palavra “**aproximamos**”, indicando que o altar é Cristo e que, por isso, nos aproximamos com alegria. Mas aqui há uma distância de 1 tom entre si e dó 4 para indicar realmente que nos aproximamos do Senhor através da celebração dos mistérios. Mais uma vez na sequência faz esse mesmo movimento, só que a nota aguda é o lá quando se diz a palavra “**divino**”. Assim sendo, nesta primeira parte do refrão podemos perceber que há uma ênfase nas palavras “Senhor”, “aproximamos” e “divino” com as notas mais agudas. A segunda parte do refrão, num movimento de descendência e em seguida ascendência quando diz “renascidos em tão grande amor: ressuscitamos em ti, Senhor” remete ao tempo litúrgico que estamos vivendo, o da Páscoa, no qual se recorda o nosso Batismo, a nossa passagem da morte para a vida em Cristo Jesus. Por isso, ao cantar “renascidos” vamos até a nota mais grave (rê) referindo-se a essa descida nas águas batismais que nos fizeram renascer em Cristo, e depois, as notas sobem gradativamente ao cantarmos “ressuscitamos”, que atinge a nota aguda (si), sugerindo a alegria de, em Cristo, ressuscitar. O refrão termina em repouso, na nota da tonalidade (fá), dizendo que é somente em Cristo que tudo isso acontece e encontramos o repouso, a nossa alegria, a ressurreição, a vida, a esperança, a confiança.

Nas estrofes a melodia também segue o mesmo movimento de ascendência e descendência, dando ênfase às palavras “fomos”, “meio”, “água”, “Igreja”, “sublimes” nas notas mais agudas, recordando que em Cristo fomos, por meio da água (Batismo), inseridos na Igreja, Corpo de Cristo e recebemos d’Ele dons sublimes. Por fim, a estrofe termina dando ênfase, ao inserir uma 7ª no acorde de Sol Maior (G7), partindo da nota mais grave (rê) nas palavras “Deus”, “Santo”, “mãos”, “amados” para uma finalização na qual sobe algumas notas e termina na nota mi sob o acorde de Dó Maior (C) – depois acrescido de uma 7ª (C7), dando o sentido de suspensão e preparando para o repouso no refrão, ressaltando o motivo porque passamos das trevas à luz: somos filhos no Filho, renascemos pela água viva, somos pedras vivas da Igreja e recebemos de Deus dons gratiosos. Lembra a assembleia que canta e reza que somos filhos adotivos de Deus, que fomos chamados por meio do Batismo para o seu Reino admirável. Por isso Ele nos fez com suas mãos, modelou-nos do barro e depositou em nós o seu amor.

APÊNDICE III
PROPOSTA DE REPERTÓRIO PARA A CELEBRAÇÃO DO BATISMO

Rito	Música
Saudação Entrada	<p>Música: Nós somos o povo de Deus Autor: L. e M.: Jocy Rodrigues CD: Cantos de Abertura e Comunhão – Tempo Comum anos A, B e C (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=2pEmEG2rFbw&list=PLJ7nkvvvmA2As42KHKNRvQvn2wbjpwV7T4&index=8</p>
Saudação Entrada	<p>Música: Aqui chegando, Senhor Autor: L.: Simei Monteiro; M.: Albetete Corrêa CD: Celebrações Especiais – volume 5 (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=YpMmkm3IH54&list=PLJ7nkvvvmA2AsWxPd5YYTr2xK4wtLYR0OZ</p>
Saudação Entrada	<p>Música: Vinde, entremos na casa de Deus Autor: L.: Frei Telles Ramon, O. de M.; M.: Frei Wanderson L. Freitas, O. Carmo CD: Um canto novo ao Senhor – Cantos para o ano litúrgico (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=dafAnVYvgE8&list=PLJ7nkvvvmA2AvH5FR6UfHDjA4fzcvb2qLr&index=10</p>
Saudação Entrada	<p>Música: Vamos à casa do Pai Autor: M.: José Acácio Santana CD: Pai Eterno (Paulinas) Link: https://www.youtube.com/watch?v=qsjIMhYxmF4</p>
Saudação Entrada	<p>Música: Venham todos, adoremos! Autor: L.: Frei Telles Ramon, O. de M.; M.: Daniel De Angeles CD: O Mistério em Canto – Cantos para o Ano Litúrgico (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=JHNrfHF9-K0&list=OLAK5uy_kZvKunJeRQ5PdjoIPo3OIiTkBskB5gOPI&index=7</p>

Saudação Entrada	<p>Música: Ó Pai, somos nós o povo eleito Autor: L. e M.: José Freitas Campos CD: Cantos de Abertura e Comunhão – Tempo Comum anos A, B e C (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=1OrBtKwJot4&list=PLJ7nkvvvmA2As42KHKNRvQvn2wbjpwV7T4</p>
Saudação Entrada	<p>Música: Canta, meu povo Autor: L. e M.: Geraldo Leite CD: Cantos de Abertura e Comunhão – Tempo Comum anos A, B e C (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=Jc2IkmO2Fus&list=PLJ7nkvvvmA2As42KHKNRvQvn2wbjpwV7T4&index=11</p>
Saudação Entrada	<p>Música: Povo Sacerdotal Autor: L. e M.: Pe. Ney Brasil CD: Com Maria Mãe de Jesus – Cantos celebrativos (Paulinas) Link: https://www.youtube.com/watch?v=WBH3UMtGyFY</p>
Sinal da Cruz	<p>Música: Igreja do Ressuscitado - Chiesa del Risorto Autor: L. e M.: Mons. Marco Frisina CD: 44º Curso de Canto Litúrgico (Arquidiocese de Goiânia) Link: https://www.youtube.com/watch?v=yXJAOG4-Zyc</p>
Sinal da Cruz	<p>Música: Jesus Cristo morreu por todos nós Autor: L.: 2Cor 5,15 e Sl 23(22) – Liturgia das Horas; M.: Pe. José Weber, SVD CD: A Deus, a glória pelos séculos (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=NNmGyu4AAMo&list=PLJ7nkvvvmA2AtjScyE7b9FAx3bOZeCHtA5&index=21</p>
Proclamação da Palavra	<p>Música: Cantemos alegres Autor: L. e M.: Casimiro Vidal Nogueira CD: Acolhendo a Palavra (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=IKmsHilHRY&list=PLJ7nkvvvmA2Avgur-nNwYu8JANbLiO1dgy&index=3</p>
Proclamação da Palavra	<p>Música: Senhor, Que a Tua Palavra (Meditação 1974) Autor: M.: Ir. Miria Kolling, ICM</p>

	<p>CD: Campanha da Fraternidade – Memória Histórica (Paulinas)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=yc7Nq5dNW3Q&list=PLRh2Sabeg_KSsvTWVuEwshMI5ZZFW2Glu&index=28</p>
Proclamação da Palavra	<p>Música: Guarda a Palavra!</p> <p>Autor: M.: Ir. Miria Kolling, ICM</p> <p>CD: Deus é Bom – Refrãos orantes (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=fYBDCGn22a8&list=PLJ7nkvvvMA2Ath0FOWoGnRcQX8jc-1Asy4&index=2</p>
Proclamação da Palavra	<p>Música: Que arda como brasa</p> <p>Autor: L. e M.: Ir. Agostinha Vieira</p> <p>CD: 42º Curso de Canto Litúrgico (Arquidiocese de Goiânia)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=ushj5sKNvUE</p>
Proclamação da Palavra	<p>Música: Aleluia! Ide ao mundo</p> <p>Autor: L.: Lecionário Dominical; M.: Pe. Eliomar Ribeiro, SJ</p> <p>CD: Celebrações Especiais – volume 5 (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=1P9W7oL3Y5M&list=PLJ7nkvvvMA2AsWxPd5YYTr2xK4wtLYR0OZ&index=4</p>
Proclamação da Palavra	<p>Música: O Senhor é o pastor que me conduz</p> <p>Autor: L.: Lecionário Dominical; M.: Ir. Miria Kolling, ICM</p> <p>CD: Celebrações Especiais – volume 5 (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=nVQ20aVgelM&list=PLJ7nkvvvMA2AsWxPd5YYTr2xK4wtLYR0OZ&index=3</p>
Homilia Oração do Senhor	<p>Música: Entoai novo canto (SI 98/97)</p> <p>Autor: L. e M.: A. Fontanela</p> <p>CD: Cantos de Abertura e Comunhão – Tempo Comum anos A, B e C (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=MubTLWNdtew&list=PLJ7nkvvvMA2As42KHKNRvQvn2wbjpwV7T4&index=13</p>
Homilia	<p>Música: Bendito seja Deus</p> <p>Autor: D.R.</p> <p>CD: Cantos de Abertura e Comunhão – Tempo Comum anos A, B e C (Paulus)</p> <p>Link:</p>

	https://www.youtube.com/watch?v=qDi9rS7NLek&list=PLJ7nkvvvA2As42KHKNRvQvn2wbjpwV7T4&index=17
Homilia	<p>Música: Nós cantamos, ó Pai, vossos feitos Autor: L.: Fr. José Moacyr Cadenassi; M.: Adenor Leonardo Terra CD: Celebrando o Dia do Senhor II – Louvações para Celebração da Palavra de Deus (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=z5OtP9VbdQY&list=PLJ7nkvvvA2Av5qbQ_q65fzuWpD_dptz3e&index=10</p>
Homilia	<p>Música: Ladainha da Ressurreição Autor: L.: Frei Telles Ramon, O. de M.; M.: D. R. (Adaptação Frei Telles) CD: Um canto novo ao Senhor – Cantos para o ano litúrgico (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=nPVt2ttS7nU&list=PLJ7nkvvvA2AvH5FR6UfHDjA4fzcvb2qLr&index=7</p>
Procissão para o Batistério	<p>Música: O Senhor é meu pastor Autor: L.: Salmo 23(22); M.: Pe. Jocy Rodrigues CD: Liturgia XVI – Tempo Pascal – Ano B (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=hXCQpg19Ffc&list=PLJ7nkvvvA2Avh2xYwVV9OYZun3KAiu0kC&index=11</p>
Procissão para o Batistério	<p>Música: Ladainha de todos os Santos Autor: D.P. CD: Cantos da Semana Santa (Paulinas) Link: https://www.youtube.com/watch?v=zEguWaNQW6Y</p>
Procissão para o Batistério	<p>Música: Ladainha de todos os Santos e Santas - I Autor: L. e M. (adaptação): Frei Telles Ramon, O. de M.; M.: D.P. (melodia italiana) CD: Povo de Deus, povo sacerdotal (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=hygsQbf0HNo&list=PLJ7nkvvvA2AsoXfqyuSzGfBxZ9KLjimAq&index=6</p>
Procissão para o Batistério	<p>Música: Ladainha de todos os Santos e Santas - II Autor: L.: Missal Romano; M.: Daniel De Angeles CD: Povo de Deus, povo sacerdotal (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=J2fThpRE400&list=PLJ7nkvvvA2AsoXfqyuSzGfBxZ9KLjimAq&index=7</p>

Procissão para o Batistério	<p>Música: Ladainha dos Santos Autor: V.: Geraldo Leite Bastos; M.: Joel Postma CD: Tríduo Pascal II – Vigília Pascal (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=CYvyby3A6So&list=PLJ7nkvvvMA2AvhzbSotM00ghAUFTt3h9tj&index=9</p>
Oração sobre a água	<p>Música: No princípio, teu Espírito... Autor: V. e M.: Josenildo do Pajeú CD: Tríduo Pascal II – Vigília Pascal (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=M99t-r9_mCo&list=PLJ7nkvvvMA2AvhzbSotM00ghAUFTt3h9tj&index=10</p>
Oração sobre a água Aspersão	<p>Música: Eu vi foi água Autor: L. e M.: Reginaldo Veloso CD: Tríduo Pascal II – Vigília Pascal (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=XK1ZQEzfiTE&list=PLJ7nkvvvMA2AvhzbSotM00ghAUFTt3h9tj&index=12</p>
Batismo	<p>Música: Banhados em Cristo Autor: V.: Ione Buyst; M.: D. R. CD: Tríduo Pascal II – Vigília Pascal (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=BaZr66Zwvug&list=PLJ7nkvvvMA2AvhzbSotM00ghAUFTt3h9tj&index=11</p>
Batismo	<p>Música: Nas águas do Batismo Autor: L.: Frei José Moacyr Cadenassi; M.: Frei Décio Pacheco Bezerra CD: Cristo, clarão do Pai (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=OBZQWjo9cFQ&list=PLJ7nkvvvMA2AvHtmAGaLOtp8CE0cnxxxkV&index=20</p>
Batismo	<p>Música: Vi a água saindo do lado direito do templo! Autor: L.: Missal Romano e Liturgia das Horas; M.: Frei Wanderson L. Freitas, O. Carmo CD: Um canto novo ao Senhor – Cantos para o ano litúrgico (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=9SHLrmquG9I&list=PLJ7nkvvvMA2AvH5FR6UfHDjA4fzcvb2qLr&index=9</p>
Batismo	<p>Música: Lavados na fonte viva Autor: L.: Fr. José Moacyr Cadenassi; M.: Júlio Amstalden</p>

	<p>CD: Luz da Luz (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=uGfaagjmx24&list=PLJ7nkvvvmA2AsUE29BFRsaCkvCeZ2_Cy8l&index=14</p>
Batismo	<p>Música: Se alguém está em Cristo, é nova criatura</p> <p>Autor: L.: 2Cor 5,17 e Sl 32(31); M.: Pe. José Weber, SVD</p> <p>CD: A Deus, a glória pelos séculos (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=QVMhuo48af8&list=PLJ7nkvvvmA2AtjScyE7b9FAx3bOZeCHtA5&index=20</p>
Batismo	<p>Música: Vós todos sois filhos de Deus</p> <p>Autor: L.: Gl 3,26-28; M.: Pe. José Weber, SVD</p> <p>CD: A Deus, a glória pelos séculos (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=148iHIX4aoI&list=PLJ7nkvvvmA2AtjScyE7b9FAx3bOZeCHtA5&index=18</p>
Rito da Luz	<p>Música: Eis a Luz de Cristo</p> <p>Autor: V. e M.: Joaquim Fonseca</p> <p>CD: Tríduo Pascal II – Vigília Pascal (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=S88_I-cbLZk&list=PLJ7nkvvvmA2AvhzbSotM00ghAUFTt3h9tj&index=3</p>
Rito da Luz	<p>Música: Eis a luz de Cristo</p> <p>Autor: L.: Missal Romano; M.: Daniel De Angeles</p> <p>CD: Cristo, clarão do Pai (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=W2YFVJ5oxa4&list=PLJ7nkvvvmA2AvHtmAGaLOtp8CE0cnxxxkV&index=10</p>
Oração do Senhor	<p>Música: Cristo venceu, Aleluia!</p> <p>Autor: L. e M.: José Candido da Silva</p> <p>CD: Liturgia XVIII – Páscoa – Ano C (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=zHtGz7LcgFM&list=PLJ7nkvvvmA2AtUZWCxa66wjwykopDK2go7&index=11</p>
Oração do Senhor Comunhão	<p>Música: Cristo Ressuscitou</p> <p>Autor: L. e M.: Joel Postma</p> <p>CD: Liturgia XI – Páscoa – Ano A (Paulus)</p> <p>Link:</p>

	https://www.youtube.com/watch?v=fhLcBPQNT04&list=PLJ7nkvvvA2AsJDHG1ps4TnRDmshj6Jluq&index=5
Oração do Senhor	<p>Música: Entrando, Senhor, em tua casa Autor: L. e M.: Daniela Oliveira e Pe. Wallison Rodrigues CD: 49º Curso de Canto Litúrgico (Arquidiocese de Goiânia) Link: https://www.youtube.com/watch?v=xFLSfT8om1E</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: Magnificat - A alegria da alma no Senhor Autor: L.: Lc 1, 46-55; M.: Joseph Gelineau CD: Salmos e Cânticos com melodias do Pe. Joseph Gelineau (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=wsHnN7GOzRQ&list=PLJ7nkvvvA2AsdaNjVk_9Js-6xDXk0qKqw&index=17</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: Salve Rainha, Mãe de Deus Autor: L. e M.: José Alves CD: Cantando Louvor a Maria (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=gJJAirK4U1I&list=PLJ7nkvvvA2AsR8JuWWmu4027vAH1HXKRG&index=5</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: Ó Maria Imaculada Autor: L.: D. Carlo Alberto Navarro; M.: Waldeci Farias CD: Cantando Louvor a Maria (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=2DSY1-4qhLI&list=PLJ7nkvvvA2AsR8JuWWmu4027vAH1HXKRG&index=7</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: A vossa proteção Autor: L. e M.: Ir. Madalena de Maria CD: Cantando Louvor a Maria (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=qJ7RnuMGzAA&list=PLJ7nkvvvA2AsR8JuWWmu4027vAH1HXKRG&index=8</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: Rainha do céu Autor: M.: Fr. Acílio Mendes CD: Cantando Louvor a Maria (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=_CzoUvm9SnY&list=PLJ7nkvvvA2AsR8JuWWmu4027vAH1HXKRG&index=15</p>

Ato de devoção à Maria	<p>Música: Ó Mãe do redentor Autor: M.: Pe. José Weber, SVD CD: Cantos a Maria Mãe de Jesus e nossa Mãe (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=D-1rX0U66A8&list=PLJ7nkvvvA2AtFVo8yGzvtaKeY9hPnfyHg</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: Ave, Rainha do céu Autor: M.: Pe. José Weber, SVD CD: Cantos a Maria Mãe de Jesus e nossa Mãe (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=xnwRGphAwxk&list=PLJ7nkvvvA2AtFVo8yGzvtaKeY9hPnfyHg&index=2</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: À vossa proteção Autor: M.: Pe. José Weber, SVD CD: Cantos a Maria Mãe de Jesus e nossa Mãe (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=ZhX86gvDFt4&list=PLJ7nkvvvA2AtFVo8yGzvtaKeY9hPnfyHg&index=5</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: À vossa proteção Autor: M.: Vinícius Gustavo CD: 49º Curso de Canto Litúrgico (Arquidiocese de Goiânia) Link: https://www.youtube.com/watch?v=c6hSHsTC6bo</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: Pelas estradas da vida Autor: L. e M.: M. Espinosa CD: Celebrações Especiais – volume 5 (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=DcWFECANzXg&list=PLJ7nkvvvA2AsWxPd5YYTr2xK4wtLYR0OZ&index=7</p>
Ato de devoção à Maria	<p>Música: Ave, sempre bela Autor: V. e M.: Silvio Milanez CD: Liturgia I – Missa com crianças – Nossa Senhora (Paulus) Link: https://www.youtube.com/watch?v=GJPNMtERvWA&list=PLJ7nkvvvA2AtkoJ5Cw6akXNh17IbHLoUY&index=11</p>
Comunhão	<p>Música: Nós somos muitos Autor: L. e M.: Pe. José Weber, SVD</p>

	<p>CD: Cantos de Abertura e Comunhão – Tempo Comum anos A, B e C (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=jX4wl23QnL8&list=PLJ7nkvvvA2As42KHKNRvQvn2wbjpwV7T4&index=6</p>
Comunhão	<p>Música: Celebremos nossa Páscoa Autor: L. e M.: Série “Povo de Deus” CD: Tríduo Pascal II – Vigília Pascal (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=L53qcP9aZoE&list=PLJ7nkvvvA2AvhzbSotM00ghAUFTt3h9tj&index=15</p>
Comunhão	<p>Música: Senhor, nós queremos ser luz para o mundo (Felizes os pobres) Autor: L. e M.: Joaquim Fonseca CD: Liturgia XII – 2º ao 19º Domingo do Tempo Comum – Ano A (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=AJBo9SIUMZ4&list=PLJ7nkvvvA2Avyv5SAqsEZrYIQ_Ny4bWE5&index=7</p>
Comunhão	<p>Música: Nas águas do Jordão mergulhados Autor: D.R. CD: Liturgia VIII – Natal (Paulus)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=HVHv5lvStio&list=PLJ7nkvvvA2AthvnygBT0snvtqkij-AB24&index=16</p>
Refrão Meditativo	<p>Música: É Cristo que vive em mim Autor: L.: Gl 2,20; M.: Frei Luiz Turra CD: Palavras sagradas de Paulo Apóstolo (Paulinas)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=T-P3lIBiS80&t=88s</p>
Refrão Meditativo	<p>Música: Tu que nos ama Autor: M.: Taizé CD: Coração confiante (Paulinas)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=ZBFCErbyRqQ</p>
Refrão Meditativo	<p>Música: Louvarei a Deus Autor: M.: Taizé CD: Coração confiante (Paulinas)</p> <p>Link:</p>

	https://www.youtube.com/watch?v=ZBFCErbyRqQ
Refrão Meditativo	Música: Cantem a Deus Autor: M.: Taizé CD: Coração confiante (Paulinas) Link: https://www.youtube.com/watch?v=ZBFCErbyRqQ
Refrão Meditativo	Música: Cantem céus e terra Autor: M.: Taizé CD: Coração confiante (Paulinas) Link: https://www.youtube.com/watch?v=ZBFCErbyRqQ
Refrão Meditativo	Música: Vem, Senhor, e abençoa-nos Autor: D.R. CD: 43º Curso de Canto Litúrgico (Arquidiocese de Goiânia) Link: https://www.youtube.com/watch?v=fr7eU1gY5Js

COMPOSIÇÕES DE CANTOS PARA A LITURGIA BATISMAL

Para acessar os áudios e partituras:

https://drive.google.com/drive/folders/1LQulBb5swjtwCu22weaBUE1zMp2suVne?usp=drive_link

Viemos a esta fonte, ó Senhor

Canto de entrada - Celebração do Batismo

L. e M.: Vinícius Gustavo



Com a-le - gri-a nós en-tra-mos em tua ca - sa, nos-sa Pás-coa ce-le-bra-mos com lou-
 5 vor, re-nas - ce-mos em Cris-to, á-gua vi - va, vi - e-mos a_es-ta fon-te, ó Se - nhor. - Pa-ra
 10 ser-mossal da ter-ra_e luz do mun - do. vi - e-mos a_es-ta fon-te, ó Se - nhor.

Antífona: *Com alegria nós entramos em tua casa,
 nossa Páscoa celebramos com louvor,
 renascemos em Cristo, Água Viva,*

Refrão: Viemos a esta fonte, ó Senhor.

1. Para sermos sal da terra e luz no mundo. (cf. Mt 5,13-14)

R. Viemos a esta fonte, ó Senhor.

2. Para sermos os teus filhos adotivos. (cf. Ef 1,5)

R.

3. Para darmos testemunho do Evangelho. (cf. Mc 16,15)

R.

4. Para darmos testemunho da Verdade. (cf. Lc 24,48)

R.

5. Para vivermos todos juntos como irmãos. (cf. Mt 23,8)

R.

6. Para sermos a Igreja, Corpo de Cristo. (cf. Rm 12,4-5)

R.

7. Para sermos Povo Eleito e Sacerdotal. (cf. 1Pd 2,9)

R.

8. Para sermos discípulos missionários. (cf. Mt 28,19-20)

R.

9. Para cumprir o mandamento do Amor. (cf. Jo 13,34-35)

R.

10. Para celebrar a vida que nos deste. (cf. Ef 2,1)

R.

11. Para entoarmos com a vida um canto novo. (cf. Sl 95(96),1)

R.

12. Para banharmos nestas águas santificadas. (cf. Prefácio sol. nasc. S. João Batista)

R.

13. Para sermos perdoados dos pecados. (cf. At 2,38)

R.

14. Para sairmos das trevas para luz. (cf. At 26,18)

R.

15. Para, em Cristo, sermos novas criaturas. (cf. 2Cor 5,17)

R.

Obs.: Entre os versos se repete o refrão.

A antífona toda se repete, somente, no início e no fim.

Bendito seja Deus

Aclamação - Apresentação da criança e pedido do Batismo

L.: Ef 1,3-4
M.: Vinícius Gustavo

$\text{♩} = 90$ B \flat E \flat C m F

Ben - di - to se - ja Deus, que em Cris - to vos cha - mou. Ben -

6 E \flat D m C m F7 B \flat

di - to se - ja Deus, que em Cris - to vos cha - mou.

Bendito seja Deus, que em Cristo vos chamou.
Bendito seja Deus, que em Cristo vos chamou.

Bendito seja Deus para sempre

Aclamação - Apresentação da criança

L.: Ritual do Batismo de Crianças
M.: Vinícius Gustavo

$\text{♩} = 90$ C F G9 C

Ben - di - to se - ja Deus pa - ra sem - pre. Ben -

4 Am G 1.^o C 2.^o C

di - to se - ja Deus pa - ra sem - pre. Ben - sem - pre.

Bendito seja Deus para sempre.
Bendito seja Deus para sempre.
Bendito seja Deus para sempre.
Bendito seja Deus para sempre.

Ladainha dos Santos - Liturgia Batismal

L.: Ritual do Batismo de Crianças

M.: Vinícius Gustavo

F Gm F F Gm F

Solo: Se-nhor, tende pie-da - de de nós. Todos: Se-nhor, tende pie-da - de de nós.

3 F Gm F F Gm F

S.: Cristo tende pie - da - de de nós. T.: Cristo tende pie - da - de de nós.

5 F Gm F F Gm F

S.: Se-nhor, tende pie - da - de de nós. T.: Se-nhor, tende pie - da - de de nós.

7 Dm Gm F Gm F

S.: Santa Maria, Mãe de Deus, T.: Ro-gai por nós.

9 F Gm F Gm F

S.: Sede- nos pro-pício, T.: Ou-vi- nos, Se-nhor.

11 Gm F Gm F

S.: Cris - to, ou-vi-nos. T.: Cris - to, ou-vi-nos.

13 Gm F Gm F

S.: Cris - to, a-ten-dei-nos. T.: Cris - to, a-ten-dei-nos.

2

Ladainha dos Santos - Liturgia Batismal

S.: Senhor, tende piedade de nós. **T.: Senhor, tende piedade de nós.**
S.: Cristo, tende piedade de nós. **T.: Cristo, tende piedade de nós.**
S.: Senhor, tende piedade de nós. **T.: Senhor, tende piedade de nós.**

S.: Santa Maria, Mãe de Deus, **T.: rogai por nós.**

São Miguel,
Santos Anjos de Deus,
São João Batista,
São José,
São Pedro e São Paulo,
Santo André,
São João,
Santa Maria Madalena,
Santo Estevão,
Santo Inácio de Antioquia,
São Lourenço,
Santas Perpétua e Felicidade,
Santa Inês,
São Gregório,
Santo Agostinho,
Santo Atanásio,
São Basílio,
São Martinho,
São Bento,
São Francisco e São Domingos,
São Francisco Xavier,
São João Maria Vianney,
Santa Catarina de Sena,
Santa Tereza de Jesus,
(Pode-se acrescentar os santos padroeiros, santos de devoção, região ou familiar)
Todos os Santos e Santas de Deus,

S.: Sede-nos propício, **T.:** Ouvi-nos, Senhor.
Para que nos livres de todo mal,
Para que nos livres de todo pecado,
Para que nos livres da morte eterna,
Pela vossa encarnação,
Pela vossa morte e ressurreição,
Pela efusão do Espírito Santo,
Apesar de nossos pecados,
Para que vos digneis dar nova vida a estes eleitos que chamastes ao Batismo,
Jesus, Filho do Deus vivo,

S.: Cristo, ouvi-nos. **T.: Cristo, ouvi-nos.**
S.: Cristo, atendei-nos. **T.: Cristo, atendei-nos.**

Vi a água saindo do lado direito

Procissão para o Batistério

L.: Ez 47, 1-2.9 (refrão)

Sl 22(23), 1-6 (estrofes)

M.: Vinícius Gustavo

Eb Cm Eb Fm Cm
 Vi a água sa - in - do do la - do di - rei - to do tem - plo, a - le - lui -
 9 Eb Gm Cm Eb Cm Eb Gm
 a! E to - dos a - que - les a quem che - gou es - ta á - gua fo - ram
 17 Dm7b5 Fm Cm 3 Eb Ab Fm Bb7 Eb
 sal - vos, a - le - lui - a, fo - ram sal - vos, a - le - lui - a!
 25 Eb Gm Cm Ab Cm Fm
 O Se - nhor é o pas - tor que me con - duz; não me falta coi - sa al - guma.
 27 Cm Ab Eb Fm Ab Eb
 Pelos pra - dos e cam - pinas ver - de - jantes ele me leva a des - can - sar.

Vi a água saindo do lado direito do templo, aleluia!

E todos aqueles a quem chegou esta água foram salvos, aleluia, foram salvos, aleluia!

–¹ O Senhor é o pastor que me conduz; *
não me falta coisa alguma.

–² Pelos prados e campinas verdejantes *
ele me leva a descansar.

– Para as águas repousantes me encaminha, *
³ e restaura as minhas forças.
– Ele me guia no caminho mais seguro, *
pela honra do seu nome.

–⁴ Mesmo que eu passe pelo vale tenebroso, *
nenhum mal eu temerei;
– estais comigo com bastão e com cajado; *
eles me dão a segurança!

–⁵ Preparais à minha frente uma mesa, *
bem à vista do inimigo,
– e com óleo vós ungis minha cabeça; *
o meu cálice transborda.

–⁶ Felicidade e todo bem hão de seguir-me *
por toda a minha vida;
– e, na casa do Senhor, habitarei *
pelos tempos infinitos.

Fontes do Senhor

Liturgia Batismal – Oração sobre a água

L.: Ritual da Iniciação Cristã de Adultos

Ritual do Batismo de Crianças

M.: Vinícius Gustavo

(Durante a oração)

C G Dm C

Fon - tes do Se - nhor, ben-di - zei o Se - nhor.

(Final da oração)

5 C Em F G7 C

Fon - tes do Se - nhor, ben-di - zei o Se - nhor! Lou -

9 Am F G

vai - o e_e xal - tai - o pa - ra sem - pre!

RICA

(Durante a oração)

Fontes do Senhor, bendize o Senhor.

(Final da oração)

Fontes do Senhor, bendize o Senhor!

Louvai-o e exaltai-o para sempre!

RBC

(Durante a oração)

Fontes do Senhor, bendize o Senhor!

Louvação Batismal

Oração sobre a água quando se usa a água abençoada na Vigília Pascal

L.: Ritual do Batismo de Crianças

M.: Vinícius Gustavo

C Am Em F Dm Em Am



Solo: É bom can-tar um ben-di - to, um can-to no - vo, um lou-vor! **Todos:** É

4 C Am Em F Dm Em Am



bom can-tar um ben-di - to, um can-to no - vo, um lou-vor! **Solo:** Ao

7 Dm C Am E E9 Am



Deus de to - das as á - guas, que o ba - tis - mo re - ve - lou! É

Solo: É bom cantar um bendito, um canto novo, um louvor!

Todos: É bom cantar um bendito, um canto novo, um louvor!

Solo: Ao Deus de todas as águas, que o batismo revelou!

S.: Pois Deus, das águas primeiras, toda a Criação tirou.

S.: Pois Deus, mandando o dilúvio, toda corrupção limpou.

S.: Pois Deus seu povo, do Egito, pelas águas libertou.

S.: Pois Deus, por Santos Profetas, águas puras anunciou.

S.: Pois no Jordão João Batista Nosso Senhor batizou.

S.: E o Espírito Santo sobre ele pousou.

S.: Do peito aberto de Cristo a viva fonte jorrou.

S.: Em nome das três Pessoas batizar Jesus mandou.

S.: Pois quando Deus manda chuva, o sertão se abre em flor.

S.: Por maravilhas tão grandes, suba a Deus nosso louvor.

Fórmula do Batismo

Liturgia Batismal

L.: Ritual do Batismo de Crianças

M.: Vinícius Gustavo

F C Gm

(Diz o no - me), Eu te ba ti zo em no me do

5 F C Gm

Pai, e do Fi - lho, e do Es

8 Dm C7 F

pí - ri - to San - to.

(Diz o nome), Eu te batizo em nome do Pai,
e do Filho, e do Espírito Santo.

Somos chamados filhos de Deus

(Antífona de Comunhão da Missa no Batismo: 1Jo 3,1; Sl 28(29), 1-3.5.10-11)

L.: Missal Romano e Liturgia da Horas

M.: Vinícius Gustavo

F Dm B \flat C F B \flat C F

Ve-de com que gran-de a-mor o Pai nos a - mou: so-mos cha - ma - dos fi-lhos de

6 C B \flat C F Dm C7 F

Deus e re - al-men-te o so - mos. A - le - lui - a!

11 F C Dm B \flat C

Filhos de Deus, tribu-tai ao Se-nhor, tribu-tai-lhe a glória e o po-der!

13 F C Dm B \flat F

Dai-lhe a glória de - vida ao seu nome; ado-rai-o com santo or-na-mento!

**Vede com que grande amor o Pai nos amou:
somos chamados filhos de Deus
e realmente o somos. Aleluia!**

1. ¹ Filhos de Deus, tributai ao Senhor, *
tributai-lhe a glória e o poder!

² Dai-lhe a glória devida ao seu nome; *
adorai-o com santo ornamento!

2. ³ Eis a voz do Senhor sobre as águas, *
sua voz sobre as águas imensas!

⁵ Eis que a voz do Senhor quebra os cedros, *
o Senhor quebra os cedros do Líbano.

3. ¹⁰ É o Senhor que domina os dilúvios, *
o Senhor reinará para sempre.

¹¹ Que o Senhor fortaleça o seu povo, *
e abençoe com paz o seu povo!

ANEXO I
TEXTOS DIVERSOS NA CELEBRAÇÃO DA INICIAÇÃO DE ADULTOS NA
CELEBRAÇÃO DO BATISMO⁴⁹²

ACLAMAÇÕES, HINOS E TROPOS

1. Quem será igual a vós, entre os fortes, ó Senhor?
 Quem será igual a vós, tão ilustre em santidade,
 tão terrível em proezas, em prodígios gloriosos? (Ex 15,11)

2. Deus é luz
 e nele não há trevas (1Jo 1,5)

3. Deus é amor!
 E quem permanece no amor, em Deus permanece (1Jo 4,16)

4. Há um só Deus e Pai de todos,
 que está acima de todos,
 age por meio de todos
 e em todos habita (Ef 4,6)

5. Contemplai a sua face e sereis iluminados (cf. Sl 33,6)

6. Bendito seja Deus,
 que em Cristo vos chamou. (cf. Ef 1,3-4)

7. Sois obra de Deus,
 que vos criou em Cristo Jesus. (Ef 2,10)

8. Caríssimos, agora sois filhos de Deus,
 mas ainda não se manifestou em vós o que sereis (1Jo 3,2)

9. Com que amor o Pai vos amou:
 sois chamados filhos de Deus
 e realmente o sois. (1Jo 3,1)

10. Felizes os que lavam suas vestes
 no sangue do Cordeiro. (Ap 22,14)

11. Todos vós sois um só em Cristo Jesus. (Gl 3,28)

⁴⁹² Texto recolhido do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos. (cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo, SP: Paulus, 2001. p. 274-276).

12. Sede imitadores de Deus e vivei na caridade,
como Cristo também nos amou. (Ef 5,1-2)

Hinos no estilo do Novo Testamento

13. Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo,
que em sua imensa misericórdia,
pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos,
nos fez renascer para uma esperança viva
e uma herança incorruptível, que vos está reservada nos céus
para a salvação a ser manifestada
nos últimos tempos. (1Pd 1,3-5)

14. Grande é o mistério do amor de Deus Pai
concebido antes da criação do mundo
e manifestado nos últimos tempos:
Cristo Jesus!
Sendo homem, padeceu e morreu,
foi ressuscitado pelo Espírito,
anunciado às nações
e acreditado no mundo.
Tendo subido ao céu,
distribuiu aos homens e mulheres os seus dons,
e foi assumido na glória, no mais alto dos céus,
a fim de levar tudo à plenitude. (cf. 1Tm 3,16)

Tropos tirados da liturgia antiga

15. Cremos em vós, ó Cristo:
derramai vossa luz em nossos corações
e nos tornaremos filhos e filhas da luz.
16. É a vós que buscamos, Senhor:
dai-nos a vossa vida,
para recebermos em vós
a adoção de filhos.
17. De vosso lado, ó Cristo, irrompeu a fonte
que lava os pecados do mundo e renova a vida.
18. Sobre as águas a voz do Pai nos chama,
a glória do Filho refulge
e o amor do Espírito Santo
nos comunica a vida.
19. Ó santa Igreja, estende os braços

e acolhe em teu seio aqueles
que o Espírito Santo de Deus
faz renascer das águas.

20. Alegrai-vos, batizados,
por Cristo Rei escolhidos,
em sua morte batizados,
em sua fé renascidos.

21. Esta é a fonte da vida
que brotou da chaga de Cristo
e lavou o mundo inteiro.
Esperai o reino celeste,
vós que nela renascestes.